



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

Adultos e Adolescentes Autores de Agressão Sexual: Características Biopsicossociais e suas Percepções sobre Infância, Adolescência e Violência.

Víviam da Silva Silveira

Belém – Pará
2021



Adultos e Adolescentes Autores de Agressão Sexual: Características Biopsicossociais e suas Percepções sobre Infância, Adolescência e Violência.

Víviam da Silva Silveira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestra.

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Lília Iêda Chaves Cavalcante

Coorientador (a): Prof^ª Dr^ª Daniela Castro dos Reis

Área de concentração: Ecoetologia

Dissertação financiada pela CAPES, por meio de concessão de bolsa de Mestrado.

Belém – Pará
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

- S587a Silveira, Víviam da Silva, 1996-
Adultos e adolescentes autores de agressão sexual: características biopsicossociais e suas percepções sobre infância, adolescência e violência / Víviam da Silva Silveira. — 2021.
313f.: il.
- Orientador: Lília Iêda Chaves Cavalcante
Coorientador: Daniela Castro dos Reis
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2021.
1. Psicologia: análise do comportamento. 2. Ecoetologia. 3. Biopsicossociais (características comportamentais). 4. Violência sexual. 5. Percepção: processo de conhecimento. I. Título.
- CDD - 23. ed. — 150.724
-

Catalogação na fonte: Maria Célia Santana da Silva- CRB-2/780



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Víviam da Silva Silveira, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil.

Contato: Víviam da Silva Silveira.

Mail: viviam.silveira@hotmail.com



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias Nº. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

Dissertação de Mestrado

“Adultos e Adolescentes Autores de Agressão Sexual: características biopsicossociais e suas percepções sobre infância, adolescência e violência.”

Aluna: Víviam da Silva Silveira.

Data da Defesa: 10 de setembro de 2021.

Resultado: Aprovada.

Banca Examinadora:

Profª Drª Lília Iêda Chaves Cavalcante (orientadora – UFPA).

Profª Drª Daniela Castro Reis (coorientadora – UFPA).

Profª Drª Albenise de Oliveira Lima (membro 1 - UNICAP).

Profª Drª Rachel Coêlho Ripardo Teixeira (membro 2 – UFPA).

**Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para Publicação Digital no
Repositório Institucional da UFPA**

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor*: Víviám da Silva Silveira

Vínculo com a UFPA: () Servidor; (X) Discente Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do
Comportamento

Sub Unidade: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Tipo do documento: () Tese; (X) Dissertação; () Livro; () Capítulo de Livro; () Artigo de Periódico; ()
Trabalho de Evento; () Outro. Especifique: _____

Título do Trabalho: Adultos e Adolescentes Autores de Agressão Sexual: Características Biopsicossociais e suas
Percepções sobre Infância, Adolescência e Violência.

Data da Defesa: 10/09/2021

Área do Conhecimento: Desenvolvimento Humano

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

- Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 3.0 *Unported*, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

(X) Sim

() Não

Permitir modificações em sua obra?

(X) Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença.

() Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

() Sim

(X) Não

A obra continua protegida conforme a Lei Direito Autoral.

Belém (PA), 13/09/2021



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos do Autor

Resumo

Silveira, V. S. (2021). *Adultos e Adolescentes Autores de Agressão Sexual: Características Biopsicossociais e suas Percepções sobre Infância, Adolescência e Violência*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém - PA, Brasil, 313 p.

A violência sexual abrange todas as sociedades, e se manifesta de diversas formas em seus diferentes contextos. Este fenômeno se faz presente ao longo da trajetória da vida de muitas crianças e adolescentes, seja na condição de vítimas ou autores da agressão sexual perpetrada. Com a proposta de investigação desse fenômeno, esta dissertação apresenta uma pesquisa com delineamento de natureza empírico-descritiva e análise quantitativa-qualitativa dos dados. A pesquisa buscou investigar percepções de adultos (+ 18 anos) e adolescentes (12 a 18 anos) autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual relacionando-as às características biopsicossociais que definem os dois grupos etários envolvidos na pesquisa. Para tanto, realizaram-se dois estudos com características metodológicas semelhantes, tematicamente interligados, mas com indivíduos de dois grupos etários diferentes. O Estudo I buscou investigar a relação entre percepções de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (+ 18 anos), que inclui homens sentenciados por crime de violência sexual em unidades prisionais. Foram selecionadas dez (N=10) entrevistas realizadas e transcritas entre 2015 e 2016 para análise de conteúdo pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD) com apoio do *Software Iramuteq*. Os resultados apontaram que 90% destes adultos possuíam idade superior a 30 anos; quanto à escolaridade, 50% não concluíram o ensino fundamental; 10% cursaram o ensino médio incompleto e 30% conseguiram completar o ensino médio, destes participantes apenas 10% teve acesso ao ensino superior incompleto. Todos os participantes vivenciaram situações de violência ao longo das suas trajetórias de vida, e quanto ao grau de severidade da agressão sexual cometida, 40% dos autores assumiram a prática com *hands on*; 40% não assumiram tal agressão, e 20% destes declararam não se recordar o ato pelo qual cumpre pena. A percepção destes adultos sobre infância, adolescência e violência sexual aparece diretamente ligada às vivências destes participantes nas diferentes fases do seu desenvolvimento, além de não a disassociarem essa forma de agressão ao uso da força física. O Estudo II objetivou investigar a relação entre percepções de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (12 a 18 anos), que reúne adolescentes que respondem judicialmente por ato infracional análogo ao estupro de vulnerável e que estavam em cumprimento de medida socioeducativa. Foram alcançados quatro (N=4) participantes para análise de conteúdo das entrevistas transcritas por meio da CHD do *Iramuteq*. Os resultados apontaram que os adolescentes possuíam idade superior a 15 anos. Na escolaridade, 2 (50%) possuíam o ensino fundamental incompleto, 1 (25%) o ensino médio incompleto, e 1 (25%) participante sem esta informação. Quanto às violências sofridas observou-se que todos os participantes vivenciaram situações de violência. No que se refere ao grau de severidade do ato praticado nenhum dos participantes assumiu a sua prática em *hands on*. A percepção destes adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual aparece como reflexo da construção destas categorias ao longo da trajetória de vida desses indivíduos, destacando a violência sexual vinculada ao uso da força física. Por conseguinte, mediante os dois estudos, levou-se em conta a hipótese de haver um maior número de semelhanças do que de diferenças nos relatos desses indivíduos (adultos e adolescentes) sobre as percepções da violência sexual. É possível apontar a relação entre as características biopsicossociais dos dois grupos etários de autores de agressão sexual, e formas particulares

de lidar com as experiências presentes em suas trajetórias de vida. É possível afirmar que autores adolescentes e adultos apesar de se encontrarem em grupos diferentes provavelmente foram socializados em sistemas culturais e de crenças muito semelhantes, que podem influenciar e direcionar a construção de percepções próximas entre si. Entretanto, autores adultos tendem a se reportar à violência como capítulos à parte de sua trajetória de vida, e em direção oposta, adolescentes tendem a manifestar relação direta entre a violência sexual com as questões vivenciadas ao longo das suas fases do desenvolvimento anteriores.

Palavras-chave: Adultos; Adolescentes; Características Biopsicossociais; Percepção; Violência Sexual.

Abstract

Silveira, V. S. (2021). *Adults and Adolescents Authors of Sexual Assault: Biopsychosocial Characteristics and their Perceptions on Childhood, Adolescence and Violence*. Masters dissertation. Behavior Theory and Research Graduate Program. Federal University of Pará, Belém - PA, Brazil, 313 p.

Sexual violence encompasses all societies, and manifests itself in different ways in their different contexts. This phenomenon is present throughout the life trajectory of many children and adolescents, whether as victims or perpetrators of sexual aggression. With the purpose of investigating this phenomenon, this dissertation presents a research with an empirical-descriptive design and quantitative-qualitative data analysis. The research sought to investigate the perceptions of adults (+ 18 years old) and adolescents (12 to 18 years old) perpetrators of sexual aggression against children and adolescents about childhood, adolescence and sexual violence, relating them to the biopsychosocial characteristics that define the two age groups involved in the research. Therefore, two studies with similar methodological characteristics were carried out, thematically interconnected, but with individuals from two different age groups. Study I sought to investigate the relationship between perceptions of adult perpetrators of sexual assault against children and adolescents about childhood, adolescence and sexual violence and the biopsychosocial characteristics of this age group (+ 18 years), which includes men sentenced for crimes of sexual violence in units prisons. Ten (N=10) interviews conducted and transcribed between 2015 and 2016 were selected for content analysis by the Descending Hierarchical Classification (CHD) with the support of the Iramuteq Software. The results showed that 90% of these adults were over 30 years old; as for education, 50% did not complete elementary school; 10% attended incomplete high school and 30% managed to complete high school, of these participants only 10% had access to incomplete higher education. All participants experienced situations of violence throughout their life trajectories, and regarding the degree of severity of the sexual assault committed, 40% of the authors assumed the practice with hands on; 40% did not assume such aggression, and 20% of these declared that they do not remember the act for which they are serving their sentence. The perception of these adults about childhood, adolescence and sexual violence appears directly linked to the experiences of these participants in the different stages of their development, in addition to not disassociating this form of aggression from the use of physical force. Study II aimed to investigate the relationship between the perceptions of adolescents who perpetrate sexual aggression against children and adolescents about childhood, adolescence and sexual violence and the biopsychosocial characteristics of this age group (12 to 18 years old), which brings together adolescents who respond in court for an analogous offense to the rape of a vulnerable person and who were in compliance with a socio-educational measure. Four (N=4) participants were reached for content analysis of the interviews transcribed through the CHD of Iramuteq. The results showed that the adolescents were over 15 years old. In terms of education, 2 (50%) had not completed elementary school, 1 (25%) had not completed high school, and 1 (25%) had not completed this information. As for the violence suffered, it was observed that all participants experienced situations of violence. With regard to the degree of severity of the act performed, none of the participants assumed their practice in hands on. The perception of these adolescents about childhood, adolescence and sexual violence appears as a reflection of the construction of these categories throughout the life trajectory of these individuals, highlighting sexual violence linked to the use of physical force. Therefore, through the two studies, the hypothesis that there is a greater number of similarities than differences in the reports of these individuals (adults and adolescents) about the perceptions of sexual violence was taken into account. It is possible to point out the relationship between the biopsychosocial

characteristics of the two age groups of perpetrators of sexual aggression, and particular ways of dealing with the experiences present in their life trajectories. It is possible to affirm that adolescent and adult authors, despite being in different groups, were probably socialized in very similar cultural and belief systems, which can influence and direct the construction of perceptions that are close to each other. However, adult authors tend to refer to violence as separate chapters in their life trajectory, and in the opposite direction, adolescents tend to show a direct relationship between sexual violence and issues experienced during their previous stages of development.

Keywords: Adults; Teenagers; Biopsychosocial Characteristics; Perception; Sexual Violence.

Dedico esta Dissertação de Mestrado aos meus avós Antônio Rodrigues da Silva (in memorian) e Maria Rodrigues da Silva (in memorian), que foram a minha maior demonstração de amor e afeto nesta vida.

Dedico também aos meus pais Célio Miguel e Valdete Silveira, que sempre sonharam comigo e acreditaram que isto seria possível, não me deixaram desistir em nenhum momento.

Eu amo vocês!

Agradecimentos

Expresso por meio deste trabalho a minha eterna gratidão e o meu profundo respeito, que sempre serão poucos diante do muito que me foi oferecido durante esta jornada do Mestrado e da vida.

Primeiramente agradeço ao meu bom Deus, por todo o cuidado e misericórdia que dispensou sobre a minha vida ao longo de todos esses anos. Por me permitir sonhar e alcançar meus objetivos de maneira sólida ao longo da minha trajetória de vida, sem permitir que meus pés vacilem dos seus caminhos. Até aqui nos ajudou o Senhor!

Minha eterna gratidão direcionada aos meus pais, Célio Miguel e Valdete Silveira, que foram e sempre serão o meu braço forte, sustento, e referência de amor e luta que eu levarei para a vida! Obrigada por todo o cuidado, e por todo o suporte que dedicaram a mim ao longo desse processo do mestrado, mesmo à distância, nunca me deixaram desistir! Muito obrigada por sonharem comigo e sempre acreditarem que eu seria capaz de estar aqui, apresentando o meu trabalho, finalizando mais um ciclo em minha vida. Vocês compartilharam do meu ideal, e sempre foram os meus maiores incentivadores, eu amo vocês com tudo o que tenho e sou!

Agradecimento especial ao meu amor, melhor amigo, companheiro de vida, de lutas, meu maior incentivador e auxiliador ao longo da construção deste trabalho. Lu, sempre foi você ao meu lado, desde a graduação e agora em mais uma etapa, compartilhando a sua vida comigo e encarando diariamente grandes desafios, dos quais eu acreditava não suportar. Minha gratidão por me ajudar tanto, por ser meu maior companheiro nos momentos em que eu mais precisei e nas horas em que desanimei no meio do caminho, no caos da pandemia! Esse trabalho está se concretizando porque você segurou a minha mão e caminhou comigo lado a lado! Esta vitória também é sua! Obrigada por tudo, obrigada por tanto. Amo-te!

Agradecimentos à minha família, que mesmo distante me auxiliou com todo o incentivo necessário, dando suporte e acreditando na minha caminhada acadêmica. Em

especial à tia Claudete, minha maior referência para seguir a trajetória acadêmica e profissional, tio Edivaldo, e Leonardo, que sempre estiveram comigo. E também com grande gratidão no coração, meu agradecimento à tia Marlene, minha sogra amada, que me viu em muitos momentos sorrindo, chorando, desacreditada, e por vezes, também esteve presente para comemorar cada pequena conquista, dando-me o aconchego dos seus abraços nos momentos em que eu precisava pra respirar e continuar a produção. Muito obrigada!

À minha orientadora, meu maior exemplo na produção deste trabalho. Por intermédio dela sigo acreditando que é possível fazer ciência mesmo em um contexto tão adverso que nosso país atravessa neste momento. Agradeço por toda a dedicação em orientar este trabalho, por todo o conhecimento compartilhado, pela calma e afeto transmitidos com muitos corações. Seguimos juntas desde o TCC, e eu sou eternamente grata por esse encontro da vida, e por toda a disposição que dedicou a mim e a este trabalho ao longo desse ciclo que vai se concretizando.

À minha coorientadora Daniela Reis, que tem todo o meu respeito e admiração desde que a conheci, por toda a sua trajetória acadêmica e profissional que vem traçando de maneira exemplar! Pela dedicação em acompanhar de perto a produção deste trabalho, por meio de correções, orientações, dicas, conselhos, e tantas vivências compartilhadas que possibilitaram que este fosse finalizado. Muito obrigada Dani, por tornar a pesquisa leve e afetuosa, pelo cuidado e paciência dedicados neste período! Eu não conseguiria sozinha, você faz parte de tudo isso! Muito obrigada.

Aos meus amigos do mestrado, que foram presentes na minha vida ao longo destes dois anos e meio. Nós lutamos muito para chegar até aqui, e certamente a companhia deles possibilitou que a caminhada se tornasse mais leve, trazendo maior refrigério pra alma. Obrigada Leonardo Lucas, Maíra Ferraz e Patrícia Silva, por cumprirem com excelência o papel de amigos e companheiros na ciência, vocês são incríveis.

Agradecimento à equipe de trabalho que compõe o Grupo de Estudos do Autor de Violência (GEAV/LED), por todo o companheirismo que vi e vivi com eles ao longo destes dois anos e meio. É algo surreal encontrar afeto em uma equipe de cientistas que buscam crescer compartilhando conhecimento e aquilo que cada um tem de melhor pra oferecer! Vocês tornam o aprendizado e o processo de produzir ciência ainda mais leve. Muito obrigada!

Ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC), pelo acompanhamento ao longo do mestrado, e pela oportunidade oferecida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa de financiamento que contribuiu para a realização deste trabalho.

Aos demais colaboradores para que este trabalho fosse concluído. Muito obrigada!

(...) Podemos continuar esperançosos de que, por intermédio de nossas próprias energias e contribuições ativas para com nosso mundo, seremos capazes de otimizar nossas vidas e as vidas de outros com quem compartilhamos a frágil ecologia de nossa existência. Se prosseguirmos o trajeto das aplicações da ciência e dos programas e políticas públicas, para as quais a visão de Bronfenbrenner nos direcionou, poderemos também sustentar uma ecologia humana e promoção de saúde às gerações futuras. Tal contribuição certamente é um grande legado de Urie Bronfenbrenner, sendo uma garantia de que a dignidade e a justiça social podem prosperar (Bronfenbrenner, 2011).

Sumário

Resumo	05
Abstract	07
Lista de Figuras	16
Lista de Tabelas	17
Lista de Siglas	18
Apresentação	20
Violência: definições e conceitos	29
Violência sexual contra crianças e adolescentes: conceitos e tipificação	33
Autores de agressão sexual de crianças e adolescentes	41
Percepções de autores de agressão sexual sobre a infância, a adolescência e a violência sexual	47
Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano na pesquisa com autores de agressão sexual	61
Objetivo Geral da Pesquisa	68
Objetivos Específicos	69
Método Geral	69
Estudo I - Adultos Autores de Agressão Sexual: Características Biopsicossociais e suas Percepções sobre Infância, Adolescência e Violência	70
Introdução	70
Método	77
Resultados e Discussão	90
Considerações Finais	153
Referências	154
Estudo II – Adolescentes Autores de Agressão Sexual: Características Biopsicossociais e suas Percepções sobre Infância, Adolescência e Violência	164
Introdução	164
Método	172
Resultados e Discussão	187
Considerações Finais	244
Referências	246
Considerações Finais da Dissertação	255
Referências Gerais	270

Apêndice A – Formulário para Caracterização Biopsicossocial do Autor e da Vítima de Agressão Sexual (Estudo I)	280
Apêndice B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Estudo I)	285
Apêndice C - Formulário Adaptado para Caracterização Biopsicossocial do Autor e da Vítima de Agressão Sexual (Estudo II)	294
Apêndice D - Adaptação do Roteiro de Entrevista com Autores de Agressão Sexual de Criança e Adolescente (Estudo II)	301
Anexo A – Parecer Circunstanciado do Comitê de Ética (Estudo I)	308
Anexo B – Autorização da Instituição para realização da Pesquisa (Estudo II)	310
Anexo C – Autorização da Instituição para realização da Pesquisa (Estudo II)	311
Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	312
Anexo E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	313

Lista de Figuras

Estudo I

- Figura 1 Quadro de Caracterização Biopsicossocial de Adultos Autores de Agressão Sexual contra Crianças e Adolescentes 92
- Figura 2 Análise dos relatos dos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes pelo método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD)..... 105
- Figura 3 IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2020 116

Estudo II

- Figura 1 Quadro de Caracterização Biopsicossocial de Adolescentes Autores de Agressão Sexual contra Crianças e Adolescentes 189
- Figura 2 Análise dos relatos dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes pelo método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD)..... 204

Lista de Tabelas

Estudo I

Tabela 1	Percepção da violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica idade....	139
Tabela 2	Percepção da violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica escolaridade	146
Tabela 3	Percepção da violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica de violências sofridas.	150

Estudo II

Tabela 1	Percepção da violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica idade	232
Tabela 2	Percepção da violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica escolaridade	236
Tabela 3	Percepção da violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica de violências sofridas	241

Lista de Siglas

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
CIJAM	Centro de Internação Jovem Adulto Masculino
CJM	Centro Juvenil Masculino
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRC	Centro de Recuperação do Coqueiro
CRRCA	Centro de Recuperação Regional de Castanhal
CSBE	Centro Socioeducativo de Benevides
CTM II	Central de Triagem Metropolitana II
EASCA	Estudos do Agressor Sexual de Criança e Adolescente
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FASEPA	Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará
FASS	Faculdade de Serviço Social
GEAV	Grupo de Estudos de Autores de Violência
HC	Hospital das Clínicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LED	Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento
NMT	Núcleo de Medicina Tropical
ONU	Organização das Nações Unidas
PPCT	Pessoa Processo Contexto Tempo
PPGTPC	Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento
RMB	Região Metropolitana de Belém
SEAP	Secretaria de Estado de Administração Penitenciária
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
ST	Segmentos de Texto
SUSIPE	Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do Pará
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERP	Unidade de Emergência Referenciada Pediátrica
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

VIJ Vara da Infância e Juventude
WHO World Health Organization

Apresentação

As investigações sobre o fenômeno da violência na perspectiva dos autores de agressão sexual foram iniciadas no Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), pelo grupo de Estudos do Agressor Sexual de Criança e Adolescente (EASCA), em 2012. Posteriormente, em 2016, este passou a ser denominado Grupo de Estudos de Autores de Violência (GEAV), e conta desde então com a participação efetiva de alunos e professores da graduação e da pós-graduação. O Grupo faz parte do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED), e, como tal, vem suscitando discussões sobre a violência sexual praticada contra crianças e adolescentes do ponto de vista do autor da agressão sexual, levando em consideração suas características biopsicossociais, fatores e contextos de desenvolvimento inscritos em sua trajetória de vida.

As pesquisas realizadas pelo GEAV/LED foram iniciadas a partir da tese da Prof.^a Dr.^a Daniela Castro dos Reis, orientada pela Prof.^a Dr.^a Lília Iêda Chaves Cavalcante, que teve como título “Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Características Biopsicossociais e Trajetórias de Vida”. A partir desta tese, foram desenvolvidos artigos e publicações, tendo inclusive o trabalho obtido o título de Menção Honrosa do Prêmio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no ano de 2017.

Neste sentido, dando continuidade aos estudos e pesquisas desenvolvidos no GEAV/LED, em 2014, foi aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a partir do Edital 022/2014 de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, o projeto de pesquisa intitulado “Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes na Mesorregião Metropolitana de Belém: Perfil, Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial”. Este teve suas atividades financiadas pelo CNPq, sob a coordenação da Professora Dr.^a Lília Iêda Chaves Cavalcante, com duração até o ano de 2016.

O projeto teve o intuito aumentar o alcance dessas investigações na Mesorregião Metropolitana de Belém, incluindo na pesquisa os municípios de Belém, Ananindeua, Santa Izabel e Castanhal.

Do ano de 2015 aos dias atuais outros trabalhos acadêmicos foram realizados por alunos e professores do GEAV/LED, tais como Planos de Trabalho de bolsistas de iniciação científica, Trabalhos de Conclusão de Curso, Mestrado e Doutorado. Como exemplo disso, destaca-se a Dissertação de Mestrado da Psicóloga Lucilene Paiva da Costa (2015), que tem como título “Características Biopsicossociais de Autores de Agressão Sexual de Crianças e/ou Adolescentes em Contexto Intrafamiliar e Extrafamiliar”. Neste mesmo ano, ocorreu a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Carlos Joaquim Barbosa Rocha com título “A Violência Sexual e o Acolhimento Institucional de Crianças e adolescentes na Região Metropolitana de Belém (RMB)”.

No ano seguinte, em 2016, outros trabalhos foram produzidos pelo GEAV/LED, o que incluiu dois Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos por graduandos da Faculdade de Serviço Social (FASS) da UFPA, tendo como título “A relação entre os tipos de abuso sexual e as consequências biopsicossociais para crianças e adolescentes da Região Metropolitana de Belém” (Sousa & Pantoja, 2016) e “Abuso sexual de crianças e adolescentes e sua relação com o uso de álcool e outras drogas psicoativas” (Silva & Carvalho, 2016).

Na sequência ocorreu a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Marcilene Araújo intitulada “Autores de agressão sexual de crianças e adolescentes: Características biopsicológicas, sociojurídicas e sua percepção sobre infância, adolescência e violência sexual”. Além disso, também em 2017, houve a produção da Dissertação de Mestrado da aluna Maria do Socorro Moraes, intitulada “Homens Autores de Violência Conjugal: Caracterização Biopsicossocial, Tipos de Agressão Praticada e suas Consequências Processuais”.

Já no ano de 2018 o mestrando Carlos Joaquim Barbosa Rocha defendeu seu trabalho com título “A Violência Sexual e Outros Motivos para o Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes: Um Estudo Comparativo”. Neste mesmo ano também houve a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da autora deste trabalho, intitulada “Pobreza e Vulnerabilidade na Prática da Violência Sexual” apresentada à Faculdade de Serviço Social da UFPA e orientada pela Prof.^a Lília Cavalcante.

Esse trabalho, como outros originados no GEAV/LED, buscou discutir aspectos da relação entre pobreza e vulnerabilidade e a prática da violência sexual contra crianças e adolescentes. Nele, identificou-se que todos os entrevistados sentenciados apresentaram em seus relatos situações de pobreza e vulnerabilidade ao longo da vida, que, quando se somaram a outras adversidades em suas experiências na infância e na adolescência, podem ter contribuído para aumentar a sua exposição a fatores de risco que, em regra, conduzem à prática da violência sexual na vida adulta (Silveira, 2018).

Com a preocupação de conhecer melhor as experiências vividas por adolescentes e jovens em um contexto marcado pelo fenômeno da violência sexual, um novo projeto de pesquisa a partir do Edital do CNPq de Produtividade em Pesquisa passou a ser coordenado pela Prof.^a Lília Cavalcante, com o título “Jovens Vítimas e Autores de Agressão Sexual em Mesorregiões do Pará: Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial”. Este projeto, aprovado em 2018, dá continuidade às investigações sobre os autores de agressão sexual de crianças e adolescentes, mas também amplia o foco das pesquisas realizadas pelo GEAV/LED, incluindo uma faixa etária que engloba os adolescentes/jovens autores de agressão sexual de crianças e adolescentes.

Sendo assim, atualmente o grupo dispõe de algumas pesquisas em andamento, tais como, três Teses de Doutorado, esta Dissertação de Mestrado, e dois Planos de Trabalho de

Iniciação Científica, que foram elaborados e que estão sendo executados ao longo da duração do Projeto.

Este grupo de pesquisa tem buscado, pois, compreender os fatores biológicos, psicológicos e sociais relacionados ao fenômeno da violência sexual a partir de uma perspectiva inscrita na Psicologia do Desenvolvimento, no intuito de subsidiar investigações que sejam capazes de observar a realidade e as trajetórias de vida de autores de agressão sexual. Assim como, busca-se aprofundar o conhecimento teórico e científico disponível, observando as características pessoais e os fatores contextuais que podem contribuir de maneira significativa para este tipo de comportamento em diferentes idades.

Tais reflexões advêm de estudos atuais com os autores de agressão sexual ao incorporarem uma visão mais abrangente do fenômeno, ainda que sejam mais comuns pesquisas voltadas para as vítimas (Hohendorff, Habigzang, & Koller, 2015; Pelisoli, Pires, Almeida, & Dell’Aglia, 2010). Entende-se ser necessário expandir as investigações voltadas para autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, sobretudo no Brasil, incluindo indivíduos da adolescência à vida adulta, haja vista, que os estudos sobre os autores de agressão sexual na literatura nacional ainda são incipientes, diferentemente do cenário internacional. .

Assim, as investigações acerca do tema ainda são pontuais na maioria das vezes e não permitem abarcar as múltiplas questões referentes às características biopsicossociais dos autores de agressão sexual de crianças e adolescentes. Por isso, estudar este fenômeno sob a perspectiva do autor da agressão é posto como um desafio importante e complexo para os pesquisadores nos dias atuais, ao exigir estudos desenvolvidos em diversas áreas do conhecimento e por meio de investigações sistemáticas (Reis, 2016), como tem se proposto o GEAV/LED desde a sua constituição.

Outro fator importante a ser destacado é que as pesquisas atuais descrevem que os jovens, especialmente os adolescentes, são responsáveis por uma parcela significativa dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes (Abaid & Dell’Aglío, 2014; Van Den Berg, Bijleveld, & Hendriks, 2017). Antes os tratamentos e as pesquisas eram destinados somente a adultos, mas com o avanço da participação desta população no ato de infringir a dignidade sexual de crianças e adolescentes, focalizou-se a demanda de autores adolescentes, com o intuito de expandir o conhecimento científico sobre essa população e buscar proposições de abordagens mais adequadas a esta fase do desenvolvimento e a este grupo etário.

Desse modo, emergiram questionamentos os mais diversos sobre a influência da idade ou dos grupos etários na explicação do fenômeno da violência sexual. Pergunta-se hoje: Quais as características biopsicossociais de adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes? Quais as suas percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual de acordo com as análises do seu conteúdo nos dois grupos etários? Qual a relação entre as percepções de adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual às características biopsicossociais nos dois grupos etários?

De acordo com um estudo de McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone e Bromham (2018), realizado na Austrália com homens adolescentes e adultos autores de agressão sexual, observa-se a diferença nas características e nas motivações que conduziram adolescentes e adultos à prática da violência sexual. Adolescentes teriam maior preferência por crianças menores, enquanto adultos estavam mais propensos a praticar a violência sexual contra crianças maiores, mas ambos abrangendo uma interação de vários fatores culturais, cognitivos, situacionais e comportamentais que estão presentes ao longo das suas trajetórias de vida.

Apesar das diferenças apontadas entre as características de adolescentes e adultos autores de agressão sexual, estes em sua maioria são socializados em um mesmo ambiente cultural e permeados pelo mesmo sistema de crenças que moldam e transformam as percepções que estes têm sobre os outros e sobre si mesmos. Sendo assim, é necessário considerar a existência de outras variáveis além da idade que podem contribuir para o constructo da percepção que se tem da violência sexual nos diferentes grupos etários, embora esta variável seja importante, sobretudo, nos estudos da área do Desenvolvimento Humano.

Desse modo, alguns comportamentos de autores de agressão sexual estão sendo pesquisados de forma mais detida. Estas alterações comportamentais podem ser identificadas como distorções cognitivas que estão associadas ao conjunto de concepções construídas a partir das características biopsicológicas dos indivíduos. Essas foram experienciadas nos contextos de desenvolvimento nos seus diversos ciclos de vida, podendo alterar as suas percepções sobre si e sobre os outros (Farmer, McAlinden, & Maruna, 2016; Reis, 2016; Vieira, 2010).

Portanto, as percepções podem ser capazes de alterar um dado sistema de crenças a respeito do que pensam os autores de agressão sexual sobre o próprio comportamento, como também, compreender os contextos nos quais estão inseridos e como eles percebem e são percebidos pelos outros em relação a vários aspectos que constituem a sua trajetória de vida. No caso específico do GEAV/LED, isto significa estudar a complexa ecologia do desenvolvimento desses indivíduos, dessa população (Abel et al., 1989; Ware, Marshall, & Marshall, 2015).

Neste sentido, embora a violência sexual contra crianças e adolescentes seja hoje compreendida como um fenômeno multideterminado, sendo vários os fatores que podem potencializar a sua manifestação, há de se considerar aspectos objetivos e subjetivos que afetam o contexto em que se encontram esses autores de agressão, sejam eles adolescentes

e/ou adultos, que podem estar associados à idade e também à fase do ciclo de vida em que se encontravam quando praticaram a agressão pela primeira vez ou em outros momentos.

Portanto, neste trabalho, pretendeu-se investigar a relação entre percepções de adultos (+ 18 anos) e adolescentes (12 a 18 anos) autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais presentes nos dois grupos etários. Para tanto, levou-se em conta a hipótese de haver um maior número de semelhanças do que de diferenças em seus relatos sobre as percepções da violência sexual.

Ainda que a literatura (Bronfenbrenner, 2011; McMahon & Baker, 2011; Salles, 2005) possa apontar que cada grupo etário possui características biopsocossociais próprias e formas particulares de lidar com as experiências presentes em suas trajetórias de vida, é possível afirmar que autores adolescentes e adultos apesar de se encontrarem em grupos diferentes provavelmente foram socializados em sistemas culturais e de crenças muito semelhantes, que podem influenciar e direcionar a construção de percepções próximas entre si.

Dessa forma, parte-se do pressuposto teórico de que a construção da percepção desses autores de agressão sexual acerca da infância e da adolescência, assim como da própria violência sexual, se inscreve em seus sistemas culturais de maneira direta, influenciando e sendo influenciados por vários aspectos objetivos e subjetivos que os constituem e que às vezes são contraditórios de uma cultura para outra (Bronfenbrenner, 2011). Estas construções que são estabelecidas nos diferentes grupos etários também podem sofrer alterações de um contexto ou período para outro, sendo exercido por cada pessoa em desenvolvimento com as suas particularidades.

A partir disso, esta pesquisa buscou investigar a relação entre percepções de adultos (+ 18 anos) e adolescentes (12 a 18 anos) autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características

biopsicossociais presentes nos dois grupos etários. Para tanto, fez-se necessário caracterizar biopsicossocialmente adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, além de identificar suas percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual e organizá-las de acordo com as análises do seu conteúdo nos dois grupos etários. Pretendeu-se, com isto, relacionar as percepções desses adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual às características biopsicossociais encontradas nos dois grupos etários.

Com base nesses objetivos, foram realizados os dois estudos empíricos que compõem este trabalho. O Estudo I buscou investigar a relação entre percepções de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (+ 18 anos). O Estudo II objetivou investigar a relação entre percepções de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (12 a 18 anos).

Ao final, os dois estudos reunidos neste trabalho permitiram a caracterização biopsicossocial destes autores e sua distribuição por grupo etário, à identificação de suas percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual, a organização de acordo com as análises do seu conteúdo nos diferentes grupos etários, com a relação das percepções às características biopsicossociais (idade, escolaridade e violências sofridas). Tais estudos pretenderam assim contribuir para o preenchimento de lacunas na literatura existente sobre a temática da violência sexual e a figura do autor desse tipo de agressão.

Compreender esses comportamentos praticados pelos adolescentes e adultos autores de agressão sexual, em diferentes grupos etários, torna-se importante na produção de conhecimentos para a proposição de estratégias mais adequadas no atendimento psicossocial dessa população de maneira humanizada, especialmente no trabalho desenvolvido por

psicólogos e assistentes sociais que trabalharam diretamente com a demanda de autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes nas instituições.

Esse conhecimento deve levar em conta a sua aplicabilidade para as políticas públicas, com o objetivo de diminuir a chance de ocorrência (prevenção), evitar a reincidência, romper com o ciclo da violência, e permitir uma convivência em sociedade de forma saudável. Esperou-se, com este trabalho, contribuir na discussão das condições necessárias para romper com o ciclo da violência na medida em que este processo pode sofrer variações em função do grupo etário ao qual o autor de agressão pertence.

Violência: definições e conceitos

A violência é um fenômeno constituído ao longo do processo histórico da sociedade, presente por meio de comportamentos de agressão em diferentes contextos. Por se tratar de um fenômeno humano e social, este se manifesta em distintas épocas e períodos, como um aspecto da vida que reproduz mecanismos das estratégias de sobrevivência. Este fenômeno, considerado histórico, acompanha toda a experiência humana e se apresenta como reflexo da sociedade que o reproduz, podendo aumentar ou diminuir de acordo com a sua construção social nos níveis coletivos e individuais (Odalía, 2017).

Seja qual for a natureza da sua manifestação, a violência é destacada como um atentado à dignidade humana e à liberdade dos indivíduos, enquanto pessoas de direitos. Este fenômeno, conseqüentemente, tem impactos diretos no desenvolvimento da vida de pessoas e coletivos, como expressão de muitos contextos que são, por vezes, observados de maneira recorrente nos dados em contextos marcados pelas desigualdades sociais, principalmente onde há um elevado crescimento das taxas de violência em suas diferentes modalidades (Bonvicini & Silva, 2015).

O fenômeno da violência é apresentado por diversos tipos de características, podendo ser manifestado contra crianças, adolescentes, mulheres, idosos, homens e outros. Este fenômeno também pode ser definido por meio da natureza de sua ação, englobando aspectos físicos, psicológicos e sexuais. Esta forma de manifestação do fenômeno da violência ocorre em sua maioria entre parceiros íntimos, por meio de ações e práticas consideradas como não favoráveis ao pleno desenvolvimento da vítima, seja ela da família, ou até sem laços de parentesco (OMS & Krug, 2002).

Neste sentido, é relevante conceituar as principais formas de violência com maior prevalência de ocorrência, que se encontram presentes por meio de diferentes condutas e comportamentos. Estas são refletidas diretamente na vida e no cotidiano especialmente de

crianças e adolescentes que são vítimas deste fenômeno, assim como, nos diferentes grupos etários dos próprios autores de agressão, também constituintes destes fatos (MDH, 2019).

Dentre essas formas de violência mais comuns, encontra-se a violência física, que se caracteriza pela ocorrência ou tentativa de alguém causar algum dano a outra pessoa. Esse tipo de violência se destaca pelo uso da força física, ou mesmo, por meio do uso de algum instrumento ou arma que possam vir a causar lesões seja interna ou externa, assim como, gerar intimidação na vítima, a fim de que o autor da agressão possa obter o que deseja (Day et al., 2003).

Para Minayo (2009), a violência física pode ocorrer em vários ambientes sociais e destaca o impacto deste fenômeno em crianças e adolescentes. Este impacto geralmente pode ocorrer com maior frequência nos ambientes em que vítimas e autores estão inseridos de maneira direta, especialmente por esse tipo de violência representar o uso da força física.

Outra forma de violência manifestada é a violência psicológica, que traz consigo ações que geram danos psicológicos e/ou emocionais às vítimas. Estas ações são manifestadas por meio de ameaças, humilhações, constrangimentos, explorações, chantagens, pela intenção de causar medo e por vezes ridicularizar a posição da vítima diante de outros. Dentre as modalidades de violência, esta é considerada a mais difícil de ser identificada, pois não produz indícios visíveis, mas leva as vítimas ao sofrimento e adoecimento (Fermann & Pelisoli, 2016; OMS & Krug, 2002).

Nessa forma de violência, observa-se o grande fator de punição e desrespeito gerados no âmbito das relações com a vítima, e que consiste em um aspecto cultural construído e reproduzido ao longo da trajetória de vida, por meio de valores autoritários, patriarcais, que são naturalizados, desconsiderando o processo de socialização e de desenvolvimento psicológico, restringindo estas vítimas e lhes causando danos (Castro, 2009; Minayo, 2006).

Além da violência física e psicológica, e emergindo entre as principais formas de violências perpetradas, encontra-se a violência sexual. Esta forma de violência se destaca como um fenômeno social de difícil compreensão, complexo, que pode apresentar diversas significações, constituído por vários fatores relacionados entre si nos contextos sociais. Sua prática acaba causando assim impactos no desenvolvimento e no comportamento, tanto de vítimas, quanto de autores dessa violação de direitos, no momento em que se expressa e no decorrer de suas trajetórias de vida (Reis, 2016).

O fenômeno da violência sexual caracteriza-se pela prática de atos ou tentativas de práticas sexuais, por meio de ações indesejadas, que atenta diretamente contra a sexualidade de outro indivíduo, sem o seu consentimento. Este ato pode ser marcado pelo uso ou não de força, poder ou indução por meio de sedução enganosa, que atenta diretamente contra a vida de outro indivíduo, infringindo direitos fundamentais, como a liberdade, a vida, a sexualidade, a saúde e a segurança, anulando a sua vontade pessoal enquanto indivíduo e seu poder de escolha sobre si e sobre o seu próprio corpo (Batista et al., 2018).

Neste sentido, a violência sexual é identificada em todas as sociedades, o que pode caracterizá-la como fenômeno universal, no qual não há nenhuma restrição de sexo, faixa etária, etnia, ou até mesmo classe social, para ocorrer. Este fenômeno pode ser observado ao longo do tempo, e perpassa diversos tipos de sociedade, estando mulheres, crianças e adolescentes em uma condição de maior risco social (Facuri, Fernandes, Oliveira, Andrade, & Azevedo, 2013).

Percebe-se, portanto, que a violência emerge em meio às relações de poder estabelecidas na sociedade, e presente, por vezes, nos diferentes ambientes familiares. Essas relações de poder podem ser caracterizadas, como tendo o exercício do poder a partir da relação entre indivíduos, seja em nível individual ou coletivo, construindo-se como um modo de ação de uns sobre outros (Feitoza, 2021).

Dessa forma, as relações de poder emergem nas relações humanas, e pressupõem a liberdade, onde há total subjugação do outro, dominação pela violência, e que faz uso direto de disputas e poder de modo indiscriminado, submetendo indivíduos a outros, em relações que são desproporcionais entre indivíduos e coletivos. Assim, as relações de poder passam a ser caracterizadas como um conjunto de ações sobre outras ações entre os indivíduos (Passos, 2010).

Neste sentido, é por meio da disciplina que as relações de poder se tornam observáveis, haja vista, que se desenrolam por intermédio da disciplina em que se estabelecem as relações: seja pelo opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido, e tantas quantas forem as relações estabelecidas que expressem comandos e comandados em sua centralidade (Ferreirinha & Raitz, 2010).

Assim, deve-se ter em mente uma compreensão das relações de poder com a ideia de uma rede, que permeia todo o corpo social, articulando e integrando diferentes focos de poder que se apoiam uns nos outros. As relações de poder podem, portanto, se caracterizar como um modelo relacional em que se manifesta de maneira dinâmica, fragmentada e, por vezes contraditória, do poder em funcionamento nas relações e na sociedade (Maia, 1995; Araujo, 2018).

Portanto, a violência se manifesta mediante as relações de poder, que passam a ser estabelecidas pela hierarquia e autoridade pré-estabelecidas por vezes nos próprios ambientes familiares. Assim, as relações de poder evidenciadas envolvem o perpetrador da violência e sua posição hierarquicamente superior, mas com maior ênfase na inferioridade e submissão da vítima.

Sendo assim, conceituando estas formas de violência que emergem por meio das relações de poder, onde estão presentes e se confrontam diretamente forças e pessoas, com diferentes pesos e poderes que são desiguais, por meio do uso da força de autoridade,

experiência, maturidade, estratégias e recursos (Faleiros & Faleiros, 2007), percebe-se que a violência sexual se manifesta como uma das principais formas de violência. A manifestação deste fenômeno pode afetar diretamente a vida de crianças e adolescentes que são expostas constantemente a fatores de risco nos diferentes grupos etários (Brasil, 2018).

Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes: conceitos e tipificação

Destacando a apresentação das características conceituais e tipificações da violência em suas diferentes modalidades, percebe-se que crianças e adolescentes são as principais vítimas deste fenômeno, dado demonstrado por meio do Disque 100 no primeiro semestre de 2019, que registrou um total de 10.046 denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. Dessa forma, estas passam a apresentar maior exposição a um constante risco social e à prevalência da violência praticada contra estas ao longo de suas trajetórias de vida (Brasil, 2018; MDH, 2019).

Este fenômeno da violência deve ser considerado a partir de um emaranhado de relações que envolvem a cultura, o imaginário social, as normas e processo civilizatório de um povo, sendo a violência considerada por vezes como algo natural do ser humano. Comportamento este que nega o direito da criança e do adolescente à proteção, perdurando por vezes até a atualidade, como justificativa para garantia da sua existência no ambiente adverso (Faleiros, 1998).

Nesse sentido, o fenômeno da violência é considerado um fator diretamente ligado ao desamparo e negligência daqueles que deveriam proteger crianças e adolescentes, neste caso, os pais e/ou responsáveis por estes. Esses fatores independem de fatores econômicos e sociais, tanto quanto da classe social em que vítimas e autores estão inseridos, pois ocorre em todas as sociedades e em toda e qualquer classe social.

Sendo assim, quando se discute a violência, mas em especial a violência sexual, é necessário olhar para as causas diretas das expressões da questão social, que contribuem efetivamente para a sua intensificação. Isso se dá muita das vezes, mediante as condições precárias colocadas à sobrevivência das famílias, tornando essas expressões da questão social mais evidente e observável na população de autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, que apresentam um elevado número de indivíduos pertencentes às famílias que se encontram inseridas em contexto de pobreza e vulnerabilidade ao longo da trajetória de vida dos seus membros. Estas passam a ser representadas por meio da dificuldade de acesso à justiça, educação, saúde, entre outras garantias de direitos, acabando por expor crianças e adolescentes a todos os tipos de violência (Brasil, 2018; Silveira, 2018).

Entretanto, é válido reiterar que o fenômeno da violência, e neste caso da violência sexual, não ocorre somente nesses ambientes que abrigam famílias de baixo nível socioeconômico, mas manifesta-se em qualquer classe econômica, podendo expor concepções práticas e culturais que refletem as condições encontradas em diferentes contextos. Assim, o fenômeno da violência pode ocorrer nesses ambientes considerados hostis ao desenvolvimento humano assim como em qualquer outro segmento da população e classe social. Enfatiza-se, contudo, que o recorte dos dados que são apresentados da população de autores de agressão sexual nas produções científicas, tende a vincular essa população a visões estereotipadas dos indivíduos perpetradores de qualquer forma de violência, inclusive a sexual: homens, pobres e periféricos, geralmente pretos e pardos.

Supõe-se que o predomínio de indivíduos e grupos amostrais com essas características sociodemográficas nas produções encontradas na literatura tenha a ver com o fato de que a maior parte dos estudos referem crimes sexuais que chegaram a ser investigados e/ou julgados, sendo mais comum isso acontecer quando envolve jovens pobres e pretos. Estes são

também os dados sociodemográficos que se destacam em populações que vivem em contextos menos favorecidos e socialmente vulneráveis, inclusive à violência.

A vulnerabilidade social é concebida como uma condição de fragilidade social seja material ou moral, onde indivíduos ou grupos estão expostos a fatores de risco produzidos pelo contexto econômico social. Esta vulnerabilidade está diretamente ligada aos processos de exclusão social, discriminação e pela violação de direitos, mediante seu nível de renda, escolaridade, saúde, localização geográfica, ocupação, entre outros (Monteiro, 2012; Ximenes, 2010).

A partir destes contextos mais vulneráveis, encontram-se crianças e adolescentes expostos a uma estrutura econômica e social de desigualdades. Este contexto é permeado por violações, fatores de risco, e por vezes tornam crianças e adolescentes como objetos de apropriação de adultos, considerando uma percepção de fraqueza e inferioridade em relação a estas vítimas, onde deveria haver apoio e proteção integral (Brasil, 2018).

Apesar das violações ocorrerem dentro destes contextos de vulnerabilidade em que as crianças e/ou adolescentes estão inseridos, muitas destas demandas não chegam a ser notificadas nos órgãos de registros para denúncias oficiais. Isso pode se dar mediante a ausência de políticas públicas orientadas a esse público, a falta de informação qualificada, o contexto em que a violência ocorre, especialmente quando se trata do ambiente familiar, que acaba por dificultar a fala da criança e/ou adolescente, entre outros fatores que podem contribuir para que a notificação não chegue aos órgãos competentes. Sendo assim, isto acaba por permitir que este ciclo de violência continue a se expandir sobre a sociedade e continue a ser perpetrado contra esta demanda, aumentando o número de subnotificações sem obter o cenário real do fenômeno no país (Bezerra, 2017).

Um dos serviços disponíveis para este tipo de demanda é o Disque 100, caracterizado como um serviço designado para o atendimento de graves situações dos mais variados tipos

de violência, incluindo a violência sexual. Este serviço aciona os órgãos competentes e demonstra quantitativamente o número de violações registradas a nível nacional em todos os estados do Brasil (MDH, 2019).

Por meio de dados disponibilizados pelo site do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a partir das notificações realizadas pelo Disque 100, observou-se que no Brasil nos anos de 2017 ao primeiro semestre do ano de 2019 houve um total de 50.982 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes (MDH, 2019). No Estado do Pará observou-se que houve um quantitativo total de 1.737 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes registrados, englobando todas as regiões paraenses (MDH, 2019).

A partir da compreensão deste contexto e dos dados das notificações, identifica-se que a violência sexual contra crianças e adolescentes perpassam a vida destes indivíduos, sendo marcados pela apropriação do outro e de sua autonomia. Para Bronfenbrenner (2011), a infância e a adolescência são consideradas fases importantes para o desenvolvimento dos seres humanos, nas quais, estes se desenvolvem física e psiquicamente a partir do contexto nos quais estes estão inseridos. Nestas fases, crianças e adolescentes passam a adquirir capacidade de atingir confiança, autonomia, apego e afeto, mas que, por vezes, são ameaçadas por situações de vulnerabilidade as mais diversas, sendo alvos comuns da violência diante da sua condição de desproteção por parte do Estado e pela sociedade.

Dessa forma, este fenômeno da violência não somente viola o desenvolvimento, mas também atenta diretamente contra a autonomia e confiança das vítimas que sofrem este tipo de violação, por autores, que em grande parte fazem parte do seu convívio familiar e cotidiano. Percebe-se, assim, que esta violência está enraizada nas relações sociais e familiares, impulsionada por componentes culturais e por valores existentes ao longo da trajetória de vida humana, os quais representam o fundo comum de crenças e comportamentos

de uma sociedade e suas percepções de como as pessoas devem se comportar (OMS & Krug, 2002; Pedroso, 2015).

Sendo assim, a violência sexual contra crianças e adolescentes é compreendida como toda e qualquer ação que obriga uma criança e/ou adolescente a estabelecer uma relação sexual de maneira forçada. Esta ação pode ser consolidada por meio do uso do poder, da força física, da indução, de ameaça ou por meios de manipulação. Além disso, vale reiterar a disparidade de força, poder, idade, autoridade existentes nesta prática, a fim de se obter apropriação sexual indevida de crianças e adolescentes (Brasil, 2018).

Para Sanderson (2005), a violência sexual praticada contra crianças e adolescentes também pode ser definida como um ato envolvendo estas, usando-as para atender as satisfações sexuais de um adulto, havendo disparidade na faixa de idade dos envolvidos. Esta é caracterizada como uma relação de poder exercida sobre o outro, sendo estes usados para objetivação dos desejos sexuais do autor da agressão sexual, sem o consentimento da vítima ou por meio de sedução enganosa.

Dado o fato da violência sexual contra crianças e adolescentes atingirem estas em fases primordiais do desenvolvimento, assim como, permear todos os contextos sociais gerando fragilidade e ocasionando maiores fatores de risco tanto para vítimas quanto para autores, é necessário apontar suas definições de maneira mais objetiva neste trabalho. Dessa forma, é possível identificar que a partir da conceituação da violência sexual há alguns direcionamentos que dividem este conceito central em esferas mais específicas, sendo estas expressas de duas formas: a primeira delas é denominada de exploração sexual e a segunda é conceituada como abuso sexual (Brasil, 2018).

A exploração sexual se caracteriza pela relação sexual comercial, que envolve crianças e adolescentes, de maneira coercitiva ou não. Esta violência é demarcada, seja por meio do corpo, da relação sexual, pornografia infantil, turismo sexual ou tráfico, como uma forma

contínua de alimentação do mercado sexual, sendo mediado por lucro, objetos de valor, ou envolvendo elementos de troca para a sua obtenção (Brasil, 2018).

Para Magalhães et al. (2009), a exploração sexual compreende o abuso sexual contra crianças e adolescentes com caráter mercadológico. Neste contexto há uma exploração sexual comercial que envolve crianças e adolescentes com adultos, fazendo uso destas sexualmente por remuneração ou pela troca da relação sexual por itens de necessidades básicas, e em alguns casos, até mesmo por alimentação.

Já quando se discute o abuso sexual, este se trata de um ato sexual, seja heterossexual ou homossexual, em que o autor da agressão encontra-se também, assim como na exploração sexual, em uma condição de desenvolvimento físico e psíquico superior à vítima, por meio de uma relação de poder configurada como um modo de ação de alguns indivíduos sobre outros. Este autor de agressão age com o intuito de utilizar a vítima como objeto sexual, a fim de apropriar-se sexualmente desta para obtenção da satisfação de seus desejos sexuais (Brasil, 2002).

O abuso sexual também é considerado por Magalhães et al. (2009) como um ato ou jogo sexual em que o adulto submete a criança ou o adolescente para se estimular ou se satisfazer sexualmente, impondo-se pela força física, pela ameaça ou pela sedução, com palavras ou ofertas de presentes. Este tipo de violência sexual não possui caráter mercadológico, mas visa utilizar crianças e adolescentes em atos de natureza sexual. Este geralmente é praticado por alguém do convívio familiar ou que possua algum vínculo próximo à família da vítima (Brasil, 2018).

Um estudo realizado a partir da análise de documentos de todos os processos jurídicos de casos que foram denunciados de violência sexual pelas Promotorias Especializadas na Infância e Juventude de Porto Alegre, entre 1992 e 1998, caracterizou uma amostra de 94 vítimas de violência sexual. Nele, identificou-se que em boa parte dos casos o autor da

agressão sexual era do sexo masculino (98,8%) e tinha vínculos afetivos e de confiança com a vítima. Dentre eles, 57,4% referiam-se ao pai da vítima e 37,2% ao padrasto ou pai adotivo, apontando que a violência sexual praticada contra crianças e adolescentes são perpetradas por pessoas conhecidas e afetivamente próximas (94,6%) (Habigzang, Koller, Azevedo, & Machado, 2005).

Especialmente neste trabalho e devido à amplitude dos conceitos e outras definições que se referem à violência sexual contra crianças e adolescentes, o abuso sexual e a exploração sexual serão tratados como violência sexual. Desta forma, estes conceitos serão representados por este termo, referindo-se de forma apropriada aos objetivos deste trabalho.

Neste sentido, a violência sexual pode se manifestar especificamente em dois ambientes distintos entre si, denominados de contexto intrafamiliar e contexto extrafamiliar. Ambos referem-se ao local onde ocorreu a violência e demonstra o grau de aproximação existente entre a vítima e o autor da agressão (Brasil, 2018).

A violência sexual a partir do contexto intrafamiliar compreende-se por meio de situações em que a violência ocorre no próprio ambiente familiar da vítima, e muitas vezes esta forma de violência é perpetrada na casa desta. Esta ocorrência acaba por ser praticada por pessoas que sejam afetivamente próximas à vítima, possuindo ou não laços consanguíneos com esta (Habigzang & Caminha, 2004).

De acordo com Guerra (1998), a violência sexual dentro do contexto intrafamiliar é considerada mediante todo ato ou forma de omissão praticada por familiares da vítima, ou pessoas que fazem parte do círculo de convívio desta. Estas pessoas podem ser pais, parentes, responsáveis ou pessoas que possuem um vínculo forte dentro do ambiente familiar e que exercem uma condição de confiança para com a família.

Este tipo de ocorrência neste contexto envolve a quebra de confiança com as figuras representativas de cuidado dentro do ambiente familiar. Além de degenerar as relações de

convivência e confiança que a vítima deveria obter com as pessoas que estão mais próximas, implicando na transgressão da proteção necessária (De Antoni & Koller, 2002; Santos & Dell’Aglío, 2008).

Esta violência que se materializa nos ambientes familiares de vítimas e autores, é tida como uma espécie de segredo compartilhado entre ambos, sendo a vítima conduzida pela confiança estabelecida com o autor. Portanto, esta violência faz com que a criança e/ou adolescente sintam-se reféns das ocorrências, seja pela confiança, afetividade ou sentimento de pertencimento e obrigação do seu próprio corpo em função do outro, por meio de distorções que são construídas nestes contextos em que a violência ocorre (Furniss, 1993).

Já no contexto extrafamiliar, a violência sexual é comumente cometida por pessoas que são desconhecidas à vítima. Neste sentido, estes autores de agressão que praticam a violência sexual neste ambiente em específico, não possuem nenhum vínculo afetivo e nem de parentesco com a vítima ou sua família, podendo ou não ser conhecido da família (De Antoni, Yunes, Habigzang, & Koller, 2011).

Este tipo de violência em contexto extrafamiliar não ocorre necessariamente no contexto das relações familiares estabelecidas. Estas ocorrências geralmente são ocasionadas por um adulto contra uma criança e/ou adolescente que não possui laços parentais ou consanguíneos com a vítima, sendo predominantemente praticada por alguém conhecido, seja por amigos da família e/ou figuras de autoridade, por representantes de igrejas, associações, escolas, vizinhos e outros (De Antoni, Yunes, Habigzang, & Koller, 2011).

Portanto, sendo a violência sexual um fenômeno complexo e multideterminado, que envolve diretamente vítimas e autores, necessita ser discutido a respeito destes dois pólos (vítimas e autores), que interagem por meio de relações estabelecidas com características e percepções específicas de cada um destes, e que precisam ser consideradas neste trabalho.

Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes

Como se observou, a violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno complexo e de difícil discussão. Ele está enraizado em construções sociais de papéis que foram historicamente elaborados com bases no sistema patriarcal, e seguimentos de correntes tradicionais que tendem a justificar os atos violentos, o uso do poder e da força de forma indiscriminada ao longo do ciclo de vida humano e atinge tanto vítimas quanto autores desta relação (Narvaz & Koller, 2006).

Ainda que a discussão acerca da violência sexual tenha aumentado gradativamente ao longo dos anos, diversos estudos (Habigzang et al., 2008; Habigzang, Azevedo, Koller, & Machado, 2006; Serafim, Saffi, Achá, & Barros, 2011) tem tido como foco, de maneira prioritária, a vítima deste fenômeno. Neste sentido, demorou-se a estudar especificamente os autores de agressão sexual, que eram retratados de maneira secundária nas pesquisas, geralmente por meio de caracterizações sociodemográficas, sendo evidenciados em dados quantitativos acerca do fenômeno (Andrade & Ferreira, 2015; Esber, 2016; Monteiro & Cardoso, 2013).

Em uma discussão feita pelo World Health Organization – (WHO) (1999), evidencia-se que a violência não pode ser compreendida considerando somente a vítima, mas deve abranger vítimas e autores. Dessa forma, é necessário compreender as particularidades de cada comportamento que envolve violência, sejam estas diferenças de força perpetrada, de idade ou de poder, ou ainda pelos efeitos causados na fase de desenvolvimento da vítima.

Sendo assim, ainda que as discussões sobre este fenômeno sejam concentradas nas vítimas (Hohendorff, Habigzang, & Koller, 2017; Rates, Melo, Mascarenhas, & Malta, 2015) há um aumento gradativo de pesquisas que conduzem seus estudos para discutir as características de autores de agressão sexual de crianças e adolescentes (Costa, Rocha, & Cavalcante, 2018; Reis, 2016). Tais pesquisas buscam focar na identificação e compreensão

das características sociodemográficas desses autores, os contextos nos quais estes estão inseridos, as suas trajetórias de vida, as condições onde as práticas de violência sexual foram geradas, e outros aspectos que compõem o ato da agressão.

Entretanto, mesmo com o aumento gradativo dos estudos focalizados nos autores de agressão sexual, de acordo com Costa, Cavalcante e Reis (2018) por meio de um estudo de revisão de literatura, observou-se que as amostras de autores de agressão sexual apresentadas em artigos eram compostas, de maneira predominante por homens que foram sentenciados e que estavam cumprindo pena em meio carcerário. Neste sentido, há de se inferir que esta lacuna existente de pesquisas que estudem os autores de agressão sexual se deve em parte às dificuldades ao acesso direto às pessoas envolvidas no ato ou ainda aos perpetradores.

Assim como, também se pode inferir que esta dificuldade de acesso a estes autores não estudados, ou identificados também se dá mediante a esta demanda encontrar-se em liberdade, não sendo denunciados, ou notificados. Dessa forma, não sendo possível identificá-los de maneira oficial, ou ainda, ter acesso direto a estes, seja por questões voltadas à identificação destes, seja por questões financeiras e outras limitações que dificultam esse acesso.

Atualmente o acesso a essa população de autores de agressão sexual é quase que exclusivamente direcionada à população carcerária, diminuindo a amplitude do acesso a estes autores. Esta população em cárcere possui suas características sociodemográficas bem relatadas pela literatura (Andrade & Ferreira, 2015; Monteiro & Cardoso, 2013), mas não representam a totalidade das características referentes aos autores de agressão sexual que não estão em cumprimento de sentença.

Portanto, a literatura tem apontado a dificuldade em estipular um consenso em determinadas características que possam identificar os autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, mas conclui sobre a existência de diversas características que se diferem de um autor para outro (Costa, 2015; Reis & Cavalcante, 2018; Vieira, 2010). Neste

sentido, pode-se observar que há uma divisão de duas categorias maiores, pelas quais os autores de agressão sexual são classificados em exploradores sexuais e pedófilos, segundo Davidson (2001).

Essa autora declara que a classificação proposta é entendida no primeiro grupo a partir dos autores de agressão sexual enquanto exploradores sexuais, sendo esta categoria composta por autores tanto nos contextos intrafamiliares ou extrafamiliares. Este grupo abrange tanto aqueles indivíduos que se apropriam e fazem uso direto do corpo da criança e/ou adolescente para fins sexuais, na tentativa de obter prazer sexual de maneira individual, assim como, pelos autores que se apropriam por meio de uma relação sexual comercial mercadológica de uma criança e/ou adolescente neste ato pelo estabelecimento de trocas que visa somente o lucro (clientes, aliciadores) (Davidson, 2001).

A outra divisão é uma categoria que integra os autores de agressão sexual enquanto pedófilos. Estes autores são constituintes de uma categoria diagnóstica caracterizados com a presença de impulsos e comportamentos sexuais que são direcionados especificamente por meio da atração e/ou desejo sexual direcionado pelo perfil de crianças e/ou adolescentes (Davidson, 2001).

De acordo com Costa (2015), estes autores de agressão são caracterizados de um modo geral, pela presença constante de fantasias que são despertadas a partir dos estereótipos de crianças e adolescentes. Nos casos em que os autores são considerados pedófilos, estes alegam que para que a ocorrência da agressão seja efetivada o autor deve estar exposto a níveis de estresse elevado, ou envolvido em situações nas quais haja grande pressão psíquica.

Para Davidson (2001), a partir das características de autores de agressão que são investigados, é necessário compreender porque as crianças são violentadas sexualmente, a identidade destes autores de agressão, suas atitudes e as motivações que os conduzem ao ato propriamente dito. Para isso, a partir da diversidade dos autores de agressão sexual, é

necessário compreender o contexto das relações difusas e de longo prazo que são estabelecidas por estes.

E para expandir este perfil de autores de agressão sexual, Vieira (2010) alega que os autores de agressão sexual possuem algumas características específicas, mas que em partes se diferenciam de um indivíduo para outro. Sendo assim, predomina nesta população de autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes e nos seus perfis comportamentos marcados, de uma maneira geral, pela baixa autoestima, em sua maioria, pela vivência em ambientes mais vulneráveis, pela presença de eventos estressores ao longo de sua trajetória de vida, pela dificuldade em relacionar-se com outras pessoas, entre outros aspectos presentes.

Ainda que haja algumas lacunas na composição dos perfis de autores de agressão sexual, no Brasil, um levantamento de dados identificou com propriedade, variáveis que descrevem as características gerais dos autores de agressão sexual. Estas variáveis foram estudadas por meio de registros de atendimentos feitos pelo Disque 100 e são objetivas quanto ao número de notificações, o sexo do autor, a faixa etária deste, o grau de aproximação com a vítima, e outras informações (MDH, 2019).

Pelo Disque 100 (2019), no que se refere à média de idade dos 18 anos aos 60 anos de idade, dados de notificações realizadas nos períodos do ano de 2016 ao primeiro semestre do ano de 2019 informam um total de 246.504 notificações de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. Destas, 66.404 foram realizadas no ano de 2016; 76.334 no ano de 2017; 67.208 no ano de 2018 e 36.558 notificações realizadas no primeiro semestre de 2019, demonstrando algumas oscilações nos dados notificados neste canal em relação à média de idade apresentada (MDH, 2019).

Além dos dados quantitativos referentes às notificações, também no Brasil, a literatura que investigava a respeito do autor de agressão sexual focalizava de forma mais específica em dados baseados em características sociodemográficas (Casarin, Botelho, & Ribeiro, 2016;

Costa, Rocha, & Cavalcante, 2018). Passando a investigar, após um período, por um olhar mais abrangente, outras questões como as distorções cognitivas, as características biopsicológicas e demais aspectos que compõem a violência sexual (Costa, 2015; Moura & Koller, 2008; Pereira, 2011; Reis, 2016).

Em estudos de Meneses, Stroher, Setubal, dos Santos Wolff e Costa (2016), realizado em uma unidade pública de saúde do Distrito Federal se identificou as características sociodemográficas dos autores de agressão sexual de crianças e adolescentes em um grupo composto por 16 participantes com idade entre 27 e 71 anos, com média de idade de 47,8 anos, sendo predominantemente homens. Identificaram-se oito participantes categorizados como trabalhadores formais, três no mercado informal, dois aposentados, e três desempregados, e com escolaridade mais prevalente para o ensino fundamental incompleto (40%).

De acordo com um estudo feito por Habigzang, Koller, Azevedo e Machado (2005), a partir dos processos jurídicos do Ministério Público do Rio Grande do Sul destacado em 90 dos 94 processos jurídicos analisados, o perfil do autor de agressão sexual era identificado com 98,8% destes sendo do sexo masculino. Em 57,4% dos casos registrados, o autor da agressão era o pai da vítima e já em 37,2% deles, padrasto ou pai adotivo. Neste mesmo estudo a maioria dos autores de agressão sexual estava entre 31 anos e 40 anos de idade.

Quando se observam as características contextuais do autor de agressão sexual, em um estudo feito por Soares et al. (2016) em um Serviço de Assistência à Mulher Vítima de Violência Sexual em Teresina - PI identificou-se que 86,1% desses autores de agressão sexual eram pessoas do círculo de convivência da família. Este dado corrobora a identificação de vínculos estabelecidos que os autores de agressão possuem com as vítimas no ambiente imediato em que estas se encontram.

Em pesquisa de Martins e Jorge (2010), com base em 186 casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes no município de Londrina – PR observou-se que 9,9% dos casos tiveram adolescentes de 13 a 14 anos como os autores de agressão contra crianças e adolescentes. Entretanto, 66,1% dos prontuários analisados não apresentavam a situação contextual em que se encontrava este adolescente autor da agressão sexual no momento da agressão, ou se este vivenciou alguma situação de vulnerabilidade ao longo de sua trajetória de vida.

Este achado corrobora para o destaque apontado pela literatura de que adolescentes e jovens também passaram a ser identificados como autores de agressão sexual. É possível identificar por meio de pesquisas recentes (Abaid & Dell’Aglío, 2014; Borges & Zingler, 2013; Martins & Jorge, 2010) que os adolescentes e jovens antes não mencionados na literatura, passam a constituir uma parcela dos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. Sendo assim, as investigações, as pesquisas, e os protocolos de tratamento que antes eram direcionados somente aos adultos desta demanda foram focalizados aos adolescentes e jovens abrangendo de maneira mais específica esta fase do desenvolvimento (Picolini & Hutz, 2014; Van Den Berg, Bijleveld, & Hendriks, 2017).

Para Van Den Berg, Bijleveld e Hendriks (2017), em um estudo desenvolvido na Holanda com 498 adolescentes do sexo masculino que foram sentenciados ao tratamento em uma instituição judicial, a atividade criminal de jovens autores de agressão sexual atinge um pico na adolescência, e de um modo geral, eles cometem mais infrações na adolescência do que na fase adulta. A partir deste estudo pôde se identificar que a taxa de reincidência por crimes sexuais obteve um total de 12% para os casos envolvendo adolescentes, comparando-os com adultos.

Estudos, no Brasil, são ainda incipientes quando se consideram amostras diretamente de autores de agressão adolescentes e adultos e seu comportamento para a constituição de

políticas e práticas voltadas para estes indivíduos. Para McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone e Bromham (2018), embora ambos os grupos (adolescentes e adultos) tenham cometido, na maior parte dos casos, crimes sexuais em um ambiente familiar, os adolescentes têm sido identificados com maior frequência que os adultos quando se consideram as ocorrências de violência sexual em ambientes institucionais, tais como, escolas, serviços de acolhimento institucional, unidades de socioeducação, e em outros ambientes nos quais estes estavam inseridos.

Sendo assim, para os autores McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone e Bromham (2018), os estudos comparativos são úteis para compreender as reais dimensões semelhantes e diferentes da violência sexual praticada durante estes dois grupos etários nos diferentes contextos nos quais estes estão inseridos. Portanto, discutir como o autor da agressão sexual percebe a infância, adolescência e violência sexual contra crianças e adolescentes, torna-se um desafio, especialmente por se tratarem de duas etapas do desenvolvimento que são diferentes entre si.

Esses dois grupos etários investigados podem apresentar semelhanças e diferenças em termos gerais para além da faixa etária, mas por aspectos cognitivos, neurobiológicos e comportamentais, tornando necessário identificar e descrever as percepções destas duas fases do desenvolvimento. Tais estudos se ampliam na medida em que objetivam compreender como essas percepções se constroem e se organizam ao longo do tempo, sendo interessante reconhecer possíveis semelhanças e diferenças entre elas de acordo com o período da vida em que se encontram.

Percepções de autores de agressão sexual sobre a infância, a adolescência e a violência sexual.

Não há como iniciar uma discussão acerca da percepção da infância, da adolescência e da violência sexual, sem antes situar historicamente a emergência de suas definições

conceituais e influência na ciência, nas artes, na educação e na saúde infantil, a partir de uma perspectiva presente em países que servem ao sistema capitalista. Países estes que crescem expostos aos efeitos das várias expressões da questão social, cujas marcas estão nas desigualdades que definem a realidade de muitas famílias em detrimento do aumento da ideologia capitalista (Silveira, 2018).

Do mesmo modo, a própria definição de percepção adotada neste trabalho precisa ser apresentada, introduzindo-a aqui como uma construção histórica, moldada ao longo da trajetória de vida dos indivíduos, que diz respeito à sua capacidade de interpretar as sensações, de modo a formar conceitos sobre o mundo e sobre nós mesmos, orientando assim o nosso comportamento (Martins, 2011).

De acordo com McMahon e Baker (2011), as percepções são caracterizadas como pontos de vista e ideias que são construídas pelas pessoas ao longo de suas trajetórias de vida. Este é um processo pelo qual as pessoas passam a ter conhecimento de si e dos outros que estão a sua volta, por meio do comportamento e da interpretação que fazem da realidade.

Essas percepções que temos sobre nós mesmos e sobre o que nos cerca passa a ser formado ao longo da nossa trajetória de vida, e também passa por transformações durante as fases do desenvolvimento humano. Assim, as percepções sobre a infância, a adolescência e a violência sexual absorveram aspectos do modo que suas definições conceituais foram emergindo e sofrendo modificações no decorrer da história.

Nesse sentido, as percepções que se têm hoje sobre a infância são resultados de um processo histórico marcado pelo debate de ideias, crenças e valores remanescentes de épocas anteriores, mas que pousam sua influência histórica nas construções atuais. A partir dos trabalhos pioneiros de Philippe Ariès (1981), passou-se a discutir que até mais ou menos o século XI a arte medieval desconhecia a infância ou não fazia nenhum esforço para representá-la. Para o autor, era mais provável que não houvesse lugar para a infância neste

contexto, tendo os componentes desta fase as suas características distorcidas ou reproduzidas em uma escala menor, sendo distinguidos dos adultos somente pelos tamanhos reproduzidos nas pinturas.

Para os homens do século X a XI não havia uma definição da imagem da infância, e para eles, esta não despertava nenhum interesse, nem mesmo na realidade objetiva. Nesse sentido, não somente por meio de uma transposição estética, mas também no domínio da vida real, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, cuja lembrança não era recordada (Aries, 1981).

Na sociedade medieval o sentimento da infância não existia do modo como hoje se expressa na atualidade. Não havia consciência da particularidade infantil, esta que distingue essencialmente a criança de um adulto. Sendo assim, na infância a criança logo ingressava na sociedade com os adultos, envolvendo-se e partilhando de seus trabalhos, jogos e não se distinguiam mais destes (Aries, 1981).

Nesta perspectiva histórica, na Europa Medieval, a criança em seu papel exercido no âmbito social e familiar não possuía visibilidade em sua infância, e era desprovida de seus direitos, estando assim, mais vulneráveis às mazelas sociais. Já no Brasil, após uma longa trajetória que experimentou diferentes arranjos, e a partir de uma redemocratização no que tange aos direitos destes indivíduos, é que se intensifica o processo da construção de novas percepções sobre a categoria da infância e adolescência (Brasil, 2016).

Esta atenção direcionada a infância e adolescência só pôde ser notada a partir dos últimos anos do século XIX, quando se passou a dirigir a atenção da sociedade para esta demanda no intuito de corrigir e reprimir tanto crianças e adolescentes denominados neste período de delinquentes e infratores. Ainda que esta percepção fosse direcionada à visão que se tinha destas demandas, a responsabilidade pelas crianças carentes e abandonadas neste período era assumida pela sociedade, que o fazia de forma voluntária e com poucos recursos

para tal, mas como uma forma de reparar alguns dos danos causados a esta demanda (Brasil, 2016).

O cenário social e político no século XX era bastante conturbado no Brasil, e por volta da década de 1930, elaborou-se o Código de Menores, destinado para a área da infância, por meio da criação de internatos e reformatórios, que tinha como objetivo a institucionalização de crianças abandonadas e órfãs. Estes reformatórios tinham como objetivo educá-las, retirando-lhes qualquer tipo de comportamento considerado inapropriado para aquele período e proteger a sociedade da convivência com estas, que eram percebidas estando em uma situação considerada irregular (Brasil, 2016).

Sendo assim, somente por volta da década de 1960 que o Estado decidiu assumir a sua função como principal responsável por gerir as políticas de assistência direcionadas à infância e adolescência, sendo isto concretizado após a aprovação da Declaração Universal dos Direitos da Criança aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Esta passou a orientar, coordenar, fiscalizar e contribuir com as organizações (Brasil, 2016).

Com os avanços que foram surgindo ao longo do percurso histórico, em 1979 criou-se um novo Código de Menores, objetivando que deveriam ser criadas entidades de assistência social e de proteção a esta demanda de crianças e adolescentes percebidos ainda como infratores neste período histórico. Porém, destaca-se mais a frente um novo movimento social que pôs em discussão a eficácia da prática do confinamento, colocando crianças e adolescentes como constituintes e prioridade absoluta, sendo apresentado em 1988 pela Constituição Brasileira (Brasil, 2016).

A educação estabelecida pelo padrão adulto, anteriormente naturalizado, se centralizava e legitimava o uso indiscriminado de práticas violentas contra crianças e adolescentes, como forma de disciplina, colocando estes em condições de inferioridade, sendo esta uma ação que por vezes persiste até a atualidade. Este processo de construção de novas

percepções da infância e adolescência só se tornou mais sólido após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, que visa essa mudança cultural e política cheia de estereótipos sobre esta demanda (Brasil, 2016).

Entretanto, é necessário situar que a percepção do fenômeno da violência sempre existiu, mas de forma muito mais naturalizada na sociedade que a instituiu, em que por muito tempo se permitia fazer o uso indiscriminado da força e do poder contra crianças e adolescentes. Nelas havia maior naturalização e aceitação dessa forma de violência como prática educativa, dentro e fora do ambiente familiar.

Assim, a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabeleceu-se como dever da família, da sociedade e do Estado assegurar com absoluta prioridade a proteção de crianças e adolescentes, considerando o direito à vida, saúde, alimentação, educação, lazer, dignidade, respeito e outras formas de convivência familiar e comunitária. Dessa forma, a percepção da infância e da adolescência passa a identificar e considerar crianças e adolescentes como sujeitos que devem estar a salvo de toda a forma de violência (ECA, 1990).

Nesse sentido, de acordo com Eliachef (2007), ocorreram muitas mudanças na percepção da infância e adolescência por indivíduos e grupos, especialmente no que diz respeito ao seu papel social, à sua posição no âmbito da família e nas relações estabelecidas com adultos. Suas demandas que anteriormente não possuíam nenhuma visibilidade passaram a ser percebidas após um longo período, por meio de legislações promulgadas, com uma necessidade de proteção para crianças e adolescentes em fases tão importantes do desenvolvimento, passando a ser a proteção um direito destas e um dever do Estado e da família.

A transformação das percepções que se tinham da infância e adolescência passou a incorporar um novo sentido, e esta transformação não se deu somente no âmbito do Brasil,

mas também foi ganhando força em outros países. Além disso, essas percepções construídas ao longo do tempo ainda se mantêm vivas em alguns casos, tanto na forma subjetiva, quanto em níveis práticos, nas dimensões constituintes de cada sociedade, mas que foram sofrendo modificações (Brasil, 2016).

Ao longo dos últimos 30 anos, após a promulgação do ECA, a percepção destas categorias ganhou mais significado no mundo como um todo, com a criação de aspectos jurídicos, nacionais e internacionais, no que se refere à sua priorização. Por meio da ONU estabeleceram-se obrigações universais que dizem respeito ao cuidado e proteção da infância e adolescência no mundo (Brasil, 2016).

Após esses feitos, as percepções que se tinham do que é a infância e a adolescência foram sofrendo muitas modificações no decorrer do tempo. Em particular, a ideia de que a infância abrange a criança como um ser em formação, imperfeito e incompleto, que necessitava da disciplina e da correção de um adulto para formá-la em modelos de vida pré-determinados historicamente, foi sendo questionada. Já a adolescência passou a ser percebida como uma fase mais próxima da vida adulta, com conceitos e conhecimentos mais formados, mas que ainda se encontrava em processo de formação e dependência de um adulto (Castro, 2016).

A adolescência não apenas sofreu uma extensão desta percepção de formação, como também contém elementos constitutivos da experiência juvenil e de seus conteúdos. Esta fase era encarada apenas como uma preparação para a vida adulta, mas com o tempo passou a adquirir e constituir um sentido em si mesmo ao longo do tempo (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Mattos Silves, 2010).

No século XIX, a adolescência era percebida como uma fase crítica do desenvolvimento humano. Este momento era considerado pela sociedade como uma fase de transição com maiores fatores de risco em potencial e que eram gerados não somente para o

indivíduo, mas para a sociedade como um todo (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Mattos Silvaes, 2010).

Esta perspectiva posta sobre a vida de crianças e adolescentes desconsiderava estes indivíduos como sujeitos históricos, dotados de capacidade para modificar o seu meio e ser dialeticamente modificados. Estes eram considerados apenas passivos, e não indivíduos ativos na sua própria existência social. Estas transformações podem ser estabelecidas por meio das relações com os seus semelhantes, assim como, pela interação com adultos ao longo de suas trajetórias de vida (Castro, 2016).

Neste sentido, essa percepção passa a ser transformada para atentar às especificidades próprias inerentes a cada criança e adolescente como sujeitos de direitos nessas fases do desenvolvimento, construindo uma nova percepção da identidade da criança e do adolescente desta sociedade contemporânea na infância e na adolescência. Sociedade esta que passa a ser construída e permeada por meio da indústria da informação, coberta de questões culturais, econômicas, de lazer e também de consumo, colocando em questão a subjetividade da sua auto percepção, assim como, a percepção construída pelo outro por meio das relações estabelecidas ao longo do tempo, que podem ser ressignificadas em contextos diferentes e específicos (Salles, 2005).

Entretanto, mesmo com os avanços que ocorreram ao longo da história sobre a perspectiva da infância e da adolescência e a percepção que se tinha destas, ainda há dificuldades no que tange à proteção e prioridade destinada a crianças e adolescentes. Atualmente a sociedade ainda manifesta uma percepção muito amparada pela visão distorcida sobre o que são e o que representam a infância e a adolescência na sociedade como já mencionamos (Vieira, Oliveira, & Sókora, 2017).

Dessa forma, identifica-se que não é possível captar toda a complexidade do que de fato significa objetivamente e subjetivamente ser criança ou adolescente, e de como as fases

da infância e adolescência são percebidas pela sociedade em geral. Mas que apesar das transformações sociais que ocorreram e que continuam ocorrendo ao longo do processo histórico, as percepções geradas anteriormente não podem ser totalmente descartadas, pois podem contribuir diretamente para a construção de um ideal que se aproxime ainda mais da condição de total prioridade que esta demanda requer.

Outro ponto a ser destacado é que além de sair da invisibilidade social, estas crianças e adolescentes passaram a tornar visíveis também as mais diversas formas de violência perpetradas contra elas, especialmente a violência sexual. Sendo assim, a visibilidade a este fenômeno se deu por um lado mediante as mudanças acerca das percepções construídas pelas sociedades sobre a sexualidade humana, e por outro lado pela percepção da infância e da adolescência que foi sendo construída ao longo do tempo (Azevedo & Guerra, 2000).

Ademais, a violência sexual praticada contra essa demanda passa a ser visualizada como um fenômeno complexo que requer aprofundamento teórico e científico, a partir de uma análise atualizada da percepção que se tem das vítimas. Do mesmo modo, a percepção da violência sexual do ponto de vista do autor dessa forma de agressão, compreende que a sua forma de captar o fenômeno também pode sofrer alterações e que ocorre ao longo da sua trajetória de vida.

Além disso, como principal recorte deste trabalho, tem-se o dado de que os estudos que investigam percepções sobre a violência sexual têm aumentado de maneira gradativa (McMahon & Baker, 2011; O'Neil & Morgan, 2010). Entretanto, tais estudos ainda são considerados incipientes na literatura, havendo maior parte das investigações na literatura internacional, mas por meio de pesquisas que focam diretamente na percepção das mães das vítimas, percepção da violência doméstica, a percepção da população em geral ou ainda a percepção de especialistas que trabalham e discutem este fenômeno (De Antoni, Yunes, Habigzang, & Koller, 2011; Levenson, Brannon, Fortney, & Baker, 2007).

Para isso, focalizando nas percepções da violência sexual, em um estudo de McMahon e Baker (2011) que discute as mudanças das percepções sobre este fenômeno ao longo do tempo, destaca-se a importância de se investigar o modo como os aspectos que causam a violência sexual e os impactos que tem sido percebido pelos autores dessa forma de agressão. Neste estudo, as mudanças nas percepções são visualizadas por meio do aumento da consciência pública, pelos serviços prestados aos envolvidos e por meio de pesquisas que buscam compreender o fenômeno e programar uma educação de prevenção em todas as comunidades.

As percepções, especialmente quando são discutidas na perspectiva da violência sexual contra crianças e adolescentes, passam a ser concebidas por meio de atitudes e crenças construídas pelas pessoas ao longo de suas trajetórias de vida. Nesse sentido, pode-se afirmar que estas também regem como é percebida tanto a vítima quanto o autor de agressão sexual nos seus contextos de desenvolvimento (McMahon & Baker, 2011).

Mesmo com este cenário, como já mencionado, ainda há poucos estudos na literatura nacional a respeito dessas percepções, além disso, os estudos apontam que a sociedade possui uma visão incorreta da realidade da violência (Levenson, Brannon, Fortney, & Baker, 2007; McMahon & Baker, 2011). Alguns autores como Katz-Schiavone, Levenson e Ackerman (2008) enfatizam que há uma distinção entre as percepções da população em geral, da percepção dos autores de agressão sobre a violência, e conseqüentemente da percepção que se tem sobre os tratamentos direcionados a estes.

Como exemplo, pode-se citar um estudo múltiplo de Sanfelice e Antoni (2010) com três homens entre 34 e 56 anos de idade condenados e privados de liberdade por crime de abuso sexual contra crianças e adolescentes, em um presídio do interior do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. No estudo, buscou-se investigar as percepções do autor de agressão sexual sobre a sua própria sexualidade, assim como a sua percepção sobre a violência sexual

cometida. Nos resultados deste estudo, evidenciou-se que eles só percebem ou declaram a ocorrência da violência sexual quando esta se deu mediante algum tipo de violação física, assumindo a autoria do ato somente os casos em que os autores fizeram o uso da força física para consolidar a agressão (Sanfelice e Antoni, 2010).

Neste mesmo estudo, Sanfelice e Antoni (2010) identificaram por meio da percepção dos autores de agressão sexual que para estes autores não há abuso sexual no caso de crianças e adolescentes, pois na percepção do próprio autor de agressão este é um ato consentido, no qual considera a vontade e o consentimento da vítima para que ocorra. São evidenciados em seus relatos, o namoro e intercurso sexual precoce, naturalizando em seus relatos a violência sexual cometida, desconsiderando a existência de qualquer tipo de culpa ou responsabilização pelo ato.

Para outros autores (Polanczyk, Zavaschi, Benetti, Zenker, & Gammerman, 2003), crianças e adolescentes que vivenciaram atos de violência em seu cotidiano, sendo destes suas vítimas diretas, por terem testemunhado algum tipo de violência ou convivido com pessoas que sofreram alguma violação, tendem a desenvolver uma dessensibilização emocional relacionada à violência. Estas passam a perceber este fenômeno como um componente normal da realidade, passando a reagir com naturalidade diante disto e incorporando estes atos violentos aos seus contextos culturais e sociais.

Igualmente, a partir de vários contextos que podem ser abordados, apresentam-se dentre as várias formas de violência já discutidas que são cometidas contra o ser humano, a violência sexual sendo a forma menos denunciada por meio dos órgãos de notificação. Isso se dá mediante também a percepção da sociedade acerca deste fenômeno, tais como a visão de que a sexualidade humana ainda é considerada um tabu, sentimentos de culpa, vergonha, estigma, e outros fatores que colaboram de forma direta na construção dessa percepção, e sobre o que pensa a sociedade (Inoue & Ristum, 2008).

Esta sociedade a partir de sua percepção tende a valorizar as marcas físicas expostas após os atos de violência cometidos contra crianças e adolescentes, mesmo que muitas das formas de violência não sejam visíveis ou não deixem resquícios aparentes na vítima. Da mesma forma que esta tende a ter essa percepção da violência vinculada às marcas que são expostas, também falha na percepção da ação de violência sexual cometida contra o adolescente, vinculando muitas das vezes esta violação ao meio de indução praticada, consentimento da vítima e facilitação da violência sofrida, culpabilizando o adolescente pelo ocorrido (Neves, Castro, Hayeck, & Cury, 2010).

Dessa forma, as percepções a partir dos sistemas culturais, imaginários e simbólicos representam processos históricos, resultantes a partir das relações sociais estabelecidas, em determinados períodos e contextos ao longo do tempo (Faleiros, 2009). Nessa direção, Bronfenbrenner (2011) argumenta que para que uma pessoa possa se desenvolver é necessário que esta se desenvolva intelectual, emocional, social e moralmente, construindo uma participação ativa em interações mais complexas e recíprocas com pessoas, objetos e símbolos, capazes de estimular ou inibir o seu desenvolvimento, assim como formar as suas percepções sobre o mundo que a cerca.

Conforme Salles (2005), as relações estabelecidas entre crianças, adolescentes e os adultos se instituem a partir dos sistemas culturais nos quais estes estão inseridos e são diretamente influenciados por eles. Todas as mudanças que ocorrem neste meio social e cultural afetam e também modificam a percepção de infância e adolescência e da violência sexual na sociedade.

Dessa forma, passa-se a explorar um novo jeito de perceber e compreender a infância e a adolescência, por meio das relações estabelecidas com a criança, o adolescente e as práticas de violência sexual, influenciando diretamente na visão e na forma em que estes indivíduos e categorias se constroem de maneira individual e coletiva. Portanto, as

construções, concepções, percepções e ações que são permeadas pelos sistemas existentes nesta dinâmica social, podem vir a contribuir para a transformação contínua dessa percepção da infância, da adolescência e da violência sexual ao longo da trajetória de vida.

Para Paludo, Ferreira e Vega (2017), essa dinâmica social existente na contemporaneidade, as relações e percepções além de sofrer mudanças também pode levar crianças e adolescentes a situações de extrema vulnerabilidade e expor a fatores de risco que acabam por permanecer dentro de uma invisibilidade destas. Isso se dá não somente a partir dos parâmetros das desigualdades socioeconômicas, mas também pelos tabus, pelo meio cultural que expande à relativização e estigmatização das violências praticadas e vivenciadas por essas vítimas.

Dentro deste padrão há uma grande ocorrência de percepções que relativiza as situações de violência cometidas contra crianças e adolescentes, e que por vezes, constrói uma visão distorcida do papel de prioridade desta demanda, quando estes têm seus direitos fundamentais violados, ou quando são negligenciados onde deveria haver proteção, especialmente quando se trata da ocorrência de violência sexual no próprio ambiente familiar da vítima (Medeiros, 2013).

Esta visão distorcida dentro da perspectiva da sociedade acaba por relativizar as situações de violência perpetradas contra crianças e adolescentes, quando estes não são considerados sujeitos de direitos, mas como objeto de desejo sexual de um adulto. Esta percepção da infância e adolescência muitas vezes se construiu norteadas por meio das perspectivas denominadas de machistas, patriarcalistas e adultocêntricas, que formam ideias e visões em cada sociedade sobre essas fases do desenvolvimento e demais componentes da sociedade e em como estes conduzem seu comportamento (Medeiros, 2013).

A construção dessas percepções, especialmente da violência de maneira distorcida pode-se justificar por meio do que a literatura aponta como distorções cognitivas. Dessa

forma, as distorções cognitivas passaram a ser compreendidas como crenças disfuncionais e mal adaptativas que podem estar diretamente relacionadas com a percepção que o indivíduo tem sobre outras pessoas, sobre si mesmo e o mundo que o cerca (Moura & Koller, 2008). Ou seja, diferentes pessoas podem estabelecer acesso a uma mesma informação ou experiência ao longo da trajetória de vida e, ainda assim, construírem crenças e percepções muito diferentes sobre estas.

De acordo com Reis e Cavalcante (2019), o pressuposto básico que destaca as distorções cognitivas compreende que autores de agressão sexual apresentam ideias, percepções e visões distorcidas do modo como pensam e interpretam a si mesmos, o mundo que o cerca e as relações estabelecidas com os outros em sociedade, justificando por vezes certos comportamentos. Neste sentido, estes adultos autores de agressão sexual tendem a justificar ou até mesmo negar as suas práticas por meio de percepções distorcidas acerca do próprio comportamento (Nunes, 2012; Silva, 2013; Reis & Cavalcante, 2019; Vieira, 2010).

Mas é válido considerar que essas percepções podem mudar ao longo do tempo, e que as distorções cognitivas remetem à constituição de um forte e influente sistema de crenças e percepções distorcidas. Tal sistema visa explicar ou até justificar as diferentes formas de pensar dos autores de agressão sexual nesse campo e o quanto podem considerar legítimas as relações sexuais que envolvem crianças e adolescentes (Reis, 2016; Vieira, 2010).

Em outros estudos (Costa, Zoltowski, Koller, & Teixeira, 2015; Krindges, Macedo, & Habigzang, 2016; Nunes & Jung, 2012; Ward, Hudson, & Marshall, 1994), destaca-se que as distorções cognitivas estão entre as principais características presentes nas descrições biosociodemográficas dos autores de agressão sexual, e tendem a influenciar de maneira significativa nas percepções acerca da violência sexual praticada e na forma de se relacionar com os outros. Entretanto, é válido considerar que as distorções cognitivas não são o objeto central da investigação apresentada neste trabalho, mas reitera-se a importância da discussão

desta categoria acerca dos autores de agressão sexual, que necessita de pesquisas que visem o aprofundamento dos conhecimentos acerca destas.

Portanto, identificar as percepções e a forma que elas vão sendo construídas ao longo do processo histórico e do ponto de vista de diferentes grupos etários, especialmente de autores de agressão sexual, confirma a necessidade de se conhecer a visão que estes possuem sobre esta violação. Deste modo, demonstra-se o quanto tais percepções podem afetar a vida, tanto das vítimas quanto dos autores, no sentido de potencializar o real sentido e as reais consequências negativas que este ato tem sobre o outro. Estas percepções mantêm por vezes, o ciclo da violência e influenciam na apreensão de outros fenômenos sociais e psicológicos correlatos.

Os trabalhos que discutem a percepção acerca da violência sexual têm sido em muitos aspectos relevantes por permitirem chamar a atenção do público para este fenômeno e a importância dos inúmeros esforços para acabar com os estereótipos que estão na base de uma visão distorcida acerca deste e dos seus protagonistas (vítimas e autores). Estabelece-se a ideia de que os autores de agressão sexual devem ser duramente punidos e de que somente as vítimas devem ser alvo de atenção (Miyahara, 2011).

Nesses termos, considera-se não somente a atenção voltada para a vítima, mas também para os autores da agressão sexual perpetrada. Entende-se ser necessário conhecer de forma mais aprofundada suas trajetórias de vida, identificando nelas situações de negligência e vulnerabilidades sociais que podem ter influenciado, em algum grau, no seu processo desenvolvimental, criando condições favoráveis à manifestação por esses indivíduos do ato agressivo (Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020).

As formas em que as percepções de violência sexual pela sociedade têm evoluído ao longo dos anos são recobertas de mudanças positivas que ocorreram a partir das atitudes da própria sociedade em relação à infância e adolescência, tanto quanto à violência sexual.

Relacionar as percepções de adolescentes e adultos autores de agressão sexual sobre violência sexual às suas características biopsicossociais nos diferentes grupos etários poderá fornecer um campo que atinja necessidades de atendimento futuras para esta demanda, assim como, desenvolver ainda mais a compreensão sobre este fenômeno.

Essas percepções podem revelar uma multiplicidade de fatores que tornou possível a expressão da violência por meio de atos de agressão sexual. Neste sentido, é válido considerar a interação que pode existir entre os diferentes aspectos, sendo eles, fatores pessoais, contextuais, processuais, temporais e socioculturais que atingem diretamente a construção das percepções sobre infância, adolescência e violência sexual nesses indivíduos.

Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano na pesquisa com autores de agressão sexual

A partir do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner (2011) buscaram-se subsídios teóricos para a discussão das características biopsicossociais e das percepções dos autores de agressão sexual sobre infância, adolescência e violência sexual, sendo estes adolescentes e adultos. Este modelo propôs o estudo das características da pessoa, do processo, do contexto e do tempo, de maneira interdependente, buscando compreender o desenvolvimento dos autores de agressão sexual ao longo de suas trajetórias de vida, a interação com os ambientes nos quais estão inseridos, e principalmente as suas percepções sobre a violência sexual.

O estudo científico do desenvolvimento humano é marcado pelo compromisso em compreender objetivamente as dinâmicas de relações estabelecidas entre o indivíduo em desenvolvimento e os mais diversos e integrados níveis ecológicos nos quais este está inserido. Este modelo é marcado por uma teoria centrada na temporalidade histórica, a partir dos processos relacionais entre pessoa-contexto, considerando as mudanças que atravessam os

sistemas ecológicos, objetivado pela ideia de que os indivíduos influenciam a sua ecologia tanto quanto são influenciados por esta (Bronfenbrenner, 1996, 2011).

Em suas proposições, Bronfenbrenner (2011) destaca de maneira objetiva que tanto nas fases iniciais da vida de uma pessoa, mas também nas fases subsequentes, o desenvolvimento humano se destaca pela presença e existência de interações que sejam recíprocas, progressivamente mais complexas entre um organismo biopsicossocial em atividade e as pessoas, objetos e símbolos que se fazem existentes em seu ambiente mais imediato.

Outro ponto destacado por Bronfenbrenner (2011) é que para que esta interação seja recíproca, esta deve ocorrer uma base regular, em períodos estendidos de tempo, por meio do que se denominam processos proximais. Neste sentido, é que se promovem as interações e que torna possível promover o curso da vida humano, com um desenvolvimento que seja de fato eficaz para cada um dos indivíduos nos diferentes grupos etários.

Outro fator que colabora para a compreensão dos aspectos constituintes das percepções dos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes é abrangido pelas proposições de Bronfenbrenner, mas aqui iremos tratar somente da Proposição I da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Esta destaca que um elemento crítico é a experiência, considerando as características cientificamente relevantes de qualquer contexto, incluindo dessa forma, não somente as suas condições objetivas, mas também a maneira pela qual essas experiências vivenciadas são entendidas subjetivamente, ou seja, percebidas pelas pessoas que compõe esse ambiente (Bronfenbrenner, 2011).

A partir do Modelo bioecológico, os elementos tanto objetivos quanto subjetivos são apontados como os principais componentes que são responsáveis por dirigir o percurso do desenvolvimento humano. Porém, para Bronfenbrenner (2011) nenhum desses elementos por si só é capaz de ser suficiente para o desenvolvimento humano, e estes quase nunca

funcionam na mesma direção. Ademais, é importante compreender a natureza de cada uma dessas forças dinâmicas, seja pela forma fenomenológica ou pela experiencial.

Dessa forma, por meio do olhar fenomenológico, é possível ver um maior vínculo no âmbito das relações com o ambiente. Este é percebido e modificado pelos seres humanos nos estágios sucessivos nos diferentes grupos etários. Já quando se discute a experiência, esta se vincula diretamente à esfera subjetiva dos sentimentos que continuam ao longo da trajetória de vida, sendo caracterizados assim, por mudanças ou estabilidade (Bronfenbrenner, 2011).

Assim, Bronfenbrenner (2011) destaca que a força fenomenológica encontra-se frequentemente ligada aos aspectos que se constituem com relação ao ambiente, que são percebidos e que podem ser modificados pela pessoa em desenvolvimento nos diferentes estágios do ciclo de vida, desde a infância, até a velhice. E quando se trata da força experiencial, essa se vincula aos aspectos que constituem a esfera subjetiva, por meio de percepções, dúvidas ou crenças pessoais, que podem se destacar com estabilidade ou mudanças ao longo da trajetória de vida.

Neste sentido, pode-se dizer que todas as experiências vivenciadas pelos autores de agressão sexual ao longo de suas passagens dos diferentes grupos etários podem passar a contribuir diretamente para a construção objetiva e subjetiva de como as suas experiências são apreendidas por estes. Sendo assim, isto também influenciará diretamente em como estas experiências irão refletir em suas futuras ações em relação a si mesmo, e em relação a outras pessoas, assim como, as modificações e a estabilidade de suas percepções sobre o mundo que o cerca.

Sendo assim, a partir desta apreensão e na forma em que isso contribui para a construção das suas percepções, é possível identificar como o autor de agressão sexual percebe a infância, a adolescência e a violência sexual. O processo de apreensão subjetiva das

experiências vivenciadas ao longo da trajetória de vida pode contribuir na visão que se tem sobre este fenômeno de maneira direta.

Desta forma, entender a trajetória de vida dos autores de agressão sexual, é compreender de maneira objetiva que este caminho é permeado por processos psicológicos e sociais que podem aumentar a chance da prática da violência. Assim como é possível compreender as suas concepções e/ou percepções que são construídas e transformadas ao longo do processo de desenvolvimento e podem estar ligadas aos aspectos contextuais, processuais ou temporais ao longo da trajetória de vida da pessoa em desenvolvimento.

Para Bronfenbrenner (2011), o modelo que surgiu como centralidade em seus estudos destacava quatro componentes que estão interligados entre si denominados PPCT, sendo estes, o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo. Juntos, esses quatro elementos constituem a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner. Neste trabalho, a partir destes elementos constituintes do Modelo Bioecológico, será caracterizado cada um desses componentes que auxiliarão no processo de construção dos aspectos que estão ligados à percepção do autor de agressão ao longo de sua trajetória de vida. Além de que, será possível compreender a formas em que esses elementos estão interligados entre si na construção e transformação das percepções que estes têm sobre si e sobre os outros.

O primeiro componente denominado de Processo é identificado como o desenvolvimento que envolve diretamente a fusão e a dinâmica de relação entre o indivíduo e o contexto. Este abrange os particulares elementos do estabelecimento de formas de interação entre o organismo com o ambiente. Chama-se, portanto de processo proximal para os elementos que operam ao longo do tempo e situam-se como mecanismos primários que são capazes de produzir o desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2011).

Este componente recebe destaque como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento da pessoa, pois também engloba as ligações entre os diferentes níveis

ecológicos e se acha constituído pelos papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento. Dessa forma, para que a pessoa se desenvolva intelectual, emocional, social e moralmente, deve haver participação ativa em interações mais complexas, recíproca com pessoas, objetos e símbolos no ambiente imediato. Além disso, para ser efetiva, deve ocorrer em uma base bastante regular e em períodos estendidos de tempo (Bronfenbrenner, 2011).

O outro componente denominado Pessoa refere-se a esta como um ser biopsicossocial que é considerado a partir do seu repertório individual, onde este carrega as suas características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais. Este elemento é constituído pelo fenômeno de constâncias e mudanças na vida da pessoa em desenvolvimento ao longo de sua trajetória de vida. Esta por sua vez, considera as características do indivíduo, as suas convicções, percepções, níveis de atividade, temperamento, entre outros aspectos. Sendo estes elementos que possuem impacto direto na maneira pela qual os contextos são experienciados pelas pessoas, assim como, na maneira pela qual os outros lidam com esta (Bronfenbrenner, 2011).

Neste componente da Pessoa há três tipos de características que são consideradas como mais influentes para moldar o desenvolvimento humano. Estas características são denominadas de disposições, essas disposições são responsáveis por ativar os processos proximais em um domínio particular do desenvolvimento, movimentando e sustentando a sua operação. A segunda característica é denominada de recursos bioecológicos de capacidade, conhecimento, experiência e habilidade, que são caracterizados como necessários para o bom funcionamento dos processos proximais estabelecidos em um determinado estágio do desenvolvimento e para que estes sejam efetivos. E por fim, as características de demanda, que são responsáveis por convidar ou desencorajar as reações derivadas do contexto social que podem fomentar ou interromper as operações dos processos proximais. A junção dessas

características é capaz de explicar as diferenças na direção e na força dos processos proximais no processo de desenvolvimento da pessoa (Bronfenbrenner, 2011).

Já quando se trata do componente denominado de Contexto, este se refere ao meio ambiente global em que o indivíduo está inserido e onde ocorre e se desenrolam os processos do desenvolvimento humano. Este contexto abrange a definição como níveis ou sistemas entrelaçados da ecologia do desenvolvimento humano – micro, meso, exo, e macro (Bronfenbrenner, 1996).

O microssistema que compõem este contexto é definido como um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais, onde a pessoa em desenvolvimento interage em relações face a face, sendo o complexo de relações entre a pessoa e o ambiente imediato. Quando se refere ao mesossistema se destaca a inter-relação entre dois ou mais ambientes em que a pessoa em desenvolvimento participa ativamente, como por exemplo, os ambientes da escola e da casa, podendo ser formado ou ampliado sempre que ela passa a fazer parte de novos ambiente, como a composição de um conjunto de microssistemas (Bronfenbrenner, 1996).

Já outro componente do elemento do contexto, surge o exossistema, que consiste na aliança entre dois ou mais ambientes, mas neste caso, a pessoa em desenvolvimento não é participante ativa, mas podem ocorrer eventos que a afetem ou vice-versa. Por fim, o componente do macrossistema, que é considerado um contexto que envolve todos os outros ambientes, formando uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para outra. Este contexto é capaz de influenciar a natureza das interações de todos os outros níveis ecológicos (Bronfenbrenner, 1996, 2011).

O componente Tempo é conceituado como um fator que envolve as dimensões de temporalidade, constituindo assim o que o próprio autor (Bronfenbrenner, 2011) denomina de cronossistema, fator esse que modera as mudanças ao longo da trajetória de vida nos

diferentes grupos etários da pessoa em desenvolvimento. Este elemento pode ser entendido como o desenvolvimento no sentido histórico, em como ocorrem às mudanças nos eventos na vida da pessoa em desenvolvimento, devido às pressões sofridas e pelas experiências vivenciadas.

O tempo é outro fator importante para a consideração de análise dos aspectos dirigidos pela percepção de autores de agressão em relação às práticas sexuais realizadas contra crianças e adolescentes. Por meio do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (2011) pode-se visualizar o paradigma da percepção em vias do cronossistema. E para se tentar estudar este eixo, é necessário um delineamento de pesquisa transversal, em que os resultados possam ser comparados entre diferentes grupos de indivíduos que foram/são expostos a uma determinada experiência nos diferentes grupos etários, podendo assim visualizar quais as possíveis semelhanças e diferenças entre eles.

De acordo com Bronfenbrenner (2011), ao longo do desenvolvimento humano, os indivíduos inevitavelmente crescem, amadurecem e se modificam, e ao mesmo tempo, as suas sociedades também passam por transformações dentro de suas estruturas, comunidades, redes sociais, famílias e relações interpessoais. Assim é necessário que o investigador possa mapear essas transformações, acompanhando as possíveis mudanças ocorridas no desenvolvimento humano em diferentes grupos etários a partir dos indivíduos e de seus contextos (Bronfenbrenner, 2011).

Todas as modificações que ocorrem ao longo das transições no desenvolvimento tanto de adolescentes, quanto para os adultos envolvem estágios de transição que são permeados de percepções que se desenvolvem juntamente à pessoa, e que possivelmente conduz as suas práticas e construções da realidade feitas pelo indivíduo na condução da sua trajetória. Em um nível substancial não apenas as pessoas do mesmo grupo etário partilham de uma história de vida de experiências comuns, mas as de uma determinada idade em diferentes gerações

podem ter experiências muito diversas, dependendo do período em que viveram (Bronfenbrenner, 2011).

Neste sentido, cada fase do desenvolvimento de autores de agressão sexual possui um aspecto importante que compõem as suas percepções e as mudanças que ocorreram nesta. Considerar cada fase com as suas particularidades e envolver todos os elementos que as constitui pode possibilitar a identificação das percepções constituídas como objeto de estudo e a compreensão da relação destas com as características biopsicossociais desses indivíduos. Dessa forma, considerou-se neste trabalho a relação entre as percepções dos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes pertencentes a dois grupos de fases diferentes do desenvolvimento humano (adolescentes e adultos).

Portanto, a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano buscou-se especificamente caracterizar biopsicossocialmente adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, identificando suas percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual e organizando-as de acordo com as análises do seu conteúdo nos dois grupos etários. Pretendeu-se, no âmbito geral, relacionar as percepções desses adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência às características biopsicossociais presentes nos dois grupos etários.

Objetivo Geral da Pesquisa

Investigar a relação entre percepções de adultos (+ 18 anos) e adolescentes (12 a 18 anos) autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais presentes nos dois grupos etários.

Objetivos Específicos

- ✓ Caracterizar biopsicossocialmente adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes;
- ✓ Identificar suas percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual e organizá-las de acordo com as análises do seu conteúdo nos dois grupos etários;
- ✓ Relacionar as percepções desses adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual às características biopsicossociais encontradas nos dois grupos etários.

Método Geral

Este trabalho é constituído por dois estudos distintos, mas interligados, que têm o objetivo comum de relacionar as percepções sobre infância, adolescência e violência às características biopsicossociais em dois grupos amostrais independentes. Assim, um dos estudos foi realizado com adultos autores de agressão sexual e o outro com adolescentes na mesma condição.

Por fim, após a finalização dos dois estudos discutiu-se a relação existente entre as percepções de adolescentes (12 a 18 anos) e adultos (+18 anos) autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual às suas características biopsicossociais como indivíduos e grupos etários; A partir dos resultados obtidos nos dois estudos, apontaram-se as possíveis semelhanças e diferenças no modo de perceber a violência sexual entre estes dois grupos etários.

Estudo I. Adultos Autores de Agressão Sexual: Características Biopsicossociais e suas Percepções sobre Infância, Adolescência e Violência.

Introdução

O fenômeno da violência apresenta-se como um problema de saúde pública, pois afeta a saúde individual e coletiva dos indivíduos envolvidos, causando sofrimento físico e psicológico a estes. Trata-se, portanto, de um fenômeno com dimensão social, caracterizado pelo uso da força física, do exercício do poder e da manipulação. A violência também se caracteriza por situações em que alguém age contra si mesmo, ou contra outro indivíduo, grupos ou até mesmo comunidades, podendo assim gerar danos físicos e psicológicos (Nunes & Sales, 2016).

De acordo com Odalia (2017), esta violência, que se faz presente ao longo da trajetória de vida de muitos indivíduos e famílias, pode se estabelecer de diferentes formas, em distintos contextos, a partir de múltiplas motivações e circunstâncias. Em sua face mais imediata e sensível, ela se revela como uma forma de agressão, que atinge principalmente mulheres adultas, crianças, adolescentes e idosas.

Nesse sentido, é importante dar destaque às principais formas de violência perpetradas por meio de diferentes condutas e comportamentos. Estas são apresentadas na vida e na rotina especialmente de crianças e adolescentes e demonstradas por meio da violência física, violência psicológica e violência sexual (MDH, 2019).

De acordo com o Disque 100, a partir dos registros realizados no ano de 2019, o grupo de crianças e adolescentes representou 55% do total das denúncias (14% superior relacionado ao dado apresentado no ano de 2018), o equivalente a 86.837 casos. Pode-se, assim, concluir que este grupo se encontra em maior situação de vulnerabilidade no país (MDH, 2019), sendo este um achado importante nas análises feitas com o conteúdo dessas denúncias.

Outro dado apresentado por este serviço de atendimento (MDH, 2019) destacou as principais formas de violência sofridas por crianças e adolescentes, sendo estas a negligência

(38%), violência psicológica (23%), violência física (21%) e violência sexual (11%). Em comparação ao ano anterior, os dados também sofreram aumentos dos casos denunciados.

De acordo com Martins e Jorge (2010), dentre as formas de violência mais frequentes a violência física se caracteriza por atos que causam lesões corporais na vítima. Já a violência psicológica abrange o âmbito da agressão emocional, que se materializam por meio de ameaças, rejeição, humilhações, insultos, e outros. E por fim, a violência sexual, que é caracterizada por indução ou obrigação da criança e adolescente a presenciar e/ou participar de atos que envolvam relações sexuais com adultos que fazem uso da força e do poder.

Assim, passa-se a dar enfoque à violência sexual praticada contra crianças e adolescentes, concebida como um fenômeno que possui profundas raízes históricas, não sendo possível considerá-lo como um ato isolado de agressão. Ao contrário, trata-se de um fenômeno que passou por diversas adaptações, assumindo as suas percepções diversas formas e manifestações em diferentes épocas e sociedades (Santos, Farias, & Rocha, 2015).

Portanto, este fenômeno ocorre em todas as esferas culturais que perpassam a realidade e os extratos sociais. Este atinge todas as classes sociais, abrangendo as relações desiguais e assimétricas existentes entre homens, mulheres, adultos, crianças, mas também outros segmentos da sociedade que são diretamente confrontados por este fenômeno (Brasil, 2018).

Ao se tratar das relações de violência, em especial nos casos de violência sexual, identifica-se que as práticas deste tipo de violação acabam por degenerar as relações e o desenvolvimento de crianças e adolescentes, sendo comumente apresentadas por meio de lesões corporais, desenvolvimento de culpa na vítima, depressão, ansiedade, medo, agressividade, transtorno do estresse pós-traumático, e outros (Hohendorff & Patias, 2017). Estas ações praticadas contra crianças e adolescentes acabam desrespeitando e infringindo

diretamente os seus direitos como cidadãos e indivíduos dotados de escolhas (OMS & Krug, 2002).

Neste sentido, historicamente as pesquisas sobre fenômeno da violência sexual têm sido voltadas prioritariamente para aspectos investigativos que cercam as vítimas (Hohendorff, Habigzang, & Koller, 2017; Rates, Melo, Mascarenhas, & Malta, 2015). Entretanto, mais recentemente, nota-se um aumento gradativo de estudos acerca dos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, que focalizam os aspectos e características constituintes destes indivíduos (Costa, Rocha, & Cavalcante, 2018; Reis, 2016).

Sendo assim, os estudos (Andrade & Ferreira, 2015; Esber, 2016; Monteiro & Cardoso, 2013) que tratavam especificamente dos autores de agressão sexual têm se multiplicado, mas ainda de maneira muito incipiente. Esta população geralmente era retratada nas pesquisas de maneira secundária, geralmente por meio de caracterizações sociodemográficas, dando ênfase aos dados quantitativos do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes.

Dessa forma, surgiu a necessidade de gerar novos estudos acerca dos autores de agressão sexual, neste caso, sobretudo adultos que realizaram este tipo de violação, a fim de identificar aspectos das suas características biopsicossociais, questões relacionadas às suas trajetórias de vida, percepções acerca dos próprios fenômenos e demais aspectos que compõem a pessoa do autor de agressão sexual de maneira aprofundada em seus contextos imediatos.

Assim, em pesquisa realizada por Martins e Jorge (2010), a partir de 186 casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes no município de Londrina – PR verificou-se que dos autores de agressão sexual, 97,3% eram do sexo masculino. Destes autores, 25,4% estavam na média de 40 anos de idade ou mais, e 21,5 %, com média de 30 a 34 anos. Deste

total, 30,1% referiam-se ao padrasto da vítima, demonstrando este como vínculo mais presente nos atos observados.

De acordo com o Disque 100 (MDH, 2019), autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes possuem geralmente uma faixa etária distribuída entre 18 e 59 anos de idade, com uma concentração de 93% do total dos casos denunciados no ano de 2019. Entretanto, a maior faixa de concentração do adulto está entre os 25 e 40 anos de idade, com cerca de 57% dos casos atendidos pelo canal de denúncias. Portanto, a idade adulta marca neste caso, a maior prevalência da condição dos autores de agressão sexual representada nestes dados.

Nessa perspectiva, se torna um desafio investigar e discutir como o adulto autor de agressão sexual percebe as categorias (infância, adolescência e violência sexual), especialmente dando ênfase nesta fase do desenvolvimento e na trajetória de vida ao longo das fases anteriores e subsequentes, incluindo a percepção do próprio fenômeno praticado, e em como este espera que a fase da adultez seja vivenciada.

Para Pimenta (2007), os termos ‘ser adulto’ e ‘adultez’ remetem à fase do desenvolvimento na qual a pessoa constrói mais nitidamente responsabilidades sobre si próprias, sobre os seus atos e sobre outras pessoas. Nela, o indivíduo encara um conjunto de responsabilidades e assume cada uma delas de maneira consciente. Assim, a fase adulta na perspectiva do desenvolvimento humano é tanto um conceito, como um modo de ser, por meio de comportamentos socialmente reconhecidos, em que se espera obtenção de maior maturidade e mudanças de atitudes, menor impulsividade, mais autocontrole, alterações na percepção acerca da manifestação dos fenômenos sociais e outros.

A adultez é reconhecida e configurada a partir dos processos de autoconstrução identitária e pelos processos socialmente estruturados, seja pela construção que o indivíduo faz da sua própria identidade, seja pela identidade para o outro. Igualmente, essa fase de inserção na adultez implica diretamente na incorporação de novos papéis socialmente

instituídos e atribuídos a uma nova situação de vida para a pessoa em desenvolvimento (Mendonça et al., 2009; Mendonça, 2007; Pimenta 2007; Sousa, 2010).

De acordo com Mendonça (2007), o sentido de responsabilidade é percebido como o aspecto mais vinculado ao que se espera e percebe um adulto. Esta categoria se refere à capacidade para decidir e assumir as consequências dos seus atos, e assumir determinados papéis de um adulto, tanto no âmbito profissional como familiar. Dessa forma, as mudanças operadas no adulto incluem acumular experiências, começar a obter consciência dos próprios atos e problemas, pensar em terceiros, perder a ingenuidade e compreender uma nova maneira madura de perceber a si, assim como, os fenômenos sociais e psicológicos que permeiam o mundo (Mendonça, 2007; Pimenta, 2007; Sousa, 2010). A identidade adulta é construída tanto pelo indivíduo que reconhece em si a condição de adulto, como pela interação social com diferentes instâncias que reconhecem as capacidades socialmente atribuídas à pessoa percebida como madura e responsável.

Assim, compreendem-se as percepções como construções históricas que são moduladas ao longo da trajetória de vida dos indivíduos como um todo, e que se vinculam diretamente à sua capacidade de absorver, de maneira objetiva e subjetiva, as sensações a partir das suas vivências. Desse modo, os indivíduos passam a formar as suas percepções com base em conceitos e visões sobre o mundo que o cerca e sobre eles mesmos, criando assim, a percepção e a capacidade de reger o próprio comportamento (Martins, 2011).

Assim, as percepções da violência sexual dos adultos autores de agressão sexual podem também sofrer distorções cognitivas, e essas são caracterizadas como crenças disfuncionais e mal adaptativas que podem estar vinculadas diretamente com a percepção que o indivíduo constrói ao longo de sua trajetória de vida sobre si e sobre os outros (Moura & Koller, 2008). Neste sentido, diversas pessoas podem obter acesso a uma mesma informação e experiência, e ainda assim, construir percepções muito diferentes sobre estas.

Por conseguinte, assume-se que as percepções apresentadas sobre infância, adolescência e violência sexual são resultados de um longo processo histórico, marcado por mudanças e transformações que vieram de tempos anteriores, mas que também refletem sua influência nas construções e percepções atuais sobre estas categorias (Ariès, 1981; Brasil, 2016; Eliachef, 2007).

A partir disso, este estudo ancorou-se nos pressupostos teóricos do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner (1996, 2011). Vislumbra-se, assim, o aparato das dimensões que compõem a análise da Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT), e que permite compreender o processo de desenvolvimento que abrange toda a sua trajetória de vida, permeado pelas relações estabelecidas ao longo do cronossistema.

Para Bronfenbrenner (2011), o desenvolvimento humano é um fenômeno que abrange o estudo das mudanças e continuidades das características biopsicológicas de um indivíduo ou de grupos. Para ele, esse fenômeno se estende ao longo da trajetória de vida humana por meio das sucessivas gerações e ao longo da trajetória histórica, tanto no passado quanto no presente.

O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (2011) abarcou, neste estudo, a visão do desenvolvimento que se constitui por meio da experiência que precisa ser vinculada conforme a percepção apreendida pelo indivíduo, tanto em sua expressão objetiva, mas especialmente, a apreensão subjetiva das suas vivências.

Desse modo, este estudo possui como objetivo investigar a relação entre percepções de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (+18 anos). Portanto, é necessário compreender que esta fase do ciclo de vida implica em características próprias

que devem ser objeto de atenção, sendo o adulto a pessoa que experimenta diariamente as mudanças de acordo com o contexto histórico e social no qual está inserido.

Assim, avançar em investigações acerca do adulto autor de agressão sexual contra crianças e adolescentes significa pesquisar características da população mais presente nas notificações de violência dos últimos anos (MDH, 2019), assim como, visa aumentar pesquisas que conduzam seus estudos para discutir as características biopsicossociais desta população, e suas percepções sobre os fenômenos sociais que permeiam suas trajetórias de vida.

Por conseguinte, enfatizou-se com base em estudos retrospectivos (Costa, 2015; Costa, Rocha, & Cavalcante, 2018; Ferraz, 2021; Reis, 2016; Reis & Cavalcante, 2018) que captaram aspectos da trajetória de vida destes adultos autores de agressão sexual, dados sobre as fases da infância e adolescência que confirmam a presença de experiências objetivas e subjetivas que permearam o processo de desenvolvimento destes. Buscou-se, portanto, investigar aspectos da percepção da infância, adolescência e violência sexual, tomando como pressuposto aspectos da trajetória de vida (desenvolvimento na infância e adolescência), na compreensão da construção das percepções.

Neste sentido, escolheu-se a região Norte do país, mas especialmente Comarcas localizadas nos municípios do Estado do Pará (Belém, Ananindeua e Castanhal) que compõem a Mesorregião Metropolitana de Belém. Assim, o avanço no campo da pesquisa sobre a violência sexual dentro destes contextos paraenses surge como uma estratégia necessária para o enfrentamento desse fenômeno com o intuito de compreender as percepções que emergem na fase adulta destes autores de agressão e em como estas se associam em algum nível às características biopsicossociais dos participantes.

Desse modo, assume-se ser possível identificar as percepções de indivíduos deste grupo etário (+18 anos) acerca da infância, adolescência e violência e organizá-las de acordo com a análise do seu conteúdo, relacionando-as com suas características biopsicossociais.

Objetivo Geral

Investigar a relação entre percepções de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (+18 anos).

Objetivos Específicos

- ✓ Caracterizar biopsicossocialmente adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes;
- ✓ Identificar suas percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual e organizá-las de acordo com a análise do seu conteúdo;
- ✓ Relacionar as percepções desses adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual às características biopsicossociais (idade, escolaridade e violências sofridas) deste grupo etário (+18 anos).

Delineamento da pesquisa

O delineamento desta pesquisa é de natureza empírico-descritiva. As pesquisas descritivas têm como objetivo principal identificar as características de determinada população ou fenômeno, ou assumir possíveis relações entre as variáveis existentes (Gil, 2008). Desta forma, este estudo procurou relacionar as percepções dos adultos autores de

agressão sexual sobre violência sexual às suas características biopsicossociais, considerando as variáveis existentes neste grupo etário de autores.

Esta pesquisa também possui um caráter retrospectivo, pois se baseia em dados e em fatos que já ocorreram no passado a partir da técnica de análise de entrevista semiestruturada, tomando como partida a análise do conteúdo das transcrições do áudio das entrevistas. Deste modo, esta adota uma abordagem de caráter quantitativa-qualitativa dos dados.

Para Fonseca (2002), quando se utiliza a pesquisa qualitativa em conjunto com a pesquisa quantitativa, é possível colher um maior número de informações do que se alcançaria de maneira isolada. Neste trabalho, a pesquisa quantitativa foi realizada devido a utilização do *Software Iramuteq 0.7 alpha 2*, que realiza o tratamento de dados coletados nas entrevistas, contabilizando a frequência das palavras e utilizando também o método inferencial do Qui-Quadrado (X^2), que é caracterizado por um teste de hipóteses destinado para encontrar um valor de dispersão por duas variáveis nominais.

Os métodos de pesquisas qualitativas trazem como contribuição ao trabalho uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos. Esta tem como objeto de estudo a possibilidade concreta de explicação das diferentes manifestações da realidade e investigação de aspectos subjetivos presentes na vida dos participantes (Mussi, Mussi, Assunção, & Nunes, 2019; Neves, 1996).

Contexto da pesquisa

As entrevistas foram realizadas nos anos de 2015 e 2016 pelos integrantes do Grupo de Estudos de Autores de Violência (GEAV), vinculado ao Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED), por meio do projeto de pesquisa “Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes em Mesorregiões do Estado do Pará: Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial”, com apoio do CNPq. Para a realização deste estudo,

trabalhou-se com o banco de dados dessas entrevistas que foram transcritas e checadas pelos integrantes do GEAV/LED para o acesso e o manuseio do banco de dados, a partir de 2019.

Para que fosse possível a realização da pesquisa solicitou-se autorização prévia à Superintendência do Sistema Penitenciário do Estado do Pará (SUSIPE), atualmente denominada Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP), por meio de ofício para o acesso às unidades prisionais localizadas na Mesorregião Metropolitana de Belém (Belém, Ananindeua e Castanhal). Esta pesquisa foi realizada pelo GEAV/LED e executada em três unidades prisionais geridas pela SUSIPE/SEAP. A primeira denominada Centro de Recuperação do Coqueiro (CRC) que se trata de um estabelecimento penal que abriga especificamente homens que já receberam sentença condenatória por crimes cometidos. A segunda foi a Central de Triagem Metropolitana II (CTM II) que se trata de um centro de detenção provisório, que abriga especificamente homens submetidos à prisão preventiva, ou que já passaram pela sentença condenatória, mas ainda aguardam a liberação de vagas em presídios ou em centros de recuperação da região. E por fim, o Centro de Recuperação Regional de Castanhal (CRRCA), que é destinado para abrigar presos com penas definitivas e provisórias dos municípios da microrregião de Castanhal e outros municípios (SUSIPE, 2019).

Ambiente da coleta

O ambiente onde as entrevistas foram realizadas constituiu-se de salas de diferentes setores das unidades prisionais selecionadas. Primeiramente na unidade do CRC, as entrevistas ocorreram em uma sala reservada onde eram realizados os atendimentos feitos pelos Defensores Públicos, e nesta sala havia duas mesas e três cadeiras disponíveis para o uso da equipe.

No CTM II as entrevistas foram realizadas na sala da direção da unidade. Nesta sala havia duas mesas e cinco cadeiras disponíveis para utilização da equipe responsável por conduzir as entrevistas. Já no ambiente disponibilizado no CRRCA as entrevistas foram realizadas na sala utilizada pela equipe multiprofissional da unidade. Nesta sala a equipe pôde utilizar duas mesas e duas cadeiras ao longo da realização das entrevistas nesta unidade.

Ao longo da duração das entrevistas realizadas nas unidades prisionais os pesquisadores ficaram exclusivamente na companhia dos participantes nas respectivas salas, e em alguns momentos os agentes penitenciários entravam na sala para verificar se havia alguma necessidade de proteção e segurança dos pesquisadores e/ou dos entrevistados.

Priorizou-se a realização da entrevista em um único encontro, mas em alguns momentos isto não foi possível devido à extensão do roteiro de entrevista e o curto tempo para realizá-las nas unidades. Sendo assim, em alguns casos, as entrevistas ocorreram em dois encontros para que esta fosse finalizada. Em todas as unidades prisionais visitadas a privacidade prevista nos cuidados éticos foi realizada com êxito.

Participantes

Participaram do projeto mais amplo 30 autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, sendo estes do sexo masculino, com idade igual ou superior a 18 anos, que tinham em andamento processos que tramitaram ou foram julgados em Varas de Crimes contra Crianças e Adolescentes. Neste período eles cumpriam pena nas unidades prisionais da mesorregião selecionadas e foram escolhidos de acordo com os critérios de exclusão e inclusão pré-determinados por Reis (2016).

Para o recorte desta pesquisa, foram selecionados dez dos 30 autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes desta coleta, sendo esta escolha justificada pelo volume extenso que compõem o conteúdo das transcrições das entrevistas. Objetivou-se,

com isso, oferecer maior aprofundamento e compreensão das dez transcrições selecionadas. Além disso, obedeceu-se aos critérios de inclusão e exclusão dos participantes estabelecida: todos devem ser do sexo masculino, com igual ou idade maior que 18 anos (fase adulta). Os participantes devem estar livres de perturbações psicóticas (transtorno antissocial, esquizofrenia, depressão grave, e outros), assim como, terem ausência de síndrome cerebral orgânica – AVC ou qualquer condição médica grave que o impossibilite de realizar a entrevista de maneira objetiva.

A seleção das entrevistas transcritas realizou-se por meio de sorteio a partir da amostra total. Com esse procedimento, objetivou-se delimitar mais a amostra que era extensa para uma pesquisa com abordagem qualitativa e atender aos critérios estabelecidos.

Instrumentos e Materiais

Formulário para Caracterização Biopsicossocial do Autor e da Vítima de Agressão Sexual

Este formulário (Apêndice A) foi construído pelos integrantes do GEAV/LED (anteriormente denominado EASCA) do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento – LED, com base em estudos de Habigzang, Koller, Azevedo e Machado (2005). Este tem como objetivo identificar e realizar a caracterização biopsicossocial, tanto de vítimas quanto de autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes.

A partir deste formulário, extraíram-se para este trabalho os dados de identificação dos autores de agressão sexual, por meio da coleta de informações para traçar a caracterização biopsicossocial destes. Este instrumento é dividido em vários itens correspondentes a cada etapa de caracterização dos participantes. Assim, as características biopsicossociais investigadas e consideradas para análise neste trabalho foram idade, escolaridade, as violências sofridas por estes participantes e o grau de severidade da prática cometida.

Entretanto, as características do grau de severidade da prática cometida não foram utilizadas na discussão da percepção da violência sexual dos adultos autores de agressão sexual participantes da pesquisa e sua relação com as características biopsicossociais, haja vista, a ausência de informações acerca dessa característica nas entrevistas transcritas. Assim, uma parcela destes adultos autores de agressão sexual não assume a prática do ato cometido, dificultando a identificação do seu grau de severidade e diminuindo conseqüentemente o nível de inferência desta informação no trabalho para discussão.

Por conseguinte, obteve-se a idade do autor da agressão à época da pesquisa e não no ato do crime; no mesmo item de caracterização identificou-se a escolaridade do autor de agressão sexual à época em que este foi levado ao cárcere. Extraiu-se ainda do formulário dados sobre os fatores de risco vivenciados ao longo da trajetória de vida do autor e que podem estar associados ao ato de agressão pesquisada, assim como, se este sofreu algum tipo de violência ao longo de sua infância e/ou adolescência. E por último, utilizou-se o item de severidade e gravidade da agressão sexual, onde é possível identificar o grau de severidade utilizado pelo autor na prática da violência sexual contra a vítima, destacando as características empregadas neste ato.

Igualmente, para a identificação do grau de severidade, adotou-se o termo *hands on* - referente a ações caracterizadas pelo uso de contato sexual com penetração e/ou emprego da força e coerção severa para obtenção da relação sexual; e *hands off*, caracterizado por ações sem penetração, que não executaram contenção da vítima e/ou não fizeram uso da força física para a obtenção da prática sexual (Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho, Rosa, & Pereira, 2018; Lussier & Healey, 2010).

Roteiro de entrevista semiestruturada

Para a coleta de dados referente deste estudo foi utilizado também como instrumento o Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Apêndice B). Este instrumento foi elaborado a fim de descrever e analisar dados relativos à trajetória de vida dos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, sendo este também elaborado pelos membros do GEAV/LED/UFGA.

O roteiro de entrevista semiestruturada é composto por nove eixos e estes contemplam perguntas abertas, sendo divididos da seguinte forma: a primeira parte é composta pela identificação do autor de agressão sexual, o segundo eixo refere-se à sua caracterização sociofamiliar a partir dos membros que compõem o seu núcleo de convivência. A partir do terceiro ao quinto eixo o roteiro se divide em perguntas referentes aos campos de saúde, educação e violência, dos quais este autor de agressão vivenciou ao longo de sua vida. O sexto eixo refere-se à entrevista sobre os ciclos de vida, e traz perguntas referentes às relações estabelecidas na infância, na adolescência e na vida adulta do participante, fazendo menção aos episódios bons e ruins que porventura foram vivenciados por estes nas suas trajetórias de vida. O oitavo eixo, que neste instrumento refere-se a perguntas sobre a sexualidade e, em seguida, o nono eixo que traz questões referentes à rede de apoio presente na vivência destes autores.

Por fim, o instrumento engloba uma entrevista cognitiva com perguntas mais abertas, para que o participante pudesse verbalizar mais a respeito de algumas questões sobre o seu ciclo de vida e expor a sua percepção sobre questões como a agressão sexual cometida contra crianças e adolescentes, o crime ao qual foi sentenciado, e outras abordagens que conduzem ao foco da entrevista.

A partir disto, os itens e perguntas do roteiro que foram utilizados para a análise das percepções neste trabalho foram: o item de identificação, a fim de obter dados como a idade

do autor de agressão e sua escolaridade. Utilizou-se também o item de violência, para apreender informações sobre os tipos de violência que podem ter sido vivenciadas por estes autores de agressão ao longo de suas trajetórias de vida.

Foram utilizadas também questões sobre os ciclos de vida tais como: “Fale-me sobre a sua infância”, “Que lembranças você tem da sua infância?”, “Como era ser uma criança nesta família?”, “Fale-me de você, como um adolescente”, “Como era ser um adolescente nesta família?”. E por fim, na entrevista cognitiva, utilizou-se com primazia questões como: “O que você acha que é uma agressão? Exemplifique” e “O que você acha que é uma agressão sexual? Exemplifique”.

Materiais: Gravador de Mp3

Para o registro de áudio dessas entrevistas, utilizou-se o modo de gravação em Mp3, por meio de um aparelho gravador de áudio Sony (IC Record, ICD-PX 240). As entrevistas foram gravadas e após esse procedimento, foram transcritas e checadas pelo GEAV/LED.

Procedimentos de coleta

Os procedimentos de coleta de dados por meio do exame dos prontuários para o preenchimento do formulário para caracterização biopsicossocial e da realização da entrevista com homens sentenciados, foram iniciados a partir da solicitação prévia para autorização e acesso às unidades prisionais da SUSIPE/SEAP. A partir da liberação do acesso às unidades e possíveis participantes foi realizado um encontro inicial com cada participante, com o intuito de apresentar os aspectos relacionados à pesquisa, o objetivo desta, assim como, a solicitação do recolhimento de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes que aceitaram participar da pesquisa, sendo disponível uma cópia para o grupo e uma para o entrevistado.

Esse momento foi mediado pelos pesquisadores do GEAV/LED. As entrevistas tiveram duração média de 120 minutos por participante. A partir do roteiro de entrevista disponibilizado aos pesquisadores, foi possível gravar os relatos dos participantes onde estes discorreram sobre seus ciclos de vida, fazendo menção aos eventos que os marcaram nas diferentes fases, sendo estes positivos ou não.

Vale ressaltar que este procedimento de coleta de dados foi realizado por membros do GEAV/LED nos anos de 2015 e 2016, a partir de procedimento descrito em trabalho anterior de Reis (2016), que possibilitou reconhecer diferentes formas de olhar para o fenômeno da violência e identificar as variáveis de estudo que podem contribuir no esclarecimento das questões colocadas pelos pesquisadores.

E por fim, a coleta e a análise de dados deste presente trabalho foram realizadas nos anos de 2019, 2020 e 2021, a partir da produção desta dissertação, mediante o acesso e o manuseio do banco de dados do GEAV/LED/UFGA que reúne o conteúdo das entrevistas realizadas e transcritas pelo grupo.

Procedimentos de análise

Os formulários para caracterização biopsicossocial dos adultos autores de agressão sexual foram preenchidos de acordo com as informações coletadas nos prontuários dos participantes e as entrevistas foram transcritas para um arquivo em branco no Programa de *Microsoft Word* pelo grupo GEAV/LED. Após a transcrição, foram selecionados alguns integrantes do GEAV/LED que não tiveram contato direto com a aplicação do formulário e do roteiro de entrevista para que as transcrições fossem checadas e sinalizadas como regulares para o manuseio dos dados pelos pesquisadores que iriam utilizá-los, por meio de acesso ao banco de dados.

Para os procedimentos direcionados neste estudo, foi realizada primeiramente uma pré-análise dos formulários e das entrevistas transcritas para verificar por meio deste primeiro contato com os documentos, quais os autores de agressão sexual que se encaixavam nesta categoria por meio da faixa etária de adultos (+18 anos), e que estavam de acordo com os critérios de inclusão da pesquisa. Após essa etapa, realizou-se a seleção das entrevistas utilizadas de maneira aleatória, por meio de sorteio a partir da amostra total selecionada.

Foram realizadas três tipos de análise neste estudo. Primeiramente, por meio da estatística descritiva foi realizada a caracterização biopsicossocial dos adultos autores de agressão sexual, por meio da ferramenta *Microsoft Excel 2010*, pela estatística descritiva. Posteriormente para a identificação da percepção sobre as categorias infância, adolescência e violência sexual, utilizou-se o *Software Iramuteq*. E por fim, para apontar o modo de perceber a violência sexual pelos adultos participantes da pesquisa e sua relação com as características biopsicossociais associadas a esse grupo etário, foi utilizada a classe da percepção da agressão sexual gerada pelo *Software Iramuteq* e realizada a análise com os dados descritos das características biopsicossociais geradas pelo *Microsoft Excel 2010*.

Análise da caracterização biopsicossocial

Nesta fase de análise, gerou-se no *Microsoft Excel 2010* o registro do número dos participantes em termos percentuais, assim como, a média, o desvio padrão e a mediana pela ferramenta utilizada. Sendo assim, realizou-se a caracterização biopsicossocial de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, destacando a investigação de características como a idade do autor, a sua escolaridade, quais as violências que este sofreu ao longo da sua trajetória de vida e o grau de severidade da violência praticada.

Assim, criou-se, portanto uma figura, onde se pôde registrar essas características biopsicossociais e a identificação de cada participante respectivamente. Escolheu-se o dado da

média de idade para fazer a discussão da análise da categoria idade, visando abranger as diferentes idades apresentadas pelos participantes dentro desta fase adulta. Identificou-se as escolaridades apresentadas nas características, as formas de violência vivenciadas por estes, tanto quanto, o grau de severidade verbalizado por estes no conteúdo das entrevistas transcritas.

Análise da identificação das percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual.

O *Software Iramuteq 0.7 alpha 2* é uma ferramenta estatística que realiza análise textual, este *software* é ancorado pelo programa estatístico *R* e pela linguagem *python*. Esta ferramenta estatística permite o tratamento do conteúdo dos textos, possibilitando gerar análises de similitude, classificação hierárquica descendente, nuvem de palavras, e outras formas de análises (Camargo & Justo, 2013; 2016). Assim, no *Iramuteq* é possível considerar as aproximações ou afastamentos (associações e dispersões) das categorias analisadas pelo pesquisador em cada classe gerada, e que são objetivadas nos trechos das entrevistas transcritas, sendo possível sistematizar os resultados evidenciados pela frequência das palavras em cada classe e pelo Qui-Quadrado (X^2).

Para esta análise, foi realizada primeiramente a exploração do material a partir das entrevistas selecionadas, utilizando a análise de conteúdo de Bardin (1977), por meio da observação e organização do material coletado. De modo exploratório, identificaram-se aspectos relacionados especificamente aos objetivos do estudo no conteúdo das transcrições das entrevistas. Assim, foram propostas categorias que podiam responder mais efetivamente aos objetivos deste estudo.

Esses procedimentos de análise de conteúdo de Bardin (1977) são destacados desde a leitura flutuante do material selecionado até a formação de categorias de análise que podem ser agrupadas para responder, descrever e/ou demonstrar o que se pretende analisar no

conteúdo dessas transcrições para posterior submissão do conteúdo textual ao *software*, e a formação das linhas de comando que foram utilizadas na análise.

Desta forma, o conteúdo extraído das entrevistas transcritas, representadas pelas falas dos participantes que foram entrevistados nas unidades prisionais da SUSIPE/SEAP foi organizado em um único arquivo de texto no *Microsoft Word*, que é denominado de *corpus*. Este *corpus* é utilizado para a organização das entrevistas utilizadas na análise, e esta etapa de construção do *corpus* é caracterizada pela limpeza do texto extraído das entrevistas transcritas, padronizando a linguagem *python* utilizada no *software*, e os termos abrangidos para que possa ser realizada uma análise que é posteriormente submetida ao *Software Iramuteq 0.7 alpha 2*.

O *corpus* é composto somente por respostas que foram dadas pelos participantes entrevistados, para que não haja repetição e interferência do entrevistador nas respostas e na análise proposta, gera-se o número total de ocorrências corretamente. Assim como, padroniza-se a linguagem do material, pois, caso o *corpus* (ST) esteja fora do padrão do *software*, este acaba por não reconhecer o arquivo submetido, ou não fazer a leitura correta dos dados que devem ser analisados. Posteriormente, estes relatos foram organizados no *corpus* por linhas de comando codificadas e representadas por cada um dos participantes da pesquisa, por meio de uma análise monotemática para que esta pudesse ser submetida.

Após a limpeza do *corpus*, os segmentos de texto foram submetidos ao *Iramuteq* para poder gerar a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) também denominada Método de Reinert, definindo primeiramente o idioma que seria utilizado para análise, neste caso, em português e a utilização do dicionário padrão do *software*. Posteriormente, definiu-se a propriedade chave da análise, onde se eliminou artigos definidos, artigos indefinidos e advérbios, possibilitando assim, a padronização dos segmentos de texto e a padronização da análise gerada.

Escolheu-se a análise CHD gerada pelo *software*, mediante esta ser um dos procedimentos mais utilizados pelo *Iramuteq*, e por esta realizar uma análise de agrupamentos (*clusters*) em que os segmentos de texto (ST's) são particionados em função da coocorrência de formas lexicais nos enunciados submetidos. Dessa forma, permite-se obter uma classificação estável, em que os ST's são divididos em classes lexicais de forma mais homogênea (Camargo & Justo, 2013, 2016).

Além disso, esta análise realizou testes de Qui-Quadrado (X^2), possibilitando identificar o grau de associação entre os elementos (palavras) com os grupos lexicais aos quais estes foram agrupados. Com isso, identificaram-se os elementos em suas respectivas classes que possuíam maior ou menor aproximação apresentadas em um Dendograma em suas palavras mais mencionadas e características.

Análise do modo de perceber a violência sexual e a sua relação com as características biopsicossociais.

Para a realização desta análise, utilizou-se a classe 4 referente à percepção da agressão sexual dos participante da pesquisa. Esta análise foi gerada pelo *Software Iramuteq 0.7 alpha 2*, e realizou-se também a análise a partir dos dados descritos das características biopsicossociais que foram organizados no *Microsoft Excel 2010*, a fim de identificar as possíveis diferenças e semelhanças da percepção relacionadas às características biopsicossociais neste grupo etário.

Cuidados Éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado segundo o parecer do Núcleo de Medicina Tropical (NMT) / Universidade Federal do Pará (UFPA) emitido em 15/05/2014 registrados no processo de número 650.210 (Anexo A).

Resultados e Discussão

Com intuito de atender os objetivos deste trabalho, esta seção apresentará os resultados do Estudo I. Estes resultados foram divididos em três eixos: o primeiro traz a caracterização biopsicossocial de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, dando ênfase nas informações da idade, a escolaridade, as violências sofridas e o grau de severidade do ato praticado. O segundo eixo consistiu na análise das percepções sobre as categorias (infância, adolescência e violência sexual), a partir da CHD gerada pelo *Software Iramuteq*; e por fim, o terceiro eixo que aponta o modo de perceber a violência sexual pelos adultos participantes da pesquisa e sua relação com as características biopsicossociais associadas a esse grupo etário.

Caracterização biopsicossocial de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes

Este eixo traz a apresentação da caracterização biopsicossocial dos autores de agressão sexual, por meio das categorias (idade, escolaridade, violências sofridas e grau de severidade do ato praticado) que serão apresentadas na Figura 1. Desta forma, em relação à variável etária, os resultados obtidos a partir da caracterização biopsicossocial de adultos autores de agressão sexual (N=10) demonstraram que 09 (90%) destes autores possuíam idade superior a 30 anos, com média de 38,8, mediana de 35 e desvio padrão de 9,25. Os participantes possuíam idade mínima de 29 anos e máxima de 55 anos. Neste sentido, é possível considerar que estes se encontravam em uma média de idade com maior amplitude nesta fase do desenvolvimento.

Quanto à escolaridade, verificou-se que 05 (50%) participantes não chegaram a concluir o ensino fundamental, constando em ensino fundamental incompleto; 01 (10%) cursou o ensino médio incompleto e 03 (30%) conseguiram cursar e completar o ensino médio ao longo da trajetória de vida e/ou após adentrar ao cárcere. Destes participantes

apenas 01 (10%) teve acesso ao ensino superior incompleto, sendo este cursado após a entrada no cárcere.

Em relação às violências vivenciadas ao longo da trajetória de vida destes adultos autores de agressão, foram encontradas quatro formas consideradas mais frequentes (MDH, 2019; OMS & Krug, 2002), violência física, violência psicológica, negligência e violência sexual. É possível afirmar que todos os participantes (n=10) vivenciaram situações de violência ao longo das suas trajetórias de vida, evidenciadas, especialmente, nos seus ambientes familiares. Dentre essas diferentes formas de agressão, identificou-se que todos os participantes sofreram violência física; 08 (80%) vivenciaram situações de violência psicológica; e 05 (50%) participantes sofreram algum tipo de negligência ao longo de suas trajetórias de vida. Por seguinte, demonstrou-se também que 06 (60%) participantes vivenciaram ao longo da infância e adolescência situações de violência sexual, praticadas em maior parte por membros da família, ou pessoas com algum vínculo de parentesco com estes.

Por fim, destaca-se, na Figura 1, o grau de severidade da prática cometida pelos autores de agressão contra as vítimas, sendo estas informações evidenciadas por meio da categorização que se denomina neste trabalho por *hands on*. Neste sentido, 04 (40%) autores assumem a prática de violência sexual cometida contra as vítimas com *hands on*; 04 (40%) autores não assumem a prática cometida, destacando em suas falas a negação do ato, e 02 (20%) destes assumem não se recordar do ato cometido, por estarem acometidos pelo efeito de álcool e outras drogas, dificultando a identificação do grau de severidade. Esses resultados foram organizados e apresentados na Figura 1.

P	Idade (+18 anos)	Escolaridade	Violência Física (Sim/Não)	Violência Psicológica (Sim/Não)	Negligência (Sim/Não)	Violência Sexual (Sim/Não)	Grau de Severidade (Sim/Não)
P1	44 anos	Ensino Médio Completo	Sim	Sim	Não	Sim	Não
P2	49 anos	Ensino Médio Completo	Sim	Sim	Não	Não	Não assume o crime
P3	29 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
P4	31 anos	Ensino Médio Incompleto	Sim	Não	Não	Não	Sim
P5	31 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim	Sim	Sim	Não	Não
P6	38 anos	Ensino Médio Completo	Sim	Não	Não	Não	Sim
P7	47 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim	Sim	Sim	Sim	Não se lembra dos fatos
P8	32 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
P9	55 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim	Sim	Não	Sim	Não
P10	32 anos	Ensino Superior Incompleto	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Figura 1. Quadro de Caracterização Biopsicossocial de Adultos Autores de Agressão Sexual contra Crianças e Adolescentes

De maneira geral, os dados referentes a esta população pesquisada revelam ainda a presença de características heterogêneas entre os adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. Esses resultados evidenciam que, apesar da literatura sinalizar que elas são diversas, mais pesquisas são necessárias quando se pretende demonstrar quais características podem sugerir a existência de semelhanças nesta população (Costa, 2015; Reis & Cavalcante, 2018; Vieira, 2010).

Discussão das características biopsicossociais de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes

Ainda que estas características possam apresentar-se heterogêneas, ao analisar os resultados obtidos na Figura 1, observa-se que os dados apresentados a partir da amostra total presente neste estudo, é caracterizado por homens adultos, que possuíam média de idade superior a 30 anos, com baixa escolaridade, e que sofreram ao longo de suas trajetórias de

vida situações de violência, especialmente vivenciadas nos seus respectivos ambientes familiares.

Evidencia-se que todos os participantes da pesquisa apresentavam à época da coleta de dados idade superior a 18 anos, sendo possível identificá-los como adultos no início ou no final da adultez. Ressalta-se aqui que a adultez como a fase do desenvolvimento desses autores de agressão sexual pesquisados, é marcada por diferentes tipos de indicadores que evidenciam a fase adulta mediante características do âmbito demográfico, biológico/maturacional, em âmbito individual e psicológico, sendo este capaz de assumir responsabilidades e tomar decisões sozinhas (Mendonça, 2007).

Neste sentido, os dados apresentados corroboram com outros achados na literatura, que destacam que os autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes apresentam uma média de idade superior a 30 anos (Habigzang, Koller, Azevedo, & Machado, 2005; Martins e Jorge, 2010; Meneses, Stroher, Setubal, dos Santos Wolff, & Costa, 2016).

Em estudo de revisão sistemática (Reis & Cavalcante, 2018), identificou-se na produção científica nacional e internacional que a população de autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes estudada é representada em maior parte por homens adultos, custodiados em regime fechado, estando estes entre 25 a 50 anos de idade. Neste sentido, a faixa de idade apresenta-se de maneira ampla nos dados dos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, mas estas são demonstradas em maior parte com forte concentração na faixa etária de 30 a 50 anos, representando a média de idade dos autores que executaram esta prática nesta fase do desenvolvimento (adultos).

Estes dados também corroboram o estudo descritivo e de corte transversal de Martins e Jorge (2010), que buscava conhecer as características do abuso sexual cometido contra crianças e adolescentes, a partir dos casos registrados nos Conselhos Tutelares e outros programas no município de Londrina – PR. Este estudo destacou que a faixa etária com maior

frequência, entre os autores de agressão sexual do sexo masculino foi de 40 anos ou mais com 25,4% e de 30 a 34 anos com 21,5%.

Para Mendonça (2007), variáveis como a idade dos indivíduos se apresenta como uma forte característica de entrada na fase adulta do desenvolvimento tende a influenciar como se define essa inserção na idade adulta e em como estes indivíduos passam a identificar os fenômenos sociais a partir das suas vivências. Estas, por sua vez, influenciam as percepções manifestadas pelos indivíduos em diferentes idades e ciclos de vida no curso do seu desenvolvimento.

Outra categoria importante que se destaca a partir das características biopsicossociais dos adultos autores de agressão sexual é a escolaridade, os participantes em maior parte apresentam baixa escolaridade. Estes dados se coadunam com outros estudos apresentados (Casarin, Botelho, & Ribeiro, 2016; Meneses, Stroher, Setubal, dos Santos Wolff, & Costa, 2016), que destacam a baixa escolaridade como uma variável recorrente no perfil dos autores de agressão sexual em maiores índices.

Esta baixa escolaridade apresentada pode estar diretamente interligada à vivência destes autores de agressão sexual em ambientes com baixo nível socioeconômico, haja vista, esta ser uma variável recorrente em dados de autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes (Silveira, 2018; Zilki, Aguiar, Perissinotto, & Resende, 2020). De acordo com estudo de Hackman, Farah e Meaney (2010), que realizou uma busca bibliográfica acerca de autores de agressão sexual em 5 bases de dados de referência no meio científico, o *status* socioeconômico pode influenciar fortemente as experiências de um indivíduo quando criança e durante a vida adulta, afetando-o em seu desenvolvimento emocional e cognitivo, e que também podem perpassar a construção de suas percepções.

Neste sentido, o fato de crescer em um ambiente social instável e inseguro, como em ambientes de baixo nível socioeconômico pode estar associados a prejuízos no

desenvolvimento cognitivo e emocional de indivíduos ao longo de suas trajetórias de vida. Assim, podem resultar em baixa escolaridade, problemas de aprendizagem, uso e/ou abuso de substâncias ilícitas no próprio ambiente escolar, evasão escolar e inserção ao mundo do crime ainda na infância e/ou adolescência (Hackman, Farah, & Meaney, 2010; Zilki, Aguiar, Perissinotto, & Resende, 2020).

Sendo assim, é necessário mencionar que esta variável de baixo nível socioeconômico apresenta-se de maneira recorrente nos dados da população de autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. Neste trabalho, esta é uma variável presente, que faz parte dos dados investigados para caracterizar biopsicossocialmente estes adultos autores de agressão sexual. É importante destacar que as características pessoais e contextuais pesquisadas não podem ser tomadas como causas geradoras desse fenômeno, mas apenas indicam que tais fatores aumentam a chance desse tipo de manifestação comportamental.

Assim, o nível educacional também se apresenta como uma característica importante na passagem para a vida adulta, demonstrando paralelamente a escolaridade como um mecanismo capaz de gerar potencialidades na formação da responsabilidade de conhecimento na medida em que estes indivíduos se desenvolvem e formam as suas percepções, vinculadas ao que se espera destes a partir de aspectos socialmente estabelecidos (Mendonça, 2007; Sousa, 2010).

Além disso, considerando ainda as características biopsicossociais identificadas entre os autores de agressão sexual, se observaram que todos os participantes se desenvolveram em ambientes adversos, e fora dos padrões estabelecidos socialmente como essenciais para um desenvolvimento saudável (Costa, Cavalcante, & Reis, 2018; Smallbone & Cale, 2015). Neste sentido, no que tange às investigações acerca das principais violências vivenciadas por estes autores de agressão sexual ao longo de suas trajetórias de vida, destaca-se primeiramente situações de violência física, evidenciadas especialmente, nos seus ambientes familiares.

Essa característica presente na vivência destes autores de agressão corrobora o que se apresenta em estudos, que apontam a violência física como um fenômeno presente na vida destes indivíduos, de maneira muito recorrente nas fases da infância e adolescência (Barnett & Mann, 2016; Marshall, 2018; Ward & Beech, 2016). Além disso, presume-se que a possibilidade de ter sofrido violência física na infância por um período prolongado, pode ter contribuído diretamente para que os autores de agressão sexual, especialmente em casos de agressão sexual em contexto extrafamiliar reproduzissem este comportamento com as suas vítimas na vida adulta (Costa, Cavalcante, & Reis, 2018; Ward & Beech, 2016).

De acordo com estudo de Braga, Cunha e Maia (2018), por meio de uma meta-análise com foco em estudos longitudinais em um total de 14 estudos, 18 amostras independentes e 20.946 indivíduos considerados até a fase adulta, revelou-se que crianças e adolescentes que sofreram violência física têm um efeito em longo prazo no funcionamento individual e possuem quase duas vezes mais probabilidade de se envolver em comportamentos desadaptativos na fase adulta.

Estes estudos demonstram que a violência física na infância e adolescência está associada ao comportamento social na idade adulta, estando estes indivíduos mais propensos a se envolver em ações antissociais, comportamentos desadaptativos, dificuldade de se relacionar, alterando as suas percepções sobre estas formas de violência vivenciadas e dificuldade de se colocar no lugar do outro (Braga, Cunha, & Maia, 2018).

Outra categoria de violência destacada nas características destes autores de agressão sexual de crianças e adolescentes foi a chamada violência psicológica, representada por 80% dos casos relatados. A violência psicológica também se apresenta como um fenômeno presente na trajetória de vida destes autores de agressão, manifestadas por meio de insultos, ameaças, humilhações, dano emocional, e outros (Day et al., 2003; Fermann & Pelisoli, 2016; OMS & Krug, 2002).

Em um estudo de Teixeira, Resende e Perissinotto (2020), que pretendia investigar a vitimização em autores de agressão sexual com 30 homens que cumpriam penas por crimes sexuais contra crianças e adolescentes em uma penitenciária da região Centro-Oeste do Brasil em regime fechado, evidenciou que ser exposto ao longo da trajetória de vida a diferentes tipos de violência, em especial a violência psicológica, podem representar fatores que também podem predispor estes indivíduos a cometer crimes sexuais na fase adulta.

Essas experiências de violência psicológica demonstram impacto direto nas relações significativas estabelecidas nestas fases do desenvolvimento (Nunes, Silva, Carvalho, Silva, & Fonseca, 2020). Experiências estas vivenciadas dentro de um contexto regido por vezes por um sistema cultural marcado por valores autoritários que naturalizam esse tipo de comportamento no ambiente familiar (Castro, 2009; Minayo, 2006).

Neste sentido, outra categoria de violência que se apresenta nas características biopsicossociais coletadas é a negligência, demonstrada em 50% dos casos investigados na trajetória de vida destes autores de agressão sexual. Esta negligência é caracterizada por Pasian, Faleiros, Bazon e Lacharité (2013), como ações que apontam para a privação e omissão de elementos que são considerados fundamentais para o processo de crescimento e desenvolvimento humano.

Essas privações por parte dos responsáveis podem abranger o âmbito da alimentação, vestimentas, artigos básicos escolares e de higiene pessoal, assim como, a omissão de cuidados com a saúde, educação, proteção e amparo emocional causando prejuízos ao desenvolvimento. Entretanto, é necessário analisar previamente o contexto familiar no qual os indivíduos estão inseridos, para assim, diferenciar a situação de negligência e a carência de recursos econômicos para a provisão familiar, fator este presente na realidade de muitas famílias (Brasil, 2018).

Para Mata, Silveira e Deslandes (2017), diante da realidade brasileira, indicar intenções em casos de negligências por parte de pais e responsáveis, é de alguma forma, também um mecanismo que evidencia as desigualdades enfrentadas por estas famílias. Isso se dá na medida em que os recursos necessários para subsidiar uma proteção e cuidado integral de crianças e adolescentes encontram-se escassos e não estão disponíveis a todas as camadas sociais, nas quais estas famílias estão inseridas.

Neste sentido, os dados apresentados a partir destas características coletadas corroboram o que vem sendo apontado pela literatura (Blackman & Dring, 2016; Marshall, 2018; Ward & Beech, 2016), quando apontam a negligência configurada no ambiente familiar destes autores de agressão sexual ao longo das fases da infância e adolescência. Estes dados também corroboram com os dados encontrados em estudo de Zambon, Jacintho, Medeiros, Guglielminetti e Marmo (2012), realizado com crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, atendidas na Unidade de Emergência Referenciada Pediátrica (UERP) pertencente ao Hospital das Clínicas (HC) – vinculado à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em São Paulo. Este estudo foi realizado em um ambulatório especializado, entre janeiro de 2003 ao mês de dezembro de 2007, dando ênfase aos casos de violência sexual atendidos neste ambulatório.

Neste estudo (Zambon et al., 2012), foram atendidos 551 casos de violência contra crianças e adolescentes. Do total de casos, 33,9% representavam situações de negligência praticada contra crianças e adolescentes, sendo este o mais ocorrido entre os casos apresentados o ambulatório em que o estudo ocorria. Além disso, Blackman e Dring (2016) afirmam que em maior parte os autores de agressão sexual sofreram algum tipo de negligência e/o maus-tratos ao longo da infância e adolescência.

Dessa forma, a negligência se apresenta como um fator muito presente na trajetória de vida destes autores, podendo aumentar assim, as condições que podem condicionar estes

indivíduos às práticas criminais sexuais contra crianças e adolescentes, especialmente, por estarem inseridos em contextos mais vulneráveis e desprotegidos de tais mazelas (Brasil, 2018).

Outra categoria que se apresenta com frequência nas características biopsicossociais destes autores é a violência sexual. De acordo com estudo de Jespersen, Lalumière e Seto (2009), em que foram comparadas taxas de violência sexual relatada a partir de 17 estudos, que envolveu 1.037 autores de agressão sexual e 1.762 agressores não sexuais, afirmou-se que quando se trata da violência sexual, há uma relação específica entre o histórico da violência sexual e as ofensas sexuais praticadas pelos autores de agressão nas fases subsequentes do desenvolvimento.

Neste sentido, parte-se do pressuposto de que os indivíduos que vivenciaram experiências de violência sexual na infância e adolescência são significativamente mais propensos a se envolver em crimes sexuais ao longo das fases subsequentes do desenvolvimento. Sendo assim, as amostras de adultos autores de agressão sexual devem conter um número desproporcional de indivíduos que vivenciaram violência sexual ao longo da infância e adolescência, comparando-se com amostras de outros tipos de criminosos (Jespersen, Lalumière, & Seto, 2009).

Em estudo realizado por Stirpe e Stermac (2003), com 124 participantes, envolvidos em crimes, sendo todos do sexo masculino e que participaram de uma avaliação ambulatorial em um hospital no Canadá, foram divididos em três grupos: 33 autores de agressão sexual contra crianças, 66 infratores violentos e 25 infratores não violentos. Evidenciou-se o histórico de violência sexual vivenciada por autores de agressão sexual quando crianças, e em geral, 31,5% da amostra total relataram ter vivenciado um ou mais incidentes de vitimação sexual com contato físico ao longo da trajetória de vida, especificamente antes dos 14 anos.

Esse tipo de vivência e de comportamento sexualmente abusivo acaba por funcionar com o intuito de manter um ciclo de experiências ativo que reforçam as vulnerabilidades do autor de agressão, impactando diretamente o meio ambiente no qual está inserido e o seu funcionamento psicológico. Neste sentido, as consequências advindas dessas experiências adversas poderão funcionar para manter ou intensificar outras ações sexualmente desviantes deste indivíduo ao longo da vida (Ward & Beech, 2016).

Essas formas de violência vivenciadas nas fases iniciais do desenvolvimento destes indivíduos, como já mencionado, podem também vir a refletir diretamente na percepção destes sobre si e sobre as suas vítimas, assim como, no grau de severidade utilizado na prática violenta. Na Figura 1, observa-se que 40% dos autores de agressão sexual assumem que cometeram violência com maior severidade (*hands on*), e 60% destes participantes não assumem o ato, seja pela negação da prática violenta ou pela justificativa de inconsciência dos fatos ocorridos, objetificado pelo uso de álcool e outras drogas, ou pelo uso de outras formas de persuasão utilizadas como forma de coerção (sedução enganosa) contra as vítimas.

Destacando a categoria do grau de severidade da violência praticada, apresenta-se neste trabalho com maior frequência o uso de *hands on*. Mas é válido reiterar que alguns dos participantes nesta amostra não assumiram a prática sexual, dificultando a evidência de maneira objetiva do grau de severidade utilizado no momento da violência sexual.

De acordo com Miranda e Corcoran (2000), quando se trata do grau de severidade da agressão sexual, autores na fase adulta tendem a praticar violência sexual de forma mais invasiva, ou seja, com maior coerção e penetração contra as suas vítimas. Entretanto, este dado é evidenciado na literatura especificamente quando as vítimas referem-se a pessoas desconhecidas deste autor de agressão sexual, e esta prática é marcada por maior tempo de duração.

Em estudo realizado por McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone e Bromham (2018), com adolescentes e adultos autores de agressão sexual, que coletou informações de 166 adultos e 215 adolescentes na Austrália, a partir de um banco de dados do Sistema Criminal evidenciaram-se novas características deste perfil de autores adultos. Os dados derivados deste estudo indicaram que na medida em que a diferença de idade aumenta, é menos provável que adultos autores de agressão sexual utilizem mecanismos e estratégias que envolvam coerção severa e força na prática sexual.

Assim como, adultos autores de agressão sexual são menos prováveis de se envolver em atos sexuais penetrativos com as vítimas, destacando maior uso de manipulação emocional e sedução enganosa, diferenciando assim a forma que o autor de agressão sexual adota como comportamento e como percebe a prática da violência sexual a partir das características da fase adulta que demandam deste menor precipitação e mais ações de acordo com as suas necessidades nesta fase do desenvolvimento (McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone, & Bromham, 2018).

Para Santos (2009), o grau de severidade aplicado na prática da violência pode variar de acordo com diferentes características: o tipo de violência praticada, a idade da vítima, a duração da prática violenta, o grau de violência perpetrado e especificamente a diferença de idade entre o autor da agressão e a vítima deste.

Outros autores (Kaufman et. al., 1998; Leclerc, Proulx, & Beauregard, 2009) reiteram que o *modus operandi* do autor de agressão sexual pode variar de acordo com a idade deste, as características da vítima e fatores situacionais. Eles apontam que os adultos autores de agressão sexual podem se beneficiar de um *status* (social ou parental), que os conduz a uma prática com grau de severidade menor e reduz as suas estratégias do uso de uma coerção mais severa.

Assim, de maneira geral, pode-se dizer que todos os dados apresentados demonstram uma importante contribuição para se entender o desenvolvimento dos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. As diversas características e condições vivenciadas por esses indivíduos sinalizam a importância de continuar investigando as características biopsissociais.

Neste sentido, as características biopsicossociais de adultos são encontradas nos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. Entretanto, estas passaram por diferentes transformações que se modularam na medida em que as experiências na infância e adolescência ativaram ou inibiram em algum grau as características de responsabilidade, maturidade e maior compreensão dos seus atos esperados por indivíduos que se encontram nesta fase do desenvolvimento.

De acordo com Bronfenbrenner (2011), as características da pessoa aparecem duas vezes no chamado Modelo Bioecológico. Primeiramente como um dos quatro elementos influenciadores da forma, da força, do conteúdo e da direção dos processos proximais estabelecidos ao longo do ciclo de vida. E em segundo lugar, por meio dos resultados do desenvolvimento, ou seja, as qualidades da pessoa que surgem depois de um determinado tempo, resultantes da interação com o ambiente. Sendo assim, no Modelo de Bioecológico, as características da pessoa atuam como um produtor indireto e como um produto do desenvolvimento.

Para Braga, Cunha e Maia (2018), por exemplo, os efeitos decorrentes das vivências ao longo da trajetória de vida dos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes podem vir a afetar de maneira significativa as fases do desenvolvimento destes indivíduos, podendo manifestar estes desdobramentos até a fase adulta. Para estes autores, isto ocorre no sentido em que as falhas nas fases da infância e adolescência passam a ser transportadas diretamente pelas fases do desenvolvimento subsequentes.

Dessa forma, diminui-se a probabilidade de resolução efetiva nestes processos vivenciados, maior dificuldade para o ajuste posterior, afetando também a percepção que se constrói dos fenômenos, tendo como base as vivências experienciadas e em como estas são consideradas objetivamente e subjetivamente ao longo da trajetória de vida e em seus respectivos processos (Braga, Cunha, & Maia, 2018).

Para Bronfenbrenner (1996, 2011), é necessário compreender objetivamente as dinâmicas das relações que são estabelecidas entre o indivíduo e os mais variados níveis ecológicos nos quais este está inserido ao longo da sua trajetória. Ele destaca ainda que os processos relacionais destacados entre a pessoa-contexto devem ser analisados com base nas considerações das mudanças que atravessam esses sistemas ecológicos.

Portanto, considerando as características biopsicossociais apresentadas por estes autores de agressão sexual, identificaram-se em suas respectivas trajetórias vivências e experiências permeadas por situações de diferentes formas de violência dentro do ambiente familiar, e outras vulnerabilidades sociais que podem ter influenciado diretamente nas fases subsequentes do desenvolvimento destes. Este tipo de dano pode influenciar no processo desenvolvimental destes autores, assim como, podem criar condições favoráveis à manifestação de atos violento-agressivos, tanto quanto vulnerabilidades que os expõem e predis põem ao crime sexual (Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020).

Entretanto, essas características apresentadas na Figura 1, e/ou a vitimização por si só não são suficientes para explicar as violências praticadas por estes autores de agressão sexual, mas na medida em que a violência aumenta estes indivíduos passam a se tornar mais vulneráveis a sofrerem este tipo de violação, ou ainda, à repetição deste em outras possíveis vítimas (Marshall, 2018; Ward & Beech, 2016).

Sendo assim, ao analisar estas características biopsicossociais, evidencia-se a necessidade cada vez maior de investir estudos e pesquisas científicas com esta população em

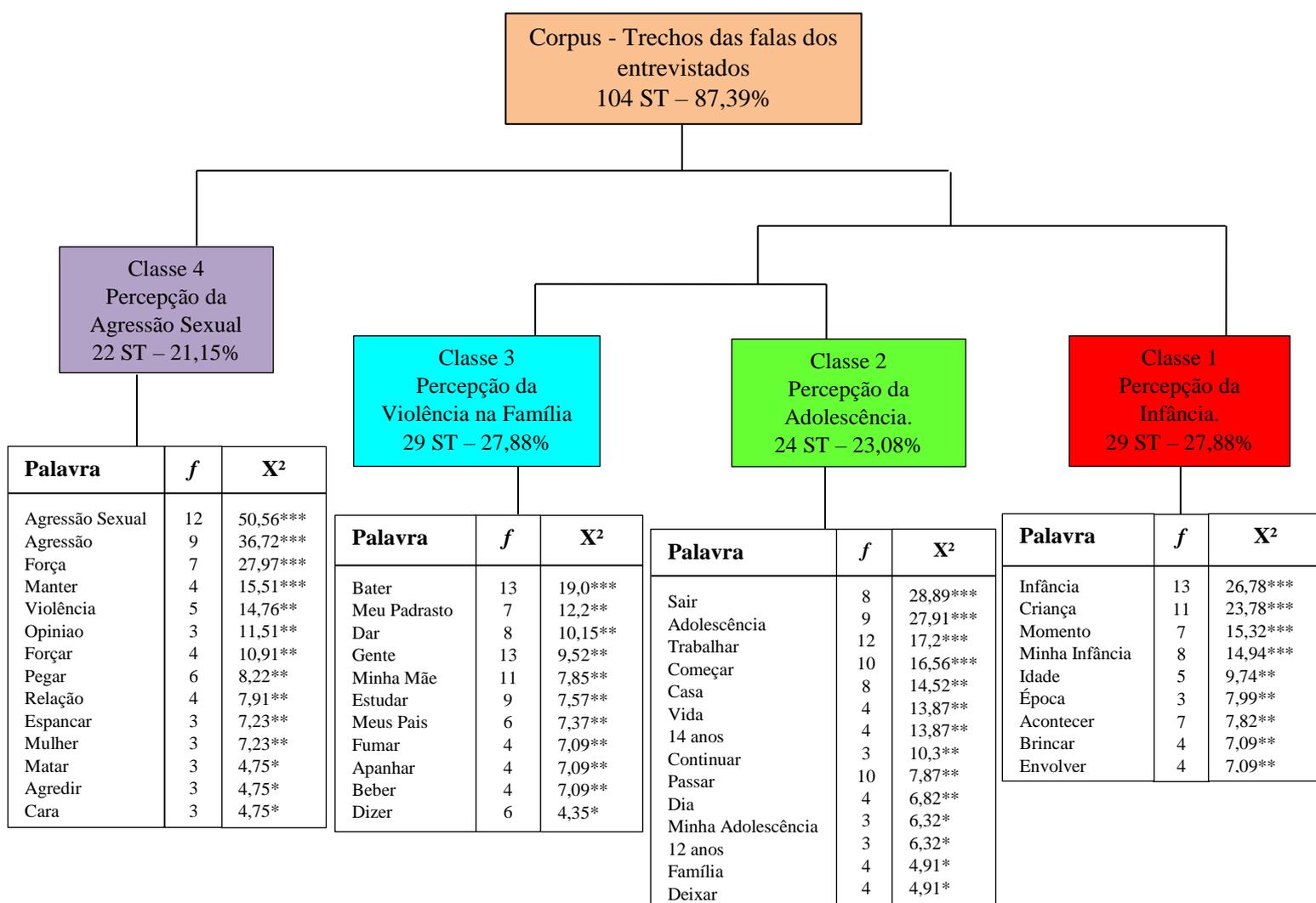
específico, que possibilitem compreender a trajetória de vida dos autores de agressão sexual, neste caso, adultos, e também as suas características biopsicossociais de maneira aprofundada.

Estas características, ainda que heterogêneas, e mesmo que os perfis de autores sejam diversos, compreender estes aspectos pode possibilitar a prevenção das ocorrências destes atos de violências e auxiliar no tratamento das consequências dessas vivências, que acabam por repercutir em todas as áreas da vida destes indivíduos que são afetados.

Análise das percepções sobre as categorias infância, adolescência e violência sexual, a partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD): Dendograma – por meio do Software Iramuteq.

A partir da análise textual do conteúdo das entrevistas, gerou-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), tendo sido identificados 104 segmentos de texto (ST), restando-se 87,39% do total dos ST submetidos ao *software*.

Dessa forma, o *software* dividiu o *corpus* em dois *subcorpus*: o primeiro é destacado como Percepção da Agressão Sexual – composto pela classe 4, incluindo a percepção do autor de agressão sexual sobre a prática da agressão sexual. O segundo *subcorpus*, é denominado respectivamente de Percepção da Infância, Percepção da Adolescência e Percepção da Violência na Família – formado pelas classes 1, 2, e 3. Este é relacionado às percepções construídas acerca das categorias da infância, adolescência e violência na família ao longo da trajetória de vida destes adultos autores de agressão sexual. Por fim, o *software Iramuteq* dividiu esse *subcorpus* novamente, opondo a classe 1 às classes 2 e 3, considerando as aproximações e os afastamentos das classes e categorias investigadas entre si, assim como, as discussões a partir desta divisão estabelecida pelo *software* no Dendograma apresentado (Figura 2).



Nota. *p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,0001, teste Qui-Quadrado, *software IRAMUTEQ*.

Figura 2. Análise dos relatos dos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes pelo método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

A percepção da categoria infância – Classe 1, gerada pelo *Software Iramuteq*.

A Classe 1, denominada de “Percepção da Infância”, foi responsável por 27,88% dos segmentos de texto. Os principais elementos (palavras) que se relacionaram a esta classe foram: *infância, criança, momento, minha infância, idade, época, acontecer, brincar e envolver* (Figura 2). O conteúdo da Classe 1 trata principalmente das percepções construídas ao longo da trajetória de vida dos autores de agressão sexual sobre a categoria infância. Os trechos a seguir ilustram esse contexto:

“Na infância foi muito difícil, o filho rejeitado, fui rejeitado na minha infância. Desde criança, desde essas épocas de abuso, uma angústia, aí eu me envolvia nas drogas. Eu me envolvia em relacionamentos que estavam errados, eu me envolvia com o errado, umas amizades, pessoas que matavam, roubavam, traficavam (...). Desde a minha infância um relacionamento destruído, uma família sem base, destruída” (P3).

“Infância é trabalho. A minha infância foi trabalho. Para mim a criança que tem infância, tem uma pessoa do lado para cuidar, para não necessitar de trabalhar, para ter atenção, ter os seus brinquedos para brincar, coisas que eu não tive, e infância para mim é isso. A minha infância foi só trabalho. Lavoura, eu capinava, ansiava, desde os 9 anos de idade” (P5).

“Eu entendo que a infância é um momento muito importante na construção da personalidade de uma pessoa, de um adulto, é um momento muito maravilhoso, um momento que dever ser zelado, onde aquela criança deve ter toda a proteção, ajuda, e todo um planejamento” (P10).

Discussão acerca da percepção da infância dos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes – Classe 1.

Analisando o dendograma gerado pela CHD (Figura 2) e os ST's em seus respectivos contextos, verifica-se a percepção dos adultos autores de agressão sexual sobre a categoria infância, por meio dos principais elementos (palavras) nas classes geradas. Dessa forma, é interessante observar a interconexão destes elementos mencionados nos seus respectivos contextos nas entrevistas transcritas, assim como, na relação entre eles dentro das respectivas interligações com as classes. Sendo assim, nesta classe demonstra-se a construção da percepção da categoria infância e as suas transformações em diferentes perspectivas dos autores de agressão.

A Classe 1 apresenta inicialmente a categoria infância percebida como um momento difícil, vivenciado por estes autores de agressão sexual nesta fase do desenvolvimento. Esta percepção da infância aparece diretamente vinculada às vivências destes participantes na fase da infância, representadas por meio das dificuldades enfrentadas, da rejeição no ambiente familiar, da ausência de apoio das figuras parentais nestes contextos e da inserção precoce ao mercado de trabalho informal.

Os relatos de uma infância permeada por dificuldades, pela rejeição dos pais, e por uma percepção de fase difícil e desprotegida, são componentes presentes nestes ambientes familiares dos adultos autores de agressão sexual. Os traumas vivenciados na infância, e dentro destes ambientes que deveriam ser de proteção podem se perpetuar por todo o ciclo de vida, e por vezes podem influenciar nas práticas da idade adulta (Azambuja, 2006).

Para McKillop et al. (2018), os autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes estão inseridos em uma ecologia social que abrange família, vizinhança, relacionamentos e sistemas comunitários. Estes sistemas mais proximais em que estes autores estão inseridos tendem a inevitavelmente obter maior influência sobre o comportamento dos indivíduos, podendo assim, compreender melhor como se deu o início da perpetração sexual destes e a percepção que estes vão construindo ao longo das suas trajetórias sobre a infância.

A partir da imersão destes autores de agressão sexual nestes sistemas, as experiências, por vezes adversas, passaram a obter um lugar de constância. Isso se evidencia na classe a partir das vivências destes em seus respectivos ambientes na infância, especialmente na relação estabelecida com os pares e com a família, que quando potencializados podem atuar como fatores de risco para o desenvolvimento (McKillop et al., 2018).

Isso se torna muito presente quando se discute a questão das práticas parentais estabelecidas dentro do ambiente familiar destes adultos autores de agressão sexual,

demonstrando o seu funcionamento e como são desempenhados os papéis dentro destes ambientes mais imediatos.

De acordo com Dias (2013), a ausência parental, os estilos parentais disfuncionais ou as redes de apoio ineficazes dentro destes contextos podem ser considerados fatores de risco para crianças e adolescentes. Essa exposição a esses fatores de risco ao longo da infância podem se apresentar extremamente prejudiciais ao desenvolvimento destes indivíduos, podendo afetar o desempenho escolar, as percepções destes sobre si e sobre o mundo que o cerca, e as relações sociais estabelecidas a curto ou em longo prazo.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2001), a família que deveria ser um local de proteção e cuidado é, em muitos casos, um mito. Esta visão se dá mediante ao fato de que é neste local que muitas crianças e adolescentes sofrem suas primeiras experiências de violência, desde a infância. Marturano e Elias (2016) também enfatizam que quando não se possui um ambiente que seja favorável ao desenvolvimento, principalmente o do tipo familiar, com figuras parentais que ofereçam a proteção necessária, isso pode funcionar como potencializadores de condições já existentes, tanto quanto desencadear novas questões.

Assim, na medida em que são escassos os recursos afetivos, a proteção e o apoio das figuras parentais torna-se ainda mais difícil objetar as ameaças e riscos internos e externos, aos quais crianças e adolescentes se tornam vulneráveis. Muitas dessas ameaças fazem com que estes indivíduos ainda na infância abandonem o lar, busquem apoio fora de casa e estabeleçam outras relações nas ruas, expondo-se às diversas formas de violência, e consequentemente o envolvimento com álcool e outras drogas (Brasil, 2018).

O uso de álcool e outras drogas ainda na infância destacado nos trechos das entrevistas pode ser resultado da exposição direta da criança e/ou adolescente às mais diversas situações de conflito e violência gerada no ambiente da própria família. As relações familiares ou com pessoas significativas que são, por vezes, conflituosas e que possuem laços fragilizados fazem

com que estes indivíduos tornem-se mais vulneráveis ao uso e abuso dessas substâncias (Henriques, Rocha, & Reinaldo, 2016).

Estes fatores de risco foram mencionados pelos autores de agressão sexual nos ST's, demonstrando a fragilidade das relações estabelecidas dentro do ambiente familiar destes autores, e a busca incessante por outras relações externas, e que propiciaram, em algum grau, o acesso precoce e facilitado a substâncias ainda na infância. Ademais, a ausência parental dentro destes ambientes nos quais estes indivíduos estavam inseridos e o uso de álcool e outras drogas, alguns dos participantes relatam em suas entrevistas a inserção ao trabalho, ainda na infância.

Igualmente, o trabalho, desenvolvido especialmente no ambiente familiar, está presente na trajetória de vida história desses participantes da pesquisa. Este dado remete à inserção de crianças ainda na infância, ao chamado trabalho infanto-juvenil, que muitas vezes é visto como uma extensão do trabalho desenvolvido pelos pais. Estas diversas tarefas passam de geração em geração, todas relacionadas diretamente à sobrevivência do núcleo familiar destes indivíduos (Seddighi, Salmani, Javadi, & Seddighi, 2021; Tavares, 2002).

Estas dificuldades enfrentadas no ambiente familiar e que desencadeiam o trabalho infantil dão destaque a uma inversão de valores, onde as necessidades acabam por sobrepor os direitos na infância. A começar pelo prejuízo à escolarização, onde crianças e adolescentes que trabalham precocemente acabam por comprometer o seu futuro e desempenho escolar, reproduzindo para si e para as gerações subsequentes as desigualdades sociais e as mudanças de percepções da infância e do mundo que o cerca de modo geral (Seddighi, Salmani, Javadi, & Seddighi, 2021; Tavares, 2002).

Ainda de acordo com Tavares (2002), para crianças e adolescentes que estão inseridas no mercado de trabalho, a experiência do trabalho na infância se torna também uma experiência que auxilia no distanciamento do grupo familiar, e que acaba por marcar

definitivamente a perda da infância. Esse distanciamento não é apenas físico, mas uma distância criada a partir das condições de trabalho, e jornadas estendidas que se tornam grandes barreiras para o desenvolvimento e convívio com a família.

Neste sentido, é possível identificar que dentro deste contexto de inserção ao trabalho, acaba-se por degenerar o processo de desenvolvimento em seu ciclo natural. Sendo assim, perde-se a ligação do início e do fim do que seria a infância, e que passa a dar lugar ao processo de responsabilização, maturidade, e necessidades que estes vão sendo encarregados tão precocemente, ainda na fase da infância.

Esta condição que não faz distinção de onde termina a infância acaba afetando não somente estes indivíduos em seus desenvolvimentos, mas as suas percepções sobre a própria categoria infância demarcada pelo trabalho em sua trajetória objetiva. Dessa forma, a percepção da infância vincula-se diretamente ao trabalho e se distancia cada vez mais da infância em seu modo protetivo.

Dessa forma, esta Classe 1 também destaca as percepções da infância destes autores de agressão sexual, a partir da idealização de como a infância, como uma fase do desenvolvimento considerada essencial, deveria ser para cada indivíduo. Entretanto essa percepção esbarra diretamente com a objetificação da infância destes autores, que não vivenciaram experiências protetivas, especialmente em seus ambientes familiares.

Para Priore (2010), há uma diferença significativa entre a história sobre a criança e a sua infância no Brasil, assim como, a percepção da infância ao longo do tempo. Demonstrando assim, a enorme distância entre a categoria da infância descrita pelas organizações internacionais, pelas não governamentais e pelas autoridades, da infância na realidade objetiva na qual a criança se encontra diariamente imersa. A percepção do que a infância deveria ser ou obter, e sobre esta fase do desenvolvimento, em muito se difere do contexto a onde ela está inserida ou sobrevive em seu cotidiano.

A construção da percepção a partir de um mundo considerado ideal para uma infância feliz, saudável, cercada por proteção, cuidados e bens materiais, se difere e se distancia da realidade vivenciada, nas quais crianças estão expostas diariamente à exploração sexual, trabalho infantil, à fome, miséria e violência. Em muitos casos, crianças desde muito cedo passam a assumir a condição de responsáveis ou auxiliares no sustento da família, causando assim, a inversão de papéis e a ordem de proteção necessária nesta fase do desenvolvimento (Reis, 2015).

Estes elementos coadunam com os aspectos apresentados pelos autores de agressão sexual, que conseguem verbalizar em seus relatos, a percepção da infância nos diferentes contextos dos quais viveram, e do que seria uma infância considerada ideal para o desenvolvimento saudável em suas percepções. Isso se destaca no âmbito de poder imaginar e perceber como a sua própria infância poderia ter sido diferente e refletido positivamente nas fases subsequentes do seu desenvolvimento, se as vulnerabilidades e a violência não fossem presentes diariamente no ambiente em que estes estavam inseridos.

De acordo com Scliar (1995), a infância que é por vezes idealizada e percebida pela sociedade, com aspectos de uma criança que pode crescer e se desenvolver com seus direitos assegurados acabam por ser um privilégio de poucas destas. Nem todas as crianças podem viver de fato a infância, portanto, para estas a infância é percebida como um lugar mítico, que sobrevive apenas no imaginário.

Isso faz ainda mais sentido quando os elementos *infância*, *criança*, *momento*, *minha infância* e *brincar* são mencionados na classe, e quando analisados dentro do contexto, estes estão vinculados à percepção dos autores de agressão sexual de que a infância deveria ser um momento de proteção à criança. Esta categoria é considerada por estes, como uma fase do desenvolvimento que requer cuidados, atenção e afeto por parte das figuras parentais e figuras representativas.

Em contraste, destacam-se os elementos *idade, época, acontecer e envolver*, que dão destaque aos relatos de que a infância foi muito diferente da forma que esta era idealizada e percebida, sendo marcada pelo trabalho infantil, dificuldade no ambiente familiar, seja nas relações ou no âmbito financeiro, rejeição na família por parte dos próprios responsáveis e figuras parentais.

Neste sentido, observa-se que a percepção da categoria infância foi construída e foi sofrendo modificações ao longo das vivências experienciadas por estes autores nos mais diversos ambientes nos quais estes estavam inseridos. Para Bronfenbrenner (1996), tudo o que é percebido, desejado, temido, pensado ou adquirido ao longo da trajetória de vida dos indivíduos, reflete diretamente a natureza dessa mudança de percepção. Atribuem-se essa mudança à exposição e interação destes indivíduos com o meio ambiente em que estão inseridos e os rebatimentos das experiências vivenciadas ao longo das fases do desenvolvimento.

Dessa forma, a percepção da infância pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes é vista nesta classe como uma fase boa, essencial, de proteção e cuidados direcionados às crianças, mas que se altera, no sentido em que se dão as vivências destes autores, corroborando com os pressupostos apontados por Bronfenbrenner (1996). Essa percepção que foi construída sobre a infância, sofreu transformações, dando ênfase na visão que tem atualmente do que seria a infância, e que se difere das experiências obtidas por estes indivíduos, que acabaram por gerar sentimentos que contribuem diretamente para a visão de que as suas trajetórias de vida foram marcadas e que repercutiram em uma infância ruim e desprotegida, como mencionada por estes.

Sendo assim, entende-se que as relações entre o indivíduo em atividade nesta fase do desenvolvimento, com o contexto no qual este está inserido e também a sua interação com o multinível ecológico, constituem a direção e a força do desenvolvimento humano. Para

Bronfenbrenner (2011), a troca entre a pessoa e seu ambiente ecológico por meio da regulação adaptativa das relações pessoa-contexto atua como o centro do desenvolvimento humano e que pode alterar as percepções e o próprio desenvolvimento, em níveis individuais e coletivos.

Portanto, o desenvolvimento humano apontado a partir da interação da pessoa e o ambiente se destacam como uma mudança duradoura na maneira pela qual a pessoa em desenvolvimento percebe e lida com seu meio ambiente, e com os rebatimentos dos acontecimentos neste, incluindo a percepção da infância (Bronfenbrenner, 2011). Sustenta-se dessa forma, a importância dos preceitos relacionados à pesquisa, na medida em que se consideram como estes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes se desenvolvem e como passam a perceber a si e às categorias as quais estão imersos nas suas respectivas fases do desenvolvimento, em constante troca e interação com o seu ambiente ecológico.

A percepção da categoria adolescência – Classe 2, gerada pelo *Software Iramuteq*.

A Classe 2, chamada de “Percepção da Adolescência” foi responsável por 23,08% dos segmentos de texto. Os principais elementos relacionados a esta classe foram destacados pelas palavras: *sair, adolescência, trabalhar, começar, casa, vida, 14 anos, continuar, passar, dia, minha adolescência, 12 anos, família, e deixar* (Figura 2). O conteúdo desta classe refere-se à percepção dos adultos autores de agressão sobre a categoria adolescência, ao longo de suas trajetórias de vida. Os trechos a seguir demonstram esse contexto:

“Na minha adolescência eu comecei a trabalhar para ajudar a minha mãe. Na minha adolescência foi ruim” (P2).

“Na adolescência, aí foi que as coisas ficaram mais difíceis, pois era mais trabalho, sempre foi mais trabalho. Na adolescência o trabalho aumentou, aumentaram as responsabilidades. Dos 12 anos pra frente era trabalho. Tanto é que no período da minha

adolescência eu procurei estudar a noite, porque eu trabalhava no período do dia, mas não tive êxito também” (P5).

“Meus pais incentivavam a gente a trabalhar, eles falavam que trabalhar que faz o homem, meu pai falava que não precisava estudar para ser alguém na vida, precisava trabalhar. Na minha adolescência eu passava a maior parte do tempo trabalhando, o dia todo” (P7).

“Quando eu tinha os meus 14 anos eu saí de casa. É todo tempo pra trabalhar mesmo na agricultura. Mais trabalho. Trabalhei, trabalhei muito. Sempre eu trabalho. A minha mãe queria que eu estudasse só que ele (padrasto) não deixava. Ele queria que eu trabalhasse mais, tinha vez que eu trabalhava menos, tinha vez que ele não deixava ir para a escola, me colocava para trabalhar” (P8).

Discussão acerca da percepção da adolescência dos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes – Classe 2.

Na Classe 2 foram observados elementos vinculados à percepção da categoria adolescência, como processo também construído ao longo da trajetória de vida vivenciada por estes adultos. Assim como, os rebatimentos e transformações da percepção dessa fase do desenvolvimento, a partir do que é compreendido por estes acerca do que seria a adolescência e a forma que essa fase foi vivenciada.

Esta percepção da adolescência foi moldada, assim como apresentado na classe anterior, a partir das vivências dos autores de agressão sexual. A categoria adolescência destaca-se nos trechos das entrevistas transcritas dos participantes, sendo percebida de modo geral como algo ruim, inteiramente destacada pela inserção no trabalho, e continuidade deste processo ao longo do desenvolvimento desde a infância.

Assim, os elementos *adolescência* e *minha adolescência* aparecem na Classe 2 fortemente ligados ao elemento *trabalhar*, evidenciados nestes contextos a partir da inserção

desses participantes de maneira precoce no trabalho. A categoria trabalho, dentro desta classe, se apresenta como um fator que contribuiu de maneira significativa para que a percepção da adolescência fosse considerada como algo ruim por eles.

Esta necessidade precoce de inserção ao trabalho dá-se mediante o suprimento das necessidades básicas de sobrevivência, por vezes, escasso no ambiente familiar, pelas situações de vulnerabilidade vivenciadas por suas famílias, e que faz com que crianças e adolescentes comecem a exercer uma função de trabalho desde muito cedo. Esta inserção acaba por vezes se estendendo por um longo período de tempo, comprometendo parte quase que integral das fases da infância e adolescência (Pinheiro & Moreira, 2019).

A percepção que se tinha dentro desta realidade das famílias mais pobres era que os filhos pudessem ser úteis no trabalho e que contribuíssem com a renda familiar. Esta exploração do trabalho infantil era visto como algo naturalizado e necessário nestes contextos empobrecidos, que poderiam tornar-se fatores de risco para estes indivíduos em suas fases do desenvolvimento (Priore, 2012).

Por isso, é dado destaque aos elementos *adolescência, minha adolescência, começar, trabalhar, continuar e 12 anos*, que evidencia o início e/ou continuação do trabalho realizado na adolescência. Esta análise apresenta-se especialmente a partir do elemento *12 anos*, apresentando a idade como um marcador biológico nesta categoria da adolescência e onde se demarca o processo de inserção ao trabalho de maneira mais forte, pois o grau e a frequência de trabalho se tornaram mais presentes na medida em que estes autores foram crescendo e se desenvolvendo.

Este dado corrobora o que se apontou nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020) (Figura 3), realizada nos anos de 2016 a 2019 sobre o trabalho de crianças e adolescentes no Brasil. À medida que crianças e adolescentes foram se desenvolvendo, mais se engajavam em situações de trabalho, sejam estas atividades

econômicas ou de autoconsumo, estando algumas delas expostas às piores formas de trabalho infantil, como apontado na Figura 3.

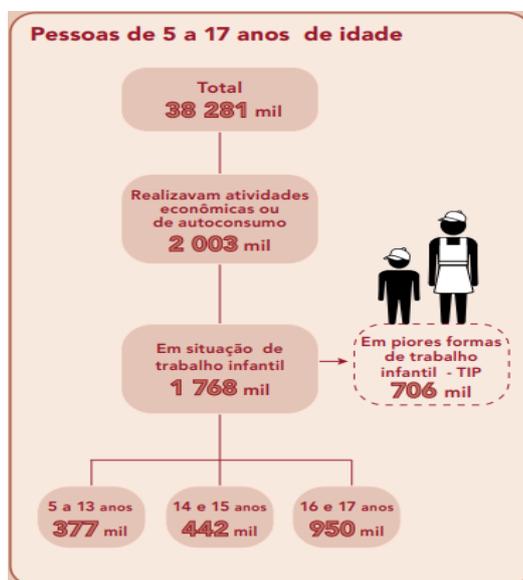


Figura 3 - IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2020.

Para Viana (2012), na medida em que se desenvolvem, crianças e adolescentes lutam pela sobrevivência e são forçados a assumir responsabilidades. Estes ainda muito cedo passam a trabalhar dentro ou fora do ambiente familiar para contribuir com a manutenção da família, enquanto os pais também exercem algum tipo de trabalho.

Este processo de inserção e/ou continuação do trabalho está envolto de complexos e multivariados fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, que dificultam o seu enfrentamento (Cabral & Reis, 2018; Reis, 2015). E que se intensifica e se acumula de acordo com as necessidades que vão surgindo ao longo da trajetória de vida.

Estes fatores podem também desencadear em mudança de percepção da adolescência, na medida em que a partir destas experiências vivenciadas, podem ocorrer mudanças nos valores pessoais, nas atitudes e também nas percepções que consolidam e permeiam a trajetória destes adultos. Dessa forma, esse desenvolvimento pode ser comprometido e prejudicado, pois é onde se desenrolaram as relações, os valores, crenças e percepções, assim

como, a maneira de ver a si mesmo e os outros que também estão inseridos neste processo (Ward & Beech, 2016).

Atrelado a isso, apresenta-se também as figuras parentais ausentes na adolescência, evidenciadas na classe como incentivadores do trabalho e que não estimulavam os estudos dos filhos. Isso ocorre por meio de uma visão sustentada pela sociedade de que “o trabalho que dignifica o homem”, e a ideia de que os estudos não trariam o provento para as necessidades vivenciadas no dia a dia em suas casas (Reis, 2015).

É possível identificar nos trechos das entrevistas com os participantes P7 e P8 a ausência de estímulo por parte dos pais e/ou responsáveis na frequência à escola, potencializado com as longas jornadas de trabalho, e resultando por vezes em evasão escolar. Nestas condições observa-se que não somente as experiências podem ocasionar na mudança dessa percepção da adolescência, mas a partir também da construção dos processos proximais, que dentro do ambiente familiar influenciam o desenvolvimento em níveis individual e ao seu mundo social (Bronfenbrenner, 2011).

Para Kassouf (2007), o incentivo do trabalho aos filhos, e o estímulo ao abandono escolar dá-se porque muitos destes pais foram também trabalhadores precoces em suas fases do desenvolvimento. Neste sentido, a própria percepção da adolescência para estes pais tem maior probabilidade de refletir no processo de que os filhos também sejam trabalhadores e que esta fase do desenvolvimento seja envolta apenas disso.

De acordo com Bronfenbrenner (1996), a colocação de uma pessoa em um determinado papel tende a evocar percepções, atividades e padrões de relação interpessoal consistentes com as expectativas que passam a ser, de alguma forma, associadas aquele papel. Isso se dá na medida em que se referem ao comportamento da pessoa que passa a ocupar determinado papel, quanto aos outros em relação à pessoa.

Por meio dos trechos das entrevistas, percebe-se que a percepção da adolescência denota que o trabalho além de estar diretamente ligado ao baixo nível socioeconômico das famílias, está constituído como instrução, onde os pais acreditam estar contribuindo com o desenvolvimento dos filhos, ao inserir estes ao mercado de trabalho. No Brasil, o que se considera uma das principais formas e causas que envolvem crianças e adolescentes no abandono dos estudos e inserção ao mercado de trabalho precocemente é a condição de extrema pobreza que atinge de maneira significativa grande parte da população (Brasil, 2018; Cabral & Reis, 2018; Silveira, 2018).

Esta concepção acerca do trabalho infantil como contribuição da renda familiar só passou a sofrer modificações ao longo do tempo, por meio do estabelecimento expresso do limite etário para o trabalho, e os asseguramentos da proteção devida às crianças e adolescentes, visando o exercício pleno da cidadania destes indivíduos (Brasil, 2016; ECA, 1990; Reis, 2015).

Dessa forma, estes pais percebem a ligação entre a categoria adolescência e o trabalho como algo natural e de caráter formador. Enquanto esta percepção da adolescência na perspectiva dos filhos (autores de agressão sexual participantes da pesquisa) somente se transformará, neste caso, após a vivência destas experiências e o que estes apreenderam sobre estas ao longo das suas trajetórias de vida.

Por seguinte, esse contexto vivenciado na adolescência é marcado e percebido pelos autores de agressão como uma fase ainda mais difícil que a infância, pois esta requer mais responsabilidade e maturidade para lidar com todas as questões que aparecem ao longo desta trajetória, e que acaba por romper o desenvolvimento natural esperado.

Em aspectos que se constituem para além das implicações educacionais, na memória destes autores de agressão sexual entrevistados, a percepção da adolescência não se vincula ao brincar ou vivenciar esta fase de maneira intensa, mas dispor de mecanismos de

amadurecimento dentro destes contextos de desenvolvimento. Isso é refletido em suas falas por meio da percepção de que se perdeu uma fase importante do desenvolvimento preocupando-se mais com os papéis que exerciam no ambiente familiar.

Assim, os elementos *sair, casa e 14 anos*, demarcam a saída precoce destes adolescentes de suas casas, por vezes em busca de novas condições de vida, e/ou motivados em maior parte pelas experiências vivenciadas dentro e fora do ambiente familiar que os atraíram. Neste sentido, a saída de casa muitas vezes é motivada pelos conflitos familiares que passam a existir dentro do ambiente familiar que tem seus laços fragilizados (Rizzini, Neumann, & Cisneros, 2009).

Essa saída ocorre de maneira gradual, na medida em que estes indivíduos passam a conviver e estabelecer outras relações fora do ambiente familiar, e também passam a compor outros lugares e ambientes, passando maior parte do tempo nas ruas. Assim, passam a construir uma nova percepção da dinâmica e da rede de relações com pessoas fora do âmbito familiar e que obtêm grande influência em seus comportamentos nas fases subsequentes (Rizzini, Neumann, & Cisneros, 2009).

Neste sentido, Bronfenbrenner (1996) destaca que os processos proximais podem ser apresentados a partir das relações interpessoais que são estabelecidas pelos indivíduos em desenvolvimento nos diferentes microssistemas em que estes transitam. Assim, o autor de agressão sexual nesta fase do desenvolvimento afasta-se do ambiente familiar e passa a exercer novos processos proximais em outros microssistemas que passa a estar inserido, desenvolvendo assim uma nova série de habilidades e até mesmo percepções sobre si e sobre o mundo que o cerca, incluindo a percepção da adolescência.

Portanto, esta Classe 2 é destacada no dendograma como uma continuidade da classe 1 e com ligação direta e mais próxima da classe 3, demonstrando assim, as aproximações que são possíveis de identificar da percepção da infância, que se vincula à percepção da

adolescência, e que também é fortemente ligada com as diferentes formas de violência vivenciadas no âmbito da família em continuidade ao longo do processo de desenvolvimento.

Isso se destaca no sentido de compreender que a percepção da adolescência em muito se interliga com a percepção da infância, por meio das vivências experienciadas nestas duas fases do desenvolvimento. A partir disso, Bronfenbrenner destaca (2011) que o desenvolvimento humano é constituído pelo conjunto de processos pelos quais as particularidades da pessoa e do ambiente interagem no sentido de produzir constância ou mudança nessas características ao longo da sua trajetória de vida e em diferentes fases do desenvolvimento.

Ademais, a própria percepção da adolescência desses autores de agressão sexual também passou por transformações ao longo do tempo e foi sendo modulada. Estas transformações ocorreram de acordo com as próprias percepções sobre a adolescência e pelas experiências ao longo da sua trajetória, que agiram como a força que dinamiza este processo de transformação e construção da percepção.

A percepção da categoria da violência na família – Classe 3, gerada pelo *Software Iramuteq*.

Por seguinte, a Classe 3, intitulada de “Percepção da Violência na Família” foi responsável por 27,88% dos segmentos de texto. Os principais elementos relacionados a esta classe foram: *bater, meu padrasto, dar, gente, minha mãe, estudar, meus pais, fumar, apanhar, beber, e dizer* (Figura 2). O conteúdo desta classe refere-se a um achado neste trabalho sobre o processo de percepção da violência na família, a partir das relações estabelecidas no contexto familiar e as práticas de violência vivenciadas e presenciadas ao longo da trajetória de vida destes autores de agressão sexual. Os trechos a seguir demonstram esse contexto:

“Meu pai agredia a minha mãe. A minha mãe às vezes não cuidava dos filhos, não sabia o que eles estavam fazendo na infância. Da infância de casa eu sentia falta dos carinhos da minha mãe, meu pai batia na minha mãe e ia embora de casa, eu dormia na casa de vizinho, na casa de outras irmãs, deixava a gente sozinha em casa, às vezes ele não deixava ninguém entrar em casa, a gente dormia no quintal, eu me lembro de que eu dormia junto com o meu cachorro” (P3).

“Meu pai botou a gente para fora de casa, eu e meu outro irmão, então começamos a morar assim, morava com um aqui, com outro ali, isso era a nossa vida na minha infância (...) a gente passava fome, dormimos na rua, na calçada, então meu irmão chorava muito. Minha mãe me batia demais, era com pau, com borracha, com o que tivesse ela batia” (P7).

“Ele (padrasto) me batia muito. Apanhei, me batia muito, meu padrasto me bateu muito. Falava mal, me humilhava, tinha vez que ele não me dava comida. Eu devia estar com 12 anos, foi o meu padrasto disse que se eu não bebesse ele ia me bater, fiquei porre, dormi lá embaixo do fogão. Cigarro eu fumei eu estava com 9 anos, ele dava para fumar, fumei maconha também, que ele fumava e me dava. A minha mãe queria que eu estudasse, só que ele não deixava. Tinha dia que eu ia pra escola sem comer, que ele não deixava eu comer, quando a minha mãe deixava comida para mim ele pegava e comia tudinho ou então jogava fora. Eu me sentia desprezado. Foi esse meu padrasto, nós fomos pescar, a gente estava lá e ele disse que era pra eu tirar a roupa, aí eu peguei e tirei, nesse tempo usava lamparina, ele apagou a lamparina e me agarrou a força na canoa” (P8).

Discussão acerca da percepção da violência na família dos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes – Classe 3.

No conjunto de elementos agrupados na Classe 3, destacaram-se palavras que se associaram fortemente à percepção da violência na família. Estes elementos deram destaque às mais diversas formas de violência presenciadas e vivenciadas por estes adultos autores de

agressão sexual dentro dos seus respectivos ambientes familiares, muitas das vezes perpetradas pelas figuras parentais.

Esta classe que emerge por meio da percepção da violência na família traz esta visão a partir do que foi vivenciado por estes autores de agressão. Destaca-se a forma como essa percepção foi sendo modulada, acerca deste fenômeno da violência dentro do próprio ambiente familiar. Esta classe foi considerada um achado neste estudo que emergiu na CHD, pois se pôde considerar a percepção da violência na família como uma categoria que emerge nas fases do desenvolvimento (infância e adolescência) e que são presentes nos relatos dos autores de agressão.

Essa classe enfatizou tanto as formas de violência presenciadas por estes autores, quanto às violências vivenciadas, destacando especificamente a violência física, a violência psicológica, a negligência e também a violência sexual. Estas formas de violência eram praticadas na maioria das vezes pelas figuras parentais, que deveriam estar cumprindo seu papel de proteção (Brasil, 2018; Reis, Prata, & Parra, 2018).

As violências presenciadas estavam mais vinculadas à experiência de estar presente no mesmo ambiente em que o pai e/ou padrasto praticava violência doméstica contra a genitora, ou enquanto estes responsáveis batiam fortemente nos irmãos, a partir dos conflitos familiares que faziam parte da rotina diária da família (Costa & Teixeira, 2017; Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020). Assim como, a forma como as figuras parentais faziam uso da violência psicológica e física. Isso se evidencia a partir dos elementos: *bater, dar e minha mãe*, presentes na classe.

O relato das violências vivenciadas anteriormente indica que os participantes da pesquisa experimentaram diferentes formas de agressão ao longo da infância e adolescência. Em razão disso, esses adultos autores de agressão sexual podem ser considerados também vítimas dessa mesma forma de violência em suas trajetórias de vida nas duas primeiras

décadas (Reis, Prata, & Parra, 2018; Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020). Estas formas de violência, quando demonstradas nos trechos das entrevistas transcritas, evidenciam-se a partir da naturalização destas práticas no ambiente familiar, como algo contínuo e recorrente. Isso se demonstra pelos elementos *gente, meus pais, fumar, apanhar e beber*, destacados na classe.

Considera-se, portanto, dentro do contexto intrafamiliar não somente a estrutura dinâmica e a composição familiar, mas os elementos internos e externos que se ligam a essa estrutura maior. Estes elementos, demonstrados por vezes por meio do desemprego, e pela saída precoce de casa em busca de diferentes formas de sobrevivência, podem desencadear outras formas de violência e experiências traumáticas dentro deste ambiente (Brasil, 2018).

Para Reis, Prata e Parra (2018), não é possível falar da estrutura da família sem mencionar o contexto em que esta se insere. A família, portanto, é considerada como um microsistema (Bronfenbrenner, 1996), que se encontra imersa em sistemas maiores nos quais sofre influência e também influencia, acompanhando as mudanças de percepção, da sociedade e das esferas sociais e culturais de um contexto para outro.

Este espaço da família também passa a ser permeado por diversas formas de violência, transformando as relações em espaços violentos e disciplinadores dos filhos e entre pares. Para Schreiber (2001), a criança ou o adolescente que vivencia e presencia diversas formas de violência e/ou experiências traumáticas no ambiente familiar e percebe ou lida com este fenômeno como algo naturalizado, pode acabar por introjetar essa percepção da violência na família como a única forma de desenvolver seu relacionamento com os outros, e como a única forma de resolução de conflitos.

Os autores Bessa, Costa e Torres (2016), apontam que são no seio familiar que se transmitem todos os valores considerados morais e sociais para crianças e adolescentes. Estes valores que são transmitidos ao longo da trajetória de vida servirão como base para o processo

de construção da percepção, da socialização da criança e do adolescente, bem com as tradições, as formas de lidar e costumes que são repassados de geração em geração.

O ambiente familiar, neste caso, que deveria ser o local mais seguro e acolhedor (Dias, 2013), para estes autores de agressão que sofreram as mais diversas formas de violência tornou-se um local de grande exposição e desamparo. Sendo assim, neste contexto, o fator da prática da negligência é visto de maneira muito forte, e constante, destacados por todos os participantes.

Diante desta forma de violência, enfatiza-se que muitos destes autores de agressão foram deixados sozinhos, sem a presença de um responsável que pudesse auxiliá-los. Esta forma de negligência foi demarcada pela constante exposição também à fome e à miséria, quando se podiam prover os mantimentos necessários a estes e os pais e/ou padrastos não o faziam de maneira objetiva, incluindo também a restrição de acesso à educação.

De acordo com Blackman e Dring (2016), grande parte dos autores de agressão sexual sofreu algum tipo de negligência durante a infância e adolescência. Assim como, dados apresentados por Teixeira, Resende e Perissinotto (2020), por meio de um estudo realizado com 30 autores de agressão sexual na região Centro Oeste do Brasil, que deixam claro que 93,3% destes autores sofreram algum tipo de negligência ou maus tratos dentro do ambiente familiar.

Essa discussão sobre a negligência se evidencia na trajetória de vida destes autores de agressão sexual por meio da vivência de situações de risco ao longo da trajetória de vida. Isso ocorria em muitos momentos ocasionados pela figura dos pais e/ou padrastos que negligenciavam a alimentação dos filhos/enteados dentro do ambiente familiar quando o podia prover.

Dentro dessa perspectiva, a negligência se configura pelo fato de os pais e/ou responsáveis serem detentores de poder, mas que não executavam ações práticas capazes de

proteger e cuidar da criança e/ou adolescente, assim como, atender às suas necessidades básicas de sobrevivência. Assim, os responsáveis acabam por não cumprir adequadamente com as demandas dos filhos, resultando por vezes em consequências que perduram nas fases subsequentes do desenvolvimento destas crianças e adolescentes, tais como, mudanças de percepções, comportamentos e emoções (Brasil, 2018; Mata, Silveira, & Deslandes, 2017).

Nessas circunstâncias, essas vivências avivam ainda mais fatores de risco ao desenvolvimento dos autores de agressão, afetados pela falta de suporte necessário no ambiente familiar. Esta condição de vulnerabilidade muitas vezes acabou expondo-os a maiores fatores de risco, quando expulsos de casa para viver em situação de rua, expostos a violência física, violência psicológica e também sexual por parte das próprias figuras parentais, dentro do ambiente familiar.

Portanto, a violência física é demarcada nos elementos *meu padrasto, dar, minha mãe e meus pais*. Este tipo de violência é evidenciado por condutas que causaram algum tipo de dano aos autores de agressão sexual, seja diretamente a estes ou a sua saúde corporal, causando consequências físicas, e/ou emocionais (OMS & Krug, 2002).

Esta forma de violência física se manifestava por meios e/ou formas de punições, ações violentas e uso da força física, na intenção de manifestar poder e autoridade dentro do ambiente familiar em situações adversas. Estes autores de agressão apanhavam constantemente, os pais eram figuras que batiam muito e disciplinavam os filhos de maneira indiscriminada.

Ademais, a violência psicológica se manifesta trazendo danos psicológicos e emocionais às suas vítimas, e isso se dá por meio de diversas formas de humilhações, ameaças, constrangimentos, explorações e outras formas de intimidar a vítima. Esta violência por vezes pode não produzir indícios visíveis, mas também levam suas vítimas à grande dor e sofrimento (Fermann & Pelisoli, 2016; OMS & Krug, 2002).

Portanto, a violência psicológica apresenta-se a partir dos conflitos existentes dentro do ambiente familiar, por meio de situações de disciplina desproporcional exigida e/ou ameaça por parte das figuras parentais, pelo baixo envolvimento dos pais com estes indivíduos em suas atividades essenciais, e até mesmo pela rejeição parental, demonstrada por meio dos insultos feitos pelos responsáveis ou pessoas mais próximas (Smallbone, 2006).

Neste sentido, a infância e adolescência destes autores de agressão sexual também foram fases do desenvolvimento marcadas pela presença de violência psicológica, por meio de ameaças, medo, e insultos por parte das figuras parentais. Esta violência psicológica era demarcada como a principal forma de tratamento estabelecida dentro do ambiente familiar, e os elementos *meu padrasto, fumar, apanhar, beber e dizer* demonstram os contextos nos quais os padrastos ameaçavam e forçavam alguns destes autores de agressão à inserção e uso de álcool, e outras drogas aos 12 anos de idade.

Outra forma de violência destacada foi a violência sexual. Este fenômeno se apresenta por meio de práticas ou tentativas de práticas sexuais, em que se atenta diretamente contra a sexualidade de outro indivíduo, contra a sua vontade e sem o seu consentimento (Batista et al., 2018). Nesta classe, foi possível identificar as práticas cometidas contra os autores de agressão sexual ainda na infância e também na adolescência, por parte dos seus responsáveis, enfatizando a figura do padrasto dentro deste contexto.

Para Schmickler (2006), a violência sexual possui muitas faces, e este tipo de violência praticada contra crianças e adolescentes acontecem com maior frequência no ambiente familiar, nos quais vítimas e autores estão inseridos. Assim, a violência sexual pode ser observada sendo correlacionada a motivações subjetivas do autor de agressão sexual, originadas de conflitos vivenciados por estes e das dificuldades experimentadas na infância e adolescência dentro do ambiente familiar e que de alguma forma, foram projetadas nas outras fases do seu desenvolvimento (Pinto Junior, Borges, & Gonçalves, 2015).

Esses dados também corroboram com a discussão desses autores (Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020; Ward & Beech, 2016) na literatura, no sentido em que se compreende que as vitimizações vivenciadas pelos autores de agressão sexual podem afetar diretamente o desenvolvimento destes indivíduos. Especialmente as vitimizações sexuais, quando vinculadas a vários outros fatores de risco que perpassam esses ambientes imediatos destes indivíduos, e que podem vir a favorecer de maneira direta às vulnerabilidades relacionadas ao cometimento de crimes sexuais na fase adulta (Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020; Ward & Beech, 2016).

Em sequência, essas figuras parentais apresentam-se por meio dos relatos dos autores de agressão como pessoas violentas, especificamente destacadas pela dificuldade de expressar afetividade no ambiente familiar, pelos maus tratos e negligências praticados contra estes, sendo destacada a figura dos pais, e em especial, o padrasto, como alguém que pratica violência constantemente, tanto contra os enteados, como contra suas companheiras.

O estudo de Martins e Jorge (2010), que buscava conhecer as características dos autores de agressão sexual de crianças e adolescentes, por meio de uma amostra de 186 autores de agressão sexual, identificou que a figura do padrasto representava 30,1% da amostra. Bronfenbrenner (1996) destaca que as relações estabelecidas no ambiente familiar podem gerar efeitos diretos no desenvolvimento nos filhos, e que podem interferir diretamente nos processos proximais estabelecidos nestes ambientes.

Os padrastos foram as figuras mais citadas dentro dos relatos extraídos nos trechos das entrevistas transcritas dos autores de agressão sexual participantes desta pesquisa. Estes se destacaram pelas inúmeras práticas violentas realizadas nos ambientes familiares em que estes eram membros ativos. Especialmente nas ações de ameaças para o estímulo ao uso de álcool e outras drogas, negação de acesso à educação, alimentação e proteção.

Neste sentido, focalizam-se os elementos mais frequentes na classe, tais como *meu padrasto, dar, minha mãe, estudar, meus pais, fumar, apanhar e beber*. Verificando-se o quanto as figuras parentais faziam uso do poder de maneira indiscriminada dentro do ambiente familiar e praticavam diferentes formas de violência contra os filhos, evidenciados nos respectivos contextos o vínculo dos elementos com as situações de violência vivenciadas.

Neste caso, as principais relações estabelecidas eram regidas muitas vezes por um sistema cultural marcado por valores autoritários que naturalizam esse tipo de comportamento violento contra crianças e adolescentes, sem considerar o processo de desenvolvimento dentro destes ambientes imediatos (Castro, 2009; Minayo, 2006). A partir disso, estes autores de agressão sexual trazem a violência como um marcador psicológico, que desencadeou a construção da própria percepção da violência vivenciada na família e os desdobramentos dessas ações ao longo da trajetória de vida.

Para Smallbone e Cale (2015), desde o nascimento e ao longo das fases do desenvolvimento os indivíduos carregam os desdobramentos e as interações com os ambientes imediatos nos quais estão inseridos, assim como, com as pessoas que estabelecem com esta relação neste mesmo contexto. Assim, o desenvolvimento biológico interage com uma gama de fatores psicológicos, ecológicos e situacionais relevantes para as motivações e associações a crimes sexuais.

Dessa forma, destaca-se que na medida em que a violência se manifesta nos ambientes que perpassam a trajetória destes autores de agressão, estes indivíduos passam a ser mais suscetíveis a tornarem-se vítimas do fenômeno da violência sexual, tanto quanto a repetir e perpetrar esse comportamento na vida adulta (Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020).

Para Bronfenbrenner (2011), o desenvolvimento de uma pessoa está diretamente ligado às suas interações com o ambiente, construído diariamente por períodos estendidos de tempo em uma participação que seja ativa em interações com pessoas, objetos e símbolos que

compõem a sua trajetória e o seu ambiente imediato, e que podem estimular ou inibir este processo de desenvolvimento e formar também as suas percepções sobre as suas vivências e o mundo em que este realiza suas interações.

Esta mudança de percepção sobre o fenômeno da violência na família se dá a partir do que se absorveu subjetivamente dentro destes ambientes mais imediatos, e que se perpetuou desde a infância, passando também pela adolescência. Para Bronfenbrenner (1996, 2011), a percepção se modula na forma de apreender a realidade de maneira abrangente, de acordo como esta é experienciada e percebida pela pessoa em desenvolvimento no contexto que habita.

Assim, pode-se inferir a possibilidade de que as formas de tratamento passaram a ser introjetadas e percebidas por estes adultos autores de agressão sexual, como a única forma de tratamento que poderia ser estabelecida com os outros (Pinto Junior, Borges, & Gonçalves, 2015; Smallbone & Cale, 2015; Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020). Modulando e compreendendo como se dá essa violência e a forma que esta passa a ser percebida por estes autores que compõem esta relação a partir da apreensão dessas vivências e interação da pessoa com o contexto em que se insere, atuando como produto e produtor do seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011).

A percepção da categoria agressão sexual – Classe 4, gerada pelo *Software Iramuteq*.

A Classe 4, denominada de “Percepção da Agressão Sexual”, foi responsável por 21,15% dos segmentos de texto. Os principais elementos que se relacionaram a esta classe foram: *agressão sexual, agressão, força, manter, violência, opinião, forçar, pegar, relação, espancar, mulher, matar, agredir e cara* (Figura 2). O conteúdo desta classe refere-se à percepção dos autores de agressão sexual sobre a categoria da violência sexual, a forma em

que este percebe e expressa o seu ponto de vista acerca do que é uma agressão sexual. Os trechos que expressam esse contexto são apresentados a seguir:

“Agressão é algo forçado, isso é agressão. O que vai contra a vontade da outra pessoa. Tem agressão sexual que é forçada, e tem aquela agressão sexual que é cedido, a pessoa está aceitando, mas não deixa de ser uma agressão sexual, por estar se envolvendo uma pessoa de menor” (P1).

“Uma agressão é pegar uma pessoa sem querer fazer, manter relação, pegar a pessoa a força, eu acho que é isso agressão, e também pegar a pessoa e bater, espancar, essas coisas que é violência” (P4).

“Agressão é a pessoa espancar, bater. Agressão pra mim é matar, bater. Agressão sexual pra mim é muito pior (...) tampar a boca dela, amarrar, não concordo com isso. Tu sabes que agressão sexual acontece muito, além do cara transar com a mulher, manter relação sexual, o cara faz a força, espanca, bate. O estupro é pegar a criança inocente e fazer a força. Carnal, machucar a menina, matar. Ele passou a mão não é estupro. Considero assim um tipo agressão de estupro sim, mas não tipo agravante, porque passou a mão” (P6).

“Agressão é estar agredindo, quando eu estou batendo, quando eu bato bater é uma agressão. Eu acho que bater é uma agressão. Agressão sexual porque esta agredindo. Agressão é mais quando pega na marra, quando pega ela a força, que diz o cara, mete a coisa nela” (P8).

Discussão acerca da percepção da agressão sexual dos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes – Classe 4.

Nesta classe 4, observa-se elementos agrupados que indicam a percepção da violência sexual do adulto autor de agressão sexual contra crianças e adolescentes. Nota-se nesta classe que a percepção da violência sexual destes autores está atrelada ao uso da força física para a obtenção da perpetração sexual. Ao longo dos trechos extraídos das entrevistas transcritas, o

uso das formas mais rígidas para contenção das vítimas é o que caracteriza para eles fortemente a percepção da violência sexual praticada.

O conteúdo desta classe pode representar a associação da percepção da violência sexual como uma prática que faz a utilização ao que nos referimos neste trabalho como *hands on*, onde se utilizam diversas formas de contenção da vítima para a obtenção da relação sexual. Assim como, a prática voltada à ideia de penetração para consolidar essa ação de maneira objetiva, e que constrói essa percepção do fenômeno, especialmente em casos de autores de agressão sexual oportunistas, podendo estabelecer uma prática mais hostil (Rebocho & Gonçalves, 2012).

Em estudo de Jesus et al. (2019), realizado com base em dados secundários, por meio das notificações de violência sexual registradas nos Conselhos Tutelares da cidade de Feira de Santana - BA, nos anos de 2014 a 2016, teve um total de 193 casos notificados. Enfatizou-se quanto ao tipo de intimidação que foi utilizada para a prática da violência sexual, e apresentou-se um total de 22,8% das práticas com o uso da força física e 18,6% por meio de ameaças.

Neste mesmo estudo (Jesus et al., 2019), referentes às formas de manifestação do contato, a violência sexual praticada sem penetração (por meio de carícias e atos libidinosos) representou 69 registros dos casos investigados, e em sequência o ato com penetração com 39 casos da amostra. Estando as figuras do padrasto e do pai, como os mais presentes nessas práticas (14,4%).

Assim, os dados apresentados nos trabalhos citados acima corroboram com os dados das investigações desta dissertação, demonstrando em números o grau de severidade praticado por adultos autores de agressão sexual, representado pela categoria *hands on*, que fazem uso da força física e da contenção das vítimas para a obtenção da prática sexual, na maior parte das suas vitimizações. Mas também se reitera a condição de *hands off*, que é identificada nos

trechos das entrevistas transcritas, e que surge na medida em que a idade aumenta, e pelos quais os níveis de maturidade e entendimento dos fenômenos sociais e psicológicos vão se modificando e construindo as percepções destes adultos autores de agressão sexual.

Dessa forma, na percepção destes adultos autores de agressão, não há como dissociar a percepção da violência sexual do uso da força, destacando esta prática por meio de atos que envolvam força física, uso da contenção, bater, espancar, matar, machucar, agredir e por vezes, penetrar nas suas vítimas. Isto se evidencia nos elementos agrupados destacados pelas palavras: *agressão sexual, agressão, força, manter, violência, forçar, pegar, espancar, matar e agredir*.

No estudo realizado por Silva (2016), com oito detentos condenados por crime de cunho sexual contra crianças e adolescentes, no Presídio Estadual de Grande Vitória – ES constatou-se que os autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes percebem a violência sexual em sua manifestação física. Dessa forma, os relatos acerca da percepção da violência sexual são envoltos e estão diretamente ligados à prática da agressão física, de forma hostil e violenta.

Em estudo de Ramos e Rossi (2021), a partir de uma análise descritiva das notificações de casos de violências praticadas contra crianças e adolescentes registradas pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), na Bahia nos anos de 2009 a 2016, evidenciou-se um total de 14.115 casos notificados. Destas notificações, os casos de violência sexual foram os mais apresentados em todos os anos, e no que diz respeito à natureza da lesão, observou-se um alto percentual do uso da força física e formas de contenção mais hostis, representando 50,44% dos casos notificados, ainda em 2009.

Atrelado a isso, observou-se as percepções destes autores de agressão, que em seus relatos, discorrem sobre justificativas e alternativas de se isentar dos atos cometidos. Destaca-se especialmente a idade das vítimas como algo que poderia ser determinantes para estes

adultos autores de agressão sexual na prática e não do ato em si, quando estes passam a justificar as concessões por meio do consentimento, ou provocação destas (Vieira, 2010).

Destaca-se também por Vieira (2010), que os autores de agressão sexual nas suas narrativas usam como justificativa ou resposta ao motivo pelo qual realizaram esse tipo de prática sexual, devido o fato de terem sido seduzidos pelas vítimas, ou terem o consentimento destas. Estas justificativas são extraídas das suas percepções e crenças sobre a agressão sexual, e ocorrem mesmo em casos em que as vítimas eram crianças.

A ausência de ameaças nas práticas presentes nos relatos dos autores de agressão sexual não aponta para a ausência de coerção e sedução enganosa. A utilização destes artifícios de indução à prática sexual tem como finalidade somente a satisfação de seus próprios desejos sexuais e não deixa de ser uma violação de direitos das vítimas (Silva, 2016).

Para estes autores de agressão sexual a ancoragem da percepção da violência sexual se direciona em torno da realidade criada por estes, por meio dos elementos trazidos pelos próprios autores de agressão sexual. Estes se colocam em posição de conhecedores do fenômeno em sua totalidade, e trazem a visão da inocência, resultando na percepção do próprio ato e à culpabilização das vítimas (Silva, 2016).

Por seguinte, esta percepção da violência sexual se apresenta também muito atrelada às características biopsicossociais apresentadas por estes autores de agressão, como forma de construção desta percepção a partir do que foi vivenciado nas fases da infância e adolescência destes. A falta de limite entre uma fase do desenvolvimento e outra se mostraram como fatores que podem ter propiciado a mudança de percepção da própria agressão sexual cometida.

Entretanto, a partir da análise do Dendograma (Figura 2) gerado pelo *software Iramuteq*, destaca-se a percepção da violência sexual demonstrada de maneira oposta às classes 1, 2 e 3. Isso pode se justificar como um achado neste estudo, em que os autores

percebem e observam a agressão sexual como um acontecimento à parte de suas experiências vivenciadas ao longo da infância e adolescência, e também como uma prática isolada.

Em estudo de Ferreira e Nascimento (2019), com cinco homens imputados pela prática de crime sexual sobre a percepção das práticas de crimes sexuais, destacou-se que ter sofrido agressão sexual na infância e/ou adolescência é visto como parte de um processo educativo para estes autores de agressão sexual. A percepção da violência sexual é tida como uma experiência individual, isolada, de escolha e não do próprio autor de agressão.

Essas práticas são percebidas pelos participantes como algo individual e com ligação direta com a fraqueza do indivíduo, que não consegue lidar com seus impulsos sexuais (Ferreira & Nascimento, 2019). Estas práticas são percebidas por alguns dos participantes deste estudo de forma naturalizada, fazendo distinção apenas da prática forçada e consentida, na visão destes de acordo com a idade e percepção que estes atribuem ao ato, sem relacioná-las com a própria vivência.

Assim, estes dados corroboram os achados na percepção desses autores de agressão participantes na amostra da dissertação, em que esta prática de violência sexual não se vincula às suas experiências vivenciadas em suas fases do desenvolvimento anteriores, mas se expressam por estes como um fato único, que foi praticado na fase adulta, e que em seus relatos, não haveria chance de uma nova ocorrência e/ou vínculo com suas experiências ao longo da trajetória de vida.

Este dado se difere do apresentado por Silva (2016), que identificou que os participantes da pesquisa percebem a violência sexual a partir das suas próprias experiências destacadas nas suas fases do desenvolvimento (infância e adolescência). Destacando as experiências adquiridas a partir das vivências, e que vai ancorando e sendo objetivada nas percepções e práticas da pessoa em desenvolvimento.

Assim, para Ward e Beech (2016), os efeitos em longo prazo de vitimizações sexuais ao longo da infância e adolescência podem incluir um funcionamento sexual perturbado na fase adulta. Estes efeitos podem resultar em uma mudança de percepção, crenças, e até mesmo recapitulação das formas de violência vivenciadas, e que por vezes apontam para o núcleo central das percepções que desenvolvem e abrangem a forma de lidar com o fenômeno.

Neste sentido, essas práticas perpetradas na fase adulta foram vivenciadas de maneira constante, contínua e forte na infância e adolescência destes autores, algo que não determina se um indivíduo se tornará ou não perpetrador das mais variadas formas de agressão. Mas que podem contribuir e tornar-se fatores de risco que podem coadunar e tornar estas práticas recorrentes em diferentes contextos e episódios vividos nas fases subsequentes do desenvolvimento (Ward & Beech, 2016).

Nesta mesma análise de Ward e Beech (2016), o sistema da percepção e da memória é capaz de processar informações sensoriais recebidas e construir a visão de objetos, eventos, e fenômenos, disponibilizando-os a outros sistemas. Qualquer influência ou experiência desadaptativa neste sistema da percepção pode fazer com que essa experiência vivenciada seja distorcida e a construção e transformação da percepção pode fazer com as ações subsequentes possam resultar em danos para si e para os outros.

Dessa forma, esses indivíduos inseridos nestes contextos adversos, dotados de capacidade para modificar o seu meio e ser dialeticamente modificados, absorvem suas experiências por condições objetivas e subjetivas, e são capazes de conduzir o desenvolvimento humano e construir a percepção que sem tem desses fenômenos, assim como, a condução de suas futuras experiências (Bronfenbrenner, 1996, 2011).

Por seguinte, observa que de alguma forma, todas as experiências psicológicas vivenciadas na infância e adolescência desencadeiam impactos, influências e efeitos sobre a

percepção que se tem sobre os mais variados aspectos constituintes dos indivíduos, sobre si e sobre o mundo que o cerca. A partir dos desdobramentos da classe 3, resultantes das ligações com as classes 1 e 2, observa-se as relações significativas estabelecidas nestas fases do desenvolvimento e como o fenômeno da violência se desenrola neste processo e neste contexto em que estes indivíduos (pessoas) estão inseridos.

Uma vida marcada por essas experiências aumenta a chance de gerar esse tipo de comportamento desadaptativo na fase adulta (Marshall, 2018; Pinto Junior et al., 2015; Ward & Beech, 2016). No sentido em que a violência sofrida e a violência praticada são partes de uma mesma forma, e que geram impacto, influência e efeito sobre a percepção destes sobre o fenômeno em questão.

Se reportar ao crime cometido como um capítulo à parte da vida destes adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, pode representar uma transformação dessas percepções que foram construídas ao longo da trajetória, e que continuam a sofrer modificações conforme as vivências vão sendo experienciadas por estes. Além disso, pode-se considerar o impacto da memória na própria construção da percepção que também pode se modificar (Martins, 2011; McMahon & Baker, 2011; O'Neil & Morgan, 2010).

Assim, de acordo com os escritos de Bronfenbrenner (1996, 2011), a partir do Modelo Bioecológico é possível compreender o desenvolvimento humano, que se dá como um processo contínuo, que perpassa por interações que são vivenciadas pela pessoa, e a sua interligação com o contexto em que estão inseridas e a sua trajetória de vida. Este elemento da experiência pode incluir em mudanças na trajetória de vida destes autores, não apenas nas suas condições objetivas por meio das experiências, mas também na maneira em que estas são apreendidas subjetivamente, podendo modificar a percepção que este tem sobre si e sobre as pessoas que compõe este e outros ambientes (Bronfenbrenner, 2011).

Para Bronfenbrenner (2011), o processo de desenvolvimento envolve a fusão e a dinâmica de relação entre o indivíduo e o contexto em que está inserido, incluindo a pessoa e o seu repertório individual de características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais, que se constituem em um processo de construção e que modera dentro de um cronossistema as mudanças ao longo de todo o ciclo de vida, incluindo as mudanças de percepção.

Nos pressupostos do Modelo Bioecológico, estes elementos tanto objetivos quanto subjetivos são apontados como os principais componentes responsáveis por dirigir o percurso do desenvolvimento humano. Porém, para Bronfenbrenner (2011) nenhum desses elementos por si só é capaz de ser suficiente para o desenvolvimento humano, e estes quase nunca funcionam na mesma direção. Assim, é importante compreender a natureza de cada uma dessas forças dinâmicas, seja pela forma fenomenológica ou pela experiencial que modulam as percepções e que dirigem o desenvolvimento humano, a fim de analisar as percepções que vão permeando a trajetória dos autores de agressão sexual e compreender o que está envolto às suas práticas.

Percepção da violência sexual dos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com as características biopsicossociais

Esta seção traz o apontamento do modo de perceber a violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes da pesquisa e sua relação com as características biopsicossociais (idade, escolaridade, violências sofridas) associadas a esse grupo etário (adultos), e que serão apresentadas nas Tabelas 1, 2 e 3.

A primeira (Tabela 1) traz o apontamento da característica idade e a sua relação com o modo de perceber a violência sexual, a partir dos segmentos de texto extraídos da análise submetida ao *Software Iramuteq*. A segunda (Tabela 2) consistiu em apontar a característica

escolaridade destes adultos autores de agressão sexual e o modo de perceber a violência sexual. E por fim, a terceira tabela (Tabela 3) que aponta as características das violências sofridas ao longo da trajetória de vida também relacionadas com o modo de perceber o fenômeno da violência sexual pelos autores.

Percepção da violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica idade

Os dados obtidos para a primeira relação se deu mediante a divisão da categoria idade em duas faixas etárias, a primeira com adultos autores de agressão sexual que estavam entre 29 a 38 anos de idade, representando 60% dos participantes, e que estavam abaixo da média da idade apresentada nos dados da caracterização biopsicossocial. E em seguida, a faixa etária de 44 a 55 anos de idade, com 40% dos participantes da pesquisa, e que estavam acima da média de idade apresentada.

Com base na seleção das entrevistas transcritas e os subgrupos etários criados, verificou-se que não foram encontrados adultos com idade entre os 38 e 44 anos, justificando dessa forma a subdivisão realizada na Tabela 1 e a organização das percepções encontradas de acordo com a divisão etária considerada das características biopsicossociais de adultos autores de agressão sexual.

Assim, esses resultados foram organizados e apresentados na Tabela 1 de acordo com os seus respectivos segmentos de texto, que representam o modo de perceber o fenômeno da violência sexual e a sua relação com a característica idade apresentada por estes adultos autores de agressão sexual.

Tabela 1

Percepção da violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica idade

Idade	Percepção da Violência Sexual - (Segmentos de Texto)
29 – 38 anos (60%)	<p><i>“Uma agressão de palavras, verbais, de vazio, de a pessoa manter uma relação forçada, é uma agressão. Eu acho que é isso aí agressão, essa forma aí de violência”.</i></p> <p><i>“Uma agressão é pegar uma pessoa sem querer fazer, manter relação, pegar a pessoa a força, eu acho que é isso agressão, e também pegar a pessoa e bater, espancar, essas coisas que é violência”.</i></p>
44 – 55 anos (40%)	<p><i>“Tem agressão sexual que é forçada, e tem aquela agressão sexual que é cedida, a pessoa está aceitando, mas não deixa de ser uma agressão sexual, por estar se envolvendo uma pessoa de menor”.</i></p> <p><i>“O estupro é pegar a criança inocente e fazer a força. Carnal, machucar a menina, matar, tudo isso. Ele passou a mão não é estupro. Considero agressão, considero assim um tipo agressão de estupro sim, mas não tipo agravante, porque passou a mão tudo”.</i></p>

Ao analisar os apontamentos feitos na Tabela 1, observam-se as diferentes formas de perceber a violência sexual nos segmentos apresentados nas duas divisões da característica idade. Ainda que a amostra total seja representada por homens adultos, que estavam em uma média de idade de 38,8 evidenciam-se diferenças no modo de perceber a violência sexual por estes a partir destas características.

Para os adultos autores de agressão sexual que se encontravam na primeira divisão, entre os 29 e 38 anos de idade, o modo de perceber a violência sexual estava mais atrelado ao uso da força física e também ao uso de outras formas de violência, incluindo a violência verbal, violência psicológica, sendo estas perpetradas por estes, e onde se englobam as diferentes formas de violência, sem distingui-las entre si.

Em pesquisa qualitativa realizada por Sanfelice e Antoni (2010), com três homens acusados e condenados por cometer violência sexual contra crianças e adolescentes, que cumpriam pena em um presídio no interior do Rio Grande do Sul, destacou-se a percepção destes sobre a sexualidade e a violência sexual cometida. Para os participantes desta pesquisa,

a violência sexual foi percebida associada diretamente ao uso da força física e outras formas de violência para consumação das práticas sexuais.

Este modo de perceber o fenômeno da violência se destaca por meio do que os autores de agressão sexual consideram como uma relação forçada. Os segmentos de texto dos autores que se encontram nesta faixa de idade reiteram que o modo de perceber a violência sexual se vincula ao uso da força física. Isto se materializa para eles em ações que consistem em pegar uma pessoa e manter uma relação sexual sem que esta queira ou consinta, fazer uso da força, contenção, bater e espancar, como formas que se vinculam à percepção da violência sexual.

Para Silva (2016), o modo de perceber a violência sexual para os adultos menos experientes está muito ligado à relação de poder exercida, especialmente nos ambientes familiares, sobre crianças e adolescentes. Isso se dá na medida em que se aumenta a idade, a experiência, e que propicia a este autor de agressão sexual forçar, ameaçar e/ou obrigar a criança a realizar práticas sexuais sem a sua vontade.

Neste sentido, não há uma compreensão real do que de fato representa a violência sexual e as suas implicações na vida das vítimas deste fenômeno. Haja vista, que as relações que permeiam esta forma de violência passam a ser direcionadas ao uso da força e meios de contenção para obtenção da prática sexual na percepção destes autores. Este modo de perceber a violência sexual acaba por desconsiderar os rebatimentos/consequências destas práticas, demonstrando a dificuldade dos autores de agressão sexual adultos de se colocar no lugar do outro.

Na pesquisa qualitativa de Silva (2016), com detentos condenados por crimes sexuais contra crianças e adolescentes em uma Penitenciária Estadual da região da Grande Vitória - ES refletem-se também as falas dos autores de agressão sexual sobre a percepção da violência sexual como aquilo que lesiona o outro fisicamente. Ainda que alguns participantes deste presente estudo não consigam expressar de maneira objetiva as suas percepções sobre o

fenômeno da violência sexual, é possível identificar a vinculação existente da percepção destes da violência sexual como algo que afeta o físico, trazendo como representação também o ato de matar.

Dessa forma, a percepção da violência sexual é objetificada nos segmentos de texto como algo que causa danos ao corpo, associando-se à ferimentos expostos, traumas, machucados, uso da força, pegar contra a vontade, espancar, bater, e outras formas de violência. Entretanto, estes autores de agressão sexual nesta faixa etária parecem não vincular as suas percepções da violência sexual para além do uso da força física. Desta forma, não verbalizam o fato da violência ser um fenômeno que se caracteriza pelo uso do poder que permeia as relações estabelecidas nos ambientes imediatos, envolvendo práticas que são naturalizadas pela sociedade e por estes (Silva, 2016).

Esta característica da idade como marcador biológico evidencia a diferença na percepção de autores de agressão sexual no início da fase adulta, e o autor de agressão adulto mais experiente, na medida em que estes quanto mais novos tendem a ter menor percepção da dimensão das suas práticas e as consequências destas. Entretanto, essas práticas tendem a ir enfraquecendo com o início da vida adulta, crescendo paralelamente com a linha de maturidade, responsabilidades, laços sociais e rotinas que são introduzidas a partir do início desta fase do desenvolvimento (Mckillop, Rayment-McHugh, Smallbone, & Bromham, 2018).

Em pesquisas sobre a adultez (Mendonça, 2007; Mendonça et al., 2009; Sousa 2010) compreende-se que a percepção sobre a violência sexual por parte de adultos autores de agressão sexual deveria apontar para uma percepção que expressasse maior maturidade emocional, por exemplo, mais informação sobre o tema e pontuada por aspectos que são considerados socialmente aceitáveis, partindo do pressuposto de compreender a violência

sexual como um fenômeno que atinge a vida de crianças e adolescentes, causando consequências por vezes, irreversíveis.

Em contrapartida, uma percepção menos madura e menos consciente parte da percepção da violência sexual como algo naturalizado e que permeou a trajetória de vida destes adultos que se tornaram praticantes deste ato. Assume-se que isto pode dificultar o entendimento real do fenômeno e distorcer cognitivamente o que seria de fato a percepção da violência sexual.

Deste modo, pode-se dizer que autores de agressão sexual que estão entre os 44 a 55 anos de idade partem de uma compreensão mais abrangente do modo de perceber a violência sexual. Estes dão ênfase a partir da perspectiva de um maior entendimento da necessidade de respeitar as leis e os direitos que perpassam a realidade de crianças e adolescentes.

Isso se evidencia a partir da ênfase nos segmentos de texto a respeito da percepção da violência sexual, diferenciando-se do que estes consideram por consentimento e relação forçada. Estas formas de expressar a percepção da violência sexual são abordadas por meio das expressões de *agressão sexual forçada* e *agressão sexual cedida*, mencionada por alguns dos participantes nos trechos das entrevistas transcritas.

Em conformidade com isso, os autores de agressão sexual adultos mais experientes fazem essa diferenciação a partir das suas práticas e vivências dentro do próprio ambiente em que está inserido e a forma que conduz as práticas sexuais contra as suas vítimas. Esta referência da percepção do fenômeno ser forçado ou cedido se baseia na aplicabilidade da violência, pois os adultos mais experientes tendem a fazer menor uso da força, considerando o uso de afetividade e atenção com as vítimas, desconsiderando a prática de maneira objetiva, mas vinculando esta ao consentimento (Mckillop, Rayment-McHugh, & Bojack, 2020).

As estratégias adotadas pelos autores de agressão sexual e o seu modo de perceber a violência sexual tendem a apontar o uso indevido de poder e autoridade para a obtenção das

práticas sexuais. A percepção da prática vinculada ou não ao consentimento está permeada por manipulação emocional, subornos, afetividade e confiança, na medida em que a diferença de idade entre o autor de agressão sexual e a vítima aumenta (McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone, & Bromham, 2018).

De acordo com estudo de McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone e Bromham (2018) realizado na Austrália com homens autores de agressão sexual, são observados que adultos mais experientes estavam mais propensos a praticar a violência sexual contra crianças maiores. A partir de uma percepção que abrange fatores culturais, cognitivos, situacionais e comportamentais que foram moldando a sua percepção sobre a violência sexual e a própria visão que este tem da vítima ao longo do seu desenvolvimento e maturidade.

Neste sentido, ao analisar dados de outros estudos com as investigações desta dissertação, pode-se inferir que os adultos tendem a aproximar-se de crianças maiores e ter maior preferência por elas com o intuito de seduzí-las e induzi-las à prática sexual, partindo de uma ação menos invasiva e com maior manipulação emocional. Dessa forma, a própria percepção que esta categoria de adultos mais experientes faz da agressão sexual consensual e da agressão sexual forçada podem ter contribuído em algum grau na formação da percepção da violência, podendo influenciar diretamente na prática cometida.

Diferentemente da primeira categoria de idade apresentada, esta abrange também a noção de perceber a condição das vítimas, enquanto crianças e adolescentes. Dando destaque à noção de criança como um ser inocente, incapaz de consentir conscientemente a prática sexual. Neste sentido, tudo que se refere às crianças (mencionadas como menores nos ST's), vinculam-se a percepção da violência sexual com maior dano.

Por seguinte, na percepção destes autores de agressão sexual, as vítimas adolescentes são percebidas como indivíduos capazes de consentir a violência sexual, sem que haja uso da força física, e que são dotados de capacidade de compreensão do que estão passando.

Diminuindo dessa forma os danos que podem ser causados a estas em grandes proporções na percepção destes adultos.

Entre as principais formas e motivos alegados pelos autores de agressão sexual para diferenciar crianças e adolescentes em seus atos de crimes sexuais e a percepção da violência sexual se coaduna com outros estudos (Habigzang, Koller, Azevedo, & Machado, 2005). Estes alegam a percepção da vítima como adulta capaz de se envolver e aceitar conscientemente condutas sexuais, a partir de crenças religiosas, intercurso sexual precoce, culpabilização da vítima, por meio da sedução e outros (Habigzang, Koller, Azevedo, & Machado, 2005).

Já a figura da criança é apresentada nos segmentos de texto de maneira mais vulnerável e frágil, mas que apesar disso, esta percepção ainda sofre com os rebatimentos das práticas destes autores de agressão sexual. Isso se evidencia na medida em que estes autores percebem a condição de vulnerabilidade da criança, mas que normalizam/minimizam e distorcem as interações sexuais que buscam, especialmente nos ambientes familiares, em que maior parte de vítimas e autores estão inseridos (Monteiro, 2018).

Por fim, estes adultos também enfatizam a percepção da violência sexual com a ação de passar a mão, e o ato de acariciar como uma forma naturalizada, que não é percebida como uma forma de violência sexual. Isso também se evidencia nas falas “*Ele passou a mão, não é estupro*”. Dessa forma, se reitera a percepção destes autores, que percebem a violência sexual somente quando esta envolve de fato uso da força física, e em alguns casos, a penetração. Isentando-se das suas responsabilidades nos casos em que estes acariciaram, molestaram ou passaram a mão em suas vítimas.

Em detrimento disso, ainda nos apontamentos de Habigzang, Koller, Azevedo, e Machado (2005) em estudo realizado com base nos processos jurídicos do Ministério Público do Rio Grande do Sul, mapeou-se que o ato de violência sexual foi descrito com maior

frequência e detalhes entre os 77 casos investigados. E entre as principais formas de violência identificadas foram esfregar-se no corpo da vítima ou passar a mão pelo corpo com 39% das notificações.

Esta percepção da violência sexual que naturaliza e minimiza o ato de passar a mão, ou acariciar as vítimas pode estar relacionado à própria percepção que este autor de agressão sexual constrói sobre si, sobre a vítima e sobre a prática cometida. Isso também pode estar diretamente associado à reprodução dos pensamentos da sociedade, que se enraízam nas relações por meio de sistemas culturais, sociais, e por valores que são construídos permeando todo o processo de integração da percepção da violência sexual nos mais diferentes contextos (OMS & Krug, 2002; Pedroso, 2015).

Dessa forma, tais percepções passam a ser construídas ao longo da trajetória de vida, e sofrem modificações na medida em que a própria vivência vai se transportando nas diferentes idades, condições, e experiências que vão se acumulando nos ambientes de inserção destes autores de agressão sexual. Assim, o modo de perceber a violência sexual associada à característica da idade pode sofrer os impactos da interação e das mudanças por meio das relações estabelecidas ao longo do tempo, que podem ser ressignificadas em contextos diferentes e específicos, e nas diferentes idades dos autores de agressão sexual (Salles, 2005).

Percepção da violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica escolaridade

Esta próxima relação se dá mediante a característica escolaridade e o modo de perceber a violência sexual. Esta figura (Tabela 2) traz a característica da escolaridade associada à forma de perceber a violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual. Esta característica também foi dividida em duas categorias, para facilitar a compreensão e identificar as diferenças existentes entre autores de agressão sexual com maior e menor escolaridade.

A primeira é demonstrada por meio dos adultos que obtinham o Ensino Médio Completo e o Ensino Superior Incompleto, com 40% da amostra total. E a segunda divisão é representada pelos autores de agressão sexual com Ensino Fundamental Incompleto e Ensino Médio Incompleto, com 60% dos participantes.

Tabela 2

Percepção da violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica escolaridade

Escolaridade	Percepção da Violência Sexual - (ST's)
Ensino Médio Completo Ensino Superior Incompleto (40%)	<i>“Agressão sexual é quando uma pessoa penetra na outra isso é agressão sexual”.</i>
Ensino Fundamental Incompleto Ensino Médio Incompleto (60%)	<i>“Agressão sexual também não é bom, é ruim também. Porque é uma agressão, porque a criança não tem defesa”.</i> <i>“Agressão sexual porque esta agredindo, não, não sei. Agressão é mais quando pega na marra, na marra assim e quando pega assim ela a força, que diz o cara, mete a coisa nela”.</i>

Estes dados apresentam de maneira ampla a percepção dos autores de agressão sexual que possuem maior e menor escolaridade ao longo de suas trajetórias de vida. Dentro das características foi constatado o baixo nível de escolaridade dos entrevistados, e reiterou-se que alguns dos participantes só alcançaram um nível maior de ensino após entrada ao cárcere em que se encontravam no momento da entrevista.

Neste sentido, na primeira categoria da característica escolaridade demonstra-se que quanto maior a escolaridade, maior a probabilidade da percepção da violência sexual se vincular ao uso da força física, e também à penetração. Neste primeiro grupo, os adultos autores de agressão sexual destacam nos segmentos de texto a percepção da violência sexual vinculada, como na classe anterior, ao uso da força física.

De acordo com Zilki, Aguiar, Perissinotto e Resende (2020), essa percepção por parte dos adultos autores de agressão sexual sobre a violência sexual são consideradas incompatíveis com as normas sociais estabelecidas. Estas percepções indicam que ainda que estes autores sejam mais experientes e tenham acesso a mais informação e ensino, evidencia-se a subjetividade ou as crenças que alteram a percepção dos fenômenos e da realidade objetiva.

Os dados são reiterados pelo que é apresentado pelos autores (Zilki, Aguiar, Perissinotto, e Resende, 2020) em que a percepção dos autores de agressão sexual é vinculada à priorização dos desejos, e dessa forma, se enfatiza a percepção da violência sexual sem que esta seja considerada de fato uma forma de violência. A percepção de que ter relações sexuais com crianças e adolescentes como algo errado é evidente nos segmentos de texto, entretanto, ainda que estes possuam uma percepção do que é considerado socialmente aceitável ou não, conduzem as suas percepções como algo naturalizado, pois não reconhecem no outro as consequências desta prática.

Esses apontamentos dos autores de agressão sexual com maior escolaridade também indicam que tais percepções são errôneas e distorcidas (Zúquete & Noronha, 2012). Estas são manifestadas por meio de argumentos que não visualizam de fato as mazelas oriundas das diversas formas de violência sexual praticadas nos cotidianos de vítimas e autores de agressão sexual.

As percepções dos autores de agressão sexual tendem a demonstrar a presença de distorções cognitivas, referentes às práticas sexuais realizadas contra crianças e adolescentes, nos quais, estes percebem como comum, e naturalizada. Para estes, a prática sexual sem penetração é minimizada e diminui a gravidade da violência (Silva, 2016).

Já quando referimo-nos aos autores de agressão sexual com baixa escolaridade, percebe-se que estes possuem menor abrangência da percepção da violência sexual. Isto se

apresenta nos segmentos de texto por meio de não saber e/ou não verbalizar o que seria o fenômeno da violência sexual, e/ou vincular esta prática às ações que envolvem força, e contenção da vítima.

Para Zilki, Aguiar, Perissinotto e Resende (2020), os autores de agressão sexual com menor escolaridade tendem a expressar percepções estereotipadas, hostis e/ou distorcidas acerca da criança, do adolescente e da própria violência sexual. Em muitos casos, estes autores de agressão sexual manifestam as suas percepções por meio de desculpas, naturalização, e tolerância da violência sexual, por vezes, permeada também pelas distorções cognitivas.

Ao afastar-se dos estudos, os autores de agressão sexual podem ter sua formação intelectual, social e seu desenvolvimento comprometido. Isso acaba afetando a sua formação e as suas percepções que podem ser moldadas a partir de uma procedência sem responsabilidade e sem o pensamento crítico acerca das próprias ações (Bronfenbrenner, 2011; Silva, 2016; Zilki, Aguiar, Perissinotto, & Resende, 2020).

Nos casos apresentados na amostra, os autores de agressão sexual que possuíam menor escolaridade, trazem em seus relatos nos trechos das entrevistas transcritas, muita das vezes, o desconhecimento da gravidade das suas práticas. E até mesmo, a falta de compreensão desta percepção do que de fato se refere o fenômeno da violência sexual, por vezes, permeadas em seus próprios ambientes mais imediatos.

De acordo com Hackman et al. (2010), a baixa escolaridade e a vivência em ambientes sociais instáveis, tendem a ser modelos para a construção da percepção, desenvolvendo uma configuração dos limites, habilidades ou inabilidades para resolução de conflitos e estratégias de enfrentamento. Quando estes sistemas são comprometidos, associam-se prejuízos aos aspectos psicológicos, cognitivos e emocionais no decorrer da vida, e na modulação da própria forma de ver a si, aos outros e as ações praticadas.

A percepção dos autores de agressão sexual é resultado da sua interação como pessoa com o ambiente no qual esta está inserida (Bronfenbrenner, 2011). Dessa forma, a escolaridade surge como um fator contribuinte na construção da percepção destes indivíduos sobre as diferentes formas de violência, em como este compreende socialmente o mundo no qual está inserido, e que também irá refletir diretamente nas suas práticas.

Percepção da violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica das violências sofridas

Nesta divisão destaca-se o modo de perceber a violência sexual e as diferentes formas de violências sofridas ao longo da trajetória de vida destes adultos autores de agressão sexual. Estas formas foram evidenciadas nas características destes autores, e em alguns casos, se vinculou diretamente com as práticas sofridas e perpetradas.

Esta próxima característica também foi dividida em duas categorias, a primeira foi feita por meio dos adultos que foram vítimas de 1 ou 2 tipos de violência, representando 30% da amostra total. E a segunda divisão é composta pelos autores de agressão sexual vítimas de 3 ou 4 tipos de violência, com 70% dos participantes.

Tabela 3

Percepção da violência sexual pelos adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica de violências sofridas

Violências sofridas	Percepção da Violência Sexual - (ST's)
Vítimas de 1 ou 2 tipos de violência 30%	<p><i>“O estupro é pegar a criança inocente e fazer a força. Carnal, machucar a menina, matar, tudo isso”.</i></p> <p><i>“Tem agressão sexual que é forçada, e tem aquela agressão sexual que é cedida, a pessoa está aceitando, mas não deixa de ser uma agressão sexual, por estar se envolvendo uma pessoa de menor”.</i></p>
Vítimas de 3 ou 4 tipos de violência 70%	<p><i>“Agressão sexual é agressão física, em partes íntimas, é isso que seria agressão sexual”.</i></p> <p><i>“Eu acho que agressão sexual é a pessoa fazer uma coisa com uma pessoa pelo menos assim, eu não queria. Violência sexual eu não sei te dizer assim. Tudo que passa a agressão é errado”.</i></p>

Esta característica investigada dos tipos de violências sofridas, relacionadas ao modo de perceber a violência sexual, apontam que os acontecimentos marcantes da infância e adolescência, denotam que a percepção vai se modulando e parece estar diretamente ligada a essas experiências traumáticas vivenciadas ao longo da trajetória de vida destes adultos autores de agressão sexual.

A percepção da violência sexual e o próprio ato de praticar este fenômeno podem ser diretamente influenciados por fatores situacionais presentes nos ambientes mais imediatos que compreendem esta fase do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011; McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone, & Bromham, 2018). Além dos fatores que permeiam a trajetória de vida dos autores de agressão sexual, as circunstâncias sociais, econômicas, culturais e pessoais, também afetam o desenvolvimento e modulam suas percepções, crenças e visões acerca do fenômeno investigado.

Assim, ser exposto a diversos tipos de violência, seja forma física, psicológica ou sexual, podem se apresentar como fatores que predispõem autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes a cometer crimes de cunho sexual nas fases subsequentes do

desenvolvimento ao qual este foi exposto a este tipo de violação, e também modificar as suas percepções (Marshall, 2018; Ward & Beech, 2016).

No primeiro grupo, em que os adultos autores de agressão sexual apresentam 1 ou 2 tipos de violências sofridas ao longo da trajetória de vida, abrange-se a percepção da violência sexual como algo carnal, em que se faz uso da penetração para a consolidação do fato, matar, machucar, além do envolvimento e uso da força física demonstrada nos segmentos de texto apresentados.

De acordo com Monteiro (2018), é habitual considerar a percepção da violência sexual vinculada quando há violência física, evidências da violação e penetração na vítima. Este modo de perceber a violência sexual apresentado se coaduna com o que foi visualizado nos segmentos de texto, onde a percepção da violência sexual se evidencia diretamente atrelada ao uso da força física, dando destaque a bater, espancar, matar, e outras formas de contenção da vítima.

Já quando se refere aos adultos autores de agressão sexual que sofrem 3 ou 4 tipos de violências ao longo da trajetória de vida, evidenciam-se novamente o uso da força física, a percepção da violência sexual como algo ruim e errado, e que em muitos momentos permeou as vivências e a trajetória de vida destes autores de agressão.

Esse tipo de vivência e de comportamento sexualmente abusivo acaba por funcionar com o intuito de manter um ciclo de experiências ativo que reforçam as vulnerabilidades do autor de agressão, impactando diretamente o ambiente no qual este está inserido e o seu funcionamento psicológico. Neste sentido, as consequências advindas dessas experiências adversas poderão funcionar para manter ou intensificar outras ações sexualmente desviantes deste indivíduo ao longo da vida por meio das suas percepções (Ward & Beech, 2016).

Além das vulnerabilidades psicológicas, o ambiente físico em que este autor de agressão está inserido também se torna parte contribuinte para a etiologia do crime sexual e

construção da percepção do fenômeno. Isto ocorre mediante a criação de possíveis circunstâncias específicas que podem desencadear ainda mais vulnerabilidades tanto para este autor, quanto para possíveis vítimas (Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020). Essas vulnerabilidades começam a fazer parte das construções e transformações da percepção destes indivíduos autores de agressão, e passam a ser moldadas dentro destes ambientes em que estão inseridos.

Entretanto, é válido reiterar que para estes autores a percepção da violência sexual é vista como algo isolado e inaugural, que não possui ligação direta com suas fases do desenvolvimento anteriores e com o que foi apreendido destas vivências. Isso se destaca por estes autores de agressão sexual, ainda que estes tenham sofrido variadas formas de violência na infância e adolescência (Mckillop, Rayment-McHugh, & Bojack, 2020; Smallbone & Cale, 2015).

Neste sentido, fica ainda mais evidente nestes segmentos de texto, que as experiências das violências sofridas passam a modular a percepção da violência sexual, como parte integrante da própria vivência destes autores de agressão. Mas encontra-se permeada pelos próprios constructos destes autores de agressão ao longo das suas trajetórias de vida, que não visualizam em seus relatos a ligação que pode existir entre essas vivências e o próprio fenômeno vivenciado e praticado na fase adulta.

Para Bronfenbrenner (1996, 2011), a experiência ao longo da trajetória de vida é destacada como um elemento crítico, a partir das características existentes dentro de qualquer contexto, incluindo as condições objetivas e subjetivas que incluem essas vivências por meio do cronossistema e que vão construindo as percepções. Isso é abrangido pela forma que as experiências são percebidas, e em como estas interagem diretamente nestes contextos, sendo estes adversos ou não, e que vão modular as práticas nas fases subsequentes e a forma de ver e/ou perceberem os fenômenos.

Esta construção pode ser demarcada por aspectos constituintes para além do fator da idade como um marcador biológico e social do homem adulto, nesta fase do desenvolvimento. Mas em como essas características biopsicossociais investigadas relacionadas às percepções podem contribuir para a visão que se tem deste fenômeno da violência sexual e em como isso pode refletir nas práticas futuras perpetradas por estes adultos autores de agressão.

Considerações Finais

Este estudo buscou investigar a relação entre percepções de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (+ 18 anos). Neste sentido, foi possível caracterizar biopsicossocialmente adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes; identificar suas percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual e organizá-las de acordo com a análise do seu conteúdo.

E por fim, a partir da análise submetida, foi possível relacionar as percepções desses adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual às características biopsicossociais (idade, escolaridade e violências sofridas) deste grupo etário (+ 18 anos). Assim, demonstraram-se as interligações das características como componentes que interagiram de maneira expressiva na construção das percepções destes autores de agressão sexual.

Entretanto, evidenciaram-se algumas limitações desse estudo, tais como, a escassez de dados sobre a percepção dos autores de agressão sexual, que ainda são incipientes na literatura nacional, sendo, portanto, limitadas as investigações acerca das percepções sobre o fenômeno da violência sexual do ponto de vista do autor de agressão sexual, que pudessem dar maior subsídio explicativo para os dados investigados nesta pesquisa. Por seguinte, nota-se também

como limitação o impacto da memória na construção da percepção, que também pode afetar nas respectivas entrevistas dos participantes.

Ainda assim, os dados nos permitem considerar que a forma como os adultos percebem os acontecimentos aos quais vivenciaram ao longo das suas trajetórias de vida, torna-se o pilar da construção da percepção que estes têm sobre si e o mundo que o cerca. Nesta população evidenciaram-se os aspectos das categorias (infância, adolescência e violência sexual) como condicionantes da percepção sobre o fenômeno da violência sexual em consonância com as suas vivências.

Por fim, sugerem-se pesquisas futuras nesta e em outras áreas que possam concentrar-se em novas estratégias de estudo e investigação acerca das percepções e aspectos constituintes dos autores de agressão sexual, dando ênfase no aprofundamento destas categorias (infância, adolescência e violência sexual). Espera-se que em outras pesquisas seja possível aumentar a medição da construção destas percepções, podendo avaliar os fenômenos relacionando-os com outras categorias, e compreendendo em termos de causa e efeito destes.

Isso se dará para além das práticas investigativas que ampliem o conhecimento científico, mas criar possibilidades para o desenvolvimento de atendimento especializado e mais efetivo direcionados aos adultos autores de agressão sexual, visualizando as suas vivências, as suas perspectivas, e percepções, e assim, gerar condições preventivas de proteção, auxílio e enfrentamento nesse e em outros aspectos de vulnerabilidade aos quais estes estão inseridos ao longo de suas trajetórias de vida.

Referências

- Andrade, U. S. D., & Ferreira, F. F. (2015). Crise no sistema penitenciário brasileiro: capitalismo, desigualdade social e prisão. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 3(1). doi: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v3i1.471>
- Ariès, P. (1981). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: LTC.

- Azambuja, M. R. F. de. (2006). Violência sexual intrafamiliar: é possível proteger a criança?. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 5(1), 1-19. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/1022>
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Persona.
- Barnett, G. D., & Mann, R. E. (2016). Theories of empathy deficits in sexual offenders. *The Wiley handbook on the theories, assessment and treatment of sexual offending*, 223-244. doi: <https://doi.org/10.1002/9781118574003.watto011>
- Batista, V. C., Back, I. R., Monteschio, L. V. C., Arruda, D. C. D., Rickli, H. C., Grespan, L. R., ... & Marcon, S. S. (2018). Perfil das notificações sobre violência sexual. *Revista de Enfermagem da UFPE on line*, 12(5), 1372-1380. doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i5a234546p1372-1380-2018>
- Bessa, C. de O.; Costa, C. A. da & Torres, M. de S. (2016). *O segredo e sua força transgeracional em uma família*. Portugal: Psicologia. ISSN: 1646-6977.
- Blackman, J. S., & Dring, K. (2016). *Sexual aggression against children: Pedophiles' and Abusers' Development, Dynamics, Treatability, and the Law*. Routledge, New York.
- Bock, A., Furtado, O., & Teixeira, M. (2001). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 3ª tiragem*. São Paulo: Editora Saraiva.
- Braga, T., Cunha, O., & Maia, Â. (2018). The enduring effect of maltreatment on antisocial behavior: A meta-analysis of longitudinal studies. *Aggression and violent behavior*, 40, 91-100. doi: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.04.003>
- Brasil. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei federal, v. 8, 1990.
- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos (2018). Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. “*Violência contra Crianças e adolescentes: análise dos cenários e Propostas de Políticas Públicas*”, Brasília. Recuperado de: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/384>
- Brasil. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (2016). Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Relatório Avaliativo ECA 25 anos + direitos - redução*, Brasília. Recuperado de <http://flacso.org.br/files/2016/10/Relatorio-Avaliativo-ECA.pdf>
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.
- Cabral, M. E. L., & Reis, S. D. S. (2018). Trabalho infantil: um olhar a partir das causas e consequências. *Anais do I Seminário Internacional em Direitos Humanos e Sociedade, I*. Criciúma, SC, Brasil. Recuperado de <http://periodicos.unesc.net/AnaisDirH/article/view/4672/4269>

- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). *Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ*. Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2016). *Tutorial para uso do software IRAMUTEQ. Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*. Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2016). Psychosexual characteristics of women reporting sexual aggression against men. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(15), 2539-2555. doi: [10.1177/0886260515579504](https://doi.org/10.1177/0886260515579504)
- Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (2021). Dynamic risk factors characterizing aggressive sexual initiation by female college students. *Journal of interpersonal violence*, 36(5-6), 2455-2477. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260518760010>
- Casarin, J. M., Botelho, E. H. L., & Ribeiro, R. K. S. M. (2016). Ofensores sexuais avaliados pelo Desenho da Figura Humana. *Avaliação Psicológica*, 15(1), 61-72. doi: <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2016.1501.07>
- Castro, R. (2009). A necessária reflexão sobre a cultura patriarcal na era da globalização. V *ENECULT*, Salvador, BA, Brasil, 5. Recuperado de <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19374.pdf>
- Costa, A. L., & Teixeira, K. M. D. (2017). O comportamento dos alunos na escola e sua relação com a violência doméstica na percepção dos educadores. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 28(1), 22-42. Recuperado de <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3731>
- Costa, L. P. D. (2015). *Características biopsicossociais de autores de agressão sexual de crianças e/ou adolescentes em contexto intrafamiliar e extrafamiliar*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Costa, L. P., Cavalcante, L. C., & Reis, D. C. (2018). Autores de agressão sexual em contextos intra e extrafamiliar: revisão da literatura. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 26(2), 61-69. doi: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v26n2p61-69>
- Costa, L. P., Rocha, C. J. B., da, & Cavalcante, L. I. C. (2018). Características biopsicossociais entre acusados de agressão sexual contra crianças/adolescentes em contextos intra e extrafamiliar. *Trends in Psychology*, 26(1), 283-295. doi: <https://doi.org/10.9788/tp2018.1-11pt>
- Day, V. P., Telles, L. D. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. D., Machado, D. A., Silveira, M. B., ... & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(supl 1), pp. 9-21. ISSN 0101-8108. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000400003>.
- Dias, D. (2013). *A violência intrafamiliar infantil e suas consequências*. Recuperado de <https://www.comportese.com/2013/11/a-violencia-intrafamiliar-infantil-e-suasconsequencias>.

- Eliachef, C. (2007). Todos vítimas? A propósito dos maus tratos à criança. In A. S. Alto (Org.), *A Lei e as leis: direito e psicanálise* (pp. 163-172). Rio de Janeiro: Revinter.
- Esber, K. M. (2016). *As representações sociais sobre as vítimas para os autores de violência sexual contra crianças e adolescentes*. (Tese de Doutorado). Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6291/5/Tese%20%20Karen%20Michel%20Esber%20-%202016.pdf>
- Fermann, I. L., & Pelisoli, C. (2016). A Psicoterapia cognitivo-comportamental para Crianças e Adolescentes vítimas de Violência Psicológica e Alienação Parental. *Revista de Psicologia da IMED*, 8(1), 76-86. doi: <https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v8n1p76-86>
- Ferraz, M. M. P. F. (2021). *Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Experiências Adversas na Infância e Fatores Associados*. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Ferreira, N. D. M., & Nascimento, D. M. D. (2019). Sentidos produzidos: homens encarcerados por crimes sexuais contra criança e adolescente. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, 11(28), 131-150. Recuperado de <http://stat.ijkem.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/5330>
- Fonseca, J. J. S. D. (2002). *Apostila de Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. – São Paulo: Atlas SA.
- Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A. & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 21(3), 341-348. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>
- Hackman, D. A., Farah, M. J., & Meaney, M. J. (2010). Socioeconomic status and the brain: mechanistic insights from human and animal research. *Nature reviews neuroscience*, 11(9), 651-659. doi: <https://doi.org/10.1038/nrn2897>
- Henriques, B. D., Rocha, R. L., & Reinaldo, A. M. D. S. (2016). Uso de crack e outras drogas entre crianças e adolescentes e seu impacto no ambiente familiar: uma revisão integrativa da literatura. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 25. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-07072016001100015>
- Hohendorff, J. V., & Patias, N. D. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, (49), 239-257. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474>
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2017). “A boy, being a victim, nobody really buys that, you know?”: Dynamics of sexual violence against boys. *Child abuse & neglect*, 70, 53-64. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.05.008>

- IBGE. (2020). *PNAD Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Trabalho infantil de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade 2016-2019* / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro. ISBN: 9786587201405
- Jespersen, A. F., Lalumière, M. L. & Seto, M. C. (2009). Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: A meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 33(3), 179-192. doi: [10.1016/j.chiabu.2008.07.004](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.07.004)
- Jesus, L. S. D. (2019). Perfil do agressor de violência sexual contra crianças e adolescentes: casos notificados nos conselhos tutelares de Feira de Santana nos anos de 2014 a 2016. *Anais dos Seminários de Iniciação Científica*, (22). doi: <https://doi.org/10.13102/semic.v0i22.3858>
- Kassouf, A. L. (2007). *O que conhecemos sobre o trabalho infantil?* Nova Economia, 17(2), 323-350. doi:[10.1590/S0103-63512007000200005](https://doi.org/10.1590/S0103-63512007000200005)
- Kaufman, K. L., Holmberg, J. K., Orts, K. A., McCrady, F. E., Rotzien, A. L., Daleiden, E. L., & Hilliker, D. R. (1998). Factors influencing sexual offenders' modus operandi: An examination of victim-offender relatedness and age. *Child Maltreatment*, 3(4), 349-361. doi: <https://doi.org/10.1177/1077559598003004007>
- Leclerc, B., Proulx, J., & Beaugard, E. (2009). Examining the modus operandi of sexual offenders against children and its practical implications. *Aggression and violent behavior*, 14(1), 5-12. doi: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2008.08.001>
- Lussier, P., & Healey, J. (2010). Searching for the developmental origins of sexual violence: Examining the co-occurrence of physical aggression and sexual behaviors in early childhood. *Behavioral Sciences and the Law*, 28, 1-23. doi: [10.1002/bsl.919](https://doi.org/10.1002/bsl.919)
- Marshall, W. L. (2018). A brief history of psychological theory, research, and treatment with adult male sex offenders. *Current psychiatry reports*, 20(8), 57. doi: [10.1007/s11920-018-0920-0](https://doi.org/10.1007/s11920-018-0920-0)
- Martins, C. B. D. G., & Jorge, M. H. P. D. M. (2010). Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 19(2), 246-255. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072010000200005>
- Martins, M. D. S. F. (2011). A sensação, a percepção e as desordens da percepção. *Psicologados Artigos*, ago. Recuperado de: <https://psicologado.com.br/neuropsicologia/a-sensacao-a-percepcao-e-as-desordens-da-percepcao>
- Marturano, E. M., & Elias, L. C. D. S. (2016). Família, dificuldades no aprendizado e problemas de comportamento em escolares. *Educar em Revista*, 123-139. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.44617>
- Mata, N. T., Silveira, L. M. B. D., & Deslandes, S. F. (2017). Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22, 2881-2888. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.13032017>

- McKillop, N., Rayment-McHugh, S., & Bojack, R. (2020). Comparing the onset of child sexual abuse perpetration from adolescence into adulthood: are there unique risks, and what does this mean for prevention?. *Child Abuse & Neglect*, *107*, 104630. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104630>
- McKillop, N., Rayment-McHugh, S., Smallbone, S., & Bromham, Z. (2018). A comparison of individual, ecological and situational factors associated with adolescence-and adulthood-onset sexual abuse of children. *Report to the Criminology Research Advisory Council*. Grant: CRG 30/13-14. Recuperado de: <https://crg.aic.gov.au/reports/1819/30-1314-FinalReport.pdf>
- McMahon, S., & Baker, K. (2011). *Changing perceptions of sexual violence over time*. National online resource center on violence against women: October 2011. Recuperado de: https://vawnet.org/sites/default/files/materials/files/2016-09/AR_ChangingPerceptions.pdf
- MDH (2019). *Balanço – Disque 100*. Recuperado de <https://www.mdh.gov.br/informacao-aocidadao/ouvidoria/balanco-disque-100>
- Mendonça, M. (2007). *Processo de transição e percepção de adulez: análise diferencial dos marcadores identitários em jovens estudantes e trabalhadores*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Psicologia. Universidade do Porto, Porto, PT, Portugal.
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a idade adulta e adulez emergente: adaptação do Questionário de Marcadores da Adulez junto de jovens Portugueses. *Psychologica*, (51), 147-168. doi: http://doi.org/http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_51_10
- Meneses, F. F. F., Stroher, L. M. C., Setubal, C. B., dos Santos Wolff, L., & Costa, L. F. (2016). Intervenção psicossocial com o adulto autor de violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes. *Contextos Clínicos*, *9*(1), 98-108. doi: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2016.91.08>
- Minayo, M. C. D. S. (2006). *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Miranda, A. O., & Corcoran, C. L. (2000). Comparison of perpetration characteristics between male juvenile and adult sexual offenders: Preliminary results. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, *12*(3), 179-188. doi: <https://doi.org/10.1023/A:1009582025086>
- Monteiro, C. C. G. (2018). *Vítimas do “sexo forte” e agressoras do “sexo fraco”: Relação entre as representações sociais do abuso sexual de crianças e jovens e as representações sociais de género numa amostra de estudantes profissionais*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, PT, Portugal.
- Monteiro, F. M., & Cardoso, G. R. (2013). A seletividade do sistema prisional brasileiro e o perfil da população carcerária. Um debate oportuno. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, *13*(1), 93-117. doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2013.1.12592>

- Moura, A. D. S., & Koller, S. H. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico-USF*, 13, 85-94. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000100011>
- Mussi, R. F. D. F., Mussi, L. M. P. T., Assunção, E. T. C., & Nunes, C. P. (2019). Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. *Revista Sustinere*, 7(2), 414-430. doi: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2019.41193>
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, 1(3), 1-5. Recuperado de http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf
- Nunes, A. C. P., da Silva, C. C., de Carvalho, C. T. C., da Silva, F. G., & Fonseca, P. C. S. B. (2020). Violência infantil no Brasil e suas consequências psicológicas: uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Development*, 6(10). doi: [10.34117/bjdv6n10-392](https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-392)
- Nunes, A. J., & Sales, M. C. V. (2016). Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciencia & saude coletiva*, 21, 871-880. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014>
- O'Neil, M., & Morgan, P. (2010). *American perceptions of sexual violence*. Washington, DC: FrameWorks Institute.
- Odalía, N. (2017). *O que é violência*. São Paulo. Brasiliense.
- Organização Mundial da Saúde, & Krug, E. G. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde.
- Pasian, M. S., Faleiros, J. M., Bazon, M. R., & Lacharité, C. (2013). Negligência infantil: a modalidade mais recorrente de maus-tratos. *Pensando famílias*, 17(2), 61-70. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Pedroso, S. L. (2015). *Perspectivas e desafios na atenção à crianças e adolescente vítimas de violência sexual no município de Juiz de Fora-MG*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.
- Pimenta, M. D. M. (2007). *Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. doi: [10.11606/T.8.2007.tde-15052007-111215](https://doi.org/10.11606/T.8.2007.tde-15052007-111215)
- Pinheiro, M. D. S., & Moreira, R. B. D. R. (2019). A violação da dignidade da pessoa humana frente a exploração do trabalho infantil. *Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*. Recuperado de <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/19618/1192612333>
- Pinto Junior A. A, Borges V. C, Gonçalves J. S. (2015). Caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Colet.*, 23(2), 124-31. doi: [10.1590/1414-462X201500020062](https://doi.org/10.1590/1414-462X201500020062)

- Priore, M. D. (2010). *História das crianças no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Editora Contexto.
- Priore, M. D. (2012) A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, A. M., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social [online]* 232-253. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. ISBN: 978-85-7982-060-1. Recuperado de <https://static.scielo.org/scielobooks/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601.pdf>
- Ramos, I. C. N., & Rossi, T. R. A. (2021). Violência contra crianças e adolescentes na Bahia: caracterização dos casos, 2009-2016. *Revista De Saúde Coletiva Da UEFS*, 11(1), e5899. doi: <https://doi.org/10.13102/rscdauefs.v11i1.5899>
- Rates, S. M. M., de Melo, E. M., Mascarenhas, M. D. M., & Malta, D. C. (2015). Violência infantil: uma análise das notificações compulsórias Brasil 2011. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 20(3). doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015203.15242014>
- Rebocho, M. F., & Gonçalves, R. A. (2012). Sexual predators and prey: A comparative study of the hunting behavior of rapists and child molesters. *Journal of interpersonal violence*, 27(14), 2770-2789. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260512438280>
- Reis, D. C. (2016). *Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Características Biopsicossociais e Trajetórias de Vida*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Reis, D. C. dos, & Cavalcante, L. I. C. (2018). Autor de agressão sexual de criança/adolescente: Uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 23(2), 263-276. Recuperado de <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1460>
- Reis, D. M., Prata, L. C. G., & Parra, C. R. (2018). *O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil*. *Psicologia: O portal dos psicólogos*. Recuperado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1253.pdf>
- Reis, S. D. S. (2015). *Ações e estratégias de políticas públicas para o enfrentamento da exploração do trabalho infantil nos meios de comunicação no marco da teoria da proteção integral aos direitos da criança e do adolescente*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.
- Rizzini, I., Neumann, M. M., & Cisneros, A. (2009). Estudos contemporâneos sobre a infância e paradigmas de direitos. Reflexões com base nas vozes de crianças e adolescentes em situação de rua no Rio de Janeiro. *O social em questão*, 21, 1-13.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(1), 33-41. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000100005>
- Sanfelice, M. M., & Antoni, C. D. (2010). A percepção do abusador sexual sobre a (sua) sexualidade. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(1), 131-139. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420640014>

- Santos, C. D. O., Farias, D. A. de, & Rocha, I. L. (2015). *Violência contra crianças e adolescentes: análise sócio-histórica do desenvolvimento da violência no processo de sociabilidade do homem*. Recuperado de http://www.uel.br/pos/mestradoservicosocial/congresso/anais/Trabalhos/eixo5/oral/48_violencia_contra_crianças....pdf
- Santos, J. V. D. (2009). *Serviço de proteção social a crianças e adolescentes vítimas de violência, abuso e exploração sexual e suas famílias: referências para a atuação do psicólogo*. Conselho Federal de Psicologia.
- Schmickler, C. M. (2006). *O protagonista do abuso sexual: sua lógica e estratégias*. Argos Editora Universitária.
- Schreiber, E. (2001). *Os direitos fundamentais da criança na violência intrafamiliar*. R. Lenz Editor.
- Scliar, M. (1995). *Um país chamado infância*. São Paulo: Ática, 1995.
- Seddighi H, Salmani I, Javadi MH, Seddighi S. Abuso Infantil em Desastres Naturais e Conflitos: Uma Revisão Sistemática. (2021). *Trauma, violência e abuso*. 22 (1): 176-185. doi: [10.1177 / 1524838019835973](https://doi.org/10.1177/1524838019835973)
- Silva, D. A. (2016). *O olhar do agressor sexual sobre o abuso sexual infantil*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Psicologia, Centro Universitário Católica de Vitória, Vitória, ES, Brasil.
- Silveira, V. S. (2018). *Pobreza e Vulnerabilidade na Prática da Violência Sexual*. (Trabalho de conclusão de curso) Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Smallbone, S. W. (2006). *Social and psychological factors in the development of delinquency and sexual deviance*. The juvenile sex offender, 2, 211-225. The Guilford Press: New York.
- Smallbone, S., & Cale, J. (2015). An integrated life-course developmental theory of sexual offending. *Sex offenders: A criminal career approach*, 43-70. doi: [10.1002 / 9781118314630](https://doi.org/10.1002/9781118314630)
- Sousa, F. (2010). *O que é ser adulto-A Sociologia da Aduldez*. Porto: Memória Imaterial.
- Stirpe, T. S., & Stermac, L. E. (2003). An exploration of childhood victimization and family-of-origin characteristics of sexual offenders against children. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 47(5), 542-555. doi: <https://doi.org/10.1177/0306624X03253316>
- Susipe (2019). *Unidades Prisionais do Estado por Regiões de Integração*. Retirado de http://www.susipe.pa.gov.br/sites/default/files/mapa_meso_2018_1.pdf
- Tavares, M. A. (2002). *O trabalho infantil e as múltiplas faces da violência contra crianças e adolescentes*. Violência doméstica contra a criança e o adolescente. Recife: EDUPE.

- Teixeira, J. N. D. S., Resende, A. C., & Perissinotto, R. (2020). Vitimização e Psicopatia em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 19(2), 123-131. doi: <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1902.02>
- Viana, P. A. S. (2012). *Tecendo a Memória do Trabalho Infantil em Casas de Farinha em Vitória da Conquista – BA*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil.
- Vieira, S. M. A. (2010). *Ofensores Sexuais: das crenças ao estilo de pensamento*. Tese de Doutorado não publicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14246>
- Ward, T., & Beech, A. R. (2016). The Integrated Theory of Sexual Offending Revised: A Multifield Perspective. Douglas. Em P. Boer. (Ed.) *The Wiley handbook on the theories, assessment and treatment of sexual offending. Vol. I: Theories* (pg. 123-137). John Wiley & Son: New Jersey. doi: [10.1002/9781118574003.wattso006](https://doi.org/10.1002/9781118574003.wattso006)
- Zambon, M. P., Jacintho, A. C. D. Á., Medeiros, M. M. D., Guglielminetti, R., & Marmo, D. B. (2012). Violência doméstica contra crianças e adolescentes: um desafio. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 58(4), 465-471. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302012000400018>
- Zilki, Á., Aguiar, L., Perissinotto, R., & Resende, A. (2020). Autores de Violência Sexual e o Teste de Rorschach: Revisão da Literatura. *Psicologia Revista*, 29(1), 176-200. doi: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i1p176-200>
- Zúquete, J. G. P. E. D. S., & Noronha, C. V. (2012). "Foi normal, não foi forçado! "versus" Fui abusada sexualmente": uma interpretação dos discursos de agressores sexuais, das suas vítimas e de testemunhas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 22, 1357-1376. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000400006>

Estudo II. Adolescentes Autores de Agressão Sexual: Características Biopsicossociais e suas Percepções sobre Infância, Adolescência e Violência.

Introdução

O fenômeno da violência se constituiu ao longo do processo histórico da sociedade, sendo possível a sua discussão a partir de vários ângulos, o que inclui aspectos filogenéticos e ontogenéticos, causas imediatas e distais. Esse fenômeno abrange diferentes espécies de seres vivos, manifestando-se de comportamentos agressivos presentes nos mais variados contextos e ambientes.

O comportamento agressivo é definido mediante os reflexos das diferentes formas de violência presentes na sociedade, pois se trata de um fato humano e social, permeado em diferentes épocas e períodos, utilizando, por vezes, a agressividade como estratégia de sobrevivência em ambientes considerados adversos, em razão de características do contexto em que estão inseridos (Odalía, 2017; Reis, Cavalcante, & Colino, 2021).

Neste sentido, a violência enquanto fenômeno vem sendo discutida por diferentes pesquisadores e em várias áreas do conhecimento (Moraes, Cavalcante, Pantoja, & Costa, 2018; Oliveira & Carvalho, 2015), a partir de perspectivas e contextos onde esta ocorre. Sendo assim, demonstra-se a importância e a necessidade de pesquisas científicas que busquem compreender este fenômeno, a sua tipificação e sua relevância a partir do modo como se manifesta, nos vários campos da sociedade.

Assim, faz-se necessário identificar a violência sexual, apresentada com maior ocorrência na sociedade, e que é identificada por meio de diferentes formas de condutas e comportamentos perpetrados. Esta forma de violência se manifesta e tem implicações na vida e na rotina especialmente de crianças e adolescentes, além de se fazer sentir nas vivências dos próprios autores da violência perpetrada, que são partes constituintes destas práticas (MDH, 2019).

De acordo com Minayo (2009), a violência sexual é caracterizada por atos ou jogos sexuais que buscam utilizar a vítima como uma forma de obtenção de prazer sexual do autor da agressão. Muitas vezes esta prática engloba também outras formas de violência, que possam gerar a imposição da relação sexual, seja por meio de ameaças ou violência física.

Nesses termos, crianças e adolescentes são as principais vítimas deste tipo de violência. Isso é demonstrado por meio do Disque 100 que informou em seus registros 10.046 casos de denúncias por violência, neste caso, diferentes formas de agressão sexual contra crianças e adolescente no âmbito do Brasil (MDH, 2019). Considera-se desta forma, que crianças e adolescentes estão mais expostos a um constante risco social e a contínua perpetração deste fenômeno ao longo de suas trajetórias de vida, por vezes, afetando diretamente o seu desenvolvimento e a sua percepção sobre si e sobre o mundo que o cerca (Brasil, 2018; MDH, 2019).

Assim, a visão da violência sexual contra crianças e adolescentes enquanto expressão da questão social ocupa um lugar de preocupação nos campos da educação, assistência social e saúde (Magni & Correa, 2016). Essa preocupação dá-se por envolver seres que estão em uma condição peculiar do desenvolvimento biopsicossocial. Portanto, há evidências (Almuneef, 2019; Hohendorff & Patias, 2017; Sparks & Wormith, 2020) de que crianças e adolescentes acabam por ser afetados de maneira significativa ao longo da sua trajetória de vida, atingindo não apenas as vítimas, mas também os autores de agressão sexual desta prática quando possuem fases do ciclo de vida próximas.

Ainda que os estudos que tomam como ponto central a investigação acerca da violência sexual tenham aumentando de maneira gradativa com o passar os anos, estes ainda são considerados incipientes na literatura nacional, tendo como foco, em sua maioria, a investigação acerca das vítimas (Habigzang, Azevedo, Koller, & Machado, 2006; Habigzang et al., 2008; Serafim, Saffi, Achá, & Barros, 2011). Assim, os estudos voltados para os

autores de agressão sexual foram progredindo aos poucos, dando ênfase especialmente às investigações em que estes eram retratados por meio de caracterizações sociodemográficas (Andrade & Ferreira, 2015; Esber, 2016; Monteiro & Cardoso, 2013), com menor ênfase em outras características e aspectos constituintes destes.

Os estudos com adolescentes autores agressão sexual contra crianças e adolescentes são incipientes na literatura nacional (Bastos, 2020; Coscioni, Marques, Rosa, & Koller, 2018; Martins & Jorge, 2010; Tavares, 2020; Vieira, 2017), tendo maior abrangência os estudos que investigam essa população na literatura internacional, a partir de aspectos característicos dessa população nessa fase do ciclo de vida (Blokland & Lussier, 2015; McKillop, 2018, 2020; Morais et al., 2016; Smallbone & Cale, 2015; Walters, 2016).

A literatura, sobretudo a internacional, tem relatado evidências de que adolescentes e jovens passaram a ser identificados nos levantamentos como autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes (McKillop, 2018, 2020; Morais et al., 2016; Smallbone & Cale, 2015; Walters, 2016). Na maior parte dos casos em que adolescentes são identificados como autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes a ofensa sexual tende a refletir no que os autores Loeber e Farrington (2014) definem como o crime da idade curva, que tem início na fase da infância, mas com o pico da prática perpetrado entre 15 - 19 anos de idade.

Dessa forma, as investigações que anteriormente eram direcionadas apenas aos adultos autores de agressão sexual, passaram também a direcionar o foco das investigações aos adolescentes e jovens, dando ênfase nestas duas fases do desenvolvimento, e buscando formas de compreender esta prática nos diferentes contextos e condições apresentadas (Pincolini & Hutz, 2014; Van Den Berg, Bijleveld, & Hendriks, 2017).

Neste sentido, quando se observam de maneira direta os contextos de desenvolvimento em que estes adolescentes estão inseridos na adolescência, é possível identificar alguns fatores que podem ter influenciado, em algum grau, na prática da agressão

sexual contra crianças e adolescentes. Mas é válido ressaltar que existem diferenças e semelhanças nas características biopsicossociais e nas motivações que conduzem adolescentes a esta prática (McKillop et al., 2018).

O início das práticas de agressão sexual contra crianças e adolescentes na adolescência pode estar mais associado à presença de outros comportamentos antissociais e agressivos ao longo da trajetória de vida destes indivíduos. Isso se dá mediante a evidência de que muitos adolescentes já possuem em suas trajetórias de vida um histórico de práticas de outros atos infracionais, anteriores aos atos infracionais de cunho sexual.

Dessa forma, a fase da adolescência e o ser adolescente são marcados por uma combinação de imaturidade emocional, influência direta na relação estabelecida com os colegas, que compartilham o mesmo ambiente ecológico que estes adolescentes e acabam influenciando e sendo influenciados por estes, marcado também pela redução de competências para a tomada de decisões, e outros fatores que podem contribuir para o agravamento e surgimento de comportamentos que estimulam a prática sexual inapropriada nesta fase do desenvolvimento (McKillop et al., 2015; 2018).

A fase da adolescência e do ser adolescente, parte da construção das percepções acerca dos fenômenos psicológicos e sociais a partir de motivações que incluem experimentação ingênua, agressão sexual vivenciada como parte de uma mesma medida da agressão praticada, impulsividade, compulsividade sexual, e maior influência das motivações de grupo (O'Brien & Bera, 1986; Smallbone & Cale, 2015).

Para McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone e Bromham (2018), os adolescentes autores de agressão sexual, em muitos casos, estão inseridos em contextos de vulnerabilidade, em que se tornam os responsáveis por outras pessoas dentro do ambiente familiar de maneira precoce, iniciam o processo de inserção no trabalho infantil, e são expostos a diversos fatores de risco que podem contribuir para um comportamento agressivo contra possíveis vítimas.

Desse modo, estes são diretamente afetados no modo de perceber a si e ao mundo que o cerca, em razão da fase do desenvolvimento em que se encontram e como esta é experienciada, mediante fatores e contextos presentes em sua trajetória de vida.

Nos aspectos abordados na literatura nacional (Bastos, 2020; Brasil, 2019; Martins & Jorge, 2010; Tavares, 2020) evidenciam-se as investigações voltadas para as características destes adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e a compreensão dos contextos, nos quais estes se encontram inseridos ao longo de suas trajetórias de vida.

Em estudo realizado por Martins e Jorge (2010), que analisou 186 casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes denunciados no município de Londrina – PR evidenciou-se que 9,9% dos casos registrados referiam-se a adolescentes, com 13 e 14 anos, como os autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes.

Nos dados apresentados pelo Levantamento Anual do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) (Brasil, 2019), o estupro cometido por adolescentes apresentou por meio de medida de internação e atos infracionais o total de 156 casos registrados, e por estupro de vulnerável o total de 59 casos, no ano de 2017. Estes dados corroboram a necessidade de se obter um olhar crítico para a figura do adolescente não somente como vítima, mas também como autor da agressão sexual.

Em razão da magnitude desse fenômeno, assume-se que essas práticas de agressão sexual e as percepções que são construídas sobre o fenômeno da violência sexual na adolescência, resultam da ação articulada de fatores culturais, cognitivos, situacionais e comportamentais das suas trajetórias de vida. Tais fatores influenciam diretamente na construção e transformação das percepções destes adolescentes acerca do fenômeno, ao longo de suas trajetórias de vida.

Assim, é importante situar e aprofundar o estudo sobre o adolescente autor de agressão sexual e a sua percepção sobre este fenômeno como atual e necessário, haja vista o aumento

dos casos apresentados nos meios oficiais de denúncia (Brasil, 2019). Tais estudos objetivam compreender a complexidade que cerca a dinâmica da violência sexual quando o autor desta prática é um adolescente.

Para isso, antes de tudo, é necessário estabelecer que as percepções destes adolescentes acerca das categorias da infância, adolescência e violência sexual estão associadas às suas características biopsicossociais. Estas interagem entre si e constroem a forma em que este percebe e lida com os fenômenos que terá repercussões na sua vida presente e futura.

As percepções são compreendidas como uma construção histórica, que passa a ser moldada ao longo da trajetória de vida dos indivíduos, e que versa sobre a sua capacidade de interpretar as suas vivências, as sensações e os sentidos. Isto traz o cerne da formação dos conceitos que o indivíduo forma sobre si e sobre o mundo que o cerca, passando, desta forma, a orientar os seus comportamentos ao longo da sua trajetória de vida (Martins, 2011).

Por seguinte, com foco nas percepções da violência sexual, destaca-se a importância de aprofundar aspectos do modo que se percebe este fenômeno pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. Em estudo de McMahon e Baker (2011), as percepções são observadas a partir do aumento da consciência pública, por meio dos serviços e atendimentos que são direcionados aos envolvidos nas práticas e pelas pesquisas que visam compreender o fenômeno pelo viés da prevenção dos casos de agressão sexual de maneira individual e coletiva.

Dessa forma, entende-se que a percepção, como um constructo, assume os contornos próprios referentes às definições de infância, adolescência e violência sexual, em dada sociedade e época, sendo influenciada de maneira direta por ações, mudanças e elementos contraditórios de uma cultura para outra. Estes constructos podem sofrer, assim, alterações de um contexto ou um período para outro, exercido por cada pessoa em desenvolvimento com as

suas particularidades, formando diferentes percepções ao longo da trajetória de vida (Sanfelice & Antoni, 2010). Isso inclui, também, as distorções cognitivas que, de acordo com Reis e Cavalcante (2019), tem como pressuposto básico a compreensão que autores de agressão sexual apresentam ideias, percepções e visões desvirtuadas (distorcidas) do modo como pensam e interpretam o mundo e a si mesmos, justificando, por vezes, seus comportamentos de violência.

Assim, estes adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes podem justificar ou até mesmo negar as suas práticas por meio de percepções distorcidas acerca do próprio comportamento. Contudo reitera-se aqui que são escassos os estudos na literatura nacional e internacional que investigaram estes processos na cognição de adolescentes, dando ênfase apenas em amostras com adultos. Isto dificulta, certamente, o poder de inferência dos dados e a capacidade de discussão acerca dessa influência (Nunes, 2012; Silva, 2013; Reis & Cavalcante, 2019; Vieira, 2010).

Assim, de acordo com Bronfenbrenner (1996), o que é percebido, desejado, temido, pensado ou adquirido como conhecimento, reflete a natureza dessa mudança de percepção, que ocorre em função da exposição e interação das pessoas com o meio ambiente em que estão inseridas e por meio das vivências experienciadas ao longo da trajetória de vida.

A partir do Modelo Bioecológico, compreende-se a fusão e a dinâmica existente entre o indivíduo e o contexto no qual este está inserido, a pessoa em desenvolvimento e o seu repertório individual de características, o contexto de desenvolvimento em que se desenrolam as relações proximais e o tempo que abrange as múltiplas dimensões da temporalidade, constituindo o cronossistema que modera as mudanças ao longo do ciclo de vida (Bronfenbrenner, 2011).

Para Bronfenbrenner (2011), a fim compreender a dinâmica existente para a pessoa em desenvolvimento, é necessário considerar tanto os elementos objetivos, quanto os elementos

subjetivos evidenciados nos ambientes mais imediatos de inserção destes, que são considerados os principais componentes responsáveis por conduzir o percurso do desenvolvimento humano e modificar a sua percepção das experiências vivenciadas.

A força fenomenológica é frequentemente ligada aos aspectos com relação ao ambiente, sendo percebido e modificado pelos seres humanos nos estágios sucessivos do ciclo vital, desde a infância, passando pela adolescência, fase adulta e velhice. Enquanto a força experiencial vincula-se mais aos aspectos da esfera subjetiva, por meio de percepções, dúvidas ou crenças pessoais, que podem passar por estabilidade ou sofrer mudanças ao longo da trajetória de vida (Bronfenbrenner, 2011).

Neste sentido, ao longo do ciclo de vida o desenvolvimento humano ocorre por meio de interações entre um organismo humano biopsicológico em atividade com pessoas, objetos e símbolos existentes no seu ambiente imediato (Bronfenbrenner, 2011). Estas interações podem ou não alterar o sentido da construção das percepções que são emitidas ao longo da trajetória de vida.

Dessa forma, este estudo possui como foco investigar a relação entre percepções de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (12 a 18 anos). Podendo assim, relacionar as percepções de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual às características biopsicossociais (idade, escolaridade e violências sofridas) deste grupo etário (12 a 18 anos).

Objetivo Geral

Investigar a relação entre percepções de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (12 a 18 anos).

Objetivos Específicos

- ✓ Caracterizar biopsicossocialmente adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes;
- ✓ Identificar suas percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual e organizá-las de acordo com a análise do seu conteúdo;
- ✓ Relacionar as percepções desses adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual às características biopsicossociais (idade, escolaridade e violências sofridas) deste grupo etário (12 a 18 anos).

Delineamento da pesquisa

Este estudo possui um delineamento de natureza empírico-descritiva, bem como adotou uma pesquisa de caráter quantitativa-qualitativa. As pesquisas de natureza descritiva têm como objetivo principal a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno, e/ou o possível estabelecimento de relações entre as variáveis existentes (Gil, 2008). Desta forma, neste estudo foi possível relacionar as percepções dos adolescentes autores de agressão sexual sobre infância, adolescência e violência sexual às suas características biopsicossociais, considerando as variáveis existentes neste grupo etário de autores.

Este trabalho possui caráter retrospectivo, pois se baseia em dados e em fatos que já ocorreram no passado, a partir da técnica de análise de entrevista semiestruturada. Considerou-se, como ponto de partida a análise textual do conteúdo das entrevistas. Adotou-se, assim, uma abordagem de caráter quantitativa-qualitativa dos dados coletados.

Este trabalho adota uma abordagem de caráter quantitativa-qualitativa. De acordo com Fonseca (2002), quando se utiliza a pesquisa qualitativa, de maneira conjunta com a pesquisa quantitativa, é possível recolher um maior número de informações do que se alcançaria de maneira isolada. A pesquisa quantitativa será realizada neste estudo devido a utilização do *Software Iramuteq 0.7 alpha 2*, que realiza o tratamento de dados coletados nas entrevistas, contabilizando a frequência e utilizando também o método inferencial do Qui-Quadrado (X^2).

Os métodos que envolvem pesquisas qualitativas podem contribuir para a complementação de procedimentos de cunho racional e intuitivo que são capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos, tanto quanto, buscar a possibilidade concreta de explicação de diferentes manifestações da realidade, e visualização de aspectos subjetivos presentes na vida dos participantes (Mussi, Mussi, Assunção, & Nunes, 2019; Neves, 1996).

Contexto da pesquisa

As entrevistas foram realizadas a partir do ano de 2019 pelos integrantes do GEAV/LED/UFPA, por meio do projeto de pesquisa intitulado “Jovens Vítimas e Autores de Agressão Sexual em Mesorregiões do Pará: Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial”, que contou com o apoio do CNPq. Para a realização deste estudo, realizou-se a aplicação dos instrumentos diretamente com os adolescentes, e após isso, preparou-se um banco de dados para facilitar o acesso ao conteúdo das entrevistas transcritas e informações investigadas.

Este estudo foi prioritariamente realizado no Fórum Distrital de Icoaraci onde está instalada a Vara da Infância e Juventude (VIJ) Distrital de Icoaraci; no Tribunal de Justiça do Estado do Pará – Comarca Belém, onde está instalada a 2ª Vara da Infância e Juventude de Belém, e na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará (FASEPA) que é responsável por centros de internação para o cumprimento de medida socioeducativa para adolescentes acusados por algum ato infracional.

O Distrito de Icoaraci é localizado a cerca de 20 km do centro da capital estadual, e é um dos oito distritos em que se divide o município de Belém, atualmente contando com aproximadamente 500 mil habitantes nesta região. A escolha do Fórum Distrital para a realização da pesquisa se deu mediante a disponibilidade do Juiz de Direito Titular da Vara em permitir o acesso aos processos jurídicos físicos e eletrônicos, assim como, acionar uma equipe que pudesse auxiliar no processo da coleta de dados.

Já quando se tratou da VIJ na Comarca Belém, a escolha se deu mediante a necessidade de aumentar o número de processos jurídicos a serem acessados, para que pudesse haver um banco de dados maior para a coleta da equipe. No caso da FASEPA, esta é responsável por coordenar e gerir a Política Estadual da Socioeducação no Estado do Pará, a partir da execução das medidas socioeducativas de privação e restrição de liberdade visando à integração social do jovem e do adolescente e a sua proteção integral (FASEPA, 2019).

A escolha por este órgão se deu mediante a possibilidade de ter acesso direto aos adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa, e assim, aplicar tanto o formulário, quanto o roteiro de entrevista diretamente a estes adolescentes. Esta pesquisa foi realizada em três unidades de atendimento socioeducativo geridas pela FASEPA. A primeira é denominada Centro Juvenil Masculino (CJM), a segunda unidade é chamada Centro Socioeducativo de Benevides (CSBE), e por último o Centro de Internação Jovem Adulto Masculino (CIJAM).

Ambiente da coleta

Para a realização da coleta, foi disponibilizada nas três instituições uma estrutura que fosse adequada à realização tanto do acesso aos processos jurídicos, quanto ao contato com os participantes. Na VIJ de Icoaraci foi disponibilizada uma sala que é utilizada para atendimento pela equipe multiprofissional, nesta sala há três mesas, três cadeiras, dois computadores, um armário e um banheiro. Este espaço pôde ser utilizado pela equipe do GEAV/LED para que fosse realizado de maneira segura o acesso aos processos jurídicos que tramitam no Fórum Distrital de Icoaraci.

Na VIJ da Comarca Belém a coleta foi realizada em uma sala ampla que é subdivida em três salas menores, onde há uma mesa grande com em média seis cadeiras, um armário, um bebedouro e um notebook disponibilizado pela instituição para a realização do acesso aos processos jurídicos. Nas três unidades da FASEPA, foram disponibilizadas respectivamente salas com mesa e cadeiras para que fosse possível realizar as entrevistas com os adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa nestes espaços e realizar o acesso aos processos jurídicos físicos e eletrônicos para o preenchimento dos formulários de caracterização biopsicossocial. As equipes das instituições se disponibilizaram a oferecer o suporte necessário ao longo da coleta de dados.

Ao longo da aplicação do roteiro de entrevista nas unidades da FASEPA, os pesquisadores ficaram exclusivamente na companhia dos participantes entrevistados nas respectivas salas disponibilizadas, e em alguns momentos alguns monitores entravam na sala para verificar se havia alguma necessidade de proteção e segurando dos pesquisadores e/ou dos entrevistados.

Priorizou-se a realização da entrevista em um único encontro, mas em alguns momentos isso não foi possível devido à extensão do roteiro de entrevista e o curto tempo para realizá-las nas unidades, assim como, a diferente dinâmica semanal das unidades de

atendimento socioeducativo. Sendo assim, em alguns casos, o contato com os participantes ocorreram em dois encontros para que o contato inicial pudesse ser feito e a entrevista realizada e finalizada dentro da conformidade, sendo válido ressaltar que em todas as unidades de atendimento visitadas a privacidade prevista nos cuidados éticos foi realizada com êxito.

Participantes

Para este estudo previa-se a participação de dez adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, esta seleção de 10 participantes justificada pelo volume de conteúdo extenso das entrevistas e pelo difícil acesso a essa população. Esta faixa etária foi escolhida a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) também considerando a faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

Entretanto, foi possível entrevistar apenas quatro adolescentes, mediante ao cancelamento e adiamento das atividades de pesquisa em campo presenciais que ocorreu no mês de março de 2021, devido às medidas de isolamento/distanciamento social que foram adotadas na pandemia por COVID-19 no Estado do Pará. Assim, todas as atividades presenciais foram suspensas por tempo indeterminado, incluindo o contato com os adolescentes nas respectivas Unidades de Atendimento Socioeducativo do Pará e a coleta de dados para alcançar efetivamente o número de participantes da forma que havia sido prevista.

Os participantes deste estudo deviam atender a alguns requisitos para que pudessem ser incluídos na pesquisa, sendo estes, estar dentro da faixa etária estipulada de 12 a 18 anos de idade, possuir um processo em tramitação judicial por ato infracional análogo ao estupro de vulnerável nos Fóruns de Icoaraci e/ou Comarca Belém, e/ou, estar cumprindo medida socioeducativa nas Unidades da FASEPA. Estes critérios foram considerados a partir de cada participante, considerando cada perspectiva e o acesso a cada instituição.

Dada às limitações, foram selecionadas e utilizadas neste estudo todas as entrevistas realizadas com os adolescentes participantes da pesquisa, haja vista, as intercorrências que impossibilitaram a continuação do acesso nas unidades de atendimento socioeducativo, tanto quanto, o acesso aos demais adolescentes conforme havia sido previsto, assim como, todos os adolescentes entrevistados incluíam-se nos critérios para participação da pesquisa.

Instrumentos e Materiais

Formulário Adaptado para Caracterização Biopsicossocial do Autor e da Vítima de Agressão Sexual

Este instrumento (Apêndice C) foi adaptado pela equipe do GEAV/LED a partir do formulário original para caracterização biopsicossocial do autor e da vítima de agressão sexual contra crianças e adolescentes, também elaborado/adaptado pela equipe do GEAV/LED. Nesta versão adaptada foram revisados os itens que compunham este instrumento, e modificado para as faixas etárias que foram investigadas, visando apropriá-lo da melhor maneira para aplicá-lo aos entrevistados, neste caso, adolescentes.

A partir do devido preenchimento do formulário, extraíram-se para este trabalho os dados de identificação dos adolescentes autores de agressão sexual, visando à coleta de informações necessárias para realizar a caracterização biopsicossocial destes. Este instrumento é dividido em alguns itens de identificação, e dessa forma, as características biopsicossociais investigadas neste trabalho e retiradas do formulário foram idade, escolaridade, violências sofridas ao longo da trajetória de vida e o grau de severidade da prática sexual cometida.

Entretanto, as características referentes ao grau de severidade da prática cometida não foram utilizadas na discussão da percepção da violência sexual dos autores adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com as características biopsicossociais. Essa decisão se deu mediante a ausência de informações nas entrevistas transcritas acerca dessa característica,

já que boa parte dos participantes não assumiu a prática do ato cometido, dificultando a identificação do grau de severidade e diminuindo o poder de inferência desta informação na discussão dos dados proposta pelo trabalho.

Dessa forma, a característica idade destes adolescentes foi tomada com base no período de aplicação do formulário, e não no momento do ato cometido, e assim também ocorreu no item de caracterização da escolaridade, em que este se vinculou no período em que estava em cumprimento de medida socioeducativa. Neste sentido, retirou-se também do formulário dados referentes aos vários fatores de risco vivenciados ao longo da trajetória de vida destes adolescentes e as informações referentes aos tipos de violência que estes poderiam ter vivenciado ao longo da infância e/ou adolescência.

Por seguinte, retirou-se para as informações o item que rege acerca do grau de severidade da agressão perpetrada, sendo possível identificar o grau de severidade aplicado por este adolescente na prática da violência sexual contra a vítima, considerando as características que foram empregadas neste ato. Assim, adotou-se o termo *hands on*, em casos de ações caracterizadas pelo uso da força física, e/ou emprego da coerção severa para obtenção da prática sexual; e *hands off*, referente a ações em que não é realizada a contenção da vítima, e caracterizada pelo não uso da força física para obtenção da relação sexual.

A adaptação deste formulário foi necessária para tentar aproximar o máximo possível as variáveis que foram investigadas dos autores de agressão sexual, atendendo especialmente a faixa etária que é abrangida neste estudo realizado com os adolescentes, identificando as principais informações e características destes.

Adaptação do Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Este roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice D) foi elaborado pela equipe do GEAV/LED e também foi adaptado do roteiro original produzido pelo grupo. Este

instrumento foi elaborado com o objetivo de identificar e descrever trajetória de vida de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. Este instrumento foi adaptado também pensando na aproximação das variáveis correspondentes à pesquisa, que pudessem atender de maneira mais objetiva as respectivas faixas etárias dos adolescentes, adequando à linguagem utilizada e direcionando a entrevista de acordo com a sua idade.

Este roteiro adaptado possui uma divisão em seis eixos. A primeira parte é composta por um eixo de identificação do entrevistado, abrangendo questões como idade, sexo, cor/etnia, situação conjugal e outros. O segundo eixo traz uma entrevista sobre os ciclos de vida, neste caso em específico, são caracterizados aspectos da infância e da adolescência, onde os entrevistados puderam discorrer sobre as suas trajetórias de vida, falando um pouco dos episódios bons e ruins dos quais vivenciaram nestes períodos e outros aspectos.

O terceiro eixo importante deste instrumento trata de questões relacionadas à saúde do entrevistado, investigando se esse já teve acesso e se já fez uso de algum tipo de droga ou outras substâncias, ou se já se envolveu em brigas. O quarto eixo subsequente faz menção à sexualidade, buscando compreender o que é a sexualidade para o participante, se este já vivenciou algum tipo de agressão durante a infância ou adolescência, entre outros. Os eixos cinco e seis discorrem sobre a rede de apoio e a violência, evidenciando qual era o círculo de amigos que este possuía, se este participava de alguma associação, e quanto à violência, se eles já passaram por algum tipo de ameaça, relação sexual forçada, entre outros.

Por fim, este instrumento contém uma entrevista cognitiva, e neste momento o entrevistado pôde ficar mais à vontade para falar sobre a sua trajetória de vida. Neste ponto, são apresentados questionamentos sobre a percepção do adolescente, e em particular o que este considera como agressão sexual, ou o que leva a uma pessoa a agredir sexualmente uma criança ou um adolescente, entre outros questionamentos que serão direcionados ao entrevistado.

A partir disto os itens e perguntas do roteiro que foi utilizado neste estudo para a análise das percepções foram: o item de identificação, a fim de obter dados como a idade do autor de agressão e sua escolaridade; e o item de violência, para apreender informações sobre os tipos de violência que podem ter sido vivenciadas ao longo das suas trajetórias de vida, e qual a frequência em que isso ocorria.

Foram utilizadas também questões sobre os ciclos de vida, tais como: “Fale-me sobre sua infância”, “Que lembranças você tem de sua infância?”, “Como era ser uma criança nesta família?”, “Fale-me de você, como um adolescente”, “Como era ser um adolescente nesta família?”. E na entrevista cognitiva, utilizaram-se prioritariamente as questões como: “O que você acha que é uma agressão? Exemplifique” e “O que você acha que é uma agressão sexual? Exemplifique”.

Materiais: Gravador de Mp3

Para o registro de áudio dessas entrevistas, foi utilizado o modo de gravação em Mp3, por meio de um aparelho gravador de áudio Sony (IC Record, ICD-PX 240).

Procedimentos de coleta

Ao ser autorizado pelos Juízes do Fórum Distrital de Icoaraci (Anexo B), da 2ª VIJ da Comarca Belém (Anexo C) e pela Diretoria da FASEPA (documento ainda não disponível), foram solicitados o acesso aos processos jurídicos dos participantes que se encaixam na faixa etária que se pretendia investigar neste trabalho. Após essa etapa de acesso aos processos jurídicos (físicos ou eletrônicos disponíveis nas Varas da Infância e Juventude) foi realizado o devido preenchimento dos formulários, podendo assim, obter informações mais específicas do processo de cada autor.

A escolha dos processos jurídicos e dos adolescentes autores que foram entrevistados se deu por conveniência, verificando primeiramente se este se encaixava no perfil dos participantes que se pretendia investigar, por meio também da aceitabilidade deste a partir do contato inicial que foi realizado com estes e suas respectivas famílias e/ou nas unidades de internação.

No caso da FASEPA, foram solicitados os processos jurídicos também referentes ao ato infracional análogo ao estupro, respeitando a faixa etária dos participantes e verificando quais adolescentes que aceitavam participar da pesquisa. Neste contato com a instituição, foi realizado o *rapport* com estes adolescentes, para que houvesse uma inserção ecológica antes de abordá-los. Assim, realizou-se um encontro inicial com cada participante nas respectivas unidades de internação, onde foi possível apresentar os aspectos relacionados à pesquisa, e o objetivo desta. E nesta pesquisa realizou-se a aplicação direta do roteiro de entrevista com adolescentes que cumprem medida socioeducativa por ato infracional análogo ao estupro de vulnerável.

É válido ressaltar que houve um período de preparo da equipe que realizou a aplicação do roteiro de entrevista e preenchimento do formulário. Este treinamento contou com a participação de profissionais que atuam na área e que já possuem experiência com o atendimento direto com adolescentes em situação de vulnerabilidade ou que se encontra em condição de internação em centros de internação da FASEPA.

Cada entrevista teve duração média de 120 minutos por participante. A partir do roteiro de entrevista disponibilizado aos pesquisadores, e foi possível gravar os relatos dos participantes onde estes discorreram sobre seus ciclos de vida, fazendo menção aos eventos que os marcaram nas diferentes fases, sendo estes positivos ou não.

Vale ressaltar que este procedimento de coleta de dados foi realizado pelos membros do GEAV/LED, incluindo a autora desta pesquisa, que realizou junto a outros membros a

aplicação direta do roteiro de entrevista aos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes em unidades de internação para cumprimento de medida socioeducativa da FASEPA.

Procedimentos de análise

Os formulários para caracterização biopsicossocial dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes foram preenchidos de acordo com as informações coletadas nos prontuários dos adolescentes participantes da pesquisa, sendo estes documentos disponibilizados pela FASEPA ao longo das visitas feitas nas unidades de internação.

Em continuidade, após as entrevistas serem gravadas, os áudios foram transcritos para um arquivo em branco no Programa de *Microsoft Word* pela autora e três membros do GEAV/LED, também alunos da pós-graduação e/ou graduação. Após a transcrição destas entrevistas, foram selecionados alguns integrantes do próprio grupo que não participaram da aplicação direta do roteiro e do formulário, para que estes pudessem checar as transcrições realizadas e sinalizá-las como regulares para o manuseio dos dados pelos pesquisadores que iriam utilizá-los, por meio do acesso ao banco de dados do GEAV/LED.

Para os procedimentos direcionados neste estudo, como todos os autores participantes da pesquisa se referiam à adolescentes autores de ato infracional análogo ao estupro de vulnerável não foi necessário utilizar os critérios de inclusão ou a pré-análise dos formulários, neste sentido todos os formulários e entrevistas foram utilizados para análise de dados neste estudo.

Dessa forma, realizaram-se três tipos de análise, a primeira referente à caracterização biopsicossocial dos adolescentes autores de agressão sexual, pela estatística descritiva realizada no Microsoft Excel 2010. A segunda por meio da identificação das percepções sobre

as categorias infância, adolescência e violência sexual, derivadas de análise submetida ao *Software Iramuteq*. E em seguida, apontar o modo de perceber a violência sexual pelos adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com as características biopsicossociais associadas a esse grupo etário com os dados que emergiram da classe do *Iramuteq* e dados da caracterização biopsicossocial, organizados no *Microsoft Excel 2010*.

Análise da caracterização biopsicossocial

A partir da análise da caracterização biopsicossocial destes adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes geraram-se por meio do *Microsoft Excel 2010*, em registros do número dos participantes em termos percentuais, gerando também a média, o desvio padrão e a mediana da amostra por meio desta ferramenta utilizada.

Desta forma, realizou-se a caracterização biopsicossocial de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, dando ênfase à investigação das características destes participantes, tais como a idade do autor, a sua escolaridade, quais as violências que este sofreu ao longo da sua trajetória de vida e o grau de severidade da violência praticada. Por seguinte, gerou-se uma figura, onde se realizou o registro das características biopsicossociais investigadas e a identificação dos respectivos participantes da pesquisa selecionados.

Nesta fase de caracterização escolheu-se o dado da média de idade para fazer a discussão da análise da categoria idade, buscando abranger as diferentes idades apresentadas pelos participantes dentro desta fase da adolescência. As escolaridades foram apresentadas de acordo com informações de escolaridade coletadas, as formas de violência vivenciadas por estes de acordo com os trechos extraídos das entrevistas transcritas, tanto quanto, o grau de severidade por estes.

Análise da identificação das percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual.

O *Software Iramuteq 0.7 alpha 2* destaca-se como uma ferramenta estatística que realiza análise textual, este é ancorado diretamente pelo programa estatístico *R* e pela linguagem *python*. Assim, por meio desta ferramenta estatística é possível realizar o tratamento do conteúdo dos textos, possibilitando gerar análises de similitude, classificação hierárquica descendente, nuvem de palavras, e outras diferentes formas de análise (Camargo & Justo, 2013, 2016). Sendo possível considerar as aproximações ou afastamentos (associações e dispersões) das categorias analisadas pelo pesquisador e objetivadas nos trechos extraídos das entrevistas transcritas para sistematizar os resultados, dando ênfase na frequência das palavras em cada classe e por meio do Qui-Quadrado (X^2).

Assim, foi realizada a exploração do material a partir das entrevistas selecionadas, por meio da observação e organização deste, para que fosse possível também realizar a identificação dos aspectos específicos do que foi apresentado no conteúdo das entrevistas e assim, criar categorias que pudessem responder efetivamente aos objetivos deste estudo, utilizando a análise de conteúdo de Bardin (1977).

Como já mencionado, estes procedimentos são caracterizados como análise de conteúdo de Bardin (1977), que se demonstra desde a leitura flutuante do material selecionado até a formação de categorias de análise que podem ser agrupadas para responder, descrever e/ou demonstrar o que se pretende analisar nos conteúdos das entrevistas, e isso se dá devido o extenso conteúdo das entrevistas transcritas para submissão ao software, assim como, para a formação das linhas de comando que foram utilizadas na análise.

Neste sentido, o conteúdo extraído das entrevistas transcritas, representadas pelos relatos dos participantes que foram entrevistados nas unidades de internação para cumprimento de medida socioeducativa da FASEPA, foi organizado em um único arquivo de texto no *Microsoft Word*, denominada *corpus*. O *corpus* é utilizado para a organização das

entrevistas utilizadas na análise, e esta etapa de construção do *corpus* caracteriza-se por meio da limpeza dos trechos extraídos das entrevistas transcritas, realizando a padronização da linguagem *python* do *software*, tanto quanto, os termos abrangidos para que possa ser realizada uma análise que posteriormente é submetida ao *Software Iramuteq 0.7 alpha 2*.

Este material que compõe o *corpus* demarca-se somente por respostas que foram dadas pelos participantes entrevistados, para que não houvesse nenhuma repetição e interferência no entrevistador nos dados coletados, gerando assim, o número total de ocorrências de maneira correta. Este procedimento também visa padronizar a linguagem do material, pois caso este *corpus* (ST) esteja fora do padrão do *software*, este acaba por não reconhecer o arquivo submetido, ou não fazer a leitura correta dos dados que devem ser analisados. Posteriormente, estes relatos foram organizados no *corpus* por linhas de comando codificadas e representadas por cada um dos participantes da pesquisa, por meio de uma análise monotemática para que esta pudesse ser submetida.

Posteriormente a limpeza do *corpus*, este foi igualmente submetido ao *Iramuteq* para gerar a análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e/ou Método de Reinert, definindo primeiramente o idioma que seria utilizado para análise, neste caso, em português e a utilização do dicionário padrão do *software*, de acordo com o idioma das entrevistas. Após isso, definiu-se a propriedade chave da análise, onde se eliminou artigos definidos, artigos indefinidos e advérbios, possibilitando por fim a padronização dos segmentos de texto e a codificação da análise gerada.

Neste sentido, escolheu-se a análise CHD gerada pelo *software*, devido esta ser um dos procedimentos mais utilizados pelo *Iramuteq*, e por realizar uma análise de agrupamentos (*clusters*) em que os segmentos de texto (ST's) são particionados em função da coocorrência de formas lexicais nos enunciados submetidos. Assim, é possível obter uma classificação

estável, em que os ST's são divididos em classes lexicais de forma mais homogênea (Camargo & Justo, 2013, 2016).

Além disso, esta análise realizou testes de Qui-Quadrado (X^2), possibilitando identificar o grau de associação entre os elementos (palavras) com os grupos lexicais aos quais estes foram agrupados. Com isso, identificaram-se os elementos em suas respectivas classes que possuíam maior ou menor aproximação apresentadas em um Dendograma em suas palavras mais mencionadas e características.

Análise do modo de perceber a violência sexual e a sua relação com as características biopsicossociais.

Nesta análise, utilizou-se a classe 3 gerada pelo *Software Iramuteq*, que se refere à percepção da violência sexual dos adolescentes participantes da pesquisa. A análise foi submetida e gerada pelo *Iramuteq*, e dessa forma, utilizou-se também a análise a partir dos dados que foram descritos das características biopsicossociais, organizados e gerados no *Microsoft Excel 2010*. Assim, foi possível identificar as possíveis diferenças e semelhanças da percepção relacionadas às características biopsicossociais neste grupo etário.

Cuidados Éticos

Durante a realização do *rapport* e da aproximação com os adolescentes foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo D) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (Anexo E) ao seu responsável legal, caso a receptividade à participação fosse positiva. Assim como, foi disponibilizada uma cópia para o grupo e uma para os adolescentes que aceitaram participar do estudo.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Pará. Após isso, a pesquisa foi previamente autorizada para a realização no Fórum Distrital de Icoaraci pelo Juiz de Direito Titular da VIJ no dia 16 de abril de 2019 por meio do (Ofício de nº

010/2019 – PPGTPC) (Anexo B). Foi realizada também a autorização prévia da VIJ (Anexo C) da Comarca Belém pela Juíza de Direito Titular 2ª Vara, para que fosse possível ter acesso aos processos jurídicos em trâmite. E por seguinte, a pesquisa foi autorizada (documento indisponível) pelo Diretor da FASEPA, atendendo a todos os critérios éticos e respeitando as normas de pesquisa que envolve seres humanos.

Assim, consideraram-se todos os aspectos éticos envolvidos na pesquisa, minimizando os riscos e danos que pudessem ser causados aos participantes, assim como, prestar assistência ao entrevistador e ao entrevistado caso fosse necessário ao longo do estudo e/ou da entrevista. Estas informações foram repassadas ao participante anteriormente à aplicação da entrevista e apresentadas também nos termos assinados, entretanto, ao longo da pesquisa não houve intercorrências neste sentido.

Resultados e Discussão

A fim de atender aos objetivos deste trabalho, esta seção trará a apresentação dos resultados e da discussão do Estudo II. Os resultados gerados neste estudo foram divididos em três eixos: o primeiro referente à caracterização biopsicossocial de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, com foco nas características da idade, escolaridade, as violências sofridas por estes e o grau de severidade do ato praticado.

O segundo eixo trata da análise das percepções sobre as categorias (infância, adolescência e violência sexual), com bases nos dados gerados por meio da CHD do *Software Iramuteq*. E o terceiro e último eixo consiste em apontar o modo de perceber a violência sexual pelos adolescentes participantes da pesquisa e a sua relação com as características biopsicossociais associadas a esse grupo etário.

Caracterização biopsicossocial de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes

Este eixo consiste na caracterização biopsicossocial dos adolescentes autores de agressão sexual considerando as categorias idade, escolaridade, violências sofridas e o grau de severidade do ato praticado, conforme a Figura 1.

Os resultados que foram obtidos por meio da caracterização biopsicossocial dos adolescentes participantes da pesquisa (N=4) apontam que todos os adolescentes possuíam idade superior a 15 anos, com média de 16,5, mediana de 16,5 e desvio padrão de 1,29. Estes adolescentes possuíam idade mínima de 15 anos e máxima de 18 anos quando participaram da pesquisa.

No que se refere à escolaridade, demonstra-se que 2 (50%) participantes tinham o ensino fundamental incompleto, 1 (25%) adolescente possuía o ensino médio incompleto, e 1 (25%) participante sem informação de sua escolaridade. Destaca-se que os participantes continuaram seu ensino regular após adentrar na instituição de internação para cumprimento de medida socioeducativa.

Ainda na análise dos dados, no que se refere à categoria violências sofridas pelos participantes ao longo de suas trajetórias de vida, identificou-se quatro tipos frequentes de violências sofridas e praticadas contra crianças e adolescentes (Figura 1): violência física, violência psicológica, negligência e violência sexual.

Assim, observou-se que todos os participantes (N=4) sofreram e/ou vivenciaram diversas situações de violência ao longo de suas trajetórias de vida, sendo estas destacadas de maneira ampla nos seus respectivos ambientes familiares. Nestes dados identificou-se que todos os participantes sofreram violência física 4 (100%); 3 (75%) participantes sofreram violência psicológica; 3 (75%) passaram por situações de negligência em seus ambientes familiares, e, 3 (75%) dos participantes vivenciaram práticas de violência sexual ao longo de suas trajetórias de vida, seja na infância e/ou na adolescência.

Quanto à categoria do grau de severidade do ato praticado pelos adolescentes contra suas respectivas vítimas, destacam-se as informações evidenciadas por meio da caracterização que se denomina neste trabalho por *hands on*. Entretanto, nenhum dos participantes assume a prática cometida, destacando a negação da prática, ou verbalizando não se recordar do ato cometido, dificultando, portanto, na identificação do grau de severidade e na inferência dos dados para discussão desta categoria. Estes resultados estão apresentados na Figura 1.

P	Idade (12 a 18 anos)	Escolaridade	Violência Física (Sim/Não)	Violência Psicológica (Sim/Não)	Negligência (Sim/Não)	Violência Sexual (Sim/Não)	Grau de Severidade (Sim/Não)
P1	18 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim	Sim	Não	Não	Não
P2	16 anos	Sem informação	Sim	Sim	Sim	Sim	Não lembra o ato
P3	15 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Sim	Não	Sim	Sim	Não lembra o ato
P4	17 anos	Ensino Médio Incompleto	Sim	Sim	Sim	Sim	Não

Figura 1. Quadro de Caracterização Biopsicossocial de Adolescentes Autores de Agressão Sexual contra Crianças e Adolescentes.

A partir da apresentação dos dados de caracterização biopsicossocial dos adolescentes autores de agressão sexual participantes desta pesquisa, pode-se dizer que as características caracterizam-se como heterogêneas. Entretanto, é necessário discutir estes dados para compreender o panorama das agressões sexuais, buscando dessa forma, aprofundar-se nas características biopsicossociais de autores de agressão sexual, especialmente no caso de adolescentes. Pode-se demonstrar que suas características podem apresentar semelhanças e diferenças entre estes indivíduos, levando a sinalizar diferenças biopsicossociais entre autores de agressão sexual em fases do ciclo de vida distintas.

Discussão das características biopsicossociais de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes

Ao analisar os resultados obtidos neste estudo (Figura 1), percebeu-se que ainda que as características biopsicossociais se apresentem de maneira heterogênea no perfil de autores de

agressão sexual, é possível identificar diferentes características a partir da amostra investigada neste estudo, especialmente por tratar-se de uma amostra com participantes adolescentes. Esta amostra é caracterizada por adolescentes, que estavam com média de idade de 16,5 anos, possuindo baixa escolaridade, e que vivenciaram em seus ambientes familiares diversos tipos de violência, tendo suas fases da infância e adolescência marcadas por estas violações.

Quando se discute a idade dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, a literatura aponta em estudo realizado por Loeber e Farrington (2014) que os padrões de violência tendem a refletir no que se denominam de “crime de idade curva”, caracterizado por começar estas práticas de agressão sexual no final da infância, e que tem um pico de ocorrências entre os 15 a 19 anos de idade.

Estes dados corroboram características da idade apresentadas por Morais, Alexander, Rebecca e Barry (2016), em estudo realizado com 498 adolescentes do sexo masculino que foram julgados por agressão sexual contra crianças e adolescentes, e que eram ordenados ao cumprimento de medida socioeducativa. Neste estudo, a idade média dos participantes foi de 15,93 anos, com desvio padrão de 1,52, aproximando-se dos dados encontrados neste presente estudo.

No entanto, os dados deste estudo também se demonstram diferentes do que foi observado no estudo descritivo de Martins e Jorge (2010), que investigava as características da agressão sexual contra crianças e adolescentes, a partir dos casos registrados nos Conselhos Tutelares e Programas de atendimento do município de Londrina – PR, no ano de 2006. Verificou-se que 9,9% dos casos apresentados referiam-se a adolescente de 13 a 14 anos como autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, neste caso, adolescentes mais novos que a média identificada neste estudo presente.

Assim, a idade dos adolescentes autores de agressão sexual se apresenta de diferentes formas em diferentes estudos, mas ainda segue demonstrando sua predominância da prática

sexual a partir dos 15 anos de idade. Pode-se dizer que nesta fase do desenvolvimento estas práticas que ocorrem na trajetória de vida destes adolescentes com frequência, tende a influenciar na forma que este fenômeno passa a ser visualizado, praticado e percebido, paralelamente ao processo da construção de maturidade e nível de entendimento deste adolescente.

Outra categoria apresentada nas características biopsicossociais é a escolaridade, que se apresentam nos dados pelos adolescentes participantes da pesquisa em baixa escolaridade. A partir destes resultados, percebe-se a baixa escolaridade dos adolescentes e a dificuldade de acesso à escola e educação ao longo da infância e adolescência pelas diversas barreiras enfrentadas em seus contextos imediatos.

Entretanto, nestes dados apresentados, é válido considerar que alguns dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa se encontravam em ano regular de ensino compatível com a característica da idade apresentadas nos dados de caracterização biopsicossocial destes. E assim, ao entrar na unidade de atendimento socioeducativo, deram continuidade aos estudos e ensino regular na instituição, não apresentando interrupções e/ou histórico de evasão.

Neste sentido, compreender a característica da escolaridade busca demonstrar a relação existente entre a formação crítica do indivíduo e a sua formação de percepção das situações de violência vivenciadas ao longo de suas trajetórias de vida. Desta forma, identificar o nível de escolaridade possibilita compreender o fenômeno de violação de direitos, o grau de vulnerabilidade às violências às quais estes foram expostos de diferentes perspectivas em suas respectivas fases do desenvolvimento e que impossibilitou em algum grau o acesso efetivo à educação (MDH, 2019).

Assim, estes dados coadunam com pesquisa realizada por Grimaldi (2018) que verificou um total de 900 casos de violência sexual no município de Feira de Santana – Bahia,

entre os anos de 2007 a 2016 por meio dos casos registrados nas Delegacias Especializadas de Polícia Civil (DEAM, DERCA e DAI). Neste estudo, identificou-se que 68% dos autores de agressão sexual eram adolescentes ou jovens que apresentavam baixa escolaridade em suas características biopsicossociais.

Assim como em pesquisa realizada por Bastos (2020) com 285 adolescentes denunciados e processados judicialmente por agressão sexual contra crianças e adolescentes nos anos de 2013 a 2016 no DF, em que se evidenciou a baixa escolaridade destes adolescentes. Estes dados apresentaram-se por meio do ensino fundamental incompleto 29,5%, seguido do ensino médio incompleto com 9,8% dos casos.

A baixa escolaridade destes adolescentes pode apresentar-se vinculada diretamente às vivências desses autores de agressão sexual em ambientes vulneráveis, e de baixo nível socioeconômico, que podem por vezes expor estes a diferentes tipos de violência e experiências adversas ao longo da trajetória de vida (Costa, Rocha, & Cavalcante, 2018; Silveira, 2018; Zilki, Aguiar, Perissinotto, & Resende, 2020). A escolarização se apresenta nestes dados de modo irregular, com frequentes problemas comportamentais no próprio contexto escolar e no ambiente familiar.

Neste sentido, fazer parte de um ambiente que seja considerado instável e inseguro, como exemplo, as condições de baixo nível socioeconômico podem ser diretamente associadas a prejuízos ao desenvolvimento por toda a trajetória de vida destes adolescentes. Estas dificuldades e a vulnerabilidade às quais estes indivíduos podem estar mais expostos podem resultar em baixa escolaridade, dificuldades no processo de aprendizagem, evasão escolar, inserção ao mundo do crime e acesso precoce a drogas ilícitas (Hackman, Farah, & Meaney, 2010; Zilki, Aguiar, Perissinotto, & Resende, 2020).

Embora não se possam generalizar as características biopsicossociais apresentadas pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, algumas

características se apresentam de maneira comum entre eles na população de autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, e são identificadas a partir da vivência destes adolescentes em ambientes familiares permeados por conflitos e diferentes tipos de violência (Barroso, 2012).

Dessa forma, no que se refere à categoria de violências sofridas ao longo da trajetória de vida destes adolescentes autores de agressão sexual, percebe-se que todos os participantes desta amostra vivenciaram ao longo de suas trajetórias de vida situações de violência. Estas foram praticadas especialmente em seus ambientes familiares, perpetradas pelas próprias figuras parentais que deveriam prover proteção e segurança a estes.

Quando se observam os contextos de desenvolvimento destes adolescentes autores de agressão sexual, é possível identificar alguns fatores que podem influenciar em algum grau o comportamento agressivo, e que podem refletir diretamente nas fases subsequentes do desenvolvimento destes, por exemplo, na vida adulta (Malta, Bernal, Teixeira, Silva, & Freitas, 2017).

Para Magalhães et al. (2017), em pesquisa qualitativa realizada na Bahia com oito adolescentes apontou-se que estruturas familiares fragilizadas (abandono dos pais biológicos, presença de padrastos e/ou madrastas, falecimento precoce dos pais, e outros) podem estar diretamente relacionados à situações de violência vivenciadas por estes adolescentes em contexto familiar, tais como: violência física, psicológica, negligência e violência sexual, que afetam o seu desenvolvimento e podem refletir nas fases subsequentes da vida.

Ainda de acordo com estudo de Magalhães et al. (2017), no que se refere aos relatos dos adolescentes autores de agressão sexual, percebe-se que as características biopsicossociais remetem a uma infância e adolescência marcadas por privações de cunho econômico e afetivo, por meio de rejeição, culpabilização, ofensas, humilhações, violência física, e outras formas de vivenciar e presenciar as relações violentas e abusivas dentro do ambiente familiar.

Essa realidade vivenciada e presenciada acaba por comprometer a integridade física destes indivíduos, desencadeando também em adoecimento mental, interferindo no desenvolvimento destes e tornando-os mais vulneráveis para a prática de outras formas de violência, práticas sexuais e uso de bebida alcoólica e outras drogas de maneira precoce ainda na adolescência (Magalhães et al., 2017).

Assim, diante das principais formas de violência (MDH, 2019; OMS & Krug, 2002) vivenciadas, e identificadas nas características biopsicossociais destes adolescentes, a violência física se apresenta de maneira frequente dentro dos contextos imediatos destes autores de agressão sexual, apresentada nas características de todos os participantes da amostra. Para Azevedo e Guerra (1995), a violência física é toda ação que pode causar dano físico à criança e/ou adolescente, sendo esta forma de violência algo que fere diretamente a integridade corporal das vítimas.

A violência física pode ser expressa por meio de agressões, formas de tortura, uso da força física, e outros. Para crianças e adolescentes que sofrem este tipo de violência, com o tempo passam a demonstrar mudanças em sua conduta, refletindo diretamente em seu desempenho escolar, comportamento, desenvolvimento, tornando-os mais agressivos, tímidos e/ou retraídos (Azevedo & Guerra, 2018).

Outros estudos (Fontenele & Miranda, 2017; Merrick et al., 2013; Sandvik et al., 2017) destacam que sofrer violência física, maus tratos, condutas violentas ainda na infância e/ou adolescência, somados a um contexto familiar instável e sem uma rede de apoio eficaz pode tornar o adolescente mais suscetível a cometer atos infracionais ao longo de seu desenvolvimento, incluindo a agressão sexual.

De acordo com Silva (2019), pode-se inferir que quando um adulto faz intencionalmente o uso da força física para disciplinar uma criança e/ou adolescente, por meio de palmadas, empurrões, formas de maus tratos físicos, chutes e outras formas de expressão

violenta, isso pode resultar em danos considerados reais e potenciais para a saúde, sobrevivência e interferir dessa forma no bom desenvolvimento e integridade da infância e adolescência. Além de interferir diretamente na própria construção da percepção que estes indivíduos vão obter acerca do fenômeno da violência ao longo de suas trajetórias de vida.

Quando se trata da categoria de violência psicológica apenas um participante não vivenciou este tipo de violência ao longo da infância e adolescência. Neste sentido, para Reis, Prata e Parra (2018) a violência psicológica se manifesta por meio da depreciação da criança e/ou adolescente com humilhações, ameaças, ridicularizações, causando neste, sofrimento psicológico e afetivo. Assim como, este tipo de violência pode se apresentar como um abandono, causando sofrimento e dificultando o desenvolvimento saudável e a construção de relações proximais.

Estes dados corroboram estudos de Minayo (2006) que destaca a violência psicológica como ações que englobam rejeição, críticas, humilhações e um atentado à autonomia e identidade das vítimas destas práticas. Assim, Minayo (2006) afirma que um ambiente em que esta forma de relação é estabelecida, baseada na dominação e humilhação considerada hegemônica pode vir a potencializar em crianças e adolescentes os sintomas de agressividade, passividade, hiperatividade, depressão e de baixa autoestima. Assim como, aumentar as chances de distorcer a percepção que estas possuem do próprio fenômeno da violência, da sua identidade e da sexualidade, podendo refletir também nas fases subsequentes do desenvolvimento.

Para Abbiati et al. (2014), autores de agressão sexual estão mais propensos a ter histórico de experiências de violência psicológica iniciada ainda na fase da infância e/ou na adolescência, do que o restante da população em geral. Neste estudo de Abbiati et al. (2014), mais da metade da amostra vivenciaram situações de violência psicológica ainda na infância (63%), sendo algo que repercutiu na adolescência destes participantes. Assim, a violência

psicológica tende a desempenhar um papel particular na forma em que os indivíduos reagem a ela a partir das experiências vivenciadas, podendo interferir assim, de maneira significativa no desenvolvimento destes.

Por seguinte, considerando a categoria da negligência, observa-se que três dos quatro participantes sofreram algum tipo de negligência ao longo de suas trajetórias de vida. Neste sentido, estes dados corroboram a discussão de Blackman e Dring (2016) que afirmam que a maior parte dos autores de agressão sexual sofreu algum tipo de negligência ao longo de suas trajetórias de vida, neste caso, os autores adolescentes.

Em casos de adolescentes que cometeram agressão sexual, observa-se maior presença de vitimização sexual (acompanhadas da naturalização das formas de violência). Assim, autores de agressão sexual intrafamiliar apresentam mais chances de ter sofrido maus-tratos e negligência ao longo da trajetória de vida, apresentando dificuldades nas relações com as figuras parentais (Seto et al., 2015).

Para Said et al. (2016) e Borges (2018) que identificaram em seus estudos a presença de diferentes formas de violência sofridas pelos adolescentes autores de agressão sexual nos seus ambientes familiares, evidenciou-se que há uma alternância constante de vários adultos responsáveis pelos seus cuidados, assim como, processos de negligência e abandono que podem influenciar na construção das percepções destes adolescentes e nos seus respectivos desenvolvimentos.

Em consonância com essa discussão, Marshall (2018) e Ward e Beech (2016) reiteram que a vitimização e revitimização partem da aprendizagem que se obtém a partir das circunstâncias e vivências às quais os contextos destes autores de agressão sexual estão diretamente permeados. Dessa forma, ser exposto a diferentes tipos de violência, pode ser fatores que predispõem autores de agressão sexual adolescentes ao cometimento de atos infracionais, e em questão, atos infracionais de cunho sexual.

De acordo com Ward e Beech (2016), a construção e a integridade dos aspectos psicológicos da pessoa em desenvolvimento provêm da combinação existente entre diversos fatores que compõem o ambiente imediato, especialmente a partir das vivências e da construção social estabelecida. Assim, os adolescentes autores de agressão sexual passam a adquirir vulnerabilidades psicológicas que os predis põem ao crime sexual, mediante a exposição aos diferentes fatores de risco e experiências psicológicas traumáticas vivenciadas em suas trajetórias de vida, e nas diferentes fases do desenvolvimento.

Por seguinte, no que tange à categoria da violência sexual, apenas um participante desta amostra não vivenciou este tipo de violência ao longo da sua trajetória de vida. Isso traz a observação do fato de como a violência sexual cometida contra crianças e adolescentes se apresenta como um marco que se reproduz na vida destes indivíduos, evidenciadas a partir das suas características biopsicossociais.

Dessa forma, os resultados coadunam dados de Stirpe e Stermac (2003), onde sugerem que maior parte dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes viveram significativamente mais vitimizações na infância e antecedentes de participação e/ou dificuldades de convivência em ambiente familiar adverso e agressivo, nos quais estes enfrentam e participam ao longo das fases do desenvolvimento.

A partir de pesquisa realizada por Fontes, Conceição e Machado (2017), que tinha como objetivo analisar aspectos e impactos da violência sexual em adolescentes constatou-se que adolescentes vítimas de violência sexual representavam cerca de 4% do total da amostra de participantes. Evidenciou-se, portanto, a prevalência da prática sexual sem contato físico e menos para com o contato físico.

Autores que abordam esta prática (Pinto Silva et al., 2015) ainda enfatizam que em muitas circunstâncias, estes conflitos vivenciados especialmente em ambiente familiar, se não forem tratados ou resolvidos de maneira adequada, também podem se tornar fatores de risco e

fazer com que o indivíduo que o vivenciou possa se tornar replicador direto da violência vivenciada em outras possíveis vítimas.

Entretanto, apesar das características de violência sexual em destaque, muitas das violações que são experienciadas acabam por não serem reconhecidas por estes adolescentes. Estes não se reconhecem em tal situação vivenciada devido à naturalização da violência e em como esta é percebida dentro do ambiente familiar, como algo comum e esperado, dificultando a identificação do fenômeno.

Por seguinte, entende-se que a violência sexual praticada no ambiente familiar contra os autores de agressão sexual ainda na infância e adolescência se expressa como uma violação de direitos, que pode vir a comprometer o acesso a uma sexualidade segura, bem como uma convivência afetuosa e protetora, infringindo o que se considera de responsabilidade das figuras parentais dentro do ambiente familiar (Silva, 2019).

Assim, compreende-se que nem todas as vítimas de violência sexual possam tornar-se futuros autores de agressão sexual. Entretanto, a agressão sexual torna-se um fator de risco, que em algum grau, pode influenciar nas práticas subsequentes do desenvolvimento dos adolescentes que vivenciaram este tipo de prática em suas fases do desenvolvimento (Stirpe & Stermac, 2003).

Portanto, é válido reiterar que vivenciar essas experiências marcadas por violência por si só não se demonstram como um fator único, isolado e suficiente para explicar a conduta de ações violentas nesta fase do desenvolvimento, mas como fatores de risco que quando associados a outras vulnerabilidades vivenciadas podem ser potencializadas e conduzir a esta prática.

Sendo assim, considera-se que o fato de ter sido vítima de violência sexual na infância e/ou adolescência pode provocar desordens psicológicas consideradas de risco, acentuadas também de maneira significativa para afetar o desenvolvimento e estimular o uso e/ou abuso

de álcool e outras drogas. Neste sentido, consideram-se como consequência advinda desta experiência adversa fatores que podem afetar diretamente o funcionamento sexual adulto, gerar confusão sobre a identidade sexual, e a possível recapitulação da violência sexual pela vítima em outras possíveis vítimas que podem compor o seu ambiente familiar mais próximo (Teixeira, Resende, & Perissinotto, 2020; Ward & Beech, 2016).

Por fim, compreende-se que as vitimizações, em especial a violência sexual, do grupo de adolescentes autores de agressão sexual, quando vinculadas aos diferentes tipos de violência podem vir a favorecer as vulnerabilidades relacionadas ao cometimento da agressão sexual de crianças e adolescentes (Stirpe & Stermac, 2003; Ward & Beech, 2016).

Assim, outra categoria de discussão nesta seção de resultados das características biopsicossociais é o grau de severidade da prática cometida pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. Todos os adolescentes participantes da pesquisa negaram a acusação a que foram submetidos, seja pela negação do ato ou pela justificativa de não se recordar da prática cometida, dificultando a identificação do grau de severidade da prática cometida.

Entretanto, em pesquisa realizada por Grimaldi (2018) evidenciou-se que os adolescentes autores de agressão sexual apresentaram um perfil semelhante ao de adultos. Para os adolescentes da pesquisa, as vítimas mais frequentes são crianças de 0 a 11 anos, (em torno de 40% do total apresentado), e vítimas adolescentes mais jovens até os 14 anos (cerca de 30%). Sugere-se, portanto a partir destes dados que haja a reprodução do modelo de agressão sexual perpetrado pelos adultos, refletido nas práticas dos adolescentes autores de agressão sexual.

Isso se evidencia mediante as relações de poder que são estabelecidas pela autoridade e hierarquia pré-estabelecidas nos próprios ambientes familiares, demonstradas pelo poder emitido pelo perpetrador, com ênfase na inferioridade e submissão da vítima. Assim,

adolescentes autores de agressão sexual podem iniciar precocemente a sua trajetória de prática da violência, especialmente replicando o grau de severidade que sofreu por meio das múltiplas formas de vitimização, durante fases do desenvolvimento da infância e adolescência (Martins & Jorge, 2010).

A partir dos achados de Kaufman et al. (1998), em estudo realizado com 228 autores de agressão sexual, incluindo na amostra adolescentes, verificou-se o grau de severidade das práticas cometidas contra crianças e adolescentes. Nos resultados identificou-se que adolescentes autores de agressão sexual adotaram medidas e estratégias mais violentas para as suas práticas sexuais em comparação com autores de agressão sexual adultos.

Em estudo de Vieira (2017), que traz o perfil de adolescentes autores de agressão sexual, as variáveis acerca do grau de severidade da agressão explicitam aspectos do *modus operandi* dos adolescentes. Dessa forma, demonstrou-se que em 37,8% dos casos houve agressão *hands on*, de forma mais severa e com coerção; enquanto houve 18,9% agressão em *hands off*, sem coerção e severidade. Observou-se que em maior parte os casos ocorrem com contato físico, totalizando percentual de 43,2% dos casos.

Dessa forma, percebe-se na literatura o perfil dos adolescentes autores de agressão sexual no que tange ao grau de severidade das práticas cometidas. Neste sentido, na amostra deste trabalho observou-se que os adolescentes não assumem a prática cometida, observando-se a constante negação das práticas e o não reconhecimento do ocorrido, em que estes não assumem efetivamente a prática dos atos e o grau de severidade aplicado.

Isso pode se justificar por meio do que a literatura compreende por distorções cognitivas. Para Reis e Cavalcante (2019) o pressuposto básico das distorções cognitivas compreende que autores de agressão sexual apresentam ideias distorcidas no modo como pensam e interpretam a si mesmo, o mundo que o cerca e as relações estabelecidas com os outros. Dessa forma, estes tendem a justificar ou negar os seus atos por meio de pensamentos,

percepções e ideias distorcidas acerca de seu próprio comportamento (Nunes, 2012; Reis & Cavalcante, 2019; Silva, 2013; Vieira, 2010).

Entretanto, ainda são escassos e embrionários estudos que versem sobre as distorções cognitivas em adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, sendo dificultada assim, a discussão destes dados com maior propriedade e inferência das características que são apresentadas no presente estudo.

Outro fator que pode estar associado à falta dessas informações acerca do grau de severidade da prática sexual dos adolescentes autores de agressão sexual, pode dar-se mediante o uso de álcool e outras drogas no momento do ato da agressão. Esta variável pode estar associada à ocorrência da violência sexual, pois o uso de álcool e outras drogas de maneira indiscriminada tornam-se fatores de risco associados comumente às experiências da prática da violência sexual (OMS, 2010).

Assim, é necessário ainda aprofundar as características biopsicossociais de adolescentes autores de agressão sexual, e identificar quais foram as experiências que atravessaram de maneira direta a sua trajetória de vida, seja no campo das características da idade, da escolaridade, das violências vivenciadas ao longo da trajetória de vida e outras. Sendo possível assim, identificar essas características e compreender posteriormente o contexto nos quais estas foram experienciadas, podendo influenciar dessa forma, a própria visão e percepção que estes adolescentes formaram acerca de si e dos fenômenos.

Portanto, a partir da perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner, todos os processos psicológicos e sociais que são vivenciados ao longo da trajetória de vida, especialmente na infância destes indivíduos, tornam-se processos sedimentares para as experiências subsequentes destes. Isso se dá de maneira objetiva na medida em que estes processos ocorrem de maneira estável e por períodos estendidos de tempo, a partir do ambiente imediato em que estes ocorrem e que tendem a influenciar no

processo desenvolvimental da pessoa em ambientes estáveis ou adversos (Bronfenbrenner, 2011).

Assim, crianças e adolescentes que frequentam ambientes adversos ao longo de suas fases do desenvolvimento, como é o caso dos participantes desta amostra apresentada neste trabalho, tendem a manifestar dificuldades recorrentes de manutenção, controle e reintegração do próprio comportamento e da forma de perceber os fenômenos e os processos proximais estabelecidos em seus ambientes imediatos (Bronfenbrenner, 2011).

A partir da Bioecologia do Desenvolvimento Humano, compreende-se que a pessoa em desenvolvimento vive e se desenvolve por meio de uma rede de relações, que se inicia especialmente no ambiente familiar, e assim, vai modulando suas experiências subsequentes com os outros e com o mundo que o cerca (Bronfenbrenner, 1996, 2011). Estes indivíduos em desenvolvimento se encontram em constante interação com os diferentes ambientes nos quais interagem, sofrem influência e também são influenciadores diretos, fazendo com que suas ações, interações e relações estabelecidas possam refletir nos demais, formulando e reformulando constantemente as suas percepções sobre as suas vivências e sobre os outros.

Neste sentido, Bronfenbrenner (2011) apresenta a possibilidade de compreender o desenvolvimento humano como um processo contínuo, que se estabelece a partir das interações vivenciadas pelas pessoas por meio dos processos proximais, e em ambientes imediatos. Dessa forma, criam-se interligações do contexto em que estes indivíduos estão inseridos com a trajetória de vida destes adolescentes, evidenciadas em suas características biopsicossociais.

Por fim, as características biopsicossociais destes adolescentes podem representar um reflexo dos rebatimentos das vivências da trajetória de vida destes, demonstrando a realidade vivenciada, evidenciada em seus contextos nos quais estão inseridos e a realidade das relações estabelecidas. Podendo assim, perpassar diretamente a construção das percepções que estes

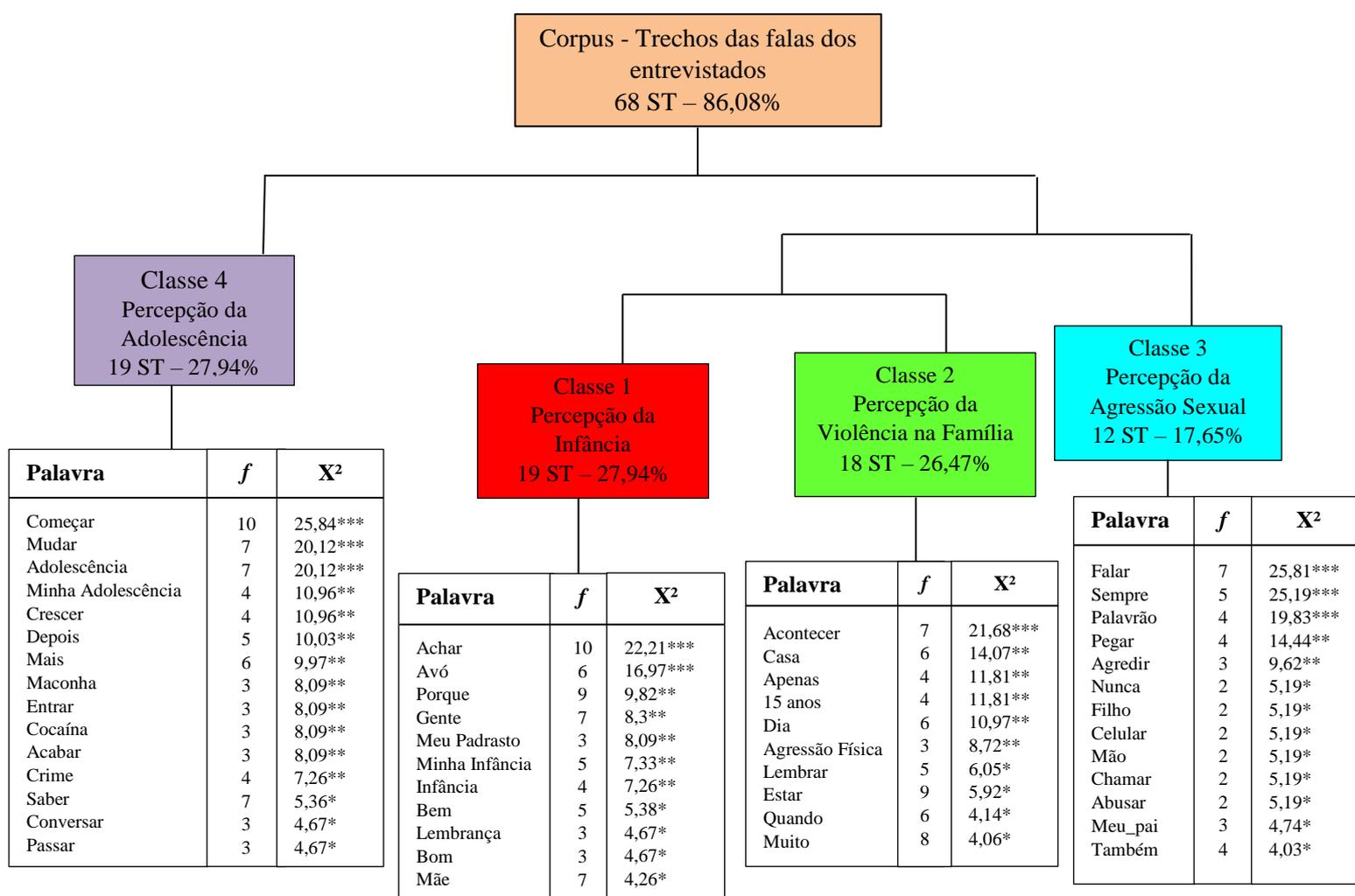
possuem sobre si e sobre os fenômenos experienciados nesta trajetória, prejudicando por vezes o desenvolvimento em decorrência das experiências adversas na infância e adolescência.

Análise das percepções sobre as categorias infância, adolescência e violência sexual, a partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD): Dendograma – por meio do Software Iramuteq.

Para a apresentação dos resultados, gerou-se a análise denominada de Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Neste resultado, foram analisados 68 segmentos de texto (ST), obtendo-se 86,08% do total dos ST que foram submetidos ao *software*, gerando, portanto, quatro classes com diferentes categorias e interligações entre si. Primeiramente, o *software* realizou uma divisão do *corpus* em dois *subcorpus*: o primeiro é denominado de Percepção da Adolescência – designado pela classe 4, onde inclui-se a percepção do adolescente autor de agressão sexual sobre a categoria da adolescência (Figura 2).

Posteriormente, o segundo *subcorpus* abrange as classes 1, 2 e 3, referentes à Percepção da Infância, Percepção da Violência na Família e Percepção da Agressão Sexual, respectivamente. Estas classes fazem menção às percepções destas categorias mencionadas, que foram construídas ao longo da trajetória de vida destes adolescentes autores de agressão sexual, e que são manifestadas em nos trechos das entrevistas transcritas (Figura 2).

Ademais, o *Software Iramuteq* realizou ainda outra divisão deste *subcorpus*, onde a classe 3 opõe-se às classes 1 e 2, considerando desta forma as aproximações e os afastamentos existentes entre as classes e as categorias em que estas foram divididas na análise, conforme apresentado por meio do Dendograma (Figura 2).



Nota: *p < 0,05; **p < 0,01; ***p < 0,0001, teste Qui-Quadrado, *software IRAMUTEQ*.

Figura 2. Análise dos relatos dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes pelo método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

A percepção da categoria infância – Classe 1, gerada pelo *Software Iramuteq*.

A Classe 1, denominada como “Percepção da Infância” é responsável por 27,94% dos segmentos de texto aproveitados na análise. Os principais elementos (palavras) apresentados e que se relacionaram a esta classe foram: *achar, avó, porque, gente, meu padrasto, minha infância, infância, bem, lembrança, bom e mãe* (Figura 2). O conteúdo das palavras agrupadas na classe 1, referem-se principalmente acerca das percepções dos adolescentes autores de agressão sexual sobre a categoria infância, sendo esta percepção construída ao longo da

trajetória de vida destes adolescentes e que estão presentes nos trechos extraídos das transcrições das entrevistas. Os trechos apresentados a seguir ilustram esses elementos no contexto:

“Da minha infância não lembro nada, apenas que eu brincava com colega, conhecido, na casa da minha família, praia, passeando, ser criança na minha família era bom, ser tratado como um bebezinho, recém nascido. Na minha infância eu não saía de casa, vivia brincando, ia para escola, voltava, depois que eu entrei na vida do crime começou a mudar, eu mudei muito, depois que cresce pessoal começa a tratar mal, falar com ignorância. Na infância eu sabia brincar, sabia conversar com as pessoas, agora que eu cresci, eu mudei muito e eu não converso mais com ninguém” (P1)

“Minha infância não foi como a de qualquer garoto, foi muito complicada desde que eu nasci, porque era muito difícil a minha mãe me manter, por isso que ela me deu para minha avó. Chegou certo tempo que eu pensava que ninguém gostava de mim, as lembranças ruins foi o meu pai não querer saber mais de mim, na infância era como ser órfão, não era uma família de verdade, não tinha uma infância boa, não tinha amigos, não tinha nada” (P2).

“Eu não lembro muito da minha infância, foi uma infância tranquila, porque a minha mãe teve que trabalhar, ela me deixava com a minha avó, não tinha uma estrutura, a gente era bem pobre, e como criança, eu não recebi o tratamento adequado, não julgo, não culpo, porque a minha avó fazia de tudo para colocar comida na mesa” (P3).

Discussão acerca da percepção da infância dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes – Classe 1.

A partir da análise do Dendograma gerado pela CHD (Figura 2) e os segmentos de texto observados em seus respectivos contextos, identifica-se a percepção dos adolescentes autores de agressão sexual acerca da categoria infância. Os elementos (palavras) foram

gerados e organizados em diferentes classes, representando a interconexão existente entre os elementos dentro de cada classe e a interligação entre elas no Dendograma.

Assim, demonstra-se a forma que é feita a construção da percepção da categoria infância e as suas modificações ao longo da trajetória de vida dos adolescentes autores de agressão sexual em diferentes perspectivas. Isto se inicia primeiramente por meio da percepção da infância pela perspectiva de como esta deveria ser e em como ela foi vivenciada por estes adolescentes nesta fase do desenvolvimento, assim como, pela forma de tratamento que estes compreendem que crianças e adolescentes deveriam receber.

Neste sentido, foi possível identificar a percepção da infância como uma fase que necessita de atenção, cuidados, proteção e afeto, mas que esbarra diretamente na infância real vivida diariamente no contexto em que crianças e adolescentes estão inseridos, nos quais não são protegidos dentro do próprio ambiente familiar. Assim, a infância é considerada por estes adolescentes autores de agressão sexual como uma fase ruim.

De acordo com Marshall (2001) apontou-se que diferentes aspectos concorrem para o cometimento de atos ofensivos por adolescentes autores de agressão sexual, especialmente as experiências traumáticas vivenciadas dentro do ambiente familiar que deveria ser um local de proteção para estes. Experiências estas de maus tratos, ambiente familiar agressivo, contundente e transgressor, mediante os relacionamentos fragilizados entre pais e filhos, por meio da falta de acolhimento afetivo familiar, propiciam nos adolescentes reflexos das características do relacionamento familiar em fantasias de dominação, força sobre o outro desde a infância e na forma de se relacionar posteriormente, tornando a infância como uma fase de mudanças e de dificuldade para estes.

Assim, uma série de aspectos familiares vivenciados na infância está associada diretamente às ações subseqüentes praticadas pelos adolescentes autores de agressão sexual, tanto quanto para a construção da percepção que estes passam a obter sobre a infância que

permeia o seu contexto familiar, quanto para as suas práticas subsequentes. Estes fatores podem refletir-se por meio da disciplina severa e inconsistente, violência física, negligência, baixo envolvimento dos pais com as crianças, presenciar os conflitos parentais e a representação das desestruturações familiares presentes na infância (Farrington, 2003).

Neste sentido, a construção da percepção da infância parte da interação entre as características da criança, da família e do meio ambiente, onde os fatores de risco e proteção passam a interagir ao longo do tempo, formulando e formando a visão que estes têm do mundo e dos fenômenos que abrangem estes contextos em que estão inseridos (Bronfenbrenner, 2011).

Essa percepção da infância é evidenciada na classe por meio dos elementos *lembração, porque, minha infância e infância*, onde são observadas as construções e modulações dessa percepção por meio da interligação com as diferentes formas de violência vivenciadas e presenciadas ao longo da trajetória de vida destes adolescentes. Estas experiências foram vivenciadas/presenciadas especialmente nos seus contextos imediatos, de modo geral ao longo da infância destes. Ou seja, a construção da percepção da infância se vincula às experiências vivenciadas por estes adolescentes autores de agressão sexual.

Portanto, é válido considerar que adolescentes autores de agressão sexual podem iniciar precocemente a sua trajetória na violência, em consequência aos desajustes emocionais e psicológicos experienciados ainda na infância e que refletem nas fases subsequentes do seu desenvolvimento, assim como, na forma de perceber esta categoria. Isso se evidencia por meio de ter sido vítima de maus tratos, múltiplas formas de vitimização, ao longo da infância dentro do próprio ambiente familiar (Martins & Jorge, 2010).

Isso corrobora também aspectos observados a partir da percepção da infância, em que estes adolescentes consideram-se abandonados pelos pais, no momento em que suas respectivas criações passam a ser de responsabilidade da figura da avó ou de terceiros. Este

aspecto é marcado pela falta de tempo e dedicação dos pais na criação dos filhos, e que acabam transferindo esta responsabilidade para os avós (em especial para a figura da avó), que apesar das dificuldades, tornam-se as principais responsáveis pela proteção, criação e cuidados dos netos e sustento da casa.

Este tipo de ocorrência no âmbito familiar traz a evidência das relações disfuncionais na família, com falhas no desempenho das funções parentais de forma efetiva, relacionadas à proteção, cuidado e afetos necessários. Os papéis acabam sendo exercidos de maneira confusa e invertidos em alguns contextos, em que os avós atuam como os principais protetores, enquanto os pais não exercem efetivamente esse papel. Nestes contextos, os filhos ocupam desde cedo um lugar de responsabilidade também pelos irmãos mais novos, e por vezes, ainda protegem a mãe do pai violento e alcoólatra, desfocando o seu verdadeiro lugar e papel dentro do aspecto familiar na infância (Barra, Bessler, Landolt, & Aebi, 2017; Costa, Penso, Conceição, Junqueira, Meneses, & Stroher, 2014).

Para Ward e Beech (2016), compreende-se também o ambiente imediato como um conjunto de circunstâncias sociais e culturais nas quais os indivíduos estão inseridos e em como respondem de maneira objetiva e subjetiva a estes, influenciando as percepções dos indivíduos. Essas circunstâncias podem ser de caráter pessoal ou relacionado a ambientes físicos, que confrontam cada indivíduo de maneira diferente e que podem afetar a maneira como este se desenvolve ao longo da sua trajetória de vida, diante de situações que por vezes são consideradas potencialmente adversas.

A ausência parental é considerada por estes adolescentes como um abandono cometido pelos pais, no qual estes se sentem diretamente influenciados negativamente por essas experiências vivenciadas, e que acabam por vezes em afetar a forma de conduzir esta experiência adversa dentro do ambiente familiar. A situação identificada pelos adolescentes como violência aponta para o ambiente familiar, caracterizado por violência intrafamiliar.

A violência intrafamiliar se origina em contextos desestruturados, em que os adolescentes crescem e se desenvolvem, aprendendo a estar no mundo de forma violenta. Isso se dá mediante as referências paternas comprometidas, pais adotivos em função do abandono dos pais biológicos, presença de padrastos e madrastas, pais falecidos e/ou desconhecidos, e transferência de papéis para outros responsáveis pela criação dos filhos (Gontijo & Medeiros, 2009). Isso se evidencia nos elementos *achar*, *meu padrasto*, *gente* e *mãe*, que podem estar associados à percepção de abandono na infância por parte dos pais e/ou figuras parentais de referência dentro destes contextos.

Igualmente, destaca-se a realidade destes adolescentes autores de agressão sexual nesta fase da infância, marcada pela pobreza e pela condição de vulnerabilidade na qual estes eram expostos ao longo desta fase do desenvolvimento. Estes aspectos foram evidenciados a partir dos trechos extraídos das entrevistas Assim, a Classe 1 apresenta o contexto pobre e vulnerável em que estes adolescentes estavam inseridos, o que pode levar aos rebatimentos destas experiências para a construção da percepção da infância.

Esta vulnerabilidade versa acerca da suscetibilidade da pessoa em desenvolvimento em ficar exposta a algum grau de risco ao longo da trajetória de vida. Para estes adolescentes autores de agressão sexual, este risco foi representado em diferentes dimensões, por uma conjuntura de condições que contribuíram em algum modo para a condição de vulnerabilidade e a escassez dos recursos econômicos mediante os fatores para sobreviver às circunstâncias adversas impostas na infância (Habigzang et al., 2006; Silveira, 2018).

Neste sentido, os aspectos vivenciados por estes adolescentes autores de agressão sexual podem ter contribuído em algum grau para a construção da percepção da categoria infância ao longo da trajetória de vida destes indivíduos. Evidencia-se nos trechos extraídos das entrevistas transcritas que a percepção da infância apresenta uma base comum provavelmente construída e modulada a partir destas vivências, e da forma em que estas

foram absorvidas objetivamente e subjetivamente por estes, influenciando diretamente a percepção que estes adolescentes obtêm sobre si e sobre os demais componentes que compõem este ambiente imediato.

Para Bronfenbrenner (2011) é importante obter informações acerca do percurso desenvolvimental dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, pois estas informações tornam-se essenciais para compreender as características que foram desenvolvidas por estas pessoas e as suas interações com os diversos ambientes em que este participa de forma ativa, influenciando e sendo influenciado por meio das relações.

Dessa forma, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (2011) compreende que os seres humanos encontra-se em constante interação com os múltiplos ambientes nos quais atuam direta ou indiretamente. Assim, todas as ações, interações e as redes que são estabelecidas nos ambientes em que estes indivíduos em desenvolvimento se encontram podem se refletir nos demais, formando ou não conexões e desconexões entre os sistemas e a forma em que as relações e o processo de desenvolvimento se desenrolam, podendo modificar também a construção das percepções de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes.

A percepção da categoria da violência na família – Classe 2, gerada pelo *Software Iramuteq*.

A Classe 2 do Dendograma denominada de “Percepção da Violência na Família” é responsável por 26,47% dos segmentos de texto submetidos à análise. Os principais elementos que foram agrupados e relacionados a esta classe foram destacados por meio das palavras: *acontecer, casa, apenas, 15 anos, dia, agressão física, lembrar, estar, quando e muito* (Figura 2).

O conteúdo desta classe refere-se prioritariamente à percepção dos adolescentes autores de agressão sexual sobre a violência na família. Estes aspectos discorrem acerca da

percepção desta categoria, construída ao longo da trajetória de vida, que foram compostos por elementos da convivência estabelecida dentro do ambiente familiar, e pelos demais fatores que compõem esse ambiente ao longo da trajetória de vida destes adolescentes. Assim como, as vivências experienciadas de violência dentro deste contexto, e que foram, em algum grau, marcantes na vida destes. Os trechos destacados a seguir demonstram estes elementos no contexto:

“Meu pai me batendo, espancando, com cinto, pau, faca. Sofri agressão física por parte de colegas, meu pai me deu uma facada na testa, ele estava bêbado, eu bati nele, a gente discutiu bastante nesse dia, foi o dia mais horrível para mim. Sofri xingamento, meu pai me agredia verbalmente, ele falava palavrões para mim, falava que eu não prestava que eu não servia para nada, que era para eu morrer, que eu apenas servia para atrapalhar a vida. Sofri ameaça, eu fugia, saí de casa às vezes porque meus pais me mandavam ir embora, sempre o meu pai falava para eu ir embora. Aconteceu muito bullying, abuso, me chamavam de negro, macaco, tição, carvão, para algumas pessoas é um ato de racismo, eu sofri racismo, e eu não entendia naquela época que racismo era uma coisa bem grave” (P2).

“A minha mãe era bem violenta, me batia muito, era uma pessoa bem estourada, ela queria bater, espancar, acho que porque ela foi criada dessa forma, batia de cinto, chinela, tudo que achasse pela frente” (P3).

“Minha mãe me bateu de cinto, cabo de vassoura, com pau, de machucar. Xingamentos, agressões verbais, aqueles palavrões, ouvi de muitas pessoas desconhecidas, eu sempre ouvi isso na vizinhança, pelos meus próprios parentes, humilhar, falar palavrão, me chamar de moleque, que eu prestava para ser ladrão, que eu nunca ia vencer na vida. Ameaçaram me colocar para fora de casa, pelo fato de ser travesso, de eu não me importar muito com a vida, eu estava em um abrigo, fui morar com meu avô, não deu muito certo ficar com ele e voltei para o abrigo, eles não me entendiam. Na minha infância eu via minha mãe

sendo espancada pelo meu padrasto, isso me causou um pouco de revolta, mexeu muito comigo” (P4).

Discussão acerca da percepção da violência na família dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes – Classe 2.

Esta classe traz a discussão acerca da percepção da categoria da violência na família, por meio dos elementos que se agruparam na Classe 2 e que discorrem sobre diferentes formas de violência vivenciadas e presenciadas pelos adolescentes autores de agressão sexual dentro dos seus ambientes familiares, sendo, estes, vítimas das respectivas figuras parentais.

A classe evidencia os acontecimentos violentos que ocorreram dentro do ambiente familiar e que fazem menção à construção da percepção da categoria de violência na família construída por estes adolescentes. Assim, os elementos *acontecer, casa, apenas e lembrança* fazem a interligação entre os aspectos da violência vivenciados no ambiente familiar e a percepção que se passa a obter sobre o fenômeno a partir disto.

Neste sentido, o marco dos acontecimentos violentos foi vivenciado e presenciado dentro dos ambientes familiares, demarcando a casa como o local de maior incidência onde estas formas de violências são praticadas. Isso se dá mediante as lembranças ruins que são externalizadas nos trechos extraídos das entrevistas transcritas por estes adolescentes acerca do convívio familiar estabelecidos nos seus ambientes imediatos e em como isso reflete na construção da percepção das relações estabelecidas e da percepção do próprio fenômeno da violência na família.

Na infância e/ou adolescência, a casa deveria ser o local considerado mais seguro e acolhedor para crianças e adolescentes, porém para crianças e adolescentes que vivenciam situações de violência dentro do ambiente familiar, a casa se torna um local de grande desamparo e violação. Conviver dentro do ambiente familiar, vivenciar os estilos parentais disfuncionais ou as redes de apoio ineficazes pode ser considerado fatores de risco e

apresentar consequências prejudiciais a estes adolescentes ao seu desempenho escolar e no desenvolvimento das relações sociais a curto e em longo prazo, modificando também as suas percepções sobre as relações estabelecidas (Dias, 2013).

De acordo com Habigzang e Schneider (2015), a violência intrafamiliar é frequente nas famílias cujas relações interpessoais são assimétricas e hierarquizadas, sendo este ambiente marcado pela desigualdade, subordinação e que chamam a atenção para fatores de risco como: pais com histórico de violência ou negligência familiar, consumo excessivo de álcool e outras drogas, formas violentas estabelecidas nas relações familiares, uso da força e do poder, ausência parental, entre outros.

Neste sentido, é no interior da família que a pessoa em desenvolvimento cultiva os seus primeiros relacionamentos interpessoais, realizando trocas que são consideradas significativas para o suporte afetivo necessário para as fases subsequentes do desenvolvimento. Assim, as experiências de violência na família impactam a vida do indivíduo não apenas nas suas relações afetivas, mas partem a se originar como modelo para o estabelecimento das relações subsequentes, legitimando a violência como o principal mecanismo de resolução dos conflitos nas mais diversas situações (Bessa, Costa, & Torres, 2016; Reis, Prata, & Parra, 2018).

Estas expressões da percepção da violência na família são demonstradas nos trechos extraídos das entrevistas transcritas, destacadas por violência física (agressão física), violência psicológica (ameaças, insultos), abandono, negligência, incluindo também atos de violência sexual dentro e fora do ambiente familiar. Esse contexto de adolescentes que cometeram ato infracional, pode apresentar uma ligação entre a presença de conflitos familiares, assim como, vitimização sexual ou a perpetuação de comportamentos violentos nas fases subsequentes do desenvolvimento (Arpini et al., 2017; Barra et al., 2017; McCuish et al., 2015).

Para Seto et al. (2015), em relação aos adolescentes que cometeram violência sexual, pode-se observar maior histórico de vitimização sexual, maus tratos e negligência na família. Nestes adolescentes observa-se também maior naturalização da violência na família, em comparação com adolescentes que cometeram ato infracional de outra natureza, e maior dificuldade no relacionamento com os pais (McCuish et al., 2015).

Estas experiências violentas e traumáticas vivenciadas por estes adolescentes autores de agressão sexual participantes desta pesquisa presente podem estar diretamente interligadas aos pais (especialmente nas figuras do pai, mãe e padrasto) que representam para estes figuras violentas e que negligenciam diretamente a proteção. A mãe é percebida como uma pessoa violenta, que costuma expressar o uso da força física e do poder por meio de bater, espancar. Assim também como se torna vítima em alguns momentos do padrasto que a espanca na frente dos filhos em diferentes momentos. Assim, percebem-se as relações violentas reproduzidas dentro do ambiente familiar e que integra todos os membros da família, ora como vítimas, ora como autores dos atos violentos.

Estes dados corroboram pesquisas que apontam o predomínio de violência sexual cometidas por familiares dos autores de agressão sexual (Brasil, 2019; Martins & Jorge, 2010; Pincolini & Hutz, 2014; Seto et al., 2015). Dessa forma, a dinâmica estabelecida no ambiente familiar possibilita que as variadas formas de violência permeiem esse contexto, tornando-o favorável para o ato, por meio de uma inversão de papéis transgeracionais, ausência de supervisão parental, e afetiva. Nesta dinâmica na família há vítimas e perpetradores em um padrão de funcionamento da família que pode interferir diretamente neste contexto de violência, desorganização e instabilidade familiar (Tavares, 2020).

Estes adolescentes autores de agressão sexual também foram em algum momento ao longo da sua trajetória de vida vítima em maior ou menor proporção (Conceição et al., 2020; Tavares, 2020). E em muitos desses momentos de vitimização pelas figuras parentais estes

adolescentes não perceberam a violência sofrida na família como uma forma de violência, impedindo neste sentido, a expressão exata deste fenômeno, assim como, passam a aprender a se relacionar de forma violenta com outros indivíduos (Hohendorff et al., 2014; Penso et al., 2019; Said & Costa, 2019).

A expressão da violência que constitui a percepção da violência na família deriva-se, portanto da constante exposição destes adolescentes autores de agressão a essas formas de violência, enfatizado especialmente nos elementos *quando* e *muito* que dão destaque à temporalidade e frequência às quais estes adolescentes sofriam ao longo da infância e adolescência.

Essa dificuldade em reconhecer-se em situação de violência vivenciada dentro do ambiente familiar pode ser explicada ainda pela percepção que se constrói pelo adolescente autor de agressão sexual ao longo da sua trajetória de vida, mediante as experiências adversas vivenciadas e/ou presenciadas. Tais experiências podem ter influenciado em algum grau na construção da sua percepção sobre os fenômenos sociais e outros, inclusive a quebra de confiança dentro do próprio ambiente familiar. Neste sentido, a violência na família é percebida enquanto medida educativa, e que para estes não se configura como uma forma de violência até atingirem maior maturidade (Magalhães et al., 2017).

Nesta perspectiva, indivíduos que experimentaram situações de violência no ambiente familiar tornam-se mais propensos a aceitar a condição de violência nas suas relações subsequentes, como um aspecto naturalizado, a partir das relações interpessoais estabelecidas no ambiente em que este está inserido. Assim, aumenta-se o risco à vitimização e perpetração da violência em suas relações posteriores e nas fases subsequentes do desenvolvimento, prolongando o ciclo da violência como modelo vivenciado e naturalizado no ambiente familiar (McCuish, Cale, & Corrado, 2015; Tavares, 2020).

De acordo com os pressupostos de Bronfenbrenner (1996), o ambiente ecológico (neste caso, a família), pode ser concebido como se estendendo muito além da situação imediata que permeiam esse contexto, afetando diretamente a pessoa em desenvolvimento – os objetos aos quais ela responde ou as pessoas com quem interage face a face. Assim, evidencia-se o conteúdo das relações estabelecidas, a partir do que é percebido, temido, pensado ou adquirido como conhecimento, e em como a natureza dessa percepção muda em função da exposição e interação de uma pessoa com o meio ambiente em que está inserida.

Para Bronfenbrenner (1996), a família se constitui como um microsistema que se compõe por um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento em um dado ambiente que possui características físicas e materiais específicos. Igualmente, a partir destes microsistemas nos quais estes adolescentes autores de agressão estão inseridos, destaca-se a mudança desenvolvimental que ocorre no domínio da percepção, em que a extensão da visão de mundo da pessoa em desenvolvimento vai além da situação imediata, mas que interage também com as relações destes ambientes.

Assim, os eventos ambientais que são mais imediatos e potentes tendem a afetar o desenvolvimento humano, por meio de atividades que outras pessoas realizam com ela ou na sua presença. A inserção da pessoa em desenvolvimento de maneira ativa ou a mera exposição às atividades que outros estão fazendo geralmente conduz a pessoa em desenvolvimento a realizar atividades semelhantes individualmente ou de maneira coletiva (Bronfenbrenner, 2011). Dessa forma, passam a dar ênfase nas práticas cometidas pelos adolescentes autores de agressão sexual, que por vezes reproduziram potencialmente as práticas violentas vivenciadas e presenciadas no ambiente familiar destes, ao longo das fases subsequentes do seu desenvolvimento, modulando aspectos da percepção da violência na família.

A percepção da categoria agressão sexual – Classe 3, gerada pelo Software Iramuteq.

A Classe 3 intitulada de “Percepção da Agressão Sexual” obteve o total de 17,65% dos segmentos de texto submetidos à análise. Os principais elementos agrupados nesta classe foram: *falar, sempre, palavrão, pegar, agredir, nunca, filho, celular, mão, chamar, abusar, meu pai e também* (Figura 2).

Os conteúdos dos elementos agrupados nesta classe referem-se à percepção da violência sexual por parte dos adolescentes autores de agressão sexual. Estas percepções são permeadas pela construção expressa ao longo da trajetória de vida destes adolescentes, assim como, a visão que estes têm da agressão sexual, tanto como vítimas e/ou autores que praticaram este ato, tendo como base a percepção que se construiu sobre o que é violência sexual e em como isso se constitui nos trechos extraídos das entrevistas. Estes elementos são demonstrados a seguir:

“Para mim nunca gostava deste negócio de estupro, violência sexual. Eu sabia que isso era crime, violência sexual, estupro era crime. Se a criança for muito nova vai dar estupro, abuso, abuso sexual. Agressão sexual é quando está com raiva, quando acontecem outras coisas, começa a brigar, começa a bater com outras pessoas. Matar, furar. Agressão sexual é tentar abusar de uma pessoa, pensar em alguma coisa, querer fazer alguma coisa com a criança, motivado por droga” (P1).

“Agressão sexual é quando você pega uma pessoa a força para o ato sexual, e agressão sexual também para mim é quando você troca favores, também é agressão sexual, você coagir alguém a aquilo” (P3).

“De violência eu sempre tive ciência disso, violência. Verbalmente e fisicamente para mim é trazer a pessoa para uma área de desconforto, com uma agressão verbal, agredir ela fisicamente, causando algum dano emocional nela, psicológico, corporal ou emocional.

Agressão Sexual é estupro, eu considero estupro, ficar com alguém por força e sem a vontade dela” (P4).

Discussão acerca da percepção da agressão sexual dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes – Classe 3.

Na Classe 3 pôde-se observar que os elementos agrupados indicam a percepção da violência sexual dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. A partir disso, identifica-se que esta percepção acerca do fenômeno apresenta-se diretamente interligada ao uso da força física e também se vincula à outras formas de violência na percepção destes participantes.

O conteúdo da classe representa fortemente a associação da percepção da violência sexual ao uso da força física e do poder. Isso se evidencia a partir dos trechos extraídos das entrevistas transcritas, em que os adolescentes partem da percepção da violência sexual destacada por pegar a força, agredir, e pelo uso da mão na prática sexual, destacados pelos elementos *pegar, agredir, mão e abusar*. Isso pode estar associada ao modo operante que se destaca neste trabalho denominado como *hands on*, em que se usam diferentes formas de contenção da vítima para a obtenção da relação sexual.

De acordo com Grimaldi (2018), adolescentes autores de agressão sexual tendem a perpetrar com maior frequência crianças (0 a 11 anos) e adolescentes mais jovens, ou seja, vítimas mais vulneráveis, em que estes expressam a reprodução do modelo de agressão do adulto autor de agressão sexual, fazendo uso da força física. Assim, evidencia-se a percepção da violência sexual vinculada ao uso da força física, a partir das relações de poder estabelecidas, pela autoridade e hierarquia advinda da diferença de idade e experiência entre a vítima e o autor.

Em estudo de Kaufman et al. (1998) com autores de agressão sexual verificou-se que adolescentes autores de agressão sexual adotam estratégias mais violentas para cometer suas

infrações de cunho sexual, e estes tendem a vincular a percepção da violência sexual diretamente ao uso da força física e contenção da vítima para a prática.

Para Oliver (2007), o adolescente autor de agressão sexual não possui uma percepção clara e correta do que seja a violência sexual e um contato sexual inapropriado. Estes adolescentes, por vezes, também não se preocupam com as causas que irão emergir desse contato sexual inapropriado. Sendo assim, é fundamental identificar estas percepções e orientar os adolescentes nessa fase do desenvolvimento a respeito da sexualidade saudável e da construção da percepção que se passa a obter dos fenômenos, especialmente da violência sexual.

De acordo com Costa et al. (2020), em estudo com 132 adolescentes no município do Rio de Janeiro acerca das percepções da agressão sexual, destacou-se que para os participantes da pesquisa a agressão sexual e o reconhecimento das vulnerabilidades à esse tipo de violência só se evidencia mediante ao uso da força física, e todos os participantes do estudo (Costa et al., 2020) concordaram que a violência apenas ocorre quando o sexo não é consentido.

Por conseguinte, os elementos *falar, palavrão e chamar* demonstra a ênfase na construção da percepção da violência sexual também vinculada à outras formas de violência, tais como: violências verbal e psicológica, vivenciadas ao longo da trajetória de vida destes adolescentes, em que estes sofriam ou presenciavam por parte dos pais e/ou padrastos estes atos constantemente dentro do próprio ambiente familiar.

A partir dos diferentes comportamentos violentos aos quais estes adolescentes foram expostos no ambiente familiar, evidencia-se a construção da percepção da violência sexual, por meio de distorções que podem propiciar a prática da agressão sexual, e influenciar na própria percepção que se obtém deste fenômeno. Assim, os adolescentes que vivenciaram ou presenciaram diferentes formas de violência dentro do ambiente familiar e que não recebem

um *feedback* apropriado das figuras parentais tendem a desenvolver uma percepção distorcida da violência sexual (Weijer et al., 2015).

Na medida em que esses *feedbacks* distorcidos são transmitidos no ambiente familiar e fora dele, estes indivíduos adolescentes podem perceber a agressão sexual e os comportamentos sexuais desviantes como normativos, levando ao aumento do risco de se tornar um autor de agressão sexual futuramente (Weijer et al., 2015). Portanto, durante a adolescência determinados aspectos biológicos, do desenvolvimento, ecológicos e fatores situacionais que permeiam a trajetória de vida destes indivíduos podem convergir para aumentar significativamente os riscos para a agressão sexual e para a construção e transformação da percepção da violência sexual (Blokland & Lussier, 2015; Smallbone & Cale, 2015).

Isto coaduna também com elementos *sempre e também*, que demonstram a constância das violências sofridas vinculadas à percepção da violência sexual, assim como, os irmãos que também sofriam estes tipos de violência dentro do ambiente familiar. Enquanto os elementos *nunca e meu pai*, demonstram que a relação com os pais e com a família se concretizava de maneira insatisfatória ao longo da trajetória de vida, e a figura do pai é representada por alguém que também praticava constantemente estas violações sexuais. Assim, percebe-se a fragilização dos laços desenvolvidos e as relações estabelecidas nesta fase do desenvolvimento.

Igualmente, destaca-se a análise da construção da percepção da violência sexual mediante o ambiente em que este adolescente autor de agressão sexual está inserido, sendo possível situar a agressão sexual no contexto social no qual o desenvolvimento destes adolescentes se desenrola e no qual os próprios atos infracionais de cunho sexual ocorrem (Blokland & Lussier, 2015; Weijer et al., 2015). Estes fatores que permeiam a construção da percepção da violência sexual para adolescentes autores de agressão podem estar localizados

em vários níveis do sistema ecológico (incluindo a família, pares, organizações, vizinhança, socioculturais), em que o potencial autor de agressão sexual encontra-se inserido e que por vezes também sofre diferentes violações.

Assim, ter sido vítima de agressão sexual em maior ou menor proporção ao longo da trajetória de vida, e ter posturas de apoio referentes à prática realizada, reforçadas nas relações com as figuras parentais são consideradas significativas nessa fase do desenvolvimento, aumentando a possibilidade da mudança de percepção da violência sexual e possível perpetração do ato nas fases subsequentes (Conceição, 2020; Moyano, 2017; Smallbone & Cale, 2015).

Reitera-se, portanto, a afirmação de que ter sido vítima de agressão sexual não pode ser visto como um fator determinante para tornar a pessoa em desenvolvimento (vítima desta violação) em possível reprodutor desse fenômeno. Mas diante das vulnerabilidades vivenciadas e a forma em que esta absorve objetivamente e subjetivamente as suas experiências consideradas, por vezes, adversas, estas podem atuar no sentido de aumentar a probabilidade de reprodução da agressão sexual sofrida e praticada, como parte de uma mesma medida ao longo da trajetória de vida destes adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes.

Por conseguinte, um achado a partir dos dados analisados nesta classe deriva-se a partir da percepção da violência sexual diretamente interligada com as agressões sexuais vivenciadas ao longo da infância e adolescência destes adolescentes. Neste sentido, essas experiências psicológicas vivenciadas na infância e adolescência trazem a ligação entre estas categorias, evidenciando a aproximação da classe da percepção da violência sexual com as demais classes constituintes da percepção da infância com a percepção da violência na família.

Dessa forma, a construção da percepção da violência sexual para estes adolescentes forma-se com base nas vivências destas fases do desenvolvimento, e não se distingue em algum grau uma da outra. Assim, a violência praticada e a violência sofrida passam a ser percebidas como partes de uma mesma forma, não sendo distinguido da trajetória de vida destes adolescentes, mas como parte direta da trajetória e resultado das experiências vivenciadas (Mckillop, Rayment-McHugh, & Bojack, 2020; Mckillop, Rayment-McHugh, Smallbone, & Bromham, 2018).

Portanto, adolescentes que cometeram este tipo de violência nesta fase do desenvolvimento (adolescência), tendem a manifestar relação direta com as questões vivenciadas ao longo das suas fases do desenvolvimento anteriores, destacando que as experiências psicológicas vivenciadas na infância e na adolescência, foram pressupostos que moldaram as percepções destes autores sobre este fenômeno ao longo de suas trajetórias de vida (Mckillop, Rayment-McHugh, & Bojack, 2020; Mckillop, Rayment-McHugh, Smallbone, & Bromham, 2018; Smallbone & Cale, 2015).

Neste sentido, as mudanças que envolvem o desenvolvimento de adolescentes autores de agressão sexual interagem com uma gama de fatores biológicos, psicológicos, ecológicos e fatores situacionais, tais como, comportamentos e práticas que resultam em uma relação de abuso, ameaças, intimidações, negligência, diferentes tipos de violência, dano físico e psicológico, isolamento afetivo e sexual, fragilização dos vínculos familiares, uso e/ou abuso de álcool e outras drogas, tanto no ambiente familiar quanto no ambiente extrafamiliar. Esses fatores são considerados relevantes para as motivações e oportunidades que são associados às práticas da agressão sexual e a mudança da percepção da violência sexual. (Smallbone & Cale, 2015).

Desde os primeiros anos de vida o indivíduo se relaciona com o mundo ao seu redor e o conhece, e a partir das sensações e percepções passam a se identificar como pessoa e com o

mundo que o cerca. Entretanto, esta interação com o mundo não se dá somente por meio das sensações e percepções, mas das suas interações com os objetos e pessoas, que a partir das suas vivências podem trazer mudanças físicas, sensoriais e psicológicas, influenciando na construção da identidade do adolescente e na forma que este percebe, compreende e constrói a percepção da violência sexual e das relações (Andrade, 2020; Bronfenbrenner, 1996, 2011).

Para Bronfenbrenner (2011), o elemento processo do PPCT possibilita a análise na forma em como cada pessoa dá significados às suas experiências e vivências a partir da interpretação do ambiente em que se encontram inseridas. Mediante isso, a interação das pessoas em desenvolvimento com outras pessoas, com símbolos, objetos e o contexto em que se desenrolam os processos proximais fornecem fatores que podem impulsionar ou inibir o processo desenvolvimental e as percepções construídas sobre si e sobre os fenômenos vivenciados.

Nesta análise, consideramos a interação existente entre o ambiente em que o adolescente autor de agressão sexual está inserido e a sua vivência, assim como, o elemento tempo, que faz menção aos eventos que constituem a trajetória de vida da pessoa em desenvolvimento e que permite identificar a estabilidade ou instabilidade dos ambientes imediatos com base no cronossistema (Bronfenbrenner, 2011).

Assim, esses aspectos refletem diretamente no processo do desenvolvimento, compreendendo os ciclos de vida por meio das experiências e vivências que permearam as relações da pessoa com o contexto e as influências advindas das influências sociais e históricas que são expressas ao longo da trajetória de vida e nas relações interpessoais, destacando esse processo na formação da percepção que se constrói sobre o mundo e sobre a percepção da violência sexual de maneira contextualizada (Bronfenbrenner, 2011).

Por fim, compreender a interação entre as vivências em curso da temporalidade da trajetória de vida com a percepção da violência sexual emerge a partir da modificação e

transformação ocasionada nos diferentes níveis da pessoa em desenvolvimento, tendo como foco, as percepções, as ações, as atividades, e a forma a qual esta interage com o seu mundo e em como passa a responder às suas experiências, tanto objetivas quanto subjetivas (Bronfenbrenner, 1996, 2011).

Isso se destaca de maneira de maneira concisa nos trechos das entrevistas transcritas, mediante as percepções da violência sexual destes adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes e suas respectivas trajetórias de vida.

A percepção da categoria adolescência – Classe 4, gerada pelo Software Iramuteq.

A Classe 4 foi intitulada como de “Percepção da Adolescência” e teve 27,94% dos segmentos de texto analisados. Os principais elementos que se destacaram neste agrupamento da classe foram: *começar, mudar, adolescência, minha adolescência, crescer, depois, mais, maconha, entrar, cocaína, acabar, crime, saber, conversar e passar* (Figura 2).

Os elementos agrupados nesta classe referem-se ao conteúdo vinculado à percepção da adolescência que estes adolescentes possuem. Percepção esta que também foi construída ao longo da trajetória de vida e que foi composta pelas experiências vivenciadas por estes como parte dessa construção que é direcionada para esta categoria. A adolescência aparece como um processo vivenciado por estes adolescentes e como um aspecto singular desta trajetória, marcado por experiências adversas dentro deste processo e que contribuíram de algum modo para a construção da percepção que se tem da adolescência e para que esta fosse manifestada de tal forma. Os trechos a seguir expressam esse contexto:

“Na adolescência eu me envolvi na vida do crime, foi com 13 anos, eu mudei muito na adolescência. Depois que eu fui para camaradagem na minha adolescência, eu me meti em coisa errada, eu comecei a fumar maconha, cigarro, cocaína, comecei a cheirar, eu gostava daquilo, comecei a gostar, comecei a roubar, ia para festa, porque a gente fumava

para ir roubar, para gente ganhar dinheiro, comprar roupa, comprar droga, comprar arma. Foi tudo rápido” (P1).

“Na adolescência, foi na escola que eu comecei a usar droga, inicialmente eu comecei com a maconha, parei de estudar, e eu comecei a me envolver com outras coisas e drogas mais pesadas, na adolescência eu passei a usar maconha e acabei conhecendo a cocaína, eu traficava. Ser um adolescente é bem diferente, sendo adolescente a gente tem que dotar certas responsabilidades, modos, mas acho que seja diferente. Na adolescência a gente não tem as mesmas coisas, muita besteira que a gente faz não podem ser justificadas. Não tive uma adolescência tranquila, porque eu acho que nesse momento eu não soube administrar a minha adolescência, não soube aproveitar. Na minha adolescência as drogas me tiraram muito do equilíbrio, me tiraram muito o foco” (P3).

“Eu entrei para o crime aos 13 anos, na minha adolescência mudou, a gente não pensa mais em boneco, só pensa em futebol, em namorar, em uma roupa bacana, dar uma volta na rua, mudou muito e geralmente muda muito. Na adolescência muita coisa muda. Cheguei a trabalhar e passar um tempo sem assaltar, nesse período eu tinha passado na socioeducação. Eu era um adolescente confuso, mudei muito, tive muito tempo para mudar” (P4).

Discussão acerca da percepção da adolescência dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes – Classe 4.

A Classe 4 traz a percepção dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes acerca da categoria da adolescência. Nesta classe observaram-se elementos vinculados à percepção da adolescência a partir da construção desta percepção ao longo da trajetória de vida destes participantes.

Isso se evidencia por meio das experiências e transformações da percepção da adolescência a partir do que se constitui a adolescência e essa fase do desenvolvimento, na

forma em que esta é percebida e em como foi vivenciada por estes participantes. Neste sentido, essa percepção é visualizada primeiramente como uma fase marcada pelo início das mudanças e pelo começo de uma nova fase do desenvolvimento, em que ocorrem muitas transformações.

Para os adolescentes autores de agressão sexual a categoria da adolescência é marcada por aspectos de crescimento e onde se iniciam os processos de mudanças e transformações que se desenrolam ao longo desta fase do desenvolvimento. Assim, a adolescência é definida como um período do desenvolvimento humano marcada por muitas mudanças de caráter biológico, desenvolvimento cognitivo, organização da personalidade e formação das percepções destes adolescentes. Essa fase do desenvolvimento se caracteriza como um período de socialização, em que o adolescente começa a se preparar para adotar certos posicionamentos na sociedade e no âmbito familiar (Grimaldi, 2018; OMS & Krug, 2002).

Neste sentido, a adolescência é constituída como estágio biopsicossocial do desenvolvimento, e corresponde à transição entre a infância e a vida adulta. Por isso, as transformações das percepções se dão de maneira paralela com as transformações físicas e comportamentais destes adolescentes, relacionadas, sobretudo com a busca da afirmação da identidade, início das atividades exploratórias, aceleração do desenvolvimento psicossocial e da própria sexualidade (Grimaldi, 2018; Jensen, 2008; OMS & Krug, 2002).

Assim, os elementos que representam essas interligações da percepção da adolescência com as mudanças que ocorrem nesta fase do desenvolvimento são compostos pelas palavras: *começar, mudar, crescer e depois*. Enquanto os elementos *adolescência, minha adolescência* e *mais* se interligam de maneira direta com a percepção da adolescência, ligada às transformações que esta fase do desenvolvimento traz para estes adolescentes ao longo de suas trajetórias de vida, com ênfase nos papéis e percepções que estes passam a desempenhar e construir de maneira individual e coletiva.

Dentro destes aspectos que constituem a transformação da percepção da adolescência, os trechos extraídos das entrevistas transcritas demonstram que conforme o crescimento e o desenvolvimento dos adolescentes ocorrem, espera-se que estes cresçam e passe a obter mais conhecimento, responsabilidades, maturidade, percepções formadas sobre si e sobre o mundo, e com o passar do tempo passam também a desempenhar diferentes papéis dentro das relações estabelecidas (Bastos, 2020; Becker, 2017; Jensen, 2008).

Assim, o adolescente passa a engendrar possibilidades, percepções, hipóteses, e pensar acerca de símbolos e fenômenos que compõem a realidade em que estes se encontram inseridos. Este passa a especular, abstrair, analisar e criticar, afetando assim todos os aspectos da sua vida, usando estratégias de sobrevivência e utilizando-se de novos papéis atribuídos nesta fase do desenvolvimento para pensar e perceber a respeito de si mesmo e do mundo que o cerca (Becker, 2017).

Igualmente, a percepção da adolescência se dá mediante esta fase do desenvolvimento ser um período rico em possibilidades, descobertas e mudanças, sendo uma etapa em que a pessoa em desenvolvimento sofre diferentes modificações no seu processo vital e também passa experimentar diversos papéis e situações sociais a partir do ambiente familiar (Penso & Sudbrack, 2010; Penso et al., 2012; Said et al., 2016).

Entretanto, esse processo não se dá de maneira proporcional para todos os adolescentes. A redefinição da fase do ciclo de vida, o redimensionamento da autoridade parental, das normas educativas impostas, as expectativas postas sobre estes adolescentes, as mudanças intergeracionais e a configuração das famílias influenciam também as condições sociais nas quais adolescentes vivem essa fase do ciclo de vida e em como percebem os fenômenos e a adolescência (Bastos, 2020; Conceição, 2010; Ministério da Saúde, 2018).

A percepção da adolescência para esses adolescentes autores de agressão sexual emerge de um período por vezes conturbado, crítico e constitui uma fase do desenvolvimento

marcada pelo processo de autoconhecimento e dificuldades no processo psicológico, social e de maturação. Influenciando dessa forma diretamente no tempo de amadurecimento dos adolescentes, nas tomadas de atitudes e decisões (Grimaldi, 2018).

Em seguida, a percepção da adolescência foi concebida por estes adolescentes, demarcada aos 13 anos pela inserção de maneira precoce e indiscriminada na vida do crime, mediante práticas de roubo, tráfico de drogas, assaltos, e outros atos infracionais, assim como, histórico do uso de drogas e da institucionalização em abrigos de acolhimento institucional e unidades de internação para cumprimento de medida socioeducativa. Isso se evidencia por meio dos elementos: *entrar, acabar, crime e saber*.

A percepção da adolescência também foi diretamente interligada ao uso de álcool e outras drogas, sendo este uso iniciado, por vezes, ainda na infância e tendo seu pico na adolescência. Os elementos que representam esta percepção interligada ao uso de álcool e outras drogas são evidenciados nas palavras: *maconha, cocaína e passar*. Estes elementos exemplificam as associações na classe e o início desta inserção ainda de maneira muito precoce na trajetória de vida destes adolescentes que moldaram a percepção da adolescência.

De acordo com Coscioni, Silva, Rosa e Dell’Aglío (2021), em pesquisa realizada com 80 adolescentes que estavam em cumprimento de medida socioeducativa de internação em uma Unidade de Internação Provisória na Grande Vitória - ES, em 2016, a violência vivida ao longo do desenvolvimento destes adolescentes tende a refletir na prevalência da prática de atos infracionais mediados pelo uso da violência.

Os dados dessa pesquisa presente coadunam as investigações dos autores Coscioni, Silva, Rosa, e Dell’Aglío (2021), pois a maioria dos participantes em sua pesquisa possuía histórico de infração anterior, e envolvimento precoce no crime, demonstrando a manutenção da trajetória delitiva ao longo da adolescência. Assim, evidenciou-se que mais da metade da amostra vivenciou problemas com a justiça, falecimento de familiares, separação dos pais,

queda no nível socioeconômico, morar na rua e internação em abrigo ou orfanato ainda na adolescência, demonstrando o histórico de exposição a diferentes fatores de risco e vulnerabilidade nesta fase do desenvolvimento (Bastos et al., 2021; Coscioni, Silva, Rosa, & Dell’Aglío, 2021).

Ao se tratar do uso e abuso de álcool e outras drogas, observou-se a prevalência dessas substâncias nos contextos aos quais estes adolescentes participantes da pesquisa encontravam-se inseridos. Estes dados do presente estudo também coadunam dados da pesquisa de Coscioni, Silva, Rosa e Dell’Aglío (2021), em que se observou que a droga mais utilizada pelos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa foi a maconha, informação também evidenciada nos trechos extraídos das entrevistas transcritas.

Nesta pesquisa (Coscioni, Silva, Rosa, & Dell’Aglío, 2021), os adolescentes realizaram o seu primeiro uso e contato com as drogas com idade média de 13,6 anos (DP= 1,45), sendo a maconha a primeira droga consumida por 74% dos participantes da pesquisa antes da internação, e com maior consumo semanal e exagerado. A segunda droga mais experimentada pelos adolescentes foi o álcool, precedida do tabaco e outras drogas tais como: solventes, ecstasy e cocaína.

Assim, percebe-se que o elevado índice do consumo de drogas parece se configurar de maneira geral como uma característica dos adolescentes privados de liberdade em cumprimento de medida socioeducativa, por vezes, permeados em seus ambientes imediatos e que em consequência do seu envolvimento com pares, associados ao tráfico de drogas favorece também o seu contato com as drogas utilizadas (Bastos et al., 2021; Coscioni, Silva, Rosa, & Dell’Aglío, 2021).

Portanto, os contextos e as experiências adversas ao longo da trajetória de vida dos adolescentes tendem a comprometer a formação emocional e social destes, vulnerabilizando-os a outros agravos, incluindo o uso e abuso de álcool e outras drogas. Esse contexto de

múltiplas formas de violência e de instabilidade ao longo da trajetória de vida destes adolescentes, especialmente na adolescência, expõe estes a comportamentos considerados de risco, transforma as suas percepções sobre si e sobre o mundo que o cerca, além de estimular a sua participação em atividades ilícitas, propiciando dessa forma atitudes de desrespeito para consigo mesmo e para com os outros (Bastos et al., 2021; Magalhães et al., 2017).

De acordo com os pressupostos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (1996, 2011) chama-se a atenção para o meio ambiente cultural em que a pessoa em desenvolvimento experimenta durante o processo de amadurecimento, e a maneira pela qual os níveis do ambiente interagem com a pessoa. Assim, os adolescentes são participantes ativos em seu desenvolvimento, e não apenas receptores passivos de influências internas e externas no ambiente em que está inserido.

Dessa forma, ao longo do desenvolvimento a pessoa (P) se envolve diretamente e indiretamente em processos (P) de interações recíprocas, com pessoas, objetos e símbolos. Assim, essas interações podem acabar variando de acordo com as características da pessoa e dos contextos (C) em que estas estão inseridas, assim como, na lógica temporal (T) em que esses acontecimentos ocorrem. Portanto a partir do Modelo de Bronfenbrenner, o adolescente, como a pessoa em desenvolvimento, apresenta características que são próprias, individuais, psicológicas e biológicas, partindo de uma forma própria deste de lidar com as suas experiências de vida, tornando-se sujeito ativo, produto e produtor do seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996, 2011), tornando-se formador das suas percepções, mediante as experiências vivenciadas ao longo de suas trajetórias de vida.

Percepção da violência sexual dos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com as características biopsicossociais

Este eixo versa sobre o modo de perceber a violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, participantes da pesquisa e a sua relação com as características biopsicossociais investigadas (idade, escolaridade e violências sofridas) associadas a esse grupo etário (adolescentes), e que serão apresentadas nas Tabelas 1, 2 e 3.

A Tabela 1 evidencia a característica idade e a sua relação com o modo de perceber a violência sexual, com base nos segmentos de texto extraídos da análise CHD gerada no *Software Iramuteq*. A Tabela 2 destaca a característica escolaridade dos adolescentes autores de agressão sexual relacionada ao modo de perceber a violência sexual. E em seguida, a Tabela 3 que traz o apontamento das características das violências sofridas por estes adolescentes ao longo de suas respectivas trajetórias de vida relacionadas à percepção da violência sexual por estes.

Percepção da violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica idade

A partir dos dados obtidos para a realização da primeira relação envolvendo a percepção dos adolescentes autores de agressão sexual com as características da idade, realizou-se a divisão da categoria idade em duas faixas etárias. Incluindo primeiramente adolescentes que estavam entre 15 e 16 anos, com o total de 50% dos participantes, e que se encontram abaixo da média de idade apresentada nos dados de caracterização biopsicossocial, e, por conseguinte, a segunda divisão que engloba adolescentes que estavam entre 17 e 18 anos de idade, com 50% dos participantes e que se encontravam acima da média de idade apresentada nos dados de caracterização biopsicossocial.

Tendo como base a organização dos subgrupos etários criados, verificou-se que não foram encontrados adolescentes participantes da pesquisa com idade inferior a 15 anos de idade, justificando portando a subdivisão realizada na Tabela 1 e a organização das percepções de acordo com a divisão etária das características biopsicossociais destes participantes.

Dessa forma, os resultados dessa relação entre a percepção da violência sexual e a idade foram organizados e apresentados na Tabela 1, a partir dos segmentos de texto, representando o modo de perceber o fenômeno da violência sexual e a sua relação com a característica idade apresentada por estes adolescentes autores de agressão sexual.

Tabela 1

Percepção da violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica idade

Idade	Percepção da Violência Sexual - (ST's)
15 – 16 anos (50%)	<i>“Agressão sexual é quando você pega uma pessoa a força para o ato sexual, e agressão sexual também para mim é quando você troca favores, também é agressão sexual, você coagir alguém a aquilo”.</i>
17 – 18 anos (50%)	<i>“Agressão sexual é estupro, eu considero estupro, ficar com alguém por força e sem a vontade dela”.</i>

Analisando os dados apresentados na Tabela 1, destaca-se que não são observadas diferenças nas formas de perceber a violência sexual nos segmentos de textos extraídos das entrevistas transcritas nas duas divisões realizadas da característica idade. Para adolescentes com 15 e 16 anos e para os de 17 e 18 anos, a percepção da violência sexual nesta média de idade demonstra-se vinculada ao uso da força física e algo praticado de maneira forçada, sem o consentimento da vítima.

Isso pode se justificar devido a pouca diferença de idade existente entre estas duas faixas etárias, e por encontrarem-se muito próximas uma da outra. Assim, não haveria diferenças nas percepções que se obtém acerca da violência sexual, haja vista, a aproximação etária entre as divisões realizadas.

Mediante isso, é válido considerar que estes atos infracionais são demarcados não somente na fase da adolescência destes participantes, mas decorrem da continuidade da ofensa e do comportamento antissocial desde a fase da infância, até a adolescência ou fase adulta (Smallbone & Cale, 2015). Assim, considerando a idade como uma característica relevante nesta relação com a percepção da violência sexual, a prevalência da prática da agressão sexual tende a atingir um dos seus picos na adolescência (especialmente a partir dos 15 anos de idade) destes participantes e ser persistente nas fases subsequentes do desenvolvimento.

Para McKillop et al. (2018), em maior parte dos casos de agressão sexual cometidos por adolescentes, estes tendem a ter maior frequência entre os 15 a 19 anos de idade, enfraquecendo com o início da idade adulta, em consonância com o aumento de maturidade, responsabilidades, pelas relações que passam a ser estabelecidas nesta fase do desenvolvimento e as experiências que estes adolescentes passam a adquirir ao longo do tempo.

Essa discussão também corrobora estudo de Slater (2003) por meio de entrevistas realizadas com autores de agressão sexual em que se evidenciou que a prática sexual pode iniciar desde cedo, onde os participantes revelaram que começaram estas antes mesmo de atingir a puberdade, influenciando dessa forma, também a forma de perceber o fenômeno da violência sexual nesta faixa etária investigada (Francis, Hargreaves, & Soothill, 2015).

Em consonância com Francis, Hargreaves e Soothill (2015), o início do período da agressão sexual é mais comum com adolescentes que estejam na faixa etária de 16 a 20 anos, e esses números de perpetração só tendem a diminuir na medida em que a faixa etária

aumenta e o nível de compreensão destes adolescentes vai progredindo, conforme o processo de desenvolvimento se desenrola ao longo de sua trajetória de vida.

Neste sentido, o início e aumento da perpetração da agressão sexual ainda na adolescência tende a se desenrolar proporcionalmente à percepção que estes adolescentes constroem acerca da violência sexual. Ademais, em outras investigações (McKillop et al., 2015; McKillop et al., 2018) nesta faixa etária da adolescência há uma prevalente combinação de imaturidade emocional, influência direta das relações estabelecidas nesta fase do desenvolvimento e a redução de competências para a tomada de decisões que acabam por agravar os riscos que contribuem para a perpetração de comportamentos sexualmente abusivos de alguns adolescentes e a distorção da percepção que se constrói do fenômeno da violência sexual.

Em pesquisa realizada por Costa et al. (2020), com adolescentes do ensino médio de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro – RJ, acima de 15 anos, evidenciou-se que parte desses adolescentes não percebe a vulnerabilidade que permeia a fase inicial da adolescência, onde o critério da idade não delimita para estes o marco central mais apropriado para a iniciação sexual e as práticas violentas contra outros.

A percepção dos adolescentes sobre a violência sexual sugere a relativização do consentimento nas práticas sexuais, ainda que estes façam menção da criança como uma figura que não teria ainda maturidade para consentir o ato (Costa et al., 2020). De um modo geral, a percepção dos adolescentes acerca da violência sexual evidencia os conflitos, as dúvidas e as inseguranças que emergem acerca desse fenômeno nessa fase do desenvolvimento.

De acordo com Bronfenbrenner (1996, 2011), as mudanças não ocorrem apenas em uma faixa etária ou em uma fase do desenvolvimento específica, mas ao longo de todo o ciclo de vida, onde cada uma das etapas do ciclo de vida experienciada pela pessoa em

desenvolvimento possui especificidades e tarefas próprias que podem estimular ou inibir o processo de desenvolvimento.

Assim, por meio da experiência nos diferentes ciclos de vida, a pessoa cria potencialidades para apreender de maneira objetiva e subjetiva as propriedades do contexto e das vivências que experienciou ao longo da trajetória de vida, nas diferentes etapas e idades. Nesse sentido, um mesmo acontecimento, fenômeno ou experiência pode ser interpretado e percebido de diferentes maneiras pelas várias pessoas em desenvolvimento que o experienciaram (Bonfenbrenner, 1996, 2011).

Portanto, são essas diferentes formas de percepção que farão o direcionamento do desenvolvimento da pessoa e que irão modular como esta passa a perceber os fenômenos que cercam o seu ambiente imediato nas diferentes idades e faixas etárias em que estes se encaixam em determinado período do tempo. A percepção, e a observação do contexto e da experiência fenomenológica que se relacionam entre si e influenciam como o ambiente e as vivências são apreendidas ao longo do ciclo de vida.

Por vezes, os componentes da trajetória de vida destes adolescentes atuam em sentidos contrários, provocando assim vivências e percepções contraditórias na pessoa em desenvolvimento, sendo necessário compreender o quanto a experiência subjetiva tanto como a objetiva são fatores que exercem uma forte influência no curso desenvolvimental da pessoa ao longo de sua trajetória de vida, e que podem influenciar tanto a construção, quanto a transformação das percepções.

Percepção da violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica escolaridade

Neste ponto, a relação é realizada por meio da característica da escolaridade associada ao modo de perceber a violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual, a partir

das características biopsicossociais apresentadas. A Tabela 2 evidencia a característica da escolaridade e percepção da violência sexual dos adolescentes que representam essa categoria.

Nessa característica da escolaridade realizou-se a divisão em duas categorias, haja vista que alguns participantes da pesquisa não chegaram a concluir o ensino fundamental ou ensino médio anteriormente à entrada na instituição para cumprimento de medida socioeducativa. Assim, os participantes foram organizados em duas divisões, primeiro pelo Ensino Fundamental Incompleto e posteriormente pelo Ensino Médio Incompleto, representando 50% e 25% dos participantes, respectivamente.

Essa porcentagem de 75% no total das subdivisões é justificada devido à ausência de informação acerca da escolaridade de um dos participantes da pesquisa, em que não se pôde identificar nos dados obtidos a característica investigada deste.

Tabela 2

Percepção da violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica escolaridade

Escolaridade	Percepção da Violência Sexual - (ST's)
Ensino Fundamental Incompleto (50%)	<i>“Para mim nunca gostava deste negócio de estupro, violência sexual. Eu sabia que isso era crime, violência sexual, estupro era crime. Se a criança for muito nova vai dar estupro, abuso, abuso sexual. Agressão sexual é quando está com raiva, quando acontecem outras coisas, começa a brigar, começa a bater com outras pessoas. Matar, furar. Agressão sexual é tentar abusar de uma pessoa, pensar em alguma coisa, querer fazer alguma coisa com a criança, motivado por droga”.</i>
Ensino Médio Incompleto (25%)	<i>“Agressão Sexual é estupro, eu considero estupro, ficar com alguém por força e sem a vontade dela”.</i>

*Porcentagem calculada considerando que um participante da pesquisa não consta a informação da escolaridade.

A partir destas características dos dados apresentados evidenciou-se o baixo nível de escolaridade dos adolescentes participantes da pesquisa que se encontravam no Ensino

Fundamental Incompleto, estando estes entre 15 e 18 anos de idade, apresentando atraso nos anos escolares, e que por vezes só deram continuidade aos estudos após a entrada na instituição de internação para cumprimento de medida socioeducativa.

Assim, os participantes com ensino fundamental incompleto se enquadram na característica de baixa escolaridade, e nos trechos extraídos das entrevistas transcritas destaca-se a percepção da violência sexual para estes adolescentes vinculada ao uso da força física, tendo a criança como a principal figura que representa a vítima desse ato, e a possível compreensão da prática sexual como um crime.

Para Grimaldi (2018), em estudo realizado com autores de agressão sexual que totalizou 30% de adolescentes como os autores de agressão sexual na amostra, destes 68% apresentou baixa escolaridade nos dados investigados. Considerando as características investigadas dos autores de agressão sexual, os dados corroboram outras pesquisas (Martins & Jorge, 2010; Pincolini & Hutz, 2014), as quais evidenciam que estes adolescentes autores de agressão sexual possuem baixa escolaridade.

Em estudo realizado por Coscioni, Silva, Rosa e Dell’Aglia (2021) com adolescentes que cometeram atos infracionais de diferentes naturezas, os resultados indicaram a baixa escolaridade da amostra, corroborado pelos altos índices de reprovação, expulsão escolar e evasão escolar, associados à maior gravidade do ato infracional e ao consumo de drogas. Dessa forma, a baixa escolaridade é um fator de risco para o envolvimento desses adolescentes em infrações e tendem a modificar a percepção que estes passam a obter sobre o fenômeno da violência sexual.

Para estes adolescentes com baixa escolaridade a percepção da violência sexual tende-se a remeter a visão do uso da força física para a obtenção da prática sexual, assim como, a visão da criança como uma figura na qual esta prática é considerada mais grave e que compõem com constância esta forma de vitimização.

O uso da força física e de ameaças é proporcionalmente mais alto em adolescentes autores de agressão sexual com baixa escolaridade, e esse tipo de percepção acerca da violência sexual vinculada ao uso da força física só diminui na medida em que a diferença de idade entre a vítima e o autor vai diminuindo, ou quando estes assumem maior conhecimento e entendimento acerca dos fenômenos, paralelamente ao processo de escolarização (McKillop et al., 2018). Os dados também corroboram achados de Kaufman et al. (1998), em que adolescentes autores de agressão sexual foram identificados também prioritariamente pela percepção do uso da força, estando mais propensos a praticar os atos infracionais contra crianças e mulheres mais novas.

Para McKillop et al. (2018), adolescentes autores de agressão sexual representam aproximadamente um quarto (25,8%) do total da amostra de autores de agressão sexual e são responsáveis por 36% - 50% dos casos que envolvem especialmente crianças vítimas. Demonstra-se dessa forma, que na percepção dos adolescentes autores de agressão sexual com baixa escolaridade a criança representa uma figura mais vulnerável e suscetível para a prática da agressão sexual. E com base na percepção destes, a violência sexual se vincula prioritariamente para casos que envolvem crianças, desconsiderando outras demais vítimas que podem compor este cenário de violação.

Quanto ao participante com o ensino médio incompleto, é possível inferir que este se encontra inserido na etapa regular de ensino, sendo a sua idade ainda compatível com a série cursada. Haja vista, que aos 17 anos este ainda se encontrava em processo de ensino na escola e ainda não teria finalizado regularmente o Ensino Médio no ato da internação na instituição. Assim, em estudo de Bastos (2020) com 285 adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa do DF, verificou-se que 9,8% destes participantes estavam com o Ensino Médio Incompleto.

Entretanto, o participante da pesquisa com ensino médio incompleto parte da percepção da violência sexual vinculada ao estupro e ao uso da força física contra a vítima para a obtenção da prática sexual. Nesse sentido, é possível identificar que as percepções sobre a violência sexual não se diferenciam entre os participantes com ensino fundamental incompleto e ensino médio incompleto, haja vista, que estes acabam por serem socializados em um mesmo contexto que dificulta o processo de desenvolvimento e a formação das percepções dos fenômenos sociais e psicológicos (Bastos, 2020; Sandivik et al., 2017).

Assim, a escolaridade é uma característica que busca traduzir diretamente a relação presente entre a formação crítica da pessoa e a sua capacidade de perceber os fenômenos que o cercam e acerca das violações, em especial, a violência sexual. Dessa forma, compreender a escolaridade também permite identificar dentro dos fenômenos que permeiam os ambientes imediatos destes adolescentes o grau de vulnerabilidade as quais estes foram/são expostos ao longo de suas trajetórias de vida. Na medida em que o nível de escolaridade pode aumentar ou diminuir o nível de entendimento e compreensão dos fenômenos que cercam a pessoa em desenvolvimento (MDH, 2019).

Ainda que o principal contexto de desenvolvimento da criança e do adolescente seja considerado a família, esta é afetada diretamente por estes e por outros contextos da sua cultura e sociedade, incluindo a escola. De acordo com Bronfenbrenner (1996, 2011), os processos que ocorrem em diferentes contextos agem de maneira interdependente e afetam de maneira direta o desenvolvimento destes adolescentes. O contexto da escola, como um mesossistema influencia diretamente na formação das percepções destes adolescentes, formando assim, as suas capacidades de interagir com o mundo que o cerca e formar as suas percepções.

Nesse sentido, na medida em que este adolescente possui baixa escolaridade, as potencialidades que poderiam advir do processo de escolarização, e a interação no

messosistema da escola passam a inibir, por vezes, o processo de desenvolvimento destes adolescentes, afetando outros contextos e aspectos das suas trajetórias de vida, formando e reformulando a forma de perceber os fenômenos e a si mesmo (Bronfenbrenner 1996, 2011).

Portanto, situações de risco como a baixa escolaridade pode ser apontada em algum grau como um evento negativo no desenvolvimento destes adolescentes autores de agressão sexual. E estas condições associadas à auto percepção de uma vida marcada por experiências adversas, vulnerabilidade e violências sofridas ao longo da trajetória de vida podem agravar as condições básicas que formam os processos de enfrentamento e formação das percepções da violência sexual e outros fenômenos que constituem a sua realidade.

Percepção da violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica das violências sofridas

As relações da percepção da violência sexual com a característica das violências sofridas ao longo da trajetória de vida destes adolescentes autores de agressão sexual demonstraram-se expressas por meio das práticas sofridas e perpetradas por estes, evidenciadas nas características biopsicossociais e nos trechos extraídos das entrevistas transcritas.

Nessa característica das violências sofridas não foi realizada divisão, mediante todos os participantes terem sofrido mais de dois tipos de violência ao longo de suas trajetórias de vida. Dessa forma, todos os participantes foram organizados em uma única categoria de terem sido vítimas de 2 ou mais tipos de violência, representando 100% dos participantes.

Tabela 3

Percepção da violência sexual pelos adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com a característica de violências sofridas

Violências sofridas	Percepção da Violência Sexual - (ST's)
Vítimas de 2 ou mais tipos de violência (100%)	<i>“Eu me senti desprotegido naquela época. Praticamente não sabia o que fazer, mas eu falei pra minha mãe, já passou, mas... É mesma coisa que se sentir desprotegido. Conheci pelo jornal, essas coisas. Estupro de uma mulher”.</i>

A característica apresentada dos tipos de violências sofridas relacionadas ao modo de perceber a violência sexual marcam os acontecimentos e as experiências adversas na infância e na adolescência, como fator que vai construindo e transformando a percepção da violência sexual ao longo da trajetória de vida destes adolescentes autores de agressão sexual.

Paralelamente ao início da atividade sexual, é possível identificar riscos que acometem adolescentes tais como: questões ambientais, ligadas aos aspectos culturais e hábitos de vida. Dessa forma, comportamentos experienciados ao longo da trajetória de vida que trazem risco para a saúde da pessoa em desenvolvimento, sejam eles, delinquência, o fato de testar limites, correr riscos, questões ligadas à violência dentro do ambiente familiar, interpessoal, sendo estes adolescentes vítimas ou testemunhas, podem contribuir para que estes se tornem autores de diferentes formas de violência, assim como, modular a sua percepção sobre o fenômeno da violência sexual (Abramovay et al., 2002; Grimaldi, 2018).

Igualmente, a adolescência é compreendida como um período marcado por conflitos, formulação de novas definições, percepções, inseguranças, vulnerabilidades, contradições e ambiguidades. Esse período é marcado pela subjetividade e experiências as quais são vivenciadas por estes adolescentes, que contribuem diretamente para a construção das relações sociais, impactando nas relações afetivas e contribuindo para a formação do senso crítico do adolescente, especialmente na forma de perceber e lidar com as questões que

emerge no contexto em que está inserido e em como este interage com estas (Assis & Constantino, 2003; Jensen, 2008).

O contexto em que estes adolescentes que cometeram atos infracionais se inserem pode apresentar uma relação entre a presença de conflitos familiares, maus-tratos, violência física, violência psicológica e violência sexual, agindo como estímulo para a perpetração de comportamentos violentos nas fases subsequentes do desenvolvimento e na forma de perceber a violência sexual vivida e perpetrada (Arpini et al., 2017; Barra et al., 2017; McCuish et al., 2015).

Os dados corroboram outros estudos realizados com adolescentes (McCuish et al., 2015; O'Brien et al., 2016; Seto et al., 2015), em que se demonstra que adolescentes que cometeram ato infracional de cunho sexual apresentam maior presença de vitimização e naturalização da violência no ambiente familiar. Estes possuem mais chances de ter sofrido ofensa sexual na infância e adolescência, maus-tratos e negligência, sendo três a quatro vezes mais vitimizados que outros adolescentes e sendo este um fator que pode contribuir para a posterior reprodução da ofensa.

Assim, o adolescente autor de agressão sexual também foi em algum momento vítima, em maior ou menor proporção ao longo de sua trajetória de vida, sendo as violências sofridas integradas como parte direta da construção da percepção destes sobre o fenômeno e que, por vezes, sofre influência dessas vivências, passando a ser considerada como algo naturalizado dentro do ambiente em que este está inserido e como parte constituinte da percepção da violência sexual (Conceição et al., 2020).

Assim, a dinâmica familiar instável e adversa acaba por facilitar que estes adolescentes sofram e experimentem diferentes formas de violência dentro do próprio ambiente familiar, a partir da criação de um contexto favorável para o ato (Borges, 2018; Domingues, 2016). Isso ocorre por meio de um funcionamento de inversão de papéis, sem

supervisão parental efetiva, nem comunicação afetiva com os filhos, onde a complexidade da dinâmica estabelecida neste contexto traz a violência de forma natural e objetificada nas vivências (Chaves & Costa, 2018; Costa et al., 2012).

De acordo com Bronfenbrenner (1996, 2011), o núcleo tempo (T) está relacionado às influências e às heranças culturais existentes nos contextos em que as famílias se inserem. Revelando assim, as raízes históricas da sociedade e a valorização ou não de determinadas práticas que perpassam de geração a geração. Dessa forma, o tempo organiza, de maneira cronológica, as vivências e os eventos experienciados possibilitando criar formas de lidar com o mundo e consigo mesmo ao longo da trajetória de vida da pessoa em desenvolvimento.

A falta de estruturas que sejam adequadas e a presença de ambientes desorganizados permeados por diferentes vulnerabilidades podem influenciar o desenvolvimento da pessoa, contribuindo para que esta experimente diversas formas de violência, repercutindo em efeitos de disfunção nas fases subsequentes do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Para Bronfenbrenner e Morris (1998) os efeitos de disfunção versam sobre a dificuldade em manter o controle de integração do comportamento da pessoa em diferentes situações que estas vivenciam. Esses efeitos evidenciam-se na medida em que as interações da pessoa em desenvolvimento com o seu contexto se dão de forma desestruturada, com a falta do estímulo e atividades necessárias para promover o desenvolvimento de maneira efetiva.

Assim, compreender estes contextos possibilita também compreender a interligação dos aspectos das violências sofridas ao longo da trajetória de vida destes adolescentes à percepção que estes construíram acerca da violência sexual, sendo estes percebidos por estes participantes como partes de uma mesma medida, que por vezes emerge em seus contextos.

Considerações Finais

O estudo buscou a partir de suas análises, investigar a relação entre percepções de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (12 a 18 anos). Assim, foi possível caracterizar biopsicossocialmente adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes; identificar suas percepções acerca da infância, adolescência e violência sexual, e organizá-las de acordo com a análise do seu conteúdo.

E por fim, foi relacionar as percepções desses adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual às características biopsicossociais (idade, escolaridade e violências sofridas) deste grupo etário (12 a 18 anos). Portanto, foi possível explorar as possíveis interligações existentes entre as características com as respectivas percepções, que podem interagir em algum grau na construção da percepção que estes adolescentes passam a ter a partir de suas trajetórias de vida e das experiências vivenciadas.

Na mesma medida do estudo anterior, identificaram-se as limitações deste estudo, a partir da compreensão da necessidade de outros estudos acerca da percepção dos autores de agressão sexual sobre este fenômeno, especialmente quando se trata de adolescentes, que ainda são incipientes na literatura nacional. Isso se dá a partir da necessidade de aumentar o poder explicativo da construção das percepções destes indivíduos, podendo ampliar as pesquisas e compreender a forma em que estas se constroem e se constituem nas diferentes fases do desenvolvimento.

Outra limitação apresentada neste estudo é o impacto da memória mediante as capacidades e limitações da memória humana, tais como, o armazenamento de informações e o resgate destas nos relatos das entrevistas, que pode influenciar diretamente na construção da percepção, e que pode afetar de alguma forma nas entrevistas realizadas com os participantes,

em que estes podem ter certo nível de dificuldade em expressar de maneira concreta em seus relatos os aspectos que constituíram de maneira efetiva as suas trajetórias de vida, assim como, aspectos vinculados à prática cometida.

Outra limitação encontrada deu-se mediante a dificuldade de acesso aos adolescentes devido o cancelamento e adiamento das atividades de pesquisa em campo presenciais em razão das medidas de isolamento/distanciamento social adotadas na pandemia por COVID-19, que se deflagrou no mês de março de 2021. Dessa forma, fez-se necessária a suspensão total de todas as atividades presenciais, incluindo o contato com os adolescentes nas respectivas Unidades de Atendimento Socioeducativo do Pará por prazo indeterminado, impossibilitando assim, o acesso a esses adolescentes e a continuidade da coleta de dados para alcançar efetivamente o número de participantes da forma que havia sido prevista.

Mesmo diante das limitações apresentadas neste estudo, os dados nos permitem inferir a forma em que adolescentes autores de agressão sexual percebem o fenômeno da violência, associada aos acontecimentos vivenciados ao longo de suas trajetórias de vida, por meio das experiências psicológicas em que seus contextos estavam imersos. Estas experiências tornaram-se evidentemente o centro da construção da percepção destes autores acerca das suas vivências, do mundo que o cerca, de si mesmo e dos fenômenos presentes nesta trajetória.

Evidenciou-se, portanto, nesta população estudada que os aspectos das categorias infância, adolescência e violência sexual, vivenciados ao longo de suas trajetórias de vida influenciaram a percepção que estes construíram acerca da percepção da infância, adolescência e do fenômeno da violência sexual de modo geral.

Assim, os adolescentes partem de uma visão diferente dos adultos, e se reportam ao ato infracional como parte constituinte da sua trajetória, por meio de um processo contínuo, sem desligar-se daquilo que foi também vivenciado nas fases da infância e adolescência. Isso

se representa especialmente no Dendograma, em que fica explícita a ligação que este faz das vivências e da percepção da violência sexual com maior aproximação entre as classes.

Por fim, compreende-se e sugerem-se novas pesquisas nesta e em outras áreas do conhecimento, que possam obter maior concentração de investigações e estratégias de pesquisas focalizadas nas percepções dos autores de agressão sexual, especialmente ao se tratar da população de adolescentes. Assim, espera-se também aumentar as possibilidades de medição da construção destas percepções, podendo avaliar os fenômenos relacionando-os com outras categorias, e compreendendo em termos de causa e efeito destes.

Visa-se, portanto, pesquisas que avancem no que diz respeito aos aspectos constituintes de autores de agressão sexual, sejam eles adolescentes e/ou adultos, mas que visem ampliar o conhecimento científico acerca desta população. Criando desta forma novas possibilidades para o atendimento desta demanda, identificando a sua trajetória de vida, e as suas percepções, com o intuito de trabalhar preventivamente e protetivamente no enfrentamento dos fatores de risco que podem conduzir estes à prática da agressão sexual ou revitimização nos contextos em que estes estão inseridos.

Referências

- Abiatti, M., Mezzo, B., Waeny-Desponds, J., Minervini, J., Mormont, C., & Gravier, B. (2014). Victimization in childhood of male sex offenders: Relationship between violence experienced and subsequent offenses through discourse analysis. *Victims and Offenders*, 9(2), 234-254. doi:[10.1080/15564886.2014.881763](https://doi.org/10.1080/15564886.2014.881763)
- Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. D. C., Lima, F. D. S., & Martinelli, C. D. C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Vulnerabilidade Social, 192. Brasília: UNESCO, BID.
- Almuneef, M. (2019). Long term consequences of child sexual abuse in Saudi Arabia: A report from national study. *Child abuse & neglect*, 103967. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.03.003>
- Andrade, R. L. D. (2020). *Narrativa de um homem que sofreu abuso sexual na infância*. (Trabalho de conclusão de curso). Graduação em Psicologia, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

- Arpini, D. M., Savegnago, S. D. O., & dos Santos Witt, C. (2017). O ponto de vista de adolescentes em situação de vulnerabilidade social sobre o agressor sexual. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 247-262. Recuperado de http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2441/1685#
- Assis, S. G. D., & Constantino, P. (2003). *Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90*. In *Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira* (pp. 163-198). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Azevedo, M. A., & Guerra, V. D. A. (1995). *Violência doméstica na infância e na adolescência*. In *Violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo: Robe.
- Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. D. A. (2018). *Infância e violência doméstica: perguntelho o que os profissionais querem saber*. In *Infância e violência doméstica: perguntelho o que os profissionais querem saber* (pp. 183-183). São Paulo: LACRI.
- Barra, S., Bessler, C., Landolt, M. A., & Aebi, M. (2017). Patterns of Adverse Childhood Experiences in Juveniles Who Sexually Offended. *Sexual Abuse. A Journal of Research and Treatment*, 1–25. doi: <https://doi.org/10.1177/1079063217697135>
- Barroso, R. N. S. G. (2012). *Características e especificidades de jovens agressores sexuais*. (Tese de Doutorado). Doutorado em Psicologia, Universidade de Aveiro, Aveiro, PT, Portugal.
- Bastos, K. R. P. (2020). *Adolescente autor de ofensa sexual: características, responsabilização e significado das medidas socioeducativas*. (Tese de Doutorado). Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Bastos, K. R. P., Eusébio, A. M. L., Pereira, K. N. D. A., Silva, T. O. S. D., & Costa, L. F. (2021). Características dos adolescentes ofensores sexuais e de suas vítimas: um estudo de processos judiciais. *Saúde e Sociedade*, 30. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021181112>
- Becker, D. (2017). *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense.
- Bessa, C. de O.; Costa, C. A. da & Torres, M. de S. (2016). *O segredo e sua força transgeracional em uma família*. Portugal: Psicologia. ISSN: 1646-6977.
- Blackman, J. S., & Dring, K. (2016). *Sexual aggression against children: Pedophiles' and Abusers' Development, Dynamics, Treatability, and the Law*. New York: Routledge.
- Blokland, A. A., & Lussier, P. (2015). *Sex offenders: A criminal career approach*. Reino Unido: Wiley-Blackwell.
- Borges, M. M. (2018). *Adolescência e ofensa sexual:[in] visibilidade dos vínculos familiares*.(Dissertação de Mestrado). Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Brasil. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) (2019). *Levantamento anual sinase 2017*. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos

Direitos Humanos. Recuperado de <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/LevantamentoAnualdoSINASE2017.pdf>

- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). *The ecology of developmental processes*. In W. Damon (Org.), *Handbook of child psychology* (pp. 993-1027). New York: Wiley & Sons.
- Chaves, E., & Costa, L. F. (2018). Doutrina da Proteção Integral e o Sistema de Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(3), 477-491. doi: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4092>
- Conceição, M. I. G. (2010). *A clínica do adolescente em meio fechado: olhares sobre o contexto*. In M. M. Marra, & L. F. Costa (Eds.), *Temas da clínica do adolescente e da família* (pp. 87-103). São Paulo: Ágora.
- Conceição, M. I. G., Costa, L. F., Penso, M. A., & Williams, L. C. D. A. (2020). Abuso sexual infantil masculino: Sintomas, notificação e denúncia no restabelecimento da proteção. *Psicologia Clínica*, 32(1), 101-121. doi: <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n01A05>
- Coscioni, V., da Silva, O. R. M., Rosa, E. M., & Dell’Aglío, D. D. (2021). *Adolescentes Privados de Liberdade na Grande Vitória/ES: Características Biosociodemográficas e Exposição ao Risco*. In: Autores de Agressão: Subsídios Para uma Abordagem Interdisciplinar. ISBN 978-65-5523-104-5. Curitiba: Appris.
- Costa, L. F., Junqueira, E. L., Meneses, F. F. F., Stroher, L. M. C., & Moura, M. G. (2012). Construindo conhecimento sobre o adolescente que cometeu ofensa sexual. *Contextos Clínicos*, 5(2), 112-120. doi: <https://doi.org/10.4013/ctc.2012.52.05>
- Costa, L. F., Penso, M. A., Conceição, M. I. G., Junqueira, E. L., Meneses, F. F. F., & Stroher, L. M. C. (2014). *Violências e Violências: As relações familiares do adolescente ofensor sexual*. In: Crianças e adolescentes vítimas de violência. Prevenção, avaliação e intervenção, 125-142. Curitiba: Juruá.
- Costa, L. P., Rocha, C. J. B., da, & Cavalcante, L. I. C. (2018). Características biopsicossociais entre acusados de agressão sexual contra crianças/adolescentes em contextos intra e extrafamiliar. *Trends in Psychology*, 26(1), 283-295. doi: <https://doi.org/10.9788/tp2018.1-11pt>
- Costa, S. F. D., Taquette, S. R., Moraes, C. L. D., Souza, L. M. B. D. M., & Moura, M. P. D. (2020). Contradições acerca da violência sexual na percepção de adolescentes e sua desconexão da lei que tipifica o “estupro de vulnerável”. *Cadernos de Saúde Pública*, 36. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00218019>
- Dias, D. (2013). *A violência intrafamiliar infantil e suas consequências*. Recuperado de <https://www.comportese.com/2013/11/a-violencia-intrafamiliar-infantil-e-suasconsequencias>.

- Domingues, D. F. (2016). *Adolescentes em situação de ofensa sexual intrafamiliar: Conhecer e intervir para prevenir a reincidência*. (Tese de Doutorado). Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21222>
- Farrington, D. P. (2003). Developmental and life-course criminology: Key theoretical and empirical issues-the 2002 Sutherland Award address. *Criminology*, 41(2), 221-225. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2003.tb00987.x>
- Fasepa (2019). *Institucional/Missão*. Recuperado de <http://www.fasepa.pa.gov.br/?q=institucional>
- Fontenele, L. Q. & Miranda, L. L. (2017). Adolescência(s): Produções e Atravessamentos Discursivos em Análise. *Temas em Psicologia*, 25(3), 969-982. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2017.3-04>
- Fontes, L. F. C., Conceição, O. C., & Machado, S. (2017). Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9), 2919-2928. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017229.11042017>
- Francis, B., Hargreaves, C., & Soothill, K. (2015). *Changing Prevalence of Sex Offender Convictions*. Sex offenders: A criminal career approach, 231. Reino Unido: Wiley-Blackwell.
- Grimaldi, E. F. B. N. G. (2018). *Agressor sexual de crianças e adolescentes: estudo de casos registrados no período de 2007-2016*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santa, BA, Brasil.
- Habigzang, L. F., & Schneider, J. A. (2015). *Terapia cognitivo-comportamental em grupo para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual: Programa superar*. Terapia cognitivo-comportamental em grupo para crianças e adolescentes (org. CB Neufeld). Porto Alegre: Artmed.
- Habigzang, L. F., Azevedo, G. A., Koller, S. H., & Machado, P. X. (2006). Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 379-386. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300006>
- Hackman, D. A., Farah, M. J., & Meaney, M. J. (2010). Socioeconomic status and the brain: mechanistic insights from human and animal research. *Nature reviews neuroscience*, 11(9), 651-659. doi: <https://doi.org/10.1038/nrn2897>
- Hohendorff, J. V., Costa, L. S., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2014). Documentary analysis of cases of sexual violence against boys reported in Porto Alegre. *Paideia*, 24(58), 187-195. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272458201406>
- Hohendorff, J. V., & Patias, N. D. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, (49), 239-257. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474>

- Jensen, J. (2008). *Adolescencia y adultez emergente. Un enfoque cultural*. México: Pearson Educación.
- Kaufman, K. L., Holmberg, J. K., Orts, K. A., McCrady, F. E., Rotzien, A. L., Daleiden, E. L., & Hilliker, D. R. (1998). Factors influencing sexual offenders' modus operandi: An examination of victim-offender relatedness and age. *Child Maltreatment*, 3(4), 349-361. doi: <https://doi.org/10.1177/1077559598003004007>
- Loeber R & Farrington DP 2014. Age-crime curve. *Encyclopedia of Criminology and Criminal Justice: 12-18* doi: [10.1007/978-1-4614-5690-2_474](https://doi.org/10.1007/978-1-4614-5690-2_474)
- Magalhães, J. R. F. de, Gomes, Nadirleone Pereira, Campos, Luana Moura, Camargo, Climene Laura de, Estrela, Fernanda Matheus, & Couto, Telmara Menezes. (2017). Expressão da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(4), e1730016. Epub November 17, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017001730016>
- Magni, A. C. C., & Correa, J. J. (2016). Infância e Violência Sexual: Um Olhar sobre a Vulnerabilidade da Criança. *Revista Pleiade*, 10(19), 53-60. Recuperado de: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/view/324/440>
- Malta, D. C., Bernal, R. T. I., Teixeira, B. D. S. M., Silva, M. M. A. D., & Freitas, M. I. D. F. (2017). Fatores associados a violências contra crianças em Serviços Sentinela de Urgência nas capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22, 2889-2898. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12752017>
- Marshall, W. L. (2001). *Agresores sexuales*. Barcelona: Ariel.
- Marshall, W. L. (2018). A brief history of psychological theory, research, and treatment with adult male sex offenders. *Current psychiatry reports*, 20(8), 57. doi: [10.1007/s11920-018-0920-0](https://doi.org/10.1007/s11920-018-0920-0)
- Martins, C. B. D. G., & Jorge, M. H. P. D. M. (2010). Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 19(2), 246-255. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072010000200005>
- McCuish, E. C., Cale, J., & Corrado, R. R. (2015). Abuse experiences of family members, child maltreatment and development of sex offending among incarcerated adolescents male: Differences between adolescent sex offenders and adolescent nonsex offenders. *Internacional Journal of Offender Therapy And Comparative Criminology*, 61(2), 127 – 149. doi: [http://doi.org/10.1177/0306624X15597492](https://doi.org/10.1177/0306624X15597492)
- McKillop, N., Brown, S., Smallbone, S., & Pritchard, K. (2015). Similarities and differences in adolescence-onset versus adulthood-onset sexual abuse incidents. *Child abuse & neglect*, 46, 37-46. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.02.014>
- McKillop, N., Rayment-McHugh, S., & Bojack, R. (2020). Comparing the onset of child sexual abuse perpetration from adolescence into adulthood: are there unique risks, and what does this mean for prevention?. *Child Abuse & Neglect*, 107, 104630. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104630>

- McKillop, N., Rayment-McHugh, S., Smallbone, S., & Bromham, Z. (2018). A comparison of individual, ecological and situational factors associated with adolescence-and adulthood-onset sexual abuse of children. *Report to the Criminology Research Advisory Council. Grant: CRG 30/13-14*. Recuperado de: <https://crg.aic.gov.au/reports/1819/30-1314-FinalReport.pdf>
- MDH (2019). *Balanço – Disque 100*. Recuperado de <https://www.mdh.gov.br/informacao-aocidadao/ouvidoria/balanco-disque-100>
- Merrick, J., Tenenbaum, A., & Omar, H. A. (2013). Human sexuality and adolescence. *Frontiers in public health, 1*, 41. doi:<https://doi.org/10.3389/fpubh.2013.00041>
- Minayo, M. C. D. S. (2006). *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Ministério da Saúde (2018). *Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017*. Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, 49(27). Recuperado de <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>
- Moraes, M. D. S. B., Cavalcante, L. I. C., Pantoja, Z. C., & Costa, L. P. (2018). Violência por Parceiro Íntimo: Características dos Envolvidos e da Agressão. *PSI UNISC, 2*(2), 78-96. doi: <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v2i2.11901>
- Morais, H. B., Joyal, C. C., Alexander, A. A., Fix, R. L., & Burkhart, B. R. (2016). The neuropsychology of adolescent sexual offending: Testing an executive dysfunction hypothesis. *Sexual Abuse, 28*(8), 741-754. doi: <https://doi.org/10.1177%2F1079063215569545>
- Moyano, N., Monge, F. S., & Sierra, J. C. (2017). Predictors of sexual aggression in adolescents: Gender dominance vs. rape supportive attitudes. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context, 9*(1), 25-31. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ejpal.2016.06.001>
- Nunes, N. S. S. (2012). *Distorções Cognitivas: comparação entre uma amostra forense e uma amostra normativa*. Dissertação de mestrado não publicada, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10071/6373>
- O'Brien, J. E., Burton, D. L., & Li, W. (2016). Body disapproval among adolescent male sexual offenders: Prevalence and links to treatment. *Child and adolescent social work journal, 33*(1), 39-46. doi: <https://doi.org/10.1007/s10560-015-0400-x>
- Oliveira, P. M. de, & Carvalho, M. L. O. de (2015). Violência contra a mulher: tipos de agressão e auto-percepção como vítima. *Journal of Health Sciences, 7*(1). doi: <https://doi.org/10.17921/2447-8938.2005v7n1p%25p>
- Oliver, B. E. (2007). Three steps to reducing child molestation by adolescents. *Child Abuse Negligent, 31*(7), 683-689. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.09.008>
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2010). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência*. WHO. Recuperado de http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf.

- Organização Mundial da Saúde, & Krug, E. G. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde.
- Penso, M. A. & Sudbrack, M. F. O. (2010). *Dinâmica familiar e envolvimento em atos infracionais e com drogas na adolescência*. In M. M. Marra, & L. F. Costa (Eds.), *Temas da clínica do adolescente e da família* (pp. 183-200). São Paulo: Ágora.
- Penso, M. A., Conceição, M. I. G., Costa, L. F., & Carreiro, T. C. O. (2012). *Jovens pedem socorro*. O adolescente que praticou ato infracional e o adolescente que cometeu ofensa sexual. Brasília: Liber Livro.
- Penso, M. A., Conceição, M. I. G., Costa, L. F., Said, A. P., & Williams, L. C. D. A. (2019). Abuso sexual de meninos: Características da configuração familiar e do ofensor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, 1-11. doi: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35428>
- Pincolini, A. M. F., & Hutz, C. S. (2014). Abusadores sexuais adultos e adolescentes no sul do Brasil: pesquisa em denúncias e sentenças judiciais. *Temas em psicologia*, 22(2), 301-311. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.2-03>.
- Pinto Junior A. A, Borges V. C, Gonçalves J. S. (2015). Caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Colet.*, 23(2), 124-31. doi: [10.1590/1414-462X201500020062](https://doi.org/10.1590/1414-462X201500020062)
- Reis, D. C. dos, & Cavalcante, L. I. C. (2018). Autor de agressão sexual de criança/adolescente: Uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 23(2), 263-276. Recuperado de <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1460>
- Reis, D. C. dos, & Cavalcante, L. I. C. (2019). Avaliação de distorção cognitiva de autores de agressão sexual de criança e adolescente (aascas): Revisão sistemática da literatura. *Revista da SPAGESP*, 20(2), 99-116. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Reis, D. C. dos, Cavalcante, L. I. C., & Colino, C. M. (2021). *Contribuições Conceituais de uma Perspectiva Evolucionária para a Compreensão do Comportamento Humano Agressivo*. In: Autores de Agressão: Subsídios Para uma Abordagem Interdisciplinar. ISBN 978-65-5523-104-5. Curitiba: Appris.
- Reis, D. M., Prata, L. C. G., & Parra, C. R. (2018). *O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil*. Psicologia: O portal dos psicólogos. Recuperado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1253.pdf>
- Said, A. P., & Costa, L. F. (2019). Dinâmicas Familiares de Meninos Vítimas de Abuso Sexual. *Paidéia*, 29. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e2908>
- Said, A. P., Junqueira, E. L. & Costa, L. F. (2016). A passagem ao ato no abuso sexual intrafamiliar fraterno de menino. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, (14), 5-12. doi: <https://doi.org/10.17921/2176-5626.n14p5-12>

- Sandvik, M., Nasset, M. B., Berg, A., & Søndena, E. (2017). The Voices of Young Sexual Offenders in Norway: A Qualitative Study. *Open Journal of Social Sciences*, 5, 82-95. doi: <https://doi.org/10.4236/jss.2017.52009>
- Seto, M. C., Babchishin, K. M., Pullman, L. E., & McPhail, I. V. (2015). The puzzle of intrafamilial child sexual abuse: A meta-analysis comparing intrafamilial and extrafamilial offenders with child victims. *Clinical Psychology Review*, 39, 42-57. doi: <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2015.04.001>
- Silva, I. S. (2013). *Distorções Cognitivas em agressores sexuais: um estudo comparativo*. Dissertação de mestrado não publicada, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Instituto Universitário de Lisboa, PT, Portugal. Recuperada de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7655>
- Silva, R. M. F. (2019). *O enfrentamento da violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes: o trabalho em rede*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. Recuperado de https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/27965/1/Enfrentamentoviol%c3%aa%nciasexual_Silva_2019.pdf
- Silveira, V. S. (2018). *Pobreza e Vulnerabilidade na Prática da Violência Sexual*. (Trabalho de conclusão de curso) Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Slater, S., Darwin, J., & Ritchie, W. (1966). Delinquent generations in New Zealand. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 3(2), 140-146. doi: <https://doi.org/10.1177%2F002242786600300207>
- Smallbone, S., & Cale, J. (2015). An integrated life-course developmental theory of sexual offending. *Sex offenders: A criminal career approach*, 43-70. doi: [10.1002 / 9781118314630](https://doi.org/10.1002/9781118314630)
- Sparks, B., & Wormith, J. S. (2020). Assessing attitudes toward juveniles and adults adjudicated for sexual offenses in Canada: does offender age matter?. *Journal of Sexual Aggression*, 27(1), 81-94. doi: <https://doi.org/10.1080/13552600.2020.1751888>
- Stirpe, T. S., & Stermac, L. E. (2003). An exploration of childhood victimization and family-of-origin characteristics of sexual offenders against children. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 47(5), 542-555. doi: <https://doi.org/10.1177/0306624X03253316>
- Tavares, A. S. (2020). *Adolescentes que cometeram ofensa sexual, seus contextos e vulnerabilidades*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Teixeira, J. N. D. S., Resende, A. C., & Perissinotto, R. (2020). Vitimização e Psicopatia em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 19(2), 123-131. doi: <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1902.02>
- Vieira, S. M. A. (2010). *Ofensores Sexuais: Das Crenças ao Estilo de Pensamento [Sexual Offenders: From Beliefs to the Style of Thought]* (Tese de Doutorado). Faculdade de

Psicologia, Universidade do Minho, Minho, PT, Portugal. Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14246>

- Vieira, V. (2017). *Perfil dos adolescentes acusados de ofensores sexuais de crianças e adolescentes*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Criminologia. Universidade Fernando Pessoa, Porto, PT, Portugal.
- Walters, G. D. (2019). Sex offending and the transition from adolescence to adulthood: A cross-lagged analysis of general offending and sexual assault in college males. *Journal of interpersonal violence*, 34(6), 1311-1328. doi: <https://doi.org/10.1177%2F0886260516651095>
- Ward, T., & Beech, A. R. (2016). The Integrated Theory of Sexual Offending Revised: A Multifield Perspective. Douglas. Em P. Boer. (Ed.) *The Wiley handbook on the theories, assessment and treatment of sexual offending. Vol. I: Theories*(pg. 123-137). John Wiley & Son: New Jersey. doi: [10.1002/9781118574003.wattso006](https://doi.org/10.1002/9781118574003.wattso006)
- Weijer, S. V. D. et al., (2015). *The Concentration of Sex Offenses in British and Dutch Families*. Sex offenders: A criminal career approach, 321. ISBN 978-0-470-97545-9. Reino Unido: Wiley-Blackwell.
- Zilki, Á., Aguiar, L., Perissinotto, R., & Resende, A. (2020). Autores de Violência Sexual e o Teste de Rorschach: Revisão da Literatura. *Psicologia Revista*, 29(1), 176-200. doi: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i1p176-200>

Considerações Finais da Dissertação

O objetivo geral desta dissertação de mestrado foi investigar a relação entre percepções de adultos (+ 18 anos) e adolescentes (12 a 18 anos) autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais presentes nos dois grupos etários. Assim, foram realizados dois estudos com características metodológicas semelhantes, tematicamente interligadas, mas com populações que se encontram em grupos etários diferentes (adultos e adolescentes).

Neste sentido, os dados apresentados demonstram a importância de discutir aspectos das características biopsicossociais e as percepções sobre infância, adolescência e violência sexual de autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, nas diferentes fases do ciclo de vida, evidenciando quais as possíveis semelhanças e diferenças existentes nestas percepções, e em como estas foram construídas ao longo da trajetória de vida destes indivíduos atreladas às suas características biopsicossociais.

O Estudo I objetivou investigar a relação entre percepções de adultos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (+ 18 anos). Buscou-se, portanto, dar atenção à relação entre as percepções e as características biopsicossociais pesquisadas.

Os resultados apontaram que 09 (90%) destes adultos autores de agressão sexual (N=10) possuíam idade superior a 30 anos, com média de 38,8, mediana de 35 e desvio padrão de 9,25. Quanto à escolaridade, verificou-se que 05 (50%) dos participantes não chegaram a concluir o ensino fundamental, constando em ensino fundamental incompleto; 01 (10%) cursaram o ensino médio incompleto e 03 (30%) conseguiram cursar e completar o ensino médio ao longo da trajetória de vida e/ou após adentrar ao cárcere. Destes participantes apenas 01 (10%) teve acesso ao ensino superior incompleto, sendo este, cursado após a entrada no cárcere.

Em relação às violências vivenciadas ao longo da trajetória de vida destes adultos autores de agressão, foi possível afirmar que todos os participantes (n=10) vivenciaram situações de violência ao longo das suas trajetórias de vida, evidenciadas, especialmente, nos seus ambientes familiares. E quanto ao grau de severidade da prática cometida, 04 (40%) dos autores assumem a prática de violência sexual cometida contra as vítimas com *hands on*; 04 (40%) dos autores não assumem a prática cometida, destacando em suas falas a negação do ato, e 02 (20%) destes assumem não se recordar do ato cometido, por estarem acometidos pelo efeito de álcool e outras drogas, dificultando assim, a identificação do grau de severidade.

A percepção destes adultos acerca da infância aparece diretamente vinculada às vivências destes participantes na fase da infância, representadas por meio das dificuldades enfrentadas, da rejeição no ambiente familiar, da ausência de apoio das figuras parentais nestes contextos, da inserção precoce ao mercado de trabalho informal, acesso facilitado e precoce ao álcool e outras drogas, exposição às mais diversas situações de conflito e violência gerada no ambiente da própria família e pelos laços fragilizados.

A percepção da adolescência atrela-se ao elemento *trabalhar*, como visto, a partir dos relatos que informam a inserção desses autores de agressão sexual de maneira precoce ao trabalho informal. Essa inserção se dá mediante o suprimento das necessidades básicas de sobrevivência, por vezes, escasso no ambiente familiar, pelas situações de vulnerabilidade vivenciadas por suas famílias, ao longo das suas trajetórias de vida.

Para estes adultos autores de agressão pode-se dizer que a percepção da violência sexual está atrelada ao uso da força, destacando esta prática por meio de atos que envolvam força física, uso da contenção, bater, espancar, matar, machucar, agredir e por vezes, penetrar suas vítimas. Isto se evidenciou nos elementos agrupados destacados pelas palavras: *agressão sexual, agressão, força, manter, violência, forçar, pegar, espancar, matar e agredir*.

O Estudo II buscou investigar a relação entre percepções de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais deste grupo etário (12 a 18 anos). Neste sentido, apreendeu-se nos resultados, deste estudo, que todos os adolescentes (N=4) possuíam idade superior a 15 anos, com média de 16,5, mediana de 16,5 e desvio padrão de 1,29. No que se refere à escolaridade, encontrou-se que 2 (50%) participantes tinham o ensino fundamental incompleto, 1 (25%) adolescente possuía o ensino médio incompleto, e 1 (25%) participante não tinha informação de sua escolaridade.

No que se referem à categoria das violências sofridas pelos participantes, observou-se que todos os participantes (N=4) sofreram e/ou vivenciaram diversas situações de violência ao longo de suas trajetórias de vida, sendo estas destacadas de maneira ampla nos seus respectivos ambientes familiares. Quanto à categoria do grau de severidade do ato praticado pelos adolescentes contra suas respectivas vítimas, nenhum dos participantes assume a prática cometida em *hands on*, destacando a negação da prática com o uso da força física e contenção da vítima, ou verbalizando não se recordar do ato cometido, dificultando dessa forma, a identificação do grau de severidade aplicado ao ato.

Por seguinte, destes adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes, foi possível identificar a percepção da infância como uma fase que necessita de atenção, cuidados, proteção e afeto, mas que esbarra diretamente na infância real vivida diariamente no contexto em que crianças e adolescentes estão inseridos, nos quais não são protegidos dentro do próprio ambiente familiar.

Para os adolescentes autores de agressão sexual, a percepção da adolescência é marcada por aspectos de crescimento e onde se iniciam os processos de mudanças e transformações que se desenrolam ao longo desta fase do desenvolvimento. Assim, a adolescência é definida como um período do desenvolvimento humano marcada por muitas

mudanças de caráter biológico, desenvolvimento cognitivo, organização da personalidade e formação das percepções destes adolescentes.

E em relação à percepção da violência sexual esta representa fortemente a associação da percepção da violência sexual ao uso da força física e do poder. Os adolescentes partem da percepção da violência sexual destacada por pegar a força, agredir, e pelo uso da mão na prática sexual, destacados pelos elementos *pegar, agredir, mão e abusar*.

Diante da análise dos resultados dos dois estudos, algumas considerações puderam ser pontuadas acerca das características biopsicossociais de adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes e as suas percepções sobre infância, adolescência e violência sexual nos dois grupos etários. Neste sentido, foi possível realizar uma integração dos resultados obtidos nos dois estudos, possibilitando realizar uma breve discussão dos aspectos que mais se assemelham e se diferenciam entre os adultos e adolescentes participantes da pesquisa.

A relação entre as percepções de adultos (+ 18 anos) e adolescentes (12 a 18 anos) autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes sobre infância, adolescência e violência sexual e as características biopsicossociais nos dois grupos etários, nos permitem inferir que eram esperadas mais semelhanças do que diferenças em como adultos e adolescentes percebem os acontecimentos aos quais vivenciaram, e em como estes construíram as suas percepções sobre os fenômenos investigados. Entretanto, encontraram-se também algumas diferenças que devem ser discutidas acerca das percepções e do desenvolvimento destes ao longo de suas trajetórias de vida.

Dessa forma, quando se observam os contextos de desenvolvimento desses indivíduos tanto na adultez quanto na adolescência, é possível identificar alguns fatores que podem ter influenciado em algum grau o comportamento da agressão sexual, tais como, comportamento agressivo, dificuldades na escola, evasão escolar, vulnerabilidade socioeconômica, uso e/ou

abuso de álcool e outras drogas, práticas parentais disfuncionais e negativas, responsabilização por menor de idade, trabalho infantil, situação de rua, histórico de institucionalização, histórico infracional/criminal/comportamento delinquente, e outros.

De acordo com estudo de McKillop, Rayment-McHugh, Smallbone e Bromham (2018) realizado na Austrália com homens adolescentes e adultos autores de agressão sexual, observa-se a diferença nas características biopsicossociais e nas motivações que conduziram adolescentes e adultos à prática da violência sexual. Adolescentes teriam maior preferência por crianças menores, enquanto adultos estavam mais propensos a praticar a violência sexual contra crianças maiores, mas ambos abrangendo uma interação de vários fatores culturais, cognitivos, situacionais e comportamentais que estão presentes ao longo das suas trajetórias de vida, e que coadunam os dados apresentados nestes estudos.

Assim, é possível inferir que os estágios da vida do adulto e do adolescente possam oferecer semelhanças contextuais que permitam de alguma forma levar a prática da agressão sexual contra crianças e adolescentes, durante essas fases do desenvolvimento. O exemplo dessa afirmação evidencia-se que a prática sexual que geralmente no início da vida adulta, ocorre em um período no qual são conferidas a estes adultos responsabilidades para cuidar de terceiros, neste caso, crianças e adolescentes (McKillop et al., 2018).

Quanto ao início das práticas de agressão sexual na adolescência, estas estão associadas à presença de outros comportamentos antissociais e agressivos ao longo da trajetória de vida. Isso se evidencia na medida em que muitos adolescentes já possuem um histórico de práticas de outros atos infracionais antes de se envolverem efetivamente em atos infracionais de cunho sexual. Diferente dos autores de agressão sexual adultos percebe-se que o comportamento de adolescentes mediante a violência sexual é observado como uma extensão das práticas antissociais que coincidem com as práticas sexuais. Assim, destaca-se nessa fase do desenvolvimento uma combinação de imaturidade emocional, influência direta

de colegas que compartilham o mesmo ambiente ecológico destes, redução de competências para a tomada de decisões, que acabam por agravar os riscos que podem contribuir para o surgimento de comportamentos de prática da agressão sexual (McKillop et al., 2015, 2018).

Por conseguinte, observaram-se alguns achados nestes estudos que coadunam dados de outras pesquisas que comparam populações de adultos e adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes. A primeira característica evidenciada é a história comum de desenvolvimento adverso entre adultos e adolescentes que agridem sexualmente crianças e adolescentes. Outra característica é que na adolescência o ato infracional de cunho sexual é frequentemente precedido por uma história de contato com o Sistema de Justiça Juvenil em cumprimento de outros atos infracionais (McKillop et al., 2018).

E por fim, compreende-se que adultos e adolescentes podem ser motivados a agredir sexualmente crianças e adolescentes por diferentes razões, assim como, constroem as suas percepções sobre a infância, adolescência e violência sexual de diferentes formas (McKillop et al., 2018).

Neste sentido, é válido reiterar que adultos autores de agressão sexual que se encontram nesta média de idade evidenciada no estudo I, tendem a se diferenciar de autores de agressão sexual que cometeram este tipo de ato na fase da adolescência, evidenciados no Estudo II. Os autores adultos tendem a se reportar ao ato praticado como um capítulo à parte de sua trajetória de vida, destacando-os nos trechos extraídos das entrevistas transcritas como uma ação que foi iniciada e praticada somente nesta fase do desenvolvimento. Em direção oposta, adolescentes que cometeram este tipo de violência nesta fase do desenvolvimento (adolescência), tendem a manifestar relação direta com as questões vivenciadas ao longo das suas fases do desenvolvimento anteriores, destacando que as experiências psicológicas vivenciadas na infância e na adolescência, foram pressupostos que moldaram as percepções destes autores sobre este fenômeno ao longo de suas trajetórias de vida e nas fases

subsequentes do seu desenvolvimento (Mckillop, Rayment-McHugh, & Bojack, 2020; Mckillop, Rayment-McHugh, Smallbone, & Bromham, 2018; Smallbone & Cale, 2015).

Assim, de acordo com McKillop et al. (2020), explica-se que o início da prática sexual se destaca mediante vários fatores contribuintes, a partir de uma aprendizagem social, na forma de perceber os fenômenos sociais e psicológicos, tanto quanto, a partir de algumas vulnerabilidades comuns nas origens de autores de agressão sexual adultos e adolescentes. Exemplos dessas exposições foram considerados em ambos os estudos, tais como, exposição a violência familiar, exposição a várias formas de violência por parte das figuras parentais, limites sexuais empobrecidos, e outros.

Esta diferença do início da perpetração da agressão sexual entre adolescentes e adultos, evidencia-se a partir da referência da diminuição (Mckillop, Rayment-McHugh, & Bojack, 2020) da elevação dos níveis de emoção, maturidade profissional, autocontrole, demandas e responsabilidades sociais que os adultos passam a obter nesta fase do desenvolvimento. Estas mudanças podem refletir por meio do desenvolvimento, a partir de responsabilidades, circunstâncias e oportunidades, na medida em que estes indivíduos fazem a transição da adolescência para a vida adulta, e que pode influenciar diretamente nos fatores de risco para o cometimento da agressão sexual em cada fase da vida, assim como, na percepção deste sobre si e sobre os outros (Mckillop, Rayment-McHugh, & Bojack, 2020).

Entretanto, ainda que estas percepções passem por mudanças, para Smallbone e Cale (2015), os crimes de cunho sexual que foram iniciados no início da fase adulta, possuem maior probabilidade de serem persistentes ao longo da continuidade da trajetória de vida do autor desta prática, apresentando-se de maneira contrária aos adolescentes autores de agressão sexual, e apresentando diferentes motivações, incluindo a transformação das percepções sobre infância, adolescência e violência sexual.

Alguns pesquisadores (Hanson, 2002; Harris & Rice, 2007; Smallbone & Cale, 2015) observaram uma forte relação entre o início da agressão sexual na fase adulta com a alta frequência destes indivíduos de violentar crianças, direcionada especificamente em casos em que a agressão sexual é cometida no ambiente intrafamiliar. Entretanto, estas práticas tendem a ser encerradas, caso estes autores sejam descobertos, e dessa forma, estes acabam por desistir da continuidade dos atos que envolvam crimes sexuais, alterando as suas percepções mediante isso (Smallbone & Cale, 2015; Smallbone & Wortley, 2000).

A problemática que gira em torno das consequências da violência sexual que repercutem na vida adulta se torna cada vez mais discutida. A violência sexual é apontada como um fator agravante de muitos problemas na fase da infância, assim como, na vida adulta. Esses agravantes afetam profundamente a saúde física e psicológica, e quanto mais recorrente, maiores serão as consequências nesta fase do desenvolvimento, contribuindo para a formulação direta das percepções de adultos e adolescentes (Magalhães et al., 2017).

Além disso, apresentam-se as diferenças existentes na percepção da infância em como esta deveria ser, a partir do imaginário social, das vivências nesta fase do desenvolvimento e da maturidade que se adquiriu ao longo das suas trajetórias de vida, com o que foi vivenciado efetivamente na realidade dos participantes. Essa diferença também fica evidente nos trechos extraídos das entrevistas transcritas que versam sobre a percepção da adolescência, na medida em que os autores relatam a suas trajetórias de vida, e em como as suas vivências modularam as suas percepções ao longo do tempo, a partir da interação com o contexto em que estavam inseridos.

A diferença em destaque entre adultos e adolescentes se evidencia a partir da linha de aumento da maturidade, responsabilidades, laços sociais que passam a ser desenvolvidos, e mediante as rotinas da vida adulta que influenciam em algum grau na transformação da percepção de adultos sobre as categorias da infância, adolescência e violência sexual, a partir

de uma percepção mais madura, mais experiente e com maior informação do que seria socialmente aceitável (Loeber & Farrington, 2014). Diferenciando-se do adolescente que parte de uma percepção com motivações que incluem experimentação ingênua, agressão sexual vivenciada como parte de uma mesma medida da agressão praticada, impulsividade, compulsividade sexual e maior influência das motivações de grupo (O'Brien & Bera, 1986; Smallbone & Cale, 2015).

Relacionando as características do modo operante dos adultos e adolescentes autores de agressão sexual, os resultados corroboram estudos de Grimaldi (2018) que se observa que adolescentes apresentaram um perfil da prática da agressão sexual semelhantes aos adultos, em que as vítimas mais frequentes são crianças e adolescentes mais jovens. Portanto, destaque-se nas duas fases do desenvolvimento a prática contra indivíduos mais vulneráveis, e que sugerem diretamente a reprodução do modelo de agressão do adulto, por meio das relações de poder estabelecidas, pela autoridade e hierarquia socialmente estabelecidas advindas da experiência e diferença de idade, nos ambientes em que estes adultos e adolescentes encontram-se inseridos.

Para Kaufman et al. (1998), em estudo com 228 autores de agressão sexual (adultos e adolescentes), observou-se que os adolescentes se apropriavam de estratégias mais violentas contra as suas vítimas, partindo de uma percepção mais voltada à falta de limite, não fazendo distinção objetivamente de onde termina a sua infância e adolescência, quando comparados com adultos autores de agressão sexual.

Outras evidências encontradas nos dois estudos, e que demonstram a semelhança existente entre adultos e adolescentes ao longo de suas trajetórias de vida, e na formação da percepção sobre a infância, adolescência e violência sexual, destacam-se nos dados em que adolescentes, assim como adultos, podem iniciar precocemente sua trajetória de vida na violência, como consequência de desajustes emocionais, problemas psicológicos oriundos das

experiências traumáticas vivenciadas durante as fases do desenvolvimento (Martins & Jorge, 2010).

Assim, uma vida marcada por experiências psicológicas traumáticas aumentam a chance de gerar esse tipo de comportamento, e podem alterar o modo de perceber a infância, adolescência e violência sexual, que passam a ser visualizados como constructos destas vivências, que geraram consequências nas fases subsequentes do desenvolvimento.

Assim, observa-se que os adolescentes, tanto quanto os adultos tendem a distorcer cognitivamente as formas de violência vivenciadas e praticadas ao longo de suas trajetórias de vida. Assim, a distorção cognitiva é caracterizada por uma alteração da percepção sobre a responsabilização do ato ofensivo praticado, no intuito de minimizar os sentimentos de culpa, vergonha, tanto quanto o não reconhecimento do mal cometido contra a vítima (Gonçalves & Vieira, 2005; Marshall, 2007).

A consideração básica acerca das distorções cognitivas gira em torno da forma que os autores de agressão sexual de crianças e adolescentes apresentam percepções e ideias distorcidas de como estes encaram a realidade vivenciada da agressão, o modo como pensam e enxergam a si mesmo e aos outros por meio das relações. Estes adultos acabam produzindo distorções cognitivas, justificando assim, os seus comportamentos sexuais agressivos. Entretanto, essas crenças disfuncionais e mal adaptativas, atreladas à percepção destes autores, podem mudar ao longo do tempo, quando associados a outros fatores vivenciados (Nunes & Jung, 2013; Reis, 2016; Vieira, 2010).

Entretanto, são escassos estudos que investigam as distorções cognitivas em adolescentes, diminuindo assim, o grau de discussão e inferência deste dado apresentado na amostra de adolescentes autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes.

Neste sentido, para adultos no contexto prisional, em especial para homens condenados por crime de violência sexual, estes são alvos de constante retaliação pelos outros

presos, sendo colocados por vezes em locais específicos para manter a sua integridade física. Nessas circunstâncias a negação e a manipulação podem significar estratégias de sobrevivência dentro deste ambiente, transformando também a percepção que estes passam a ter da violência sexual.

Outrossim, os participantes adultos e adolescentes remetem-se a uma percepção da infância e adolescência marcada por privações de cunho econômico e afetivo, rejeição, culpabilização, ofensas, humilhações, depreciações, agressões físicas, psicológicas e sexuais, por parte das figuras parentais, assim como, destaca-se o fato destes presenciarem cotidianamente a relações de violência estabelecida dentro do ambiente familiar. Essa realidade vivida por adultos e adolescentes autores de agressão sexual pode comprometer o seu desenvolvimento e desencadear mudanças significativas nas percepções destes sobre o fenômeno da violência sexual, na medida em que estas são vivenciadas e intensificadas ao longo da trajetória de vida.

Diante dos contextos vivenciados por estes autores de agressão sexual e a realidade de muitas famílias brasileiras, para Reis (2015), há um consenso acerca da influência direta da vulnerabilidade socioeconômica e a pobreza extrema na prática da agressão sexual, que resultam constantemente na inserção precoce de crianças e adolescentes no mercado de trabalho. Mas reitera-se que este não é um fator determinante de todas as realidades e indivíduos constituintes destes contextos, sendo demonstrado de maneira precoce na trajetória de vida tanto de adultos, quanto dos adolescentes participantes da pesquisa ao longo de suas trajetórias de vida.

As situações de fome e miséria são mencionadas nos contextos, onde esta percepção da adolescência e da fase adulta é vista como ruim por estes autores de agressão, vinculada diretamente à necessidade de abandonar os estudos e a educação, em busca de condições de

trabalho que propiciem o suprimento destas necessidades vivenciadas dentro do ambiente familiar (Magalhães, 2019; Pinheiro & Moreira, 2019).

Assim, a dificuldade em desenvolver uma percepção correta acerca da infância, adolescência e violência sexual advém também da realidade da dificuldade em reconhecer-se em situação de violência, seja no âmbito familiar, seja fora dele. Isso pode ser explicado mediante a percepção dos atos violentos vivenciados no ambiente familiar serem percebidos de forma naturalizada e enquanto medida educativa. Evidenciando o questionamento do limite que pode ser estabelecido de uma medida corretiva aceitável e o que é percebido como violência, em especial, a violência sexual por estes (Magalhães et al., 2017).

Igualmente, discute-se que a parte mais concreta do eu e do corpo do indivíduo possui papel de grande importância na construção das percepções. Desde os primeiros momentos da vida, os indivíduos se relacionam com o mundo ao seu redor e passam a conhecê-lo de maneira objetiva, enquanto as sensações e as vivências vão proporcionando a consciência de quem este é, e o mundo no qual está inserido (Bronfenbrenner, 2011; Martins, 2011). A construção das percepções, portanto, não serão produto apenas das sensações experienciadas pelo indivíduo, mas por meio da sua interação com objetos, pessoas e símbolos nos ambientes em que este estabelece relações. Neste sentido, a vivência e as trocas com os aspectos constituintes desses ambientes deixam marcas que influenciam e trazem efeitos significativos na formação das percepções, assim como, a forma como percebe e constrói as suas relações com os outros (Florentino, 2015; Lira et. al., 2017).

Escolheu-se, portanto, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner (2011), pois esta abarca pressupostos que compreendem que os seres humanos estão em constante interação com os múltiplos ambientes, em que estes atuam de maneira direta ou indireta. Assim, a abordagem de Bronfenbrenner destaca que todas as ações, interações e as redes que são estabelecidas no ambiente podem refletir nos demais,

dependendo das conexões e desconexões entre os sistemas, podendo influenciar diretamente na formação crítica da pessoa em desenvolvimento e na construção das suas percepções. Por isso, é possível estabelecer interligações entre as percepções construídas pelos adultos e adolescentes autores de agressão sexual com as suas características biopsicossociais, desenvolvidas ao longo de suas trajetórias de vida.

A Bioecologia do Desenvolvimento Humano apresenta o desenvolvimento humano como um processo contínuo, que se destaca por meio das interações vivenciadas pela pessoa em desenvolvimento, em interligações com o seu contexto e a sua história de vida (Bronfenbrenner, 2011). Assim, as experiências vivenciadas pelos adultos e pelos adolescentes autores de agressão sexual destacam-se como forte influência na formação das suas percepções sobre infância, adolescência e violência sexual, dando ênfase na forma em que estes absorvem tanto objetivamente quanto subjetivamente as vivências experienciadas ao longo da trajetória de vida (Bronfenbrenner, 2011).

Considerando o PPCT que advém da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, observaram-se aspectos da Pessoa em desenvolvimento, a partir das características biopsicossociais investigadas, com ênfase na idade, escolaridade, violências sofridas e o grau de severidade da prática cometida, buscando compreender a constituição destas características na formação das percepções da infância, adolescência e violência sexual dos participantes.

O elemento Processo foi analisado por meio da forma em que cada participante absorveu suas experiências ao longo da trajetória de vida, e em como este interpretava o ambiente em que se encontrava inserido, dando ênfase nas experiências vivenciadas nas relações familiares e na apreensão destas na formação das percepções do fenômeno investigado, mediante a interação com as pessoas, com objetos e símbolos.

O elemento Contexto que foi observado mediante os ambientes em que estes indivíduos encontravam-se inseridos e em como esta interação ocorria a partir das relações

estabelecidas, como as experiências nestes contextos foram apreendidas, mediante os processos proximais, e visando a compreensão da construção da percepção. E por fim, o elemento Tempo, que trouxe a sequência de eventos e experiências que constituem a história e a trajetória de vida dos participantes por meio do cronossistema. Nesse sentido, o tempo permite identificar a estabilidade ou instabilidade nos ambientes, e pode refletir diretamente no processo de desenvolvimento, uma vez que o ciclo vital é permeado por experiências e sucessivas transições nas relações da pessoa em desenvolvimento com o contexto, e das influências sociais e históricas que acompanham o curso da vida.

Dessa forma, independente da idade da pessoa e da fase do desenvolvimento em que se encontra quem praticou agressão sexual contra crianças e adolescentes, é importante obter informações acerca do seu percurso desenvolvimental, e das características biopsicossociais destes indivíduos, haja vista, que estas informações são importantes na compreensão dos aspectos da construção das percepções destes indivíduos adultos e adolescentes nas diferentes fases do ciclo de vida, e em como estes desenvolveram suas interações com os outros e com os diversos ambientes sendo produto e produtor de mudanças significativas nas relações e nas percepções construídas ao longo do tempo (Bronfenbrenner, 2011).

Por fim, no que tange às limitações deste trabalho, destaca-se o acesso difícil e limitado aos adultos autores de agressão sexual, haja vista, que atualmente o acesso à população de autores de agressão sexual é quase que exclusivamente direcionada à população carcerária, sendo dificultado o acesso ao Sistema Penitenciário, sobretudo, para a realização de pesquisas com esta população investigada.

Neste sentido, não foi possível também acessar o número de adolescentes previsto na pesquisa, haja vista o cancelamento das atividades da pesquisa em campo presenciais, em razão da pandemia por COVID-19, como medida de isolamento e distanciamento social

adotada em março de 2021 pela sociedade em geral, que impossibilitaram o acesso às unidades de internação da FASEPA.

Evidencia-se também a limitação apresentada do impacto da memória que pode impactar na construção da percepção, assim como, afetar em algum grau as entrevistas realizadas tanto com os adultos, quanto com os adolescentes, onde se apresenta certo nível de dificuldade em expressar de maneira mais objetiva aspectos que compõem as suas trajetórias de vida, esbarrando no viés da memória.

Em direção futura, sugere-se que outros estudos comparativos entre adultos e adolescentes possam ser produzidos, almejando o aumento das investigações de aspectos para além das características biopsicossociais ou sociodemográficas destes indivíduos, mas com foco nos demais aspectos que versam sobre a trajetória de vida e em como estes interagem com a prática cometida em suas realidades.

Ainda sobre perspectivas futuras sugerem-se estudos que possam investigar autores de agressão sexual com ênfase em autoras do sexo feminino, tanto com adultas como com adolescentes, visando investigar aspectos de crimes sexuais cometidos por mulheres desta população que vem sendo demonstrada em novos estudos, mas que ainda não recebe tanta atenção nas investigações, buscando compreender como se constituem as características biopsicossociais destas mulheres e as percepções sobre o fenômeno da violência sexual. Assim como, perspectivas que intensifiquem pesquisas na região amazônica e que possam identificar autores de agressão sexual em contextos diferenciados, que podem apresentar diferentes perspectivas das características, assim como, outros aspectos do fenômeno da violência sexual.

Portanto, este trabalho traz contribuições no âmbito social, a partir da necessidade de promover formas eficazes de intervenção que busquem compreender a trajetória de vida de adultos e adolescentes autores de agressão sexual, especialmente nas instituições de

atendimento à estes, visando um acompanhamento com práticas mais humanas e intervenções com perspectivas restaurativas e menos punitivas, por meio de políticas públicas direcionadas a estas populações.

As contribuições acadêmicas versam sobre a necessidade de estimular a discussão e o debate acerca dos adultos e adolescentes autores de agressão sexual, suas características biopsicossociais, percepções sobre os fenômenos sociais e psicológicos, e em como estes se formam ao longo de suas trajetórias de vida. Visando não somente a formação de estudantes, mas a formação e a qualificação de profissionais que possam compreender e promover problematizações conscientes sobre o fenômeno da violência sexual, especialmente psicólogos e assistentes sociais, que trabalham diretamente com esta população.

E por fim, contribuições práticas visando ações promotoras de debate nos aspectos culturais, sociais e históricos, a partir da ampliação da discussão do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes, dando ênfase nos autores de agressão sexual, neste caso, por meio de investigações em duas populações semelhantes, mas que se encontra em fases do desenvolvimento diferentes, tratando aspectos da percepção da infância, adolescência e da violência sexual, ainda não discutido em outros estudos de maneira conjunta.

Espera-se que esses dois estudos possam estimular outros estudos, que busquem abranger aspectos do desenvolvimento, visando o incentivo e a promoção de mecanismos que visem a construção da identificação dos aspectos que permeiam o fenômeno da violência sexual, tanto quanto que visem o desenvolvimento saudável dos protagonistas que compõem esse fenômeno.

Referências Gerais

Abaid, J. L. W., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Exposição a fatores de risco de adolescentes em acolhimento institucional no sul do Brasil. *Interação em Psicologia*, 18(1), 47-57. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v18i1.29331>

- Abel, G. G., Gore, D. K., Holland, C. L., Camp, N., Becker, J. V., & Rathner, J. (1989). The measurement of the cognitive distortions of child molesters. *Annals of Sex Research*, 2(2), 135–152. doi: <https://doi.org/10.1007/BF00851319>
- Andrade, U. S. D., & Ferreira, F. F. (2015). Crise no sistema penitenciário brasileiro: capitalismo, desigualdade social e prisão. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 3(1). doi: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpdsv3i1.471>
- Araújo, M. D. S. O. (2017). *Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Características Biopsicológicas, Sociojurídicas e sua Percepção sobre Infância, Adolescência e Violência Sexual*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Direito, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Araujo, N. M. D. (2018). *As relações de poder que se configuram na execução dos processos de compras: o caso da Unidade Acadêmica de Garanhuns e os demais agentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Ariès, P. (1981). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. D. A. (2000). *Políticas sociais e a violência doméstica contra crianças e adolescentes: breves incursões no panorama internacional*. *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 246-75.
- Batista, V. C., Back, I. R., Monteschio, L. V. C., Arruda, D. C. D., Rickli, H. C., Grespan, L. R., ... & Marcon, S. S. (2018). Perfil das notificações sobre violência sexual. *Revista de Enfermagem da UFPE on line*, 12(5), 1372-1380. doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i5a234546p1372-1380-2018>
- Bezerra, M. S. (2017). *Infância descolorida: a criança vítima de violência sexual e o trabalho interdisciplinar*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Penápolis, SP, Brasil. Recuperado de: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152674>
- Bonvicini, C. R., & Silva, J. C. da (2015). Violência e promoção da saúde. *Psicologia e Saúde em Debate*, 1(1), 78-88. doi: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V1N1A5>
- Borges, J., & Zingler, V. T. (2013). Fatores de risco e de proteção em adolescentes vítimas de abuso sexual. *Psicologia em Estudo*, 18(3) 453-463. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000300007>.
- Brasil. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei federal, v. 8, 1990.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde (2002). *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde*, Brasília. Recuperado de http://sisnov.campinas.sp.gov.br/biblioteca/crianca/maus_tratos.pdf
- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos (2018). Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. “*Violência contra Crianças e adolescentes: análise dos*

cenários e Propostas de Políticas Públicas”, Brasília. Recuperado de: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/384>

- Brasil. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (2016). Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. *Relatório Avaliativo ECA 25 anos + direitos - redução*, Brasília. Recuperado de: <http://flacso.org.br/files/2016/10/Relatorio-Avaliativo-ECA.pdf>
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.
- Casarin, J. M., Botelho, E. H. L., & Ribeiro, R. K. S. M. (2016). Ofensores sexuais avaliados pelo Desenho da Figura Humana. *Avaliação Psicológica*, 15(1), 61-72. doi: <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2016.1501.07>
- Castro, M. G. B. D. (2016). A infância e a cultura do consumo na contemporaneidade. *Movimento-Revista de Educação*, 0(3). doi: <https://doi.org/10.22409/mov.v0i3.267>
- Castro, R. (2009). A necessária reflexão sobre a cultura patriarcal na era da globalização. V *ENECULT*, Salvador, BA, Brasil, 5. Recuperado de <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19374.pdf>
- Costa, A. B., Zoltowski, A. P. C., Koller, S. H., & Teixeira, M. A. P. (2015). Construção de uma escala para avaliar a qualidade metodológica de revisões sistemáticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(8), 2441-2452. doi: [10.1590/1413-81232015208.10762014](https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.10762014)
- Costa, L. P. D. (2015). *Características biopsicossociais de autores de agressão sexual de crianças e/ou adolescentes em contexto intrafamiliar e extrafamiliar*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Costa, L. P., Cavalcante, L. C., & Reis, D. C. (2018). Autores de agressão sexual em contextos intra e extrafamiliar: revisão da literatura. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 26(2), 61-69. doi: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v26n2p61-69>
- Costa, L. P., Rocha, C. J. B., da, & Cavalcante, L. I. C. (2018). Características biopsicossociais entre acusados de agressão sexual contra crianças/adolescentes em contextos intra e extrafamiliar. *Trends in Psychology*, 26(1), 283-295. doi: <https://doi.org/10.9788/tp2018.1-11pt>
- Davidson, J. O. C. (2001). The sex exploiter. *Theme paper for the Second World Congress Against Commercial Sexual Exploitation of Children*. Recuperado de: <https://childhub.org/en/child-protection-online-library/oconnell-davidson-j-2001-sex-exploiter>
- Day, V. P., Telles, L. D. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. D., Machado, D. A., Silveira, M. B., ... & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(supl 1), pp. 9-21. ISSN 0101-8108. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000400003>.

- De Antoni, C., & Koller, S. H. (2002). Violência doméstica e comunitária. In M. L. J. Contini, S. H. Koller, & M. N. S. Barros (Eds.), *Adolescência e Psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas* (pp. 85-91). Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.
- De Antoni, C., Yunes, M. A. M., Habigzang, L., & Koller, S. H. (2011). Abuso sexual extrafamiliar: percepções das mães de vítimas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(1), 97-106. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000100010>
- Eliachef, C. (2007). Todos vítimas? A propósito dos maus tratos à criança. In A. S. Alto (Org.), *A Lei e as leis: direito e psicanálise* (pp. 163-172). Rio de Janeiro: Revinter.
- Esber, K. M. (2016). *As representações sociais sobre as vítimas para os autores de violência sexual contra crianças e adolescentes*. (Tese de Doutorado). Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6291/5/Tese%20%20Karen%20Michel%20Esber%20-%20202016.pdf>
- Facuri, C. D. O., Fernandes, A. M. D. S., Oliveira, K. D., Andrade, T. D. S., & Azevedo, R. C. S. D. (2013). Violência sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(5), 889-898. ISSN 0102-311X. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2013000500008>.
- Faleiros, V. D. P. (1998). Redes de Exploração e Abuso Sexual e Redes de Proteção. In: *Anais do VIII Congresso Nacional de Assistentes Sociais*, 9. Brasília. Recuperado de <https://institutochamaeleon.files.wordpress.com/2013/04/rede-de-explorac3a7c3a3o-e-abuso-sexual-e-redes-de-protec3a7c3a3o.pdf>
- Faleiros, V. D. P. (2009). A violência sexual contra crianças e adolescentes e a construção de indicadores: a crítica do poder, da desigualdade e do imaginário. *Ser Social*, (2), 37-56. doi: https://doi.org/10.26512/ser_social.v0i2.12842
- Faleiros, V. D. P., & Faleiros, E. S. (2007). *Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Ministério da Educação.
- Farmer, M., McAlinden, A. M., & Maruna, S. (2016). Sex offending and situational motivation: Findings from a qualitative analysis of desistance from sexual offending. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 60(15), 1756-1775. doi: <https://doi.org/10.1177/0306624X16668175>
- Feitoza, B. M. B. (2021). Poder e violência em Michel Foucault e Hannah Arendt: breves reflexões. Power and violence in Michel Foucault and Hannah Arendt: brief reflections. *Digitus-Sociotechnological Studies in Communications and Media (ISSN 2763-6917)*, 1(1). Recuperado de <https://geplat.com/digitus/index.php/rdg/article/download/17/11>
- Fermann, I. L., & Pelisoli, C. (2016). A Psicoterapia cognitivo-comportamental para Crianças e Adolescentes vítimas de Violência Psicológica e Alienação Parental. *Revista de Psicologia da IMED*, 8(1), 76-86. doi: <https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v8n1p76-86>

- Ferreirinha, I. M. N., & Raitz, T. R. (2010). As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Revista de Administração Pública*, 44, 367-383. doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122010000200008>
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar, manejo, terapia e intervenção legal*. In: *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar, manejo, terapia e intervenção legal integrados*. Porto Alegre: Artmed.
- Guerra, V. N. de A. (1998). *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. São Paulo: Cortez Editora.
- Habigzang, L. F., & Caminha, R. M. (2004). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Habigzang, L. F., Azevedo, G. A., Koller, S. H., & Machado, P. X. (2006). Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 379-386. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000300006>
- Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A. & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 21(3), 341-348. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>
- Habigzang, L. F., Koller, S. H., Stroehrer, F. H., Hatzenberger, R., Cunha, R. C., & Silva, R. da, M. (2008). Entrevista clínica com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Estudos de psicologia*, 13(3), 285-292. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/261/26119150011.pdf>
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2015). Psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: panorama e alternativas de atendimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(1), 182-198. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000202014>
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2017). “A boy, being a victim, nobody really buys that, you know?”: Dynamics of sexual violence against boys. *Child abuse & neglect*, 70, 53-64. doi: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.05.008>
- Inoue, S. R. V. e Ristum, M. (2008). Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25 (1), 11-21. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100002>
- Katz-Schiavone, S., Levenson, J. S., & Ackerman, A. R. (2008). Myths and facts about sexual violence: Public perceptions and implications for prevention. *Journal of Criminal Justice and Popular Culture*, 15(3), 291-311. Recuperado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.517.4544&rep=rep1&type=pdf>
- Krindges, C. A., Macedo, D. M., & Habigzang, L. F. (2016). Abuso sexual na infância e suas repercussões na satisfação sexual na idade adulta de mulheres vítimas. *Contextos Clínicos*, 9(1), 60-71. doi: [10.4013/ctc.2016.91.05](https://doi.org/10.4013/ctc.2016.91.05)

- Levenson, JS, Brannon, YN, Fortney, T. e Baker, J. (2007). Percepções públicas sobre criminosos sexuais e políticas de proteção comunitária. *Análises de questões sociais e políticas públicas*, 7(1), 137-161. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1530-2415.2007.00119.x>
- Magalhães, M. D. L. C., Reis, J. T. L. D., Furtado, F. M., Moreira, A. M. P., Fernandes, F. N., Carneiro, P. S. D. M., & Firmino, S. L. (2009). O profissional de saúde e a violência na infância e adolescência. *Femina*, 37(10). Recuperado de: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2009/v37n10/a006.pdf>
- Maia, A. C. (1995). Sobre a analítica do poder de Foucault. *Tempo social*, 7(1-2), 83-103. doi: <https://doi.org/10.1590/ts.v7i1/2.85208>
- Martins, C. B. D. G., & Jorge, M. H. P. D. M. (2010). Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 19(2), 246-255. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072010000200005>
- Martins, M. D. S. F. (2011). A sensação, a percepção e as desordens da percepção. *Psicologados Artigos*, ago. Recuperado de: <https://psicologado.com.br/neuropsicologia/a-sensacao-a-percepcao-e-as-desordens-da-percepcao>
- McKillop, N., Rayment-McHugh, S., Smallbone, S., & Bromham, Z. (2018). A comparison of individual, ecological and situational factors associated with adolescence-and adulthood-onset sexual abuse of children. *Report to the Criminology Research Advisory Council*. Grant: CRG 30/13-14. Recuperado de: <https://crg.aic.gov.au/reports/1819/30-1314-FinalReport.pdf>
- McMahon, S., & Baker, K. (2011). *Changing perceptions of sexual violence over time*. National online resource center on violence against women: October 2011. Recuperado de: https://vawnet.org/sites/default/files/materials/files/2016-09/AR_ChangingPerceptions.pdf
- MDH (2019). *Balanço – Disque 100*. Recuperado de <https://www.mdh.gov.br/informacao-a-cidadao/ouvidoria/balanco-disque-100>
- Medeiros, J. M. M. (2013). *As contradições da proteção social para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual intrafamiliar*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Recuperado de https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10613/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Jayce%20Medeiros.pdf
- Meneses, F. F. F., Stroher, L. M. C., Setubal, C. B., dos Santos Wolff, L., & Costa, L. F. (2016). Intervenção psicossocial com o adulto autor de violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes. *Contextos Clínicos*, 9(1), 98-108. doi: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2016.91.08>
- Minayo, M. D. S. (2009). *Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde*. Njaine K, Assis SG, Constantino P. Impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

- Miyahara, R. P. (2011). *Trabalhando com violência sexual contra a criança e o adolescente: a perspectiva do psicodrama na formação dos profissionais da rede de proteção*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16925>
- Monteiro, F. M., & Cardoso, G. R. (2013). A seletividade do sistema prisional brasileiro e o perfil da população carcerária. Um debate oportuno. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, 13(1), 93-117. doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2013.1.12592>
- Monteiro, S. R. D. R. P. (2012). O marco conceitual da vulnerabilidade social. *Sociedade em Debate*, 17(2), 29-40. Recuperado de <https://docplayer.com.br/40317461-O-marco-conceitual-da-vulnerabilidade-social.html>
- Moraes, M. D. S. B. (2017). *Homens autores de violência conjugal: Caracterização biopsicossocial, tipos de agressão praticada e suas consequências processuais*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Moura, A. D. S., & Koller, S. H. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico-USF*, 13, 85-94. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000100011>
- Moura, A. D. S., & Koller, S. H. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico-USF*, 13(1), 85-94. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000100011>
- Narvaz, M. G. e Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18 (1), 49-55. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>
- Neves, A. S., Castro, G. B. de, Hayeck, C. M. & Cury. D. G. (2010). Abuso sexual contra a criança e o adolescente: reflexões interdisciplinares. *Temas em Psicologia*, 18(1), 99-111. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100009&lng=pt&tlng=pt.
- Nunes, K. L., & Jung, S. (2012). Are Cognitive Distortions Associated With Denial and Minimization Among Sex Offenders?. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 25(2), 166-188. doi: [10.1177/1079063212453941](https://doi.org/10.1177/1079063212453941)
- Nunes, N. S. S. (2012). *Distorções cognitivas: comparação entre uma amostra forense e uma amostra normativa*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, PT, Portugal.
- O'Neil, M., & Morgan, P. (2010). *American perceptions of sexual violence*. Washington, DC: FrameWorks Institute.
- Odalía, N. (2017). *O que é violência*. São Paulo. Brasiliense.
- Organização Mundial da Saúde, & Krug, E. G. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde.

- Paludo, S. D. S., Ferreira, L. S., & Vega, L. B. D. S. (2017). Dilemas e desafios éticos na pesquisa sobre exploração sexual. *Revista da SPAGESP (online)*, 18(2), 115-128. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702017000200010&lng=pt.
- Passos, I. C. F. (2010). Violência e relação de poder. *Rev. Med. Minas Gerais*, 20(2), 234-241. Recuperado de <http://www.rmmg.org/sumario/30>
- Pedroso, S. L. (2015). *Perspectivas e desafios na atenção à crianças e adolescente vítimas de violência sexual no município de Juiz de Fora-MG*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.
- Pelisoli, C., Pires, J. P. M., de Almeida, M. E., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Violência sexual contra crianças e adolescentes: dados de um serviço de referência. *Temas em Psicologia*, 18(1), 85-97. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Pereira, J. A. T. C. (2011). *Distorções cognitivas e agressão sexual: estudo exploratório com agressores intra e extra-familiares*. (Dissertação de Mestrado) Mestrado em Ciências Forenses, Universidade do Porto, Porto, PT, Portugal.
- Pincolini, A. M. F., & Hutz, C. S. (2014). Abusadores sexuais adultos e adolescentes no sul do Brasil: pesquisa em denúncias e sentenças judiciais. *Temas em psicologia*, 22(2), 301-311. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.2-03>.
- Polanczyk, G. V., Zavaschi, M. L., Benetti, S., Zenker, R., & Gammerman, P. W. (2003). Violência sexual e sua prevalência em adolescentes de Porto Alegre, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 37(1), 8-14. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102003000100004>
- Rates, S. M. M., de Melo, E. M., Mascarenhas, M. D. M., & Malta, D. C. (2015). Violência infantil: uma análise das notificações compulsórias Brasil 2011. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 20(3). doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015203.15242014>
- Reis, D. C. (2016). *Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Características Biopsicossociais e Trajetórias de Vida*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Reis, D. C. dos, & Cavalcante, L. I. C. (2018). Autor de agressão sexual de criança/adolescente: Uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 23(2), 263-276. Recuperado de <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1460>
- Reis, D. C. dos, & Cavalcante, L. I. C. (2019). Avaliação de distorção cognitiva de autores de agressão sexual de criança e adolescente (aascas): Revisão sistemática da literatura. *Revista da SPAGESP*, 20(2), 99-116. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000200008&lng=pt&tlng=pt.

- Rocha, C. J. B. D. (2015). *A Violência Sexual e o Acolhimento Crianças e Adolescentes na Região Metropolitana de Belém (RMB)*. (Trabalho de conclusão de curso) Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Rocha, C. J. B. D. (2018) *A violência sexual e outros motivos para o acolhimento institucional de crianças e adolescentes: Um estudo comparativo*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(1), 33-41. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000100005>
- Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo: M. Books do Brasil.
- Sanfelice, M. M., & Antoni, C. D. (2010). A percepção do abusador sexual sobre a (sua) sexualidade. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(1), 131-139. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28420640014>
- Santos, S. S. dos, & Dell'Aglio, D. D. (2008). Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: ciclos de violência. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 595-606. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400014>.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & de Mattos Silves, E. F. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia. Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>.
- Serafim, A. de P., Saffi, F., Achá, M. F. F., & Barros, D. M. de. (2011). Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 38(4), 143-147. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832011000400006>
- Silva, I. S. (2013). *Distorções Cognitivas em Agressores Sexuais: Um Estudo Comparativo*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, PT, Portugal.
- Silva, M. G. N. D. & Carvalho, S. (2016). *Abuso sexual de crianças e adolescentes e sua relação com o uso de álcool e outras drogas psicoativas*. (Trabalho de conclusão de curso) Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Silveira, V. S. (2018). *Pobreza e Vulnerabilidade na Prática da Violência Sexual*. (Trabalho de conclusão de curso) Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Soares, E. M. R., da Silva, N. L. L., de Matos, M. A. S., Araújo, E. T. H., da Silva, L. D. S. R., & Lago, E. C. (2016). Perfil da violência sexual contra crianças e adolescentes. *Revista Interdisciplinar*, 9(1), 87-96. Recuperado de <https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/754>
- Sousa, J. R. D. & Pantoja, Z. C. (2016). *A relação entre os tipos de abuso sexual e as consequências biopsicossociais para crianças e adolescentes da Região Metropolitana*

- de Belém*. (Trabalho de conclusão de curso) Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Teixeira, J. N. D. S., Resende, A. C., & Perissinotto, R. (2020). Vitimização e Psicopatia em Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 19(2), 123-131. doi: <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1902.02>
- Van Den Berg, C., Bijleveld, C., & Hendriks, J. (2017). The juvenile sex offender: Criminal careers and life events. *Sexual Abuse*, 29(1), 81-101. doi: <https://doi.org/10.1177/1079063215580967>
- Vieira, M. S., Oliveira, S. B. D. , Sókora, C. A. D. (2017). A violência sexual contra crianças e adolescentes: particularidades da região Norte do Brasil. *Revista Intellector-ISSN 1807-1260-CENEGRI*, 13(26), 136-151. Recuperado de <http://www.cenegri.org.br/intellector/ojs-2.4.3/index.php/intellector/article/view/126>
- Vieira, S. M. A. (2010). *Ofensores Sexuais: Das Crenças ao Estilo de Pensamento [Sexual Offenders: From Beliefs to the Style of Thought]* (Tese de Doutorado). Faculdade de Psicologia, Universidade do Minho, Minho, PT, Portugal. Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14246>
- Ward, T., & Hudson, S. M. (1998a). A model of the relapse process in sexual offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 13(6), 700–725. doi: [10.1177/088626098013006003](https://doi.org/10.1177/088626098013006003).
- Ware, J., Marshall, W. L., & Marshall, L. E. (2015). Categorical denial in convicted sex offenders: The concept, its meaning, and its implication for risk and treatment. *Aggression and violent behavior*, 25, 215-226. doi: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.08.003>
- World Health Organization. (1999). *WHO recognizes child abuse as a major public health problem*. In WHO recognizes child abuse as a major public health problem. Recuperado de <https://www.who.int/inf-pr-1999/en/pr99-20.html>
- Ximenes, D. A. (2010). *Vulnerabilidade social* [CD-ROM]. Dicionário: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação.

Apêndice A - Formulário para Caracterização Biopsicossocial do Autor e da Vítima de Agressão Sexual

1 – IDENTIFICAÇÃO:

Nº do formulário _____ Nº do Processo _____ Data da abertura do processo: ____/____/____ Data da ocorrência da primeira agressão sexual: ____/____/____ <input type="checkbox"/> SI Data do B.O.: ____/____/____ <input type="checkbox"/> SI	Data da coleta: ____/____/____ Cargo/graduação do Aplicador: _____ Cidade: _____
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------

2. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

AGRESSOR (A)			VÍTIMA (V)		
Data de nascimento ____/____/____	Idade do crime sexual _____	<input type="checkbox"/> SI	Data de nascimento ____/____/____	Idade que sofreu a agressão sexual _____	<input type="checkbox"/> SI
Sexo	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> SI	Sexo	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> SI
Cor/Etnia	<input type="checkbox"/> Amarela <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Parda <input type="checkbox"/> Preta	<input type="checkbox"/> SI	Cor/Etnia	<input type="checkbox"/> Amarela <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Parda <input type="checkbox"/> Preta	<input type="checkbox"/> SI
Religião	<input type="checkbox"/> Católica <input type="checkbox"/> Espírita <input type="checkbox"/> Evangélica <input type="checkbox"/> Candomblé <input type="checkbox"/> Sem Religião <input type="checkbox"/> Outras: Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI	Religião	<input type="checkbox"/> Católica <input type="checkbox"/> Espírita <input type="checkbox"/> Evangélica <input type="checkbox"/> Candomblé <input type="checkbox"/> Sem Religião <input type="checkbox"/> Outras: Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI
Situa. Conjugal	<input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Separado () <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> União Estável <input type="checkbox"/> Viúvo	<input type="checkbox"/> SI	Faixa etária	<input type="checkbox"/> Adolescente <input type="checkbox"/> Criança	<input type="checkbox"/> SI
Possui filhos	<input type="checkbox"/> Sim. Quantos? _____ <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> SI	Mora com	<input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Irmãos <input type="checkbox"/> Avô <input type="checkbox"/> Avó <input type="checkbox"/> Primo (a) <input type="checkbox"/> Tio (a) <input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> SI
Bairro onde mora		<input type="checkbox"/> SI	Bairro onde mora		<input type="checkbox"/> SI
Onde nasceu	Cidade <input type="checkbox"/> SI	<input type="checkbox"/> SI	Onde nasceu	Cidade <input type="checkbox"/> SI	<input type="checkbox"/> SI
Onde mora	Cidade <input type="checkbox"/> SI	<input type="checkbox"/> SI	Onde Mora	Cidade <input type="checkbox"/> SI	<input type="checkbox"/> SI
Zona	<input type="checkbox"/> Urbana <input type="checkbox"/> Rural <input type="checkbox"/> Ribeirinha	<input type="checkbox"/> SI	Zona	<input type="checkbox"/> Urbana <input type="checkbox"/> Rural <input type="checkbox"/> Ribeirinha	<input type="checkbox"/> SI
Idade quando cometeu a 1ª agressão sexual		<input type="checkbox"/> SI	Idade quando sofreu o 1ª abuso sexual		<input type="checkbox"/> SI
Escolaridade	<input type="checkbox"/> Nunca estudou <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto/ Série que parou _____ <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental Completo <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto Série que parou; _____ <input type="checkbox"/> Ensino Médio Completo <input type="checkbox"/> Ensino Superior Incompleto/ Série que parou; _____ <input type="checkbox"/> Ensino Superior Completo/ Qual curso: _____	<input type="checkbox"/> SI	Escolaridade	<input type="checkbox"/> Nunca estudou <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto/ Série que parou _____ <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental Completo <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto Série que parou; _____ <input type="checkbox"/> Ensino Médio Completo <input type="checkbox"/> Ensino Superior Incompleto/ Série que parou; _____ <input type="checkbox"/> Ensino Superior Completo/ Qual curso: _____	<input type="checkbox"/> SI

Com vínculo de Parentesco	<input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Irmão <input type="checkbox"/> Avô (ó) <input type="checkbox"/> Primo (a) <input type="checkbox"/> Tio (a)	<input type="checkbox"/> SI	Com vínculo de Parentesco	<input type="checkbox"/> Filho (a) <input type="checkbox"/> Neto (a) <input type="checkbox"/> Primo (a) <input type="checkbox"/> Sobrinho (a)	<input type="checkbox"/> SI
Sem vínculo de parentesco	<input type="checkbox"/> Amiga (o) <input type="checkbox"/> Babás <input type="checkbox"/> Colega de escola <input type="checkbox"/> Cunhada (o) <input type="checkbox"/> Desconhecida (o) <input type="checkbox"/> Padrasto/Madastra <input type="checkbox"/> Vizinho (a) <input type="checkbox"/> Namorada (o) <input type="checkbox"/> Professor (a) <input type="checkbox"/> Não se aplica <input type="checkbox"/> Outros: Quais _____	<input type="checkbox"/> SI	Sem vínculo de parentesco	<input type="checkbox"/> Aluna (o) <input type="checkbox"/> Amiga (o) <input type="checkbox"/> Babás <input type="checkbox"/> Colega da Escola <input type="checkbox"/> Cunhado (a) <input type="checkbox"/> Desconhecida (o) <input type="checkbox"/> Enteadado (a) <input type="checkbox"/> Namorado (a) <input type="checkbox"/> Vizinho (a) <input type="checkbox"/> Não se aplica <input type="checkbox"/> Outros: Quais?	<input type="checkbox"/> SI
Saúde	<input type="checkbox"/> Condições Médicas Graves: Qual? _____ <input type="checkbox"/> Deficiência: <input type="checkbox"/> físico-motora <input type="checkbox"/> auditiva <input type="checkbox"/> visual <input type="checkbox"/> Intelectual <input type="checkbox"/> Laudo Transtorno Mental: Qual? _____ <input type="checkbox"/> Laudo Síndrome Cerebral Orgânica: Qual? _____ <input type="checkbox"/> Transtorno Mental/Parafilia (Pedofilia) <input type="checkbox"/> Outros: _____	<input type="checkbox"/> SI	Saúde	<input type="checkbox"/> Condições Médicas Graves: Qual? _____ <input type="checkbox"/> Deficiência: <input type="checkbox"/> físico-motora <input type="checkbox"/> auditiva <input type="checkbox"/> visual <input type="checkbox"/> Intelectual <input type="checkbox"/> Transtorno Mental: Qual? _____ <input type="checkbox"/> Síndrome Cerebral Orgânica: Qual? _____ <input type="checkbox"/> Outros: _____	<input type="checkbox"/> SI
Ocupação		<input type="checkbox"/> SI	Ocupação	<input type="checkbox"/> Estudante <input type="checkbox"/> Aprendiz <input type="checkbox"/> Estagiário <input type="checkbox"/> Não se aplica	
Condição	<input type="checkbox"/> Empregado <input type="checkbox"/> Trabalho eventual <input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Autônomo <input type="checkbox"/> Aposentado <input type="checkbox"/> Outros				<input type="checkbox"/> SI

3. DADOS PROCESSUAIS

AUTOR DE AGRESSOR (A) SEXUAL				
Bairro onde aconteceu o ato		<input type="checkbox"/> Zona Urbana <input type="checkbox"/> Zona Rural	<input type="checkbox"/> Período Diurno <input type="checkbox"/> Período Noturno	<input type="checkbox"/> SI
	Local onde aconteceu o ato:			<input type="checkbox"/> SI
Agressão sexual:	<input type="checkbox"/> Intrafamiliar <input type="checkbox"/> Extrafamiliar			<input type="checkbox"/> SI
Confessou:	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			<input type="checkbox"/> SI
Se sim qual foram os Motivos:				<input type="checkbox"/> SI
Tempo de duração da Agressão Sexual (meses/ano).				<input type="checkbox"/> SI
Quantas vezes por semana				<input type="checkbox"/> SI

Onde foi realizado o BOP	Delegacia:	<input type="checkbox"/> SI
Tipificação do Ato		<input type="checkbox"/> SI
Aplicação da pena (ATO)		<input type="checkbox"/> SI
Quantos processos e condenações anteriores	<input type="checkbox"/> Nenhuma _____ <input type="checkbox"/> 05 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 01 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 06 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 02 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 07 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 03 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 08 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 04 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 09 Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI
Tempo de abertura de processo		<input type="checkbox"/> SI
Julgamento	<input type="checkbox"/> Liminar <input type="checkbox"/> Julgamento de 1ª grau / Qual encaminhamento/medidas: _____ <input type="checkbox"/> Julgamento de 2ª grau/ Qual encaminhamento/medidas: _____ <input type="checkbox"/> Julgamento de 3ª grau/ Qual encaminhamento/medidas: _____	<input type="checkbox"/> SI
Data da sentença definitiva	Data: ____/____/____	<input type="checkbox"/> SI
Fatores de risco individual para Agressão sexual	<input type="checkbox"/> Agressividade <input type="checkbox"/> Humor eufórico <input type="checkbox"/> Problemas com a aparência física <input type="checkbox"/> Ciúme patológico <input type="checkbox"/> Humor ansioso <input type="checkbox"/> Ter alguma doença grave ou lesões sérias <input type="checkbox"/> Cognição confusa <input type="checkbox"/> Ideação homicida <input type="checkbox"/> Tentativa de suicídio <input type="checkbox"/> Delírio <input type="checkbox"/> Ideação suicida <input type="checkbox"/> Uso de drogas ilícitas <input type="checkbox"/> Fobias <input type="checkbox"/> Impulsividade <input type="checkbox"/> Uso abusivo do álcool <input type="checkbox"/> Humor deprimido <input type="checkbox"/> Memória preservada <input type="checkbox"/> Outros: Quais? _____ <input type="checkbox"/> Humor desesperançado <input type="checkbox"/> Obsessão/compulsão <input type="checkbox"/> Humor irritável <input type="checkbox"/> Paranoia	<input type="checkbox"/> SI
Fatores de risco na família para Agressão Sexual	<input type="checkbox"/> Abandono <input type="checkbox"/> Não ter recebido cuidado ou atenção dos pais <input type="checkbox"/> Violência institucional <input type="checkbox"/> Baixo nível econômico da família <input type="checkbox"/> Negligência familiar <input type="checkbox"/> Violência psicológica <input type="checkbox"/> Falecer alguém importante <input type="checkbox"/> Passar fome <input type="checkbox"/> Violência física <input type="checkbox"/> Fugir de casa <input type="checkbox"/> Tem alguém doente da família <input type="checkbox"/> Outros: Quais? _____ <input type="checkbox"/> Separação dos pais <input type="checkbox"/> Um dos pais ter se casado novamente <input type="checkbox"/> Sofrer grave acidente <input type="checkbox"/> Violência sexual	<input type="checkbox"/> SI

Fator de risco contextual para Agressão sexual	<input type="checkbox"/> Acesso à bebida alcoólica <input type="checkbox"/> Acesso ao crack <input type="checkbox"/> Acesso a anabolizante <input type="checkbox"/> Acesso à cocaína <input type="checkbox"/> Acesso a remédio <input type="checkbox"/> Acesso à maconha <input type="checkbox"/> Acesso a cigarro	<input type="checkbox"/> Dormir na rua <input type="checkbox"/> Fanatismo Religioso <input type="checkbox"/> Ficar grávida ou namorada grávida <input type="checkbox"/> Problemas com a justiça <input type="checkbox"/> Problemas habitacionais (mudanças de casa) <input type="checkbox"/> Problemas educacionais <input type="checkbox"/> Problemas ocupacionais (perda do emprego)	<input type="checkbox"/> Problemas com o sistema legal/criminal <input type="checkbox"/> Problemas econômicos <input type="checkbox"/> Problemas com o social (não ter amigos) <input type="checkbox"/> Ser morador de rua <input type="checkbox"/> Ter sido acolhido no abrigo <input type="checkbox"/> Ter histórico criminal <input type="checkbox"/> Outros. Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI
Argumentos Oferecidos pela Defesa: <input type="checkbox"/> Outros. Quais? _____	<input type="checkbox"/> Atribuem os sintomas da violência sexual ao afastamento da mãe do lar <input type="checkbox"/> Calúnia da mãe por vingança, raiva e desavença com o autor de agressão sexual <input type="checkbox"/> Calúnia da vítima para não se submeter às ordens e regras do agressor <input type="checkbox"/> Mal entendido <input type="checkbox"/> Negação da Agressão Sexual <input type="checkbox"/> Parentes e amigos induziram a vítima, para retirar ele de caso ou por detestarem o autor de agressão sexual <input type="checkbox"/> Responsabiliza a vítima pela violência <input type="checkbox"/> Responsabiliza outras pessoas pela violência			<input type="checkbox"/> SI

4. DADOS PROCESSUAIS

VÍTIMA Depoimento sem dano <input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2)					
Houve mais de uma vítima:	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			<input type="checkbox"/> SI	
Caso a resposta seja "sim", a outra vítima era da mesma família?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> SI	Quantas e Quem eram? _____	<input type="checkbox"/> SI	
Quem fez a denúncia	<input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Vítima <input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Outros parentes: Qual? _____ <input type="checkbox"/> Instituição: Qual? _____			<input type="checkbox"/> SI	
Os primeiros encaminhamentos adotados	<input type="checkbox"/> Ao Conselho Tutelar <input type="checkbox"/> Ao CREAS	<input type="checkbox"/> À Escola <input type="checkbox"/> À Polícia	<input type="checkbox"/> Ao CRAS <input type="checkbox"/> Ao hospital ou unidade pública de saúde	<input type="checkbox"/> Outras: Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI

Agressão sexual foi comprovada?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> SI	
Houve confirmação pelo IML?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> N.A.			
A principal forma de comprovação	<input type="checkbox"/> Avaliação Psicológica <input type="checkbox"/> Depoimento da vítima <input type="checkbox"/> Depoimento de outros familiares <input type="checkbox"/> Exames ginecológicos <input type="checkbox"/> Exame de corpo e delito <input type="checkbox"/> Laudos do IML <input type="checkbox"/> Relato da mãe . Outras: Quais? _____ <input type="checkbox"/> N.A.		<input type="checkbox"/> SI	
Se “não” houve comprovação da agressão por quê?	<input type="checkbox"/> Não houve confirmação <input type="checkbox"/> Não havia informação suficiente <input type="checkbox"/> Outras: Quais?		<input type="checkbox"/> SI	
Indícios que contribuíram para que a ocorrência não fosse confirmada	<input type="checkbox"/> Ausência de Exame Médico ou provas materiais <input type="checkbox"/> Depoimento do agressor <input type="checkbox"/> Depoimento da mãe da vítima <input type="checkbox"/> Depoimento da Vítima <input type="checkbox"/> Laudos do IML <input type="checkbox"/> Outras: Quais?			
Tipos de violência sofrida pela vítima, além da agressão sexual.	<input type="checkbox"/> Abandono (AB) <input type="checkbox"/> Negligência familiar (NF)	<input type="checkbox"/> Violência psicológica (VPS) <input type="checkbox"/> Violência Institucional (VI)	<input type="checkbox"/> Violência física (VF) <input type="checkbox"/> Violência Patrimonial (VP)	<input type="checkbox"/> SI
Severidade e gravidade da agressão sexual	<input type="checkbox"/> Agressão sexual com uso da força e/ou outro tipo de coerção severa (Handson) <input type="checkbox"/> Agressão sexual com “menos” severos como exibicionismo e abuso verbal (Handsoff) <input type="checkbox"/> Com contato físico sem uso da força, com sedução.		<input type="checkbox"/> SI	
Atos de agressão sexual contra a vítima	<input type="checkbox"/> Assédio <input type="checkbox"/> Esfregar-se na vítima ou passar a mão no corpo <input type="checkbox"/> Exibicionismo da genitália do autor <input type="checkbox"/> Masturbação da vítima pelo agressor e vice-versa <input type="checkbox"/> Obrigação de assistir relações sexuais de terceiros <input type="checkbox"/> Tirar as roupas da vítima <input type="checkbox"/> Sexo vaginal <input type="checkbox"/> Sexo anal <input type="checkbox"/> Sexo oral <input type="checkbox"/> Outras: Quais? _____		<input type="checkbox"/> SI	
Relato da reação da vítima para cessar a agressão sexual	<input type="checkbox"/> Gritar <input type="checkbox"/> Fugir do agressor <input type="checkbox"/> Empurrar agressor <input type="checkbox"/> Outras: Quais?		<input type="checkbox"/> SI	
As principais condições físicas e psicológicas após a situação de agressão sexual	<input type="checkbox"/> Agressividade comportativa <input type="checkbox"/> Comportamentos delinquentes (infrações ou delitos) <input type="checkbox"/> Dificuldade na escola	<input type="checkbox"/> Falta de limite <input type="checkbox"/> Manifestações emocionais <input type="checkbox"/> Problemas relacionados à sexualidade <input type="checkbox"/> Gravidez	<input type="checkbox"/> Sintomatologia Psicológica _____ <input type="checkbox"/> Tentativas de Suicídio <input type="checkbox"/> Inibição afetiva e Social (introversão ou isolamento) <input type="checkbox"/> Outras: Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI

III – SAÚDE		
Nasceu de parto normal?		
Teve alguma complicação no parto?	Se sim, indique qual:	
Nasceu com alguma deficiência	Se sim, indique qual:	
Sofreu agressão física?	Se sim, com que idade:	
Sofreu agressão verbal?	Se sim, com que idade:	
Sofreu agressão sexual?	Se sim, com que idade:	
Teve alguma doença mental/psicológica ou dos nervos?	Se sim, indique qual:	
Teve alguma doença sexualmente transmissível?	Se sim, com que idade e qual o tipo?	Que idade
Como você acha que contraiu esta doença?		
Você se envolveu alguma vez em briga?	Se sim, com que idade:	Em que local?
Tentou suicídio alguma vez?	Se sim, indique qual idade:	Por quê?
Considerando a sua experiência pessoal, responda às questões abaixo:		
Tipos	Já experimentou ao menos uma vez na vida?	Que idade você tinha quando usou pela 1ª vez?
Bebida alcoólica		
Cigarro comum		
Maconha		
Cola, solventes, <i>thinner</i> , lança-perfume, acetona		
Cocaína		
<i>Crack</i>		
<i>Ecstasy</i>		
Remédio para emagrecer sem receita médica		
Anabolizante		
Remédio para “ficar doidão”		
Chá para “ficar doidão”		
Outra		
Frequência que isso acontecia		

IV – EDUCAÇÃO	
Seus pais estudaram?	Comente:
Você foi estimulado pela sua família a estudar?	Explique:
Completo todas as séries?	Em caso negativo, qual (ais) a (s) série(s)?
Quantos anos você tinha quando isso aconteceu	
Explique quais os motivos que fizeram você não completar a série?	
Foi alguma vez expulso da escola?	Em caso afirmativo, qual série?
Explique os motivos	

VI-VIOLÊNCIA		
Tipos	Com que frequência esta situação acontecia	Indique quem fez isto com mais frequência
Ameaça ou humilhação		
Soco ou surra		
Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)		
Mexeu no meu corpo contra a minha vontade		
Relação sexual forçada		

ENTREVISTAS SOBRE OS CICLOS DE VIDA

1. Infância: Relações (explorar esta fase do ciclo vital)

Fale-me sobre sua infância...

Que lembranças você tem de sua infância? (Explorar lembranças boas/ruins).

Fale-me de sua família. (Explorar relações com irmãos, primos, outras crianças que viviam na mesma casa).

Como era ser uma criança nesta família?

Como você acha que sua mãe/pai o descreveriam?

Que lembranças você tem de sua infância na sua família?

Conte-me sobre um episódio bom.

Conte-me sobre um episódio ruim (**se não mencionar vitimização na infância por abuso sexual perguntar se passou por alguma experiência relacionada ao fato**)

Fale-me de sua escola. (Explorar relações com colegas, professores, atividades no recreio, desempenho escolar)

Você tinha amigos (as) na escola? Fale-me sobre eles...

Como você acha que sua professora o descreveria?

Que lembranças você tem de sua infância na sua escola? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim.

Fale-me de seus amigos fora da escola...

Quem eram estes amigos (as)? Fale-me sobre eles...

Que lembranças você tem de sua infância no seu bairro? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim. Do que você mais gostava de brincar? Por quê? Como ocupava seu tempo?

2. Adolescência: Relações (explorar esta fase do ciclo vital)

Fale-me de você, como um adolescente...

Como era sua família quando você era adolescente?

Como era ser um **Adolescente** nesta família?

Quem eram as pessoas com as quais convivia?

Como era sua relação com elas? (Explorar relações com irmãos, primos, outras crianças que viviam na mesma casa, durante a adolescência) Como ocupava seu tempo?

Conte-me sobre um acontecimento bom e um ruim em sua adolescência. Como você acha que sua mãe/pai o descreveriam na Adolescência?

Que lembranças você tem de sua **Adolescência** na sua família? Conte-me sobre um episódio bom.

Conte-me sobre um episódio ruim (se **não mencionar vitimização na infância por abuso sexual perguntar se passou por alguma experiência relacionada ao fato**)

Fale-me de sua escola. (Explorar relações com colegas, professores, atividades no recreio, desempenho escolar) Você tinha amigos (as) na escola? Fale-me sobre eles...

Como você acha que sua professora o descreveria?

Que lembranças você tem de sua **Adolescência** na sua escola? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim. Fale-me de seus amigos fora da escola...

Quem eram estes amigos (as)? Fale-me sobre eles...

Que lembranças você tem de sua **Adolescência** no seu bairro? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim.

Do que você mais gostava de brincar? Por quê? Como ocupava seu tempo?

Fale-me dos seus relacionamentos amoroso na sua **Adolescência**

4 Vida adulta: Relações (explorar esta fase do ciclo vital) Como foi sua vida afetiva na vida **adulta**?

Fale-me de acontecimentos bons e ruins na vida **adulta**

Fale-se do seu trabalho na vida **adulta**

Fale-me do nascimento dos seus **filhos**

Como é sua relação com a sua família de origem Fale-me de você hoje, como um adulto.

Quem é sua família?

Quem são as pessoas com as quais convive? Como é sua relação com elas? (Explorar relações com irmãos, primos, outras crianças que vivem na mesma casa) Como você acha que sua família o descreveria hoje.

VI – SEXUALIDADE		
O que é sexualidade para você?		
Quem foi a primeira pessoa a falar sobre sexualidade com você?	Que idade você tinha?	
E nas outras vezes, com quem você falou sobre sexualidade?	Que idade você tinha?	
Que idade você tinha quando teve acesso a revistas e/ou filmes pornográficos?	Como você tinha acesso?	
Com que idade começou a namorar?	Com quem?	
Com que idade você teve sua primeira relação sexual?		
Com quem foi a sua primeira relação sexual?		
Quantos parceiros sexuais você teve até hoje?		
Quantos eram do sexo masculino?		
Quantos eram do sexo feminino?		
Na sua infância , você foi abordado por alguém para manter relação sexual?	Se sim, que idade você tinha:	
Quem lhe convidou?		
Na sua adolescência você foi abordado por alguém para manter relação sexual?	Se sim, que idade você tinha:	
Quem lhe convidou?		
Manteve relação sexual em troca de dinheiro, favor ou vantagem?	Se sim, que idade você tinha?	Com quem?
Você recebeu alguma vez orientação sobre violência ou agressão sexual (o que é, como se prevenir, etc)?	Se sim, que idade você tinha?	
Quem falou com você sobre violência ou agressão sexual?		

VII – REDE DE APOIO		
Você tinha amigos na infância?	Qual idade do seu amigo?	
Você tinha amigos na adolescência?	Qual idade do seu amigo?	
Você tinha amigos na juventude	Qual idade do seu amigo?	
Você tem amigos hoje?	Qual idade do seu amigo?	
Se não, qual o motivos?		
Durante a sua infância participava de algum grupo ou associação?	Se sim, que idade tinha?	E qual grupo?
Durante a sua adolescência participava de algum grupo ou associação?	Se sim, que idade tinha?	E qual grupo?
Durante a sua juventude participava de algum grupo ou associação?	Se sim, que idade tinha?	E qual grupo?
Você trabalhava na sua infância?	Se sim, que idade tinha?	Qual tipo de trabalho
Você trabalhava na sua adolescência?	Se sim, que idade tinha?	Qual tipo de trabalho
Você trabalhava na sua juventude?	Se sim, que idade tinha?	Qual tipo de trabalho

Tinha alguma profissão, antes de ser preso?	Se sim, qual?
Foi demitido alguma vez?	
Teve problemas com descumprimento da lei?	Qual foi o motivo?
No período em que o processo foi instaurado e o cumprimento da sentença você recebeu ajuda de quem?	

ENTREVISTA COGNITIVA

1. Se uma criança sente-se atraído por um adulto eles podem manter relação sexual? Exemplifique
2. Se uma adolescente sente-se atraído por um adulto eles podem manter relação sexual? Exemplifique
3. O que você acha de uma pessoa adulta que manteve relação sexual com uma criança? Exemplifique
4. O que você acha de uma pessoa adulta que manteve relação sexual com um adolescente? Exemplifique
5. Se alguém fizesse algo semelhante a uma pessoa que lhe é querida como reagiria?
6. Uma criança ou um adolescente que mantém relação sexual com um adulto é uma agressão sexual? Comente
7. O que você acha que é uma agressão? Exemplifique
8. O que você acha que é uma agressão sexual? Exemplifique
9. O que leva uma pessoa a agredir sexualmente uma criança ou um adolescente?
10. Você consegue se perceber como uma pessoa assim (que manteve relação sexual com uma criança/adolescente)?
11. Você foi julgado pelo crime de agressão sexual contra criança e adolescência. O que você tem a dizer sobre isso?
12. Conhecia a criança/adolescente? Fala como ela era (Descreva-a, explore aspectos como aparência, atitudes, percepção de inteligência e maturidade, deficiência, etc).
13. Qual o seu relacionamento com ela?
14. Quem era a criança/adolescente?
15. Quantos anos ela tinha?
16. A criança/adolescente o atraía?
17. Acha que a criança/adolescente o provocou?
18. Costuma a pensar nessa (e) criança/adolescente?
19. Você foi encaminhado até aqui por um juiz para cumprir uma sentença de pena.
20. Acha que a pena foi justa?
21. Qual o sentimento de estar cumprindo essa sentença?
22. Que explicação encontra para a agressão praticada?
23. Acha que lhe provocou sofrimento? Quando praticou o crime estava tranquilo ou extremamente ansioso?
24. Quanto praticou o crime você tinha bebido ou estava drogado, e isso pode ter levado você a cometer a agressão? Comente
25. Considera-se culpado?
26. Considera-se uma vítima?

27. Os outros presos conhecem seu crime pelo qual você foi condenado?
28. Você é tratado de forma diferente dos outros reclusos?
29. Você é penalizado aqui pelo seu crime?
30. Minimiza ou nega a culpa por seu crime?
31. Consegue entender o seu comportamento?
32. Acha que tem controle sobre o seu comportamento, ou age movido por força desconhecida? Tem dificuldade de lidar com isso?
33. Se você pudesse voltar no passado o que faria diferente?
34. Como você acha que a criança ou o adolescente que você foi acusado de agredir se sente?
35. Pensando em sua vida hoje, você acha que sua história influenciou em algo que acontece no momento atual?
36. Quais os seus medos atuais?
37. Julga que irá sair um homem diferente após reclusão?
38. O que você acha que acontecerá depois que cumprir a sentença?
39. Julga voltar a ter o mesmo comportamento após o cumprimento da pena?
40. Você está recebendo atendimento no sistema penitenciário? Qual o tipo? Você acha que esse atendimento satisfaz as suas necessidades?
41. Qual o atendimento que você gostaria de receber?
42. Como você quer que seja sua vida no futuro?
43. Fale-me sobre coisas boas que você quer que aconteçam.
44. O que você achou desta entrevista? Quer acrescentar alguma informação.

Apêndice C - Formulário Adaptado para Caracterização Biopsicossocial do Autor e da Vítima de Agressão Sexual

1 – IDENTIFICAÇÃO:

Nº do formulário _____ Nº do Processo _____ Data da autuação: ___/___/___ Data da ocorrência da primeira agressão sexual: ___/___/___ <input type="checkbox"/> SI Data do B.O.: ___/___/___ <input type="checkbox"/> SI	Data da coleta: ___/___/___ Cargo/graduação do Aplicador: _____ Cidade: _____
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------

5. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

AGRESSOR (A)			VÍTIMA (V)	
Data de nascimento ___/___/___	Idade do crime/ato infracional sexual: _____	<input type="checkbox"/> SI	Data de nascimento ___/___/___	Idade que sofreu a agressão sexual: _____ <input type="checkbox"/> SI
Faixa etária	<input type="checkbox"/> Criança (1) (0 – 11 anos) <input type="checkbox"/> Adolescente (2) (12 – 17 anos) <input type="checkbox"/> Jovem (3) (18 – 29 anos) <input type="checkbox"/> Adulto (4) (30 – 59 anos) <input type="checkbox"/> Idoso (5) (≥ 60)	<input type="checkbox"/> SI	Faixa etária	<input type="checkbox"/> Criança (1) (0 – 11 anos) <input type="checkbox"/> Adolescente (2) (12 – 17 anos) <input type="checkbox"/> Jovem (3) (18 – 29 anos) <input type="checkbox"/> Adulto (4) (30 – 59 anos) <input type="checkbox"/> Idoso (5) (≥ 60)
Sexo	<input type="checkbox"/> Feminino (1) <input type="checkbox"/> Masculino (2)	<input type="checkbox"/> SI	Sexo	<input type="checkbox"/> Feminino (1) <input type="checkbox"/> Masculino (2) <input type="checkbox"/> SI
Orientação Sexual	<input type="checkbox"/> Heterossexual (1) <input type="checkbox"/> Homossexual (2) <input type="checkbox"/> Bissexual (3) <input type="checkbox"/> Transsexual (4) <input type="checkbox"/> Outros (20) <input type="checkbox"/> N.A. (50).	<input type="checkbox"/> SI	Orientação Sexual	<input type="checkbox"/> Heterossexual (1) <input type="checkbox"/> Homossexual (2) <input type="checkbox"/> Bissexual (3) <input type="checkbox"/> Transsexual (4) <input type="checkbox"/> Outros (20) <input type="checkbox"/> N.A. (50)
Cor/Etnia	<input type="checkbox"/> Amarela (1) <input type="checkbox"/> Branca (2) <input type="checkbox"/> Parda (3) <input type="checkbox"/> Preta (4) <input type="checkbox"/> Indígena (5)	<input type="checkbox"/> SI	Cor/Etnia	<input type="checkbox"/> Amarela (1) <input type="checkbox"/> Branca (2) <input type="checkbox"/> Parda (3) <input type="checkbox"/> Preta (4) <input type="checkbox"/> Indígena (5) <input type="checkbox"/> SI
Religião	<input type="checkbox"/> Católica (1) <input type="checkbox"/> Espírita (2) <input type="checkbox"/> Evangélica (3) <input type="checkbox"/> Religiões de Matrizes Africanas (4) <input type="checkbox"/> Sem Religião (5) <input type="checkbox"/> Outras (20)/ Qual? _____	<input type="checkbox"/> SI	Religião	<input type="checkbox"/> Católica (1) <input type="checkbox"/> Espírita (2) <input type="checkbox"/> Evangélica (3) <input type="checkbox"/> Religiões de Matrizes Africanas (4) <input type="checkbox"/> Sem Religião (5) <input type="checkbox"/> Outras (20)/ Qual? _____ <input type="checkbox"/> SI
Situa. Conjugal	<input type="checkbox"/> Casado (1) <input type="checkbox"/> Divorciado (2) <input type="checkbox"/> Separado (3) <input type="checkbox"/> Solteiro (4) <input type="checkbox"/> União Estável (5) <input type="checkbox"/> Viúvo (6) <input type="checkbox"/> Namoro (7) <input type="checkbox"/> Noivado (8) <input type="checkbox"/> N.A. (50).	<input type="checkbox"/> SI	Situa. Conjugal	<input type="checkbox"/> Casado (1) <input type="checkbox"/> Divorciado (2) <input type="checkbox"/> Separado (3) <input type="checkbox"/> Solteiro (4) <input type="checkbox"/> União Estável (5) <input type="checkbox"/> Viúvo (6) <input type="checkbox"/> Namoro (7) <input type="checkbox"/> Noivado (8) <input type="checkbox"/> N.A. (50) <input type="checkbox"/> SI
Possui filhos	<input type="checkbox"/> Sim (1) Quantos? _____ <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI	Possui filhos	<input type="checkbox"/> Sim (1) Quantos? _____ <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50) <input type="checkbox"/> SI
Idade que teve o primeiro filho	<input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI	Idade que teve o primeiro filho	<input type="checkbox"/> N.A. (50) <input type="checkbox"/> SI
			Está gestante atualmente?	<input type="checkbox"/> Sim (1) Quantos meses? ___ <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50) <input type="checkbox"/> SI
Mora com	<input type="checkbox"/> Mãe (1) <input type="checkbox"/> Pai (2) <input type="checkbox"/> Irmão(s) (3) Quantos? ___ <input type="checkbox"/> Avô (4) <input type="checkbox"/> Avó (5) <input type="checkbox"/> Primo (a) (6) <input type="checkbox"/> Tio (a) (7) <input type="checkbox"/> Outros (20). Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI	Mora com	<input type="checkbox"/> Mãe (1) <input type="checkbox"/> Pai (2) <input type="checkbox"/> Irmão(s) (3) Quantos? ___ <input type="checkbox"/> Avô (4) <input type="checkbox"/> Avó (5) <input type="checkbox"/> Primo (a) (6) <input type="checkbox"/> Tio (a) (7) <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/> SI

				(20). Quais? _____					
Relação paterna do agressor	Registro nome do pai: <input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) Orfandade: <input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) Conheceu o pai? <input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) Se sim, convive com o pai? <input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2)				<input type="checkbox"/> SI				
Bairro onde mora		<input type="checkbox"/> SI	Bairro onde mora		<input type="checkbox"/> SI				
Onde nasceu	Cidade	<input type="checkbox"/> SI	Estado	<input type="checkbox"/> SI	Onde nasceu	Cidade	<input type="checkbox"/> SI	Estado	<input type="checkbox"/> SI
Onde mora	Cidade	<input type="checkbox"/> SI	Estado	<input type="checkbox"/> SI	Onde Mora	Cidade	<input type="checkbox"/> SI	Estado	<input type="checkbox"/> SI
Zona	<input type="checkbox"/> Urbana (1) <input type="checkbox"/> Rural (2) <input type="checkbox"/> Ribeirinho (3)			<input type="checkbox"/> SI	Zona	<input type="checkbox"/> Urbana (1) <input type="checkbox"/> Rural (2) <input type="checkbox"/> Ribeirinho (3)			<input type="checkbox"/> SI
Idade quando cometeu a 1ª agressão sexual				<input type="checkbox"/> SI	Idade quando sofreu o 1º abuso sexual				<input type="checkbox"/> SI
Escolaridade	<input type="checkbox"/> Nunca estudou (1) <input type="checkbox"/> Creche (2) <input type="checkbox"/> Pré-escola (3) <input type="checkbox"/> E.F.I. (4)/ Ano/Série _____ <input type="checkbox"/> E.F.C (5) <input type="checkbox"/> E.M.I. (6)/ Ano/Série _____ <input type="checkbox"/> E.M.C. (7) <input type="checkbox"/> E. S. I. (8)/Curso: _____ <input type="checkbox"/> E.S.C. (9)/Curso: _____			<input type="checkbox"/> SI	Escolaridade	<input type="checkbox"/> Nunca estudou (1) <input type="checkbox"/> Creche (2) <input type="checkbox"/> Pré-escola (3) <input type="checkbox"/> E.F.I. (4)/ Ano/série _____ <input type="checkbox"/> E. F. C (5) <input type="checkbox"/> E.M.I. (6)/Ano/série _____ <input type="checkbox"/> E.M.C. (7) <input type="checkbox"/> E. S. I. (8)/Curso: _____ <input type="checkbox"/> E.S.C. (9)/Curso: _____			<input type="checkbox"/> S
Evasão escolar	<input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50). Ano/série que evadiu: Motivo da evasão:			<input type="checkbox"/> SI	Evasão escolar	<input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50) Ano/série que evadiu? Motivo da evasão:			<input type="checkbox"/> SI

Com vínculo de Parentesco	<input type="checkbox"/> Mãe (1) <input type="checkbox"/> Pai (2) <input type="checkbox"/> Irmão (3) <input type="checkbox"/> Avô (ó) (4) <input type="checkbox"/> Avôdrasto (5) <input type="checkbox"/> Primo (a) (6) <input type="checkbox"/> Tio (a) (7) <input type="checkbox"/> Padrasto/Madrasta (8) <input type="checkbox"/> Cunhada (o) (9) <input type="checkbox"/> Cônjuge (10) <input type="checkbox"/> Ex-cônjuge (11) <input type="checkbox"/> N.A. (50) <input type="checkbox"/> Outros (20) _____	<input type="checkbox"/> SI	Com vínculo de Parentesco	<input type="checkbox"/> Filho (a) (1) <input type="checkbox"/> Neto (a) (2) <input type="checkbox"/> Primo (a) (3) <input type="checkbox"/> Sobrinho (a) (4) <input type="checkbox"/> Enteadado (a) (5) <input type="checkbox"/> Cunhado (a) (6) <input type="checkbox"/> Irmão (a) (7) <input type="checkbox"/> Conjuge (8) <input type="checkbox"/> Ex-conjuge (9) <input type="checkbox"/> N.A. (50) <input type="checkbox"/> Outros (20) _____	<input type="checkbox"/> SI
Sem vínculo de parentesco	<input type="checkbox"/> Amiga (o) (1) <input type="checkbox"/> Babá (2) <input type="checkbox"/> Desconhecida (o) (3) <input type="checkbox"/> Conhecido (4) <input type="checkbox"/> Vizinha (o) (5) <input type="checkbox"/> Colega da escola (6) <input type="checkbox"/> Namorada (o) (7) <input type="checkbox"/> Professor (a) (8) <input type="checkbox"/> Líder religioso (9) <input type="checkbox"/> Ex-namorado (10) <input type="checkbox"/> N.A. (50) <input type="checkbox"/> Outros (20): Qual? _____	<input type="checkbox"/> SI	Sem vínculo de parentesco	<input type="checkbox"/> Aluna (o) (1) <input type="checkbox"/> Amiga (o) (2) <input type="checkbox"/> Colega da escola (3) <input type="checkbox"/> Desconhecida (o) (4) <input type="checkbox"/> Conhecido (a) (5) <input type="checkbox"/> Namorado (a) (6) <input type="checkbox"/> Ex-Namorado (a) (7) <input type="checkbox"/> Vizinho (a) (8) <input type="checkbox"/> Ex-conjuge (9) <input type="checkbox"/> N.A. (50) <input type="checkbox"/> Outros (20): Qual? _____	<input type="checkbox"/> SI
Saúde	<input type="checkbox"/> Condições Médicas Graves (1): Qual? _____ <input type="checkbox"/> Deficiência: <input type="checkbox"/> físico-motora (2) <input type="checkbox"/> auditiva (3) <input type="checkbox"/> visual (4) <input type="checkbox"/> Intelectual (5) <input type="checkbox"/> Laudo Transtorno Mental (6): Qual? _____ <input type="checkbox"/> Laudo Síndrome Cerebral Orgânica (7): Qual? _____ <input type="checkbox"/> Transtorno Parafílico/Pedofílico (8) <input type="checkbox"/> Outros (20): _____	<input type="checkbox"/> SI	Saúde	<input type="checkbox"/> Condições Médicas Graves (1): Qual? _____ <input type="checkbox"/> Deficiência: <input type="checkbox"/> físico-motora (2) <input type="checkbox"/> auditiva (3) <input type="checkbox"/> visual (4) <input type="checkbox"/> Intelectual (5) <input type="checkbox"/> Laudo Transtorno Mental (6): Qual? _____ <input type="checkbox"/> Laudo Síndrome Cerebral Orgânica (7): Qual? _____ <input type="checkbox"/> Outros (20): _____	<input type="checkbox"/> SI
Ocupação		<input type="checkbox"/> SI	Ocupação		<input type="checkbox"/> SI
Condição	<input type="checkbox"/> Autônomo (1) <input type="checkbox"/> Beneficiário/Pensionista (2) <input type="checkbox"/> Estudante (3) <input type="checkbox"/> Estagiário (4) <input type="checkbox"/> Empregado (5) <input type="checkbox"/> Desempregado (6) <input type="checkbox"/> Trabalho eventual (7) <input type="checkbox"/> Do lar (8) <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI	Condição	<input type="checkbox"/> Autônomo (1) <input type="checkbox"/> Beneficiário/Pensionista (2) <input type="checkbox"/> Estudante (3) <input type="checkbox"/> Estagiário (4) <input type="checkbox"/> Empregado (5) <input type="checkbox"/> Desempregado (6) <input type="checkbox"/> Trabalho eventual (7) <input type="checkbox"/> Do lar (8) <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI

6. DADOS PROCESSUAIS

AUTOR DE AGRESSOR (A) SEXUAL					
Bairro onde aconteceu o ato		<input type="checkbox"/> Zona Urbana (1) <input type="checkbox"/> Zona Rural (2) Qual zona rural? _____ (ramal, aldeia, sítio, praia).	<input type="checkbox"/> SI	<input type="checkbox"/> Período Diurno (2) <input type="checkbox"/> Período Noturno (1)	<input type="checkbox"/> SI
Tipo de local onde aconteceu o ato:	<input type="checkbox"/> Público/privado (1) <input type="checkbox"/> Público (2) <input type="checkbox"/> Privado (3) <input type="checkbox"/> Ciberespaço (4) <input type="checkbox"/> Outros (20) _____				<input type="checkbox"/> SI

No espaço privado	<input type="checkbox"/> Residência da vítima (1) <input type="checkbox"/> Residência do Autor (2) <input type="checkbox"/> Residência da vítima/autor (3) <input type="checkbox"/> Residência de terceiros/Onde? _____(4) <input type="checkbox"/> Outros/Onde? _____(20) <input type="checkbox"/> N.A.(50)	<input type="checkbox"/> SI	No espaço público	<input type="checkbox"/> Rio/Mata (1) <input type="checkbox"/> Estabelecimento comercial/lazer (2) <input type="checkbox"/> Via pública/terreno baldio (3) <input type="checkbox"/> Motel (4) <input type="checkbox"/> Escola (5) <input type="checkbox"/> Outros (20)/Onde? _____ <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI
Agressão sexual:	<input type="checkbox"/> Intrafamiliar (1) <input type="checkbox"/> Extrafamiliar (2)			<input type="checkbox"/> SI	
Confessou:	<input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2)			<input type="checkbox"/> SI	
Se sim qual foram os Motivos:				<input type="checkbox"/> SI	
Frequência da agressão				<input type="checkbox"/> SI	
Meio/Forma de Agressão	<input type="checkbox"/> Força corporal (1) <input type="checkbox"/> Enforcamento (2) <input type="checkbox"/> Obj. Contundente/Perfurante-cortante Substancia ou objeto quente (3) <input type="checkbox"/> Envenenamento-Intoxicação (4) <input type="checkbox"/> Arma de Fogo (5) <input type="checkbox"/> Ameaça (6) <input type="checkbox"/> Outros (20) Quais? _____ <input type="checkbox"/> N.A. (50)			<input type="checkbox"/> SI	
Onde foi realizado o BOP	Delegacia: _____ <input type="checkbox"/> N.A. (50)			<input type="checkbox"/> SI	
Tipificação do Ato	<input type="checkbox"/> Estupro (2013/1) (1) <input type="checkbox"/> Estupro de Vulnerável (217-A) (2) <input type="checkbox"/> Estupro Coletivo (3) <input type="checkbox"/> Assédio (2016-A) (4) <input type="checkbox"/> Pornografia Infantil (art. 240) (5) <input type="checkbox"/> Assédio Via Internet (6) <input type="checkbox"/> Exploração Sexual (7) <input type="checkbox"/> Outros (20) Qual? _____			<input type="checkbox"/> SI	
Sentença pelo ato infracional (adolescente)	<input type="checkbox"/> Advertência (1) <input type="checkbox"/> Obrigação de reparar o dano (2) <input type="checkbox"/> Prestação de serviços à comunidade (3) <input type="checkbox"/> Liberdade assistida (4) <input type="checkbox"/> Inserção em regime de semiliberdade (5) <input type="checkbox"/> Internação em estabelecimento educacional (6) <input type="checkbox"/> Internação em 45 dias/remissão (7) <input type="checkbox"/> Absolvido (8)			<input type="checkbox"/> SI	
Julgamento (jovem ou adulto)	<input type="checkbox"/> Liminar (1) <input type="checkbox"/> Julgamento de 1ª grau / Qual encaminhamento/medidas: _____(2) <input type="checkbox"/> Julgamento de 2ª grau/ Qual encaminhamento/medidas: _____(3) <input type="checkbox"/> Julgamento de 3ª grau/ Qual encaminhamento/medidas: _____(4) <input type="checkbox"/> Em andamento (5) <input type="checkbox"/> Processo Arquivado (6) <input type="checkbox"/> N.A (50)			<input type="checkbox"/> SI	
Quantos processos e condenações anteriores	<input type="checkbox"/> Nenhuma (1) _____ <input type="checkbox"/> 01 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 02 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 03 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 04 Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI <input type="checkbox"/> N.A (50)	Quantos processos e condenações posteriores	<input type="checkbox"/> Nenhuma (1) _____ <input type="checkbox"/> 01 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 02 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 03 Quais? _____ <input type="checkbox"/> 04 Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI <input type="checkbox"/> N.A (50)
Situação processual do autor				<input type="checkbox"/> SI	

Tempo de abertura de processo	<input type="checkbox"/> N.A (50)	<input type="checkbox"/> SI
Aplicação da sentença definitiva	Data: ____/____/____ <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI
Fatores de risco para cometer a Agressão sexual	<input type="checkbox"/> Trastorno mental (1) <input type="checkbox"/> Situação de rua (17) <input type="checkbox"/> Transtorno comportamental (2) <input type="checkbox"/> Vulnerabilidade Socioeconômica (11) <input type="checkbox"/> Histórico de institucionalização (18) <input type="checkbox"/> Comportamento agressivo (3) <input type="checkbox"/> Uso abusivo de álcool e outras drogas (12) <input type="checkbox"/> Histórico infracional/criminal/comportamento delinquente (19) <input type="checkbox"/> Ciúme patológico (4) <input type="checkbox"/> Consumo de Pornografia (13) <input type="checkbox"/> Outros (20) Quais? _____ <input type="checkbox"/> Ideação homicida (5) <input type="checkbox"/> Práticas parentais negativas (14) <input type="checkbox"/> Ideação suicida (6) <input type="checkbox"/> Inserção de um novo membro na família (padrasto/madrasta/outros) (15) <input type="checkbox"/> Tentativa de suicídio (7) <input type="checkbox"/> Responsabilização por menor de idade (16) <input type="checkbox"/> Baixa autoestima (8) <input type="checkbox"/> Dificuldades na escola (9) <input type="checkbox"/> Namoro/intercursosexual precoce (10)	<input type="checkbox"/> SI
Experiências Adversas na Infância	<input type="checkbox"/> Abuso físico (1) <input type="checkbox"/> Um ou nenhum progenitor/divórcio/separação dos pais (8) <input type="checkbox"/> Abuso Emocional (2) <input type="checkbox"/> Negligência Emocional (9) <input type="checkbox"/> Abuso Sexual (3) <input type="checkbox"/> Negligência Física (10) <input type="checkbox"/> Consumo de álcool/drogas por familiares no lar (4) <input type="checkbox"/> Violência moral ou bullying (11) <input type="checkbox"/> Encarceramento de membro da família (5) <input type="checkbox"/> Violência comunitária (presenciar situações de violência na comunidade) (12) <input type="checkbox"/> Membro da família com doença mental/psicológica/comportamento suicida (6) <input type="checkbox"/> Violência coletiva (crime organizado, repressão, tortura) (13) <input type="checkbox"/> Presenciar violência doméstica no lar (7)	<input type="checkbox"/> SI

7. DADOS PROCESSUAIS

VÍTIMA			<input type="checkbox"/> SI
Houve mais de uma vítima:	<input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50)		<input type="checkbox"/> SI
Caso a resposta seja "sim", a outra vítima era da mesma família?	<input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI	A outra vítima tinha parentesco com o agressor? <input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50) Quantas e Quem eram? _____
Quem fez a denúncia	<input type="checkbox"/> Mãe (1) <input type="checkbox"/> Vítima (2) <input type="checkbox"/> Pai (3) <input type="checkbox"/> Outros parentes (4): Qual? _____ <input type="checkbox"/> Instituição (5): Qual? _____		<input type="checkbox"/> SI
Os primeiros encaminhamentos adotados	<input type="checkbox"/> Ao Conselho Tutelar (1) <input type="checkbox"/> À Polícia (5) <input type="checkbox"/> Ao CREAS (2) <input type="checkbox"/> Ao CRAS (6) <input type="checkbox"/> À Escola (3) <input type="checkbox"/> Ao hospital ou unidade pública de saúde (7) <input type="checkbox"/> PROPAZ (4) <input type="checkbox"/> IML (8) <input type="checkbox"/> Outras (20) : Quais? _____		<input type="checkbox"/> SI
Procedimentos realizados	<input type="checkbox"/> Profilaxia IST (1) <input type="checkbox"/> Coleta de secreção vaginal (6)		<input type="checkbox"/> SI

	<input type="checkbox"/> Profilaxia HIV (2) <input type="checkbox"/> Contracepção de Emergência (7) <input type="checkbox"/> Profilaxia Hepatite B (3) <input type="checkbox"/> Aborto previsto em lei (8) <input type="checkbox"/> Coleta de sangue (4) <input type="checkbox"/> Exame Sexológico (9) <input type="checkbox"/> Coleta de semên (5) <input type="checkbox"/> Outros (20) Quais? _____ <input type="checkbox"/> N.A. (50)			
Agressão sexual foi comprovada?	<input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50) <input type="checkbox"/> S.I.	Houve confirmação pelo IML? <input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI	
A principal forma de comprovação	<input type="checkbox"/> Avaliação Psicológica (1) <input type="checkbox"/> Relato da mãe (7) <input type="checkbox"/> Depoimento da vítima (2) <input type="checkbox"/> Imagens/vídeos (8) <input type="checkbox"/> Depoimento de outros familiares (3) <input type="checkbox"/> Depoimento do autor da agressão (9) <input type="checkbox"/> Exames ginecológicos (4) <input type="checkbox"/> Relato de terceiros (10) <input type="checkbox"/> Exame de corpo e delito (5) <input type="checkbox"/> Outras (20) Quais? _____ <input type="checkbox"/> Laudos do IML (6) <input type="checkbox"/> N.A. (50)		<input type="checkbox"/> SI	
Se não houve comprovação, por quê?	<input type="checkbox"/> Não havia informação suficiente (1) <input type="checkbox"/> Não fez exame soxológico (2) <input type="checkbox"/> Não houve penetração (3) <input type="checkbox"/> Vítima não confirmou (4) <input type="checkbox"/> N.A. (50)		<input type="checkbox"/> SI	
Indícios que contribuíram para que a ocorrência não fosse confirmada	<input type="checkbox"/> Ausência de Exame Médico ou provas materiais (1) <input type="checkbox"/> Depoimento do agressor (2) <input type="checkbox"/> Depoimento da mãe da vítima (3) <input type="checkbox"/> Depoimento da Vítima (4) <input type="checkbox"/> Laudos do IML (5) <input type="checkbox"/> Processo em andamento (6) <input type="checkbox"/> Outras (20) Quais? ____ <input type="checkbox"/> N.A. (50)		<input type="checkbox"/> SI	
Tipos de violência sofrida pela vítima, além da agressão sexual	<input type="checkbox"/> Abandono (1) <input type="checkbox"/> Violência física (5) <input type="checkbox"/> Negligência familiar (2) <input type="checkbox"/> Violencia Patrimonial (6) <input type="checkbox"/> Violência psicológica (3) <input type="checkbox"/> Trabalho Infantil (7) <input type="checkbox"/> Violência Institucional (4) <input type="checkbox"/> Outros (20) Quais? _____ <input type="checkbox"/> N.A. (50)		<input type="checkbox"/> SI	
Severidade e gravidade da agressão sexual	<input type="checkbox"/> Agressão sexual com uso da força e/ou outro tipo de coerção severa (Handson) (1) <input type="checkbox"/> Agressão sexual com “menos” severos como exibicionismo e abuso verbal (Handsoff) (2) <input type="checkbox"/> Com contato físico sem uso da força, com sedução (3)		<input type="checkbox"/> SI	
Atos de agressão sexual contra a vítima	<input type="checkbox"/> Assédio (1) <input type="checkbox"/> Tirar as roupas da vítima (6) <input type="checkbox"/> Esfregar-se na vítima ou passar a mão no corpo (2) <input type="checkbox"/> Sexo vaginal (7) <input type="checkbox"/> Exibicionismo da genitália do autor (3) <input type="checkbox"/> Sexo anal (8) <input type="checkbox"/> Masturbação da vítima pelo agressor e vice-versa (4) <input type="checkbox"/> Sexo oral (9) <input type="checkbox"/> Obrigação de assistir relações sexuais de terceiros (5) <input type="checkbox"/> Outras (20) Quais? _____		<input type="checkbox"/> SI	
A vítima reagiu no ato	<input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> S.I. A vítima reagiu após o ato	<input type="checkbox"/> Sim (1) <input type="checkbox"/> Não (2) <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI

Tipo de reação no ato	<input type="checkbox"/> Chorar (1) <input type="checkbox"/> Consentir (2) <input type="checkbox"/> Empurrar (3) <input type="checkbox"/> Fugir (4) <input type="checkbox"/> Gritar (5) <input type="checkbox"/> Se negar (6) <input type="checkbox"/> Outras (20) Quais?: _____ <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI	Tipo de reação após o ato	<input type="checkbox"/> Contar para familiares (1) <input type="checkbox"/> Contar para terceiros (2) (amigas, professora, líder religioso, namorado) <input type="checkbox"/> Procurar entidades oficiais (3) <input type="checkbox"/> Outro (20) _____ <input type="checkbox"/> N.A. (50)	<input type="checkbox"/> SI
As principais condições físicas e psicológicas após a situação de agressão sexual	<input type="checkbox"/> Agressividade confortativa (1) <input type="checkbox"/> Comportamentos delinquentes (infrações ou delitos) (2) <input type="checkbox"/> Dificuldade na escola (3) <input type="checkbox"/> Falta de Limite (4)	<input type="checkbox"/> Manifestações emocionais (5) <input type="checkbox"/> Problemas relacionados à sexualidade (6) <input type="checkbox"/> Gravidez (7) <input type="checkbox"/> Lesão física (8) <input type="checkbox"/> Sintomatologia Psicológica (9) _____ <input type="checkbox"/> Tentativas de Suicídio (10)	<input type="checkbox"/> Inibição afetiva e Social (introversão ou isolamento) (11) <input type="checkbox"/> Morte (12) <input type="checkbox"/> Comportamento Hipersexualizado (13) <input type="checkbox"/> Passou a usar drogas (14) <input type="checkbox"/> Outras (20) Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI	
Fatores de risco para sofrer a agressão sexual	<input type="checkbox"/> Trastorno mental (1) <input type="checkbox"/> Transtorno comportamental (2) <input type="checkbox"/> Deficiência física e/ou intelectual (3) <input type="checkbox"/> Ideação suicida (4) <input type="checkbox"/> Tentativa de suicídio (5) <input type="checkbox"/> Baixa autoestima (6) <input type="checkbox"/> Dificuldades na escola (7) <input type="checkbox"/> Namoro / intercurso sexual precoce (8) <input type="checkbox"/> Doença grave ou lesões sérias (9) <input type="checkbox"/> Vulnerabilidade Socioeconômica (10)	<input type="checkbox"/> Uso abusivo de álcool e outras drogas (11) <input type="checkbox"/> Baixas habilidades sociais (12) <input type="checkbox"/> Práticas parentais negativas (13) <input type="checkbox"/> Permanência da criança sob a responsabilidade de terceiros (14) <input type="checkbox"/> Inserção de um novo membro na família (padrasto/madrasta/outros) (15) <input type="checkbox"/> Situação de rua (16) <input type="checkbox"/> Histórico de institucionalização (17) <input type="checkbox"/> Outros (20). Quais? _____	<input type="checkbox"/> SI		
Experiências Adversas na Infância	<input type="checkbox"/> Abuso físico (1) <input type="checkbox"/> Abuso Emocional (2) <input type="checkbox"/> Abuso Sexual (3) <input type="checkbox"/> Consumo de álcool/drogas por familiares no lar (4) <input type="checkbox"/> Encarceramento de membro da família (5) <input type="checkbox"/> Membro da família com doença mental/psicológica/ comportamento suicida (6) <input type="checkbox"/> Presenciar violência doméstica no lar (7)	<input type="checkbox"/> Um ou nenhum progenitor/divórcio/separação dos pais (8) <input type="checkbox"/> Negligência Emocional (9) <input type="checkbox"/> Negligência Física (10) <input type="checkbox"/> Violência moral ou bullying (11) <input type="checkbox"/> Violência comunitária (presenciar situações de violência na comunidade) (12) <input type="checkbox"/> Violência coletiva (crime organizado, repressão, tortura) (13)	<input type="checkbox"/> SI		

Apêndice D – Adaptação do Roteiro de Entrevista com Autores de Agressão Sexual de Criança e Adolescente

I – IDENTIFICAÇÃO		
Município (Comarca):	Local da entrevista:	Nº encontros:
Entrevistado (Participante):		
Entrevistador:	Data: ___/___/___	Início: ___h___min. Término: ___h___min.
Data de nascimento:	Faixa Etária: () Criança (0 – 11 anos) () Adolescente (12 – 17 anos) () Jovem (18 – 29 anos) () Adulto (30 – 59 anos) () Idoso (\geq 60)	
Sexo: () Feminino () Masculino		
Orientação Sexual: () Heterossexual () Homossexual () Bissexual () Transsexual () Outros		
Cor/etnia: () Amarela () Branca () Parda () Preta () Indígena		
Religião: () Católica () Espírita () Evangélica () Religiões de Matrizes Africanas () Sem Religião () Outra. Qual? _____		
Situação Conjugal: () Casado () Divorciado () Separado () Solteiro () União Estável () Viúvo () Namoro () Noivado		
Possui Filhos: () Sim () Não Quantos?:		
Escolaridade: Série:	Nível:	Completo () Incompleto ()
Ocupação (Profissão):		
Mora com: () Mãe () Pai () Irmão (s): Quantos?____ () Avô () Avó () Primo (a) () Tio (a) () Outros. Quais? _____		
Foi criado pelos pais biológico na infância?	Se não, indicar por quem foi criado:	
Bairro onde mora?	Onde nasceu:	
Tempo de cumprimento da Medida Sócioeducativa (MSE):		

II - ENTREVISTAS SOBRE OS CICLOS DE VIDA
1. Infância: Relações (explorar esta fase do ciclo vital)
Fale-me sobre sua Infância .
Que lembranças você tem de sua Infância ? (Explorar lembranças boas/ruins).
Fale-me de sua família. (Explorar relações com irmãos, primos, outras crianças que viviam na mesma casa).
Como era ser uma Criança nesta família?
Como você acha que sua mãe/pai o descreveriam?
Que lembranças você tem de sua Infância na sua família?
Conte-me sobre um episódio bom.
Conte-me sobre um episódio ruim (se não mencionar vitimização na infância por abuso sexual perguntar se passou por alguma experiência relacionada ao fato)
Fale-me de sua escola. (Explorar relações com colegas, professores, atividades no recreio, desempenho escolar)
Você tinha amigos (as) na escola? Fale-me sobre eles...
Como você acha que sua professora o descreveria à época?
Que lembranças você tem de sua Infância na sua escola? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim.
Fale-me de seus amigos fora da escola.
Quem eram estes amigos (as)? Fale-me sobre eles.
Que lembranças você tem de sua Infância no seu bairro? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim. Do que você mais gostava de brincar? Por quê? Como ocupava seu tempo?

2. Adolescência: Relações (explorar esta fase do ciclo vital)
Fale-me de você, como um Adolescente .
Como é sua família?
Como é ser um Adolescente nesta família?
Quem são com as quais convivia?
Como é sua relação com elas? (Explorar relações com irmãos, primos, outras crianças que viviam na mesma casa, durante a Adolescência) Como ocupava seu tempo?
Conte-me sobre um acontecimento bom e um ruim em sua adolescência. Como você acha que sua mãe/pai o descrevem na Adolescência ?
Que lembranças você tem de sua Adolescência na sua família? Conte-me sobre um episódio bom.
Conte-me sobre um episódio ruim (se não mencionar vitimização na infância por abuso sexual perguntar se passou por alguma experiência relacionada ao fato)
Fale-me de sua escola. (Explorar relações com colegas, professores, atividades no recreio, desempenho escolar) Você tinha amigos (as) na escola? Fale-me sobre eles.
Como você acha que sua professora o descreveria?
Que lembranças você tem de sua Adolescência na sua escola? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim. Fale-me de seus amigos fora da escola.
Quem eram estes amigos (as)? Fale-me sobre eles.
Que lembranças você tem de sua Adolescência no seu bairro? Conte-me sobre um episódio bom. Conte-me sobre um episódio ruim.
Do que você mais gostava de brincar? Por quê? Como ocupava seu tempo?
Fale-me dos seus relacionamentos amoroso na sua Adolescência .

III – SAÚDE		
Nasceu de parto normal?		
Teve alguma complicação no parto?	Se sim, indique qual:	
Nasceu com alguma deficiência	Se sim, indique qual:	
Sofreu agressão física?	Se sim, com que idade:	
Sofreu agressão verbal?	Se sim, com que idade:	
Sofreu agressão sexual?	Se sim, com que idade:	
Teve alguma doença mental/psicológica ou dos nervos?	Se sim, indique qual:	
Teve alguma doença sexualmente transmissível?	Se sim, com que idade e qual o tipo?	Que idade
Como você acha que contraiu esta doença?		
Você se envolveu alguma vez em briga?	Se sim, com que idade:	Em que local?
Tentou suicídio alguma vez?	Se sim, indique qual idade:	Porquê?
Considerando a sua experiência pessoal, responda às questões abaixo:		
Tipos	Já experimentou ao menos uma vez na vida?	Que idade você tinha quando usou pela 1ª vez?
Bebida alcoólica		
Cigarro comum		
Maconha		
Cola, solventes, <i>thinner</i> , lança-perfume, acetona		
Cocaína		
<i>Crack</i>		
<i>Ecstasy</i>		
Remédio para emagrecer sem receita médica		
Anabolizante		
Remédio para “ficar doidão”		
Chá para “ficar doidão”		
Outra		
Frequência que isso acontecia		

IV – SEXUALIDADE		
O que é sexualidade para você?		
Quem foi a primeira pessoa a falar sobre sexualidade com você?	Que idade você tinha?	
E nas outras vezes, com quem você falou sobre sexualidade?	Que idade você tinha?	
Que idade você tinha quando teve acesso a revistas e/ou filmes pornográficos?	Como você tinha acesso?	
Com que idade começou a namorar?	Com quem?	
Com que idade você teve sua primeira relação sexual?		
Com quem foi a sua primeira relação sexual?		
Quantos parceiros sexuais você teve até hoje?		
Quantos eram do sexo masculino?		
Quantos eram do sexo feminino?		
Na sua infância, você foi abordado por alguém para manter relação sexual?	Se sim, que idade você tinha:	
Quem lhe convidou?		
Na sua adolescência você foi abordado por alguém para manter relação sexual?	Se sim, que idade você tinha:	
Quem lhe convidou?		
Manteve relação sexual em troca de dinheiro, favor ou vantagem?	Se sim, que idade você tinha?	Com quem?
Você recebeu alguma vez orientação sobre violência ou agressão sexual (o que é, como se prevenir, etc)?	Se sim, que idade você tinha?	
Quem falou com você sobre violência ou agressão sexual?		

V – REDE DE APOIO		
Você tinha amigos na infância?	Qual idade do seu amigo?	
Você tinha amigos na adolescência?	Qual idade do seu amigo?	
Você tinha amigos na juventude?	Qual idade do seu amigo?	
Você tem amigos hoje?	Qual idade do seu amigo?	
Se não, qual o motivo?		
Durante a sua infância participava de algum grupo ou associação?	Se sim, que idade tinha?	E qual grupo?
Durante a sua adolescência participava de algum grupo ou associação?	Se sim, que idade tinha?	E qual grupo?
Durante a sua juventude participava de algum grupo ou associação?	Se sim, que idade tinha?	E qual grupo?
Você trabalhava na sua infância?	Se sim, que idade tinha?	Qual tipo de trabalho
Você trabalhava na sua adolescência?	Se sim, que idade tinha?	Qual tipo de trabalho
Você trabalhava na sua juventude?	Se sim, que idade tinha?	Qual tipo de trabalho
Tinha alguma profissão, antes de ser preso?	Se sim, qual?	

Foi demitido alguma vez?	
Teve problemas com descumprimento da lei?	Qual foi o motivo?
No período em que o processo foi instaurado e o cumprimento da sentença você recebeu ajuda de quem?	

VI-VIOLÊNCIA		
Tipos	Com que frequência esta situação acontecia	Indique quem fez isto com mais frequência
Ameaça ou humilhação		
Soco ou surra		
Agressão com objeto (madeira, cinto, cigarro, etc.)		
Mexeu no meu corpo contra a minha vontade		
Relação sexual forçada		

ENTREVISTA COGNITIVA

1. Se uma criança se sente atraída por um adolescente eles podem manter relação sexual? Exemplifique
2. Se um adolescente se sente atraído por uma criança eles podem manter relação sexual? Exemplifique
3. Se um adulto se sente atraído por uma criança eles podem manter relação sexual? Exemplifique
4. Se um adulto se sente atraído por um adolescente eles podem manter relação sexual? Exemplifique
5. O que você acha que é uma agressão? Exemplifique
6. O que você acha que é uma agressão sexual? Exemplifique
7. O que leva uma pessoa a agredir sexualmente uma criança ou um adolescente?
8. Você foi julgado para o cumprimento de uma medida socioeducativa por agressão sexual contra criança e adolescente o que você tem a dizer sobre isso?
9. Você conhecia a criança/adolescente? Fale como ela/ele era (Descreva-a/o, explorando aspectos como aparência, atitudes, percepção de inteligência e maturidade, deficiência, etc.). Quantos anos ela/ele tinha?
10. Qual o seu relacionamento com ela/ele?
11. A criança/adolescente o atraía?
12. Acha que a criança/adolescente o provocou?
13. Costuma a pensar nele/a?
14. Você acha que a MSE aplicada foi justa? Qual o sentimento de estar cumprindo essa medida?
15. Se você pudesse voltar no passado, o que faria diferente?
16. Pensando em sua história de vida, você acha que existe algo que influenciou o que lhe acontece no momento atual?
17. O que você acha que acontecerá depois que cumprir a medida?
18. Julga se possível voltar a ter o mesmo comportamento após o cumprimento da medida?
19. Você está recebendo algum atendimento aqui (Dizer o nome da Unidade de Atendimento Socioeducativo) Qual o tipo? Você acha que esse atendimento satisfaz as suas necessidades? Qual o atendimento que você gostaria de receber?
20. O que você achou desta entrevista? Quer acrescentar alguma informação?

Anexo A – Parecer Circunstanciado do Comitê de Ética (Estudo I)

NÚCLEO DE MEDICINA
TROPICAL-NMT/
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 650.210

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Agressor Sexual de Crianças e Adolescentes

Pesquisador: Daniela Castro dos Reis

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 18209313.1.0000.5172

Instituição Proponente: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Patrocinador Principal: CONS NAC DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLÓGICO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 650.210

Data da Relatoria: 30/04/2014

Apresentação do Projeto:

projeto objetiva compreender a violência sexual contra criança e adolescente na percepção do agressor sexual. Os dados serão coletados por meio de entrevista individuais, com homens e mulheres acima de 18 anos de idade que tenham processo transitado e julgado pelo crime de violência sexual contra criança e adolescente, que se encontrem, em liberdade ou cumprindo pena em regime de cárcere. A pesquisadora já possui autorização dos dirigentes das unidades, com garantia de espaço e proteção para coleta dos dados.

Objetivo da Pesquisa:

O trabalho pretende estudar o perfil biopsicossocial de agressores sexuais de crianças e adolescente e os fatores de risco e proteção presentes em sua trajetória de vida.

Objetivo Específico:

Identificar e analisar as características biopsicossociais dos agressores nos processos jurídicos que tramitam na Vara da Infância e Juventude na Comarca de Belém, na Promotoria da Infância e Juventude do Ministério Público do Pará, e Vara de Execução Penal de Belém/PA;

Compreender a violência sexual contra criança e adolescente na percepção do agressor sexual;

Verificar e analisar os fatores de risco e proteção presentes nos contextos ecológicos do desenvolvimento de agressores sexuais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O TCLE deverá ser modificado incluindo as seguintes informações: 1- convite formal para participar do estudo; 2- Enfatizar a justificativa para o estudo; 3- enfatizar a guarda das informações pelo pesquisador; 4- Por motivo de segurança da pesquisadora sugere-se colocar endereço institucional fazendo referência também ao comitê de ética para esclarecimentos caso necessário(endereço, telefone e e-mail; 5- Precisa ser informado o tempo de realização do estudo com início e fim; 6- Esta ausente informações sobre o processo de devolução dos dados para os participantes; 7-Redigir o termo em papel timbrado da instituição. Deverá ser anexado a declaração Judicial dos Órgãos competentes

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todas as recomendações foram acatadas pelo proponente.

Recomendações:

Considerando que as recomendações foram incluídas no documento apresentado, sou de parecer favorável a aprovação do estudo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BELEM, 16 de Maio de 2014

Assinado por:
ANDERSON RAIOL RODRIGUES
(Coordenador)

Anexo B - Autorização da Instituição para a realização da Pesquisa (Estudo II)

Recibido em
12/04/19

Vara da Infância e Juventude de Icoaraci
Rua da Infância e Juventude de Icoaraci
12200-000



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO

Belém, 10 de abril de 2019.

Ofício: 010/2019 – PPGTPC

Do: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Para: Fórum de Icoaraci – Vara da Infância e Juventude Distrital de Icoaraci

Assunto: Solicitação de autorização à realização de pesquisa

Meritíssimo Juiz Antônio Cláudio Von Lohrmann Cruz

Cumprimentando-o, o Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento – LED do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento – PPGTPC da Universidade Federal do Pará – UFPA, solicita ao Meritíssimo Juiz autorização para realização pesquisa intitulada *"Jovens Vítimas e Autores de Agressão Sexual em Mesorregiões do Pará: Fatores e Contextos de Desenvolvimento"*. A pesquisa, cuja proposta foi apresentada em audiência/reunião realizada no dia 15/02/2019, no Fórum de Icoaraci, na vossa presença e do analista judiciário Raimundo Abraão, conta com apoio do CNPq (Processo: 306521/2018-0) e será desenvolvida sob a coordenação da Profª Drª Lília Iêda Chaves Cavalcante, docente da Universidade Federal do Pará, no período de 01/05/2019 a 30/04/2021.

A pesquisa tem como objetivo geral *investigar as características biopsicológicas e sociodemográficas de jovens vítimas e autores de agressão sexual em Mesorregiões do estado do Pará, assim como, fatores de risco/proteção e contextos de desenvolvimento presentes em suas trajetórias de vida*. De modo específico, a pesquisa tem como objetivos: 1) Descrever e comparar as características biopsicológicas e sociodemográficas de jovens autores de agressão sexual a partir da análise de processos jurídicos tramitados e julgados em Varas de Crimes contra Criança e Adolescente, entre 2018 e 2019; 2) Identificar e comparar categorias que representam

PH
1. Ciente.
2. Autorizo a realização da pesquisa.

em 16/04/19

ANTÔNIO CLÁUDIO VON LOHRMANN CRUZ
Juiz de Direito
Vara da Infância e Juventude de Icoaraci

Anexo C - Autorização da Instituição para a realização da Pesquisa (Estudo II)

PODER JUDICIÁRIO
FÓRUM CÍVEL
2ª VARA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE DA CAPITAL

AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

A Juíza Titular da 2ª Vara da Infância e Juventude, Dra. Danielle de Cássia Silveira Buhnheim após apreciar o projeto e plano de trabalho, autoriza a Prof.ª Dr.ª Lília Ieda Chaves Cavalcante, a realizar a coleta de dados da pesquisa denominada **“Jovens Vítimas e Autores de Agressão Sexual em Mesorregião do Pará: Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial”**, na 2ª Vara da Infância e Juventude de Belém.

Os pesquisadores envolvidos, são:

- 1) Prof.ª Dr.ª Lília Iêda Chaves Cavalcante (Coordenadora, docente da UFPA): RG 2831216, CPF 175586032-34
- 2) Prof.ª Dr.ª Milene Xavier Veloso (Pesquisadora, docente da UFPA): RG 1537127, CPF 367833402-44
- 3) Maira de Maria Pires Ferraz (Mestranda pelo PPGTPC/UFPA): RG: 7000985 CPF: 000.518.242-56
- 4) Viviam da Silva Silveira (Mestranda pelo PPGTPC/UFPA): RG 4294752
- 5) Luana Pereira Silva (Bolsista de Iniciação Científica, discente FASS/UFPA): RG 6708988 CPF 013650842-13
- 6) João Victor Soares de Araújo (Bolsista de Iniciação Científica, discente FAPSI/UFPA): RG 7171338 CPF: 023.525.932-20

Belém, 09 de dezembro de 2019.

Dra. Danielle de Cássia Silveira Buhnheim
Juíza Titular da 2ª Vara da Infância e Juventude da Capital

Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Seu (sua) filho (a) _____ está sendo convidado (a) a participar da pesquisa Jovens Vítimas e Autores de Agressão Sexual em Mesorregiões do Pará: Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial coordenada pela Prof.^a Dr.^a Lília Iêda Chaves Cavalcante (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento – LED/UFPA). Gostaríamos que você permitisse a participação dele (a) neste estudo. Com esta pesquisa, queremos conhecer mais sobre fatores e contextos de desenvolvimento biopsicossocial de jovens vítimas e autores de agressão sexual em mesorregiões do estado do Pará. Seu filho (a) só participará da pesquisa se quiser, é um direito dele (a) e não terá nenhum problema caso desista. As/Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 12 a 18 anos de idade. A pesquisa será feita em unidades da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará – FASEPA e 2ª Vara da Infância e Juventude (Comarca de Belém), onde as/os adolescentes serão entrevistados por membros da equipe responsável pelo estudo. A entrevista contém perguntas sobre a trajetória de vida dos participantes desde o nascimento até o presente momento, além de outras sobre temas como infância, violência, adolescência, juventude, agressão sexual, família, comunidade, entre outras. Para isso, será usado um aparelho de MP3 (ou equipamento semelhante, como um celular, por exemplo) para gravar o áudio da entrevista. A entrevista é considerada um procedimento seguro para o participante deste tipo de pesquisa, mas existe o risco de dele (a) ficar tenso/a, cansada/o ou desconfortável. Se isso ocorrer, ele (a) pode pedir para interromper a entrevista imediatamente, e isso será feito. Caso seja necessário que ele (a) receba assistência médica ou psicológica, isso será garantido. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones que estão informados no final do texto; mas há coisas boas que podem acontecer, como por exemplo, ele (a) saber que está contribuindo para que mais pessoas compreendam quem são e como se sentem adolescentes que estão cumprindo uma medida socioeducativa. Ninguém saberá que o seu filho ou a sua filha está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que ele (a) nos der. Os resultados da pesquisa vão ser apresentados em trabalhos acadêmicos e eventos técnico-científicos, mas sem identificar as/os adolescentes que participaram. Se você tiver dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou riscos relacionados, você deve contatar o (a) responsável por esta pesquisa, Prof.^a Dr.^a Lília Iêda Chaves Cavalcante, da Universidade Federal do Pará, telefone: (91) 3201-8482.

Da mesma forma, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Pará – UFPA. O CEP por intermédio do telefone (91) 3201-6808 ou pelo e-mail cepccs@ufpa.br.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito que meu filho (a) participe da pesquisa Jovens Vítimas e Autores de Agressão Sexual em Mesorregiões do Pará: Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer durante a realização da pesquisa.

Entendi que ele (a) pode dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, pode dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva dele (a).

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram comigo sobre o estudo a ser feito.

Recebi uma cópia deste termo de consentimento, li e concordo em autorizar a participação dele (a) na pesquisa.

Belém, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do coordenador da pesquisa

Anexo E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa Jovens Vítimas e Autores de Agressão Sexual em Mesorregiões do Pará: Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial coordenada pela Prof.^a Dr.^a Lília Iêda Chaves Cavalcante (Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento – LED/UFPA). Seus pais e/ou responsáveis permitiram que você participasse deste estudo. Com esta pesquisa, queremos conhecer mais sobre fatores e contextos de desenvolvimento biopsicossocial de jovens vítimas e autores de agressão sexual em mesorregiões do estado do Pará. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. As/Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 12 a 18 anos de idade. A pesquisa será feita em unidades da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará – FASEPA e 2ª Vara da Infância e Juventude (Comarca de Belém), onde as/os adolescentes serão entrevistados por membros da equipe responsável pelo estudo. A entrevista contém perguntas sobre a trajetória de vida dos participantes desde o nascimento até o presente momento, além de outras sobre temas como infância, violência, adolescência, juventude, agressão sexual, família, comunidade, entre outras. Para isso, será usado um aparelho de MP3 (ou equipamento semelhante, como um celular, por exemplo) para gravar o áudio da entrevista. A entrevista é considerada um procedimento seguro para o participante deste tipo de pesquisa, mas existe o risco de você ficar tenso/a, cansado/a ou desconfortável. Se isso ocorrer, você pode pedir para interromper a entrevista imediatamente, e isso será feito. Caso seja necessário que você receba assistência médica ou psicológica, isso será garantido. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones que estão informados no final do texto; mas há coisas boas que podem acontecer, como por exemplo, você saber que está contribuindo para que mais pessoas compreendam quem são e como se sentem adolescentes que estão cumprindo uma medida socioeducativa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser apresentados em trabalhos acadêmicos e eventos técnico-científicos, mas sem identificar as/os adolescentes que participaram. Se você ou os responsáveis por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o(a) responsável por esta pesquisa, Prof.^a Dr.^a Lília Iêda Chaves Cavalcante, da Universidade Federal do Pará, telefone: (91) 3201-8482.

Da mesma forma, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Pará – UFPA. O CEP por intermédio do telefone (91) 3201-6808 ou pelo e-mail cepccs@ufpa.br.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa Jovens Vítimas e Autores de Agressão Sexual em Mesorregiões do Pará: Fatores e Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer durante a realização da pesquisa.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Belém, ___ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do coordenador da pesquisa